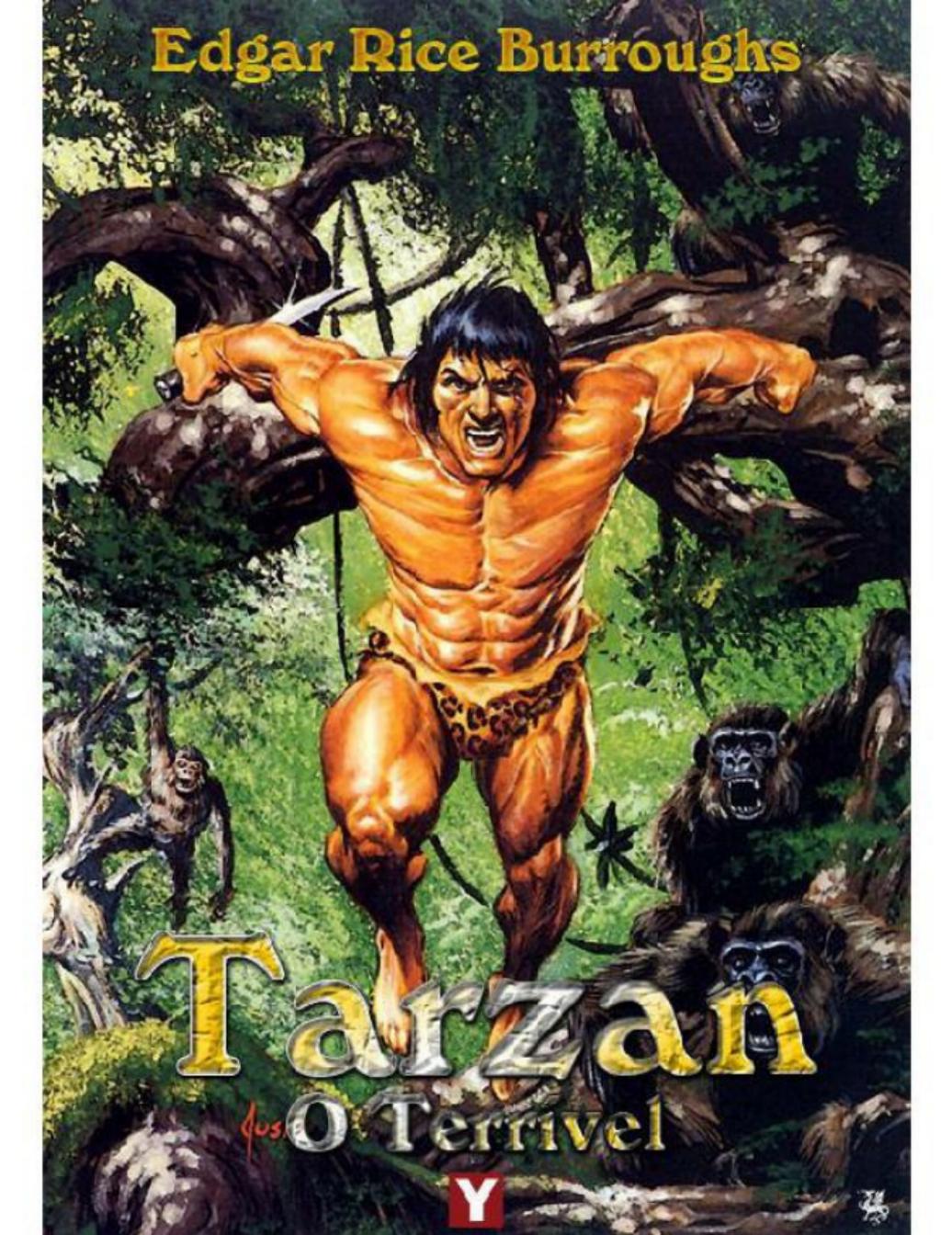


Edgar Rice Burroughs



Tarzan

plus O Terrivel

Y

Edgar Rice Burroughs

Tarzan
O Terrível

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tarzan é um mito, foi criado por Burroughs. Lendo os primeiros livros da série, que acabam de ser reeditados, é fácil de ver que o autor hesitou entre várias concepções do seu personagem.

Tarzan, ao princípio, é uma imitação de Mowgli o homem criado pelos macacos. Burroughs inovou-o quando imaginou o duelo entre Tarzan e o rei dos macacos; Tarzan vencedor tornava-se rei dos macacos por sua vez. Isto é, o personagem de um conto de fadas que se tornou um deus. Tarzan é um homem que pouco se distingue dos macacos, um deus animal como na zoologia egípcia, é, enfim, um justiceiro dotado de uma função moral que, como os deuses antigos, não exclui o desencadeamento dos seus instintos (as suas cóleras são célebres).

Mas Burroughs não pode esquecer que é um americano do século XX, com a fobia das cidades. Ele quis que o seu personagem encarnasse a moral, portanto chama a atenção do Ocidente para “um bom selvagem”, na tradição do século XVIII, fazendo-o descender de um lorde, casa-o e dá-lhe um filho, instala-o na África (habitação nas árvores, nascido da imaginação dos cineastas) mas não deixa de o levar a Londres todos os anos, e até de o tornar presente no Parlamento. Talvez isto tenha feito de “As Feras de Tarzan” e “O Filho de Tarzan”, livros menos bons.

No entanto, Burroughs recompôs-se, e pouco a pouco Tarzan torna-se solitário e justiceiro, como um deus. É verdade que ele viaja bastante, o que o torna um grande aventureiro. E no decorrer das suas viagens ele encontra civilizações esquecidas na selva. Em “O Regresso de Tarzan” ele visita a cidade de Opar (inspirada em She, de H. Rider Haggard) cidade que reaparecerá em “Tarzan e a Cidade do Tesouro”. E outras surgem. Chega mesmo a ir ao Centro da Terra, mas não consegue adaptar-se e regressa ao seu continente favorito.

CAPÍTULO 1

O pitecantropo

Silenciosa como as sombras através das quais se movia, a grande fera deslizava pela selva noturna, fixos os olhos redondos, de um verde-amarelado, a cauda ondulando, a cabeça baixa, cada músculo a vibrar na excitação da caçada. O luar iluminava uma ou outra clareira que o grande felino tinha o cuidado de evitar. Embora se movesse através da verde espessura, sobre um tapete de inumeráveis ramos quebrados, e de folhas, a sua passagem não provocava qualquer ruído audível por embotados ouvidos humanos.

Aparentemente menos cauteloso era o vulto que avançava, tão silenciosamente como o leão, uma centena de passos adiante da fera, pois em vez de evitar as zonas enluradas passava diretamente através, e pelo rasto sinuoso que deixava era possível ver que procurava essas passagens de menor resistência - o que era natural porque, ao contrário do seu perseguidor, caminhava direito sobre dois pés, e a sua pele era desprovida de pêlos, a não ser na cabeça.

Os braços eram bem modelados e musculosos, as mãos delgadas e fortes, com dedos compridos e o polegar que chegava quase à altura da primeira articulação do indicador. As pernas eram igualmente bem formadas, e os dedos dos pés eram compridos e direitos, embora o dedo maior formasse ângulo com o pé.

Parando por instantes sob o intenso luar africano, o vulto olhou para trás e escutou, atento, levantando a cabeça encimada por cabelos negros. À claridade da lua, as feições eram fortes, correatas, firmes feições que teriam atraído a atenção, em qualquer cidade civilizada, pela sua máscula e impressionante beleza. Seria realmente um homem? Teria sido difícil, para alguém que observasse escondido entre as árvores, responder a esta pergunta, porque da tanga de pele, que lhe cingia os rins, pendia, atrás, uma cauda branca e sem pêlos.

Numa das mãos, a criatura empunhava um cacete rijo. Suspensa de uma tira de couro, ao ombro, havia uma curta faca, metida numa bainha, enquanto de outra tira, cruzada, prendia uma pequena bolsa, à direita. Ligando as duas tiras de couro, e também a tanga de pele, havia um largo cinto que brilhava ao luar como se estivesse incrustado de partículas de ouro, e à frente uma fivela grande, de complicado desenho, cintilava com pedras preciosas.

Numa, o leão, aproximava-se cada vez mais da vítima que perseguia. O estranho vulto decerto notara essa aproximação, porque olhava mais freqüentes vezes para trás, sondando a selva com os seus olhos negros e penetrantes. Não aumentava a sua própria velocidade - caminhava em passos largos, onde o caminho permitia; mas verificava se a faca saía facilmente da bainha, e os seus dedos crispavam-se sobre o cacete que empunhava.

Abrindo caminho por uma estreita faixa de vegetação mais densa, o vulto alcançou um ponto em frente do qual se alongava uma planície, quase sem árvores. Por instantes hesitou, olhando para trás e logo depois para o abrigo que lhe ofereciam os galhos das árvores, mas alguma coisa mais forte que o receio ou a cautela o impeliu, porque entrou na planície, deixando para trás a segurança das árvores. A intervalos irregulares cresciam

fortes troncos sobre a extensão de relva, e a criatura tomou uma direção que levava de um tronco para outro, o que indicava não ter abandonado toda a cautela. Mas, depois de passar a segunda árvore, a distância até à terceira era considerável. Foi então que Numa surgiu da floresta e, vendo a sua presa aparentemente sem defesa a sua frente, ergueu a cauda e lançou-se ao ataque.

Dois meses - dois longos e penosos meses de fome, de sede, de trabalhos, de desapontamentos e, pior do que tudo, de angústia constante - haviam decorrido desde que Tarzan dos Macacos soubera, pelo diário do oficial alemão morto, que sua mulher vivia ainda. Uma rápida investigação, na qual tinha sido dedicadamente ajudado pelo Serviço de Informações do Corpo Expedicionário Inglês no Leste Africano, revelou o fato de ter sido feita uma tentativa para manter Lady Jane escondida no interior, por motivos que só o alto comando alemão devia conhecer.

Ao cuidado do tenente Obergatz, e de um destacamento de tropas indígenas, alemãs, Jane havia sido enviada para além da fronteira, para o Estado Livre do Congo.

Partindo sozinho em busca de Jane, Tarzan conseguira encontrar a aldeia onde ela estivera, mas apenas para saber que sua mulher fugira meses antes e que o oficial alemão desaparecera na mesma altura. A partir daí, as narrativas dos chefes e dos guerreiros a quem Tarzan interrogara, eram vagas e de algum modo contraditórias. Mesmo quanto à direção tomada pelos fugitivos, Tarzan apenas podia calculá-la através de pedaços de provas colhidas em variadas fontes.

Algumas observações feitas na própria aldeia, levaram-no a sinistras conjecturas. Uma dessas observações indicava-lhe, com segura certeza, que os negros praticavam o canibalismo; outra era a presença, na aldeia, de vários artigos pertencentes aos uniformes e ao equipamento das tropas indígenas alemãs. Correndo grandes riscos, e ignorando a teimosa resistência do chefe da aldeia, o homem da selva passara cuidadosamente em revista cada uma das *cubatas*, e uma pequena esperança surgira do fato de não ter encontrado fosse o que fosse que pudesse ter pertencido a Jane.

Deixando a aldeia, Tarzan tomara a direção do sudoeste, atravessando, à custa de espantosos esforços, uma quase interminável planície sem água, coberta em grande parte por plantas espinhosas, e alcançara por fim uma região que, provavelmente, nenhum outro branco visitara antes dele, e que era apenas conhecida pelas lendas que se repetiam entre as tribos da sua vasta periferia. Aí viu altas montanhas, planaltos onde abundava a água, extensas planícies, grandes zonas pantanosas. mas nem as montanhas nem os planaltos puderam ser alcançados até encontrar um caminho que permitia atravessar os enormes pântanos, uma região horrível, infestada de serpentes venenosas e de outros grandes e perigosos répteis. Por várias vezes entreviu, a distância, ou de noite, grandes vultos que podiam ser titânicos répteis, mas como ali abundavam também hipopótamos, elefantes e rinocerontes, tanto na região pantanosa como em volta, nunca conseguiu ter certeza de qual o gênero de animais que avistava.

Quando, por fim, alcançou terreno firme depois de atravessar os pântanos, compreendeu claramente por que motivo aquela região desafiara, talvez durante milênios, a coragem e a ousadia das raças do mundo exterior - essas raças que, embora à custa de sofrimentos medonhos, percorreram praticamente todo o mundo, de um pólo ao outro pólo.

Pela abundância e diversidade de caça, poderia dizer-se que todas as espécies de aves e animais selvagens haviam procurado ali um derradeiro refúgio contra a invasão do homem que, pouco a pouco, havia dominado todas as regiões da Terra, caçando e perseguindo as espécies inferiores. Mesmo os animais que Tarzan conhecia mostravam ali uma linha diferente de evolução, ou uma forma original inalterada através das eras.

Havia também muitos animais mestiços; Tarzan encontrou e observou, com interesse, um leão listrado de negro e amarelo. Menor do que os leões familiares ao homem da selva, era, no entanto, uma fera temível pelos seus caninos longos e agudos como sabres, e pela fúria permanente. Para Tarzan, aquilo significava que os tigres haviam, em outros tempos, habitado as selvas africanas, talvez os gigantesos tigres “dentes-de-sabre” das velhas épocas do mundo, e dessa presença tinham resultado os perigosos mestiços que encontrava agora.

Os verdadeiros leões daquele novo Velho mundo pouco diferiam dos que Tarzan conhecia, em configuração e tamanho. Apenas, enquanto os leões vulgares, ao crescer, largam a pelagem mosqueada com que nascem, aqueles conservam as manchas que lhes davam uma espécie de semelhança com leopardos.

Dois meses de penosos esforços não haviam revelado, a Tarzan, qualquer indício de que Jane tivesse alguma vez entrado naquela região de acesso proibido apesar da sua estranha beleza.

No entanto, as investigações feitas na aldeia dos canibais, e as perguntas que fizera em outras tribos, haviam-no convencido de que, se Jane ainda vivia, era naquela direção que devia procurá-la. Por um processo de eliminações sucessivas, chegara à conclusão de que não havia outro rumo possível para ela, depois da fuga. De que modo ela conseguira atravessar os pântanos, era coisa que ele não conseguia entender, e no entanto uma espécie de instinto dizia-lhe que os havia atravessado. Mas aquela região selvagem, virgem e ignorada, era vastíssima; grandes montanhas cortavam a passagem, formidáveis cataratas impediam o avanço, e a cada passo tinha de enfrentar feras.

Mais de uma vez Numa e Tarzan haviam perseguido a mesma presa, e ora um, ora outro, conseguia apanhá-la. No entanto era raro que o homem da selva, ali, sentisse fome, pois a região era espantosamente rica em caça, em aves e em peixe, em frutos e nas incontáveis outras coisas de que Tarzan podia alimentar-se.

Por vezes, Tarzan espantava-se de que, numa região tão rica, não encontrasse vestígios de passagem humana. Mas concluiu que a vastidão do deserto coberto de arbustos espinhosos, sem água, e a extensão dos pântanos, formavam uma barreira suficiente para defendê-la dos homens.

Depois de vários dias de buscas, encontrara finalmente uma passagem através das montanhas e, descendo pela vertente oposta, achara-se numa zona praticamente idêntica àquela por onde caminhara antes.

A caça era também abundante, e numa nascente de água, à saída de um desfiladeiro, Bara tinha sido presa fácil para ele.

Escurecia. As vozes dos grandes caçadores de quatro patas ouviam-se, vindas de várias direções, e porque as árvores do desfiladeiro não ofereciam abrigo seguro, Tarzan pôs no ombro a carcaça do gamo e encaminhou-se para a planície. Em frente

erguiam-se altas árvores, uma grande floresta que sugeria a proximidade da selva densa. Tarzan seguiu nessa direção, mas a meio caminho da planície, avistou, isolada, uma árvore que lhe pareceu reunir todas as condições para que pudesse passar ali a noite. Saltou para os galhos e não tardou a encontrar um lugar confortável, numa forquilha sólida.

- Aí, comeu tranquilamente da carne de Bara. Satisfeita a fome, foi esconder a carcaça do lado oposto da árvore, a bastante altura para ficar em segurança. Voltou então para a forquilha, instalou-se, e momentos depois deixou de ouvir os rugidos dos leões.

Os rumores habituais da selva embalavam Tarzan, mas qualquer ruído estranho, mesmo inaudível para um homem civilizado e vigilante, raras vezes passava despercebido a Tarzan dos Macacos, ainda que mergulhado em profundo sono. Foi assim que, quando a lua ia alta no céu, um súbito barulho de pés que corriam sobre a erva, na vizinhança da árvore, o despertou imediatamente. O homem da selva acordava repentina e completamente, isto é, nele não havia o torpor dos primeiros momentos do despertar.

No instante em que os seus olhos se abriam, todos os seus sentidos estavam alerta. Quase sob ele, correndo para a árvore, vinha o que lhe pareceu ser um homem branco, quase nu mas Tarzan notou imediatamente a cauda da criatura. Pouco atrás, tão perto que excluía a possibilidade de êxito da fuga, vinha Numa, lançado ao ataque. Os dois vultos, perseguidor e perseguido, corriam em silêncio para a frente, através da planície.

Praticamente no mesmo instante em que abriu os olhos e, num relance, abarcou a cena, Tarzan lançou-se em vôo sem pensar, sem perder tempo, retendo apenas o fato de que uma criatura semelhante a ele era perseguida por Numa, o seu inimigo de sempre. Tarzan não teve sequer tempo para escolher o método de ataque. Como um mergulhador se aterra da prancha para a água, assim o homem da selva se atirou sobre o leão, empunhando na mão direita a sua comprida faca.

Uma aguda garra acertou na ilharga de Tarzan, ferindo-o, mas no mesmo instante o homem da selva caiu sobre o dorso do leão e cravou-lhe a faca no flanco, em golpes rápidos e profundos.

Por seu lado, o fugitivo deixara de correr e não ficara ocioso. Criatura também da selva, sentira prontamente o milagre a que devia a vida. Em dois saltos, brandindo o rijo cacete, atacou o leão. Um grande golpe aturdiu a fera, e Tarzan pôde assim cravar a faca no coração de Numa. Uma última convulsão sacudiu o corpo do felino, que logo ficou imóvel.

Levantando-se, Tarzan pousou um pé sobre a fera morta e, erguendo a cabeça, soltou o grande brado de vitória dos gorilas, com que tantas vezes atroara a sua selva natal.

Quando o horrível brado ressoou, a criatura a quem Tarzan salvara deu um salto para trás, fitando-o com espanto, mas quando o homem da selva guardou a faca na bainha, o outro viu, na sua atitude tranqüila, que não havia causa para receio.

Por momentos ficaram ambos olhando um para o outro, e então a criatura falou. Tarzan compreendeu que ele emitia sons articulados que decerto significavam palavras. Embora não entendesse a língua, viu que o outro possuía, em maior ou menor extensão,

os mesmos poderes de raciocínio de que ele dispunha. Por outras palavras, embora a cauda e os grandes polegares, bem como a implantação dos dedos grandes dos pés, indicassem um macaco, sob todos os outros aspectos a criatura que estava na sua frente era um homem. talvez a forma evoluída de um pitecantropo [\(Nota 1\)](#).

O sangue, que corria agora da ilharga de Tarzan, chamou a atenção da criatura. De dentro da bolsa que trazia, tirou um pequeno saco e, aproximando-se de Tarzan, indicou-lhe por gestos que queria que ele se deitasse para lhe tratar da ferida.

Então, afastando os bordos do rasgão, salpicou a carne com um pó contido no pequeno saco. A dor da ferida não era nada, em comparação com a dor causada pela aplicação do remédio, mas Tarzan suportou-a estoicamente e, momentos depois, a hemorragia cessou e a dor também.

Em resposta às brandas e agradáveis modulações da voz do outro, Tarzan falou-lhe, usando vários dialetos do interior e também a linguagem gutural dos grandes macacos, mas era evidente que não se fazia entender. Em consequência da impossibilidade de comunicarem por palavras, o pitecantropo recorreu aos gestos. Colocando a mão esquerda sobre o próprio coração, apoiou a palma da mão direita sobre o coração de Tarzan. Conhecedor das maneiras das raças não civilizadas, Tarzan entendeu que era um gesto de amizade, ao qual correspondeu de igual modo. O seu gesto pareceu alegrar a criatura, que voltou a falar. Mas logo, levantando a cabeça, farejou o ar e, apontando para a árvore onde estava a carcaça de Bara, bateu no estômago - numa linguagem que decerto seria universalmente inteligível. Com um largo gesto, Tarzan convidou o seu novo amigo a partilhar da refeição primitiva. Agil como um macaco, a criatura saltou para a árvore, equilibrando-se com o auxílio da cauda forte e sinuosa.

O pitecantropo comeu em silêncio, cortando pedaços de carne com a sua faca afiada. Novamente instalado sobre a forquilha formada pelos troncos, Tarzan observava-o, notando os atributos humanos que, estranhamente, pareciam acentuados pela forma das mãos e dos pés, e pela cauda.

Era decerto um animal muito próximo da espécie humana, um pitecantropo grandemente evoluído sob o aspecto físico e também, sem dúvida, do aspecto mental. As tiras de cabedal, incrustadas de ouro, a fivela com pedras preciosas, indicavam o trabalho de um hábil artífice, mas Tarzan não podia saber se o trabalho era dele, de outros como ele, ou até de criaturas de uma raça diferente.

Concluída a refeição, o estranho hóspede limpou as mãos e as lábios com folhas que arrancou a uma ramada. Então olhou para Tarzan, com um sorriso agradável que mostrava duas fileiras de dentes fortes e brancos, normais. Disse algumas palavras, talvez de agradecimento, e instalou-se por seu turno, para passar a noite.

A planície estava ainda mergulhada na escuridão mais densa que precede a madrugada, quando Tarzan foi acordado por um violento oscilar da árvore onde encontrara abrigo. Ao abrir os olhos viu que o seu companheiro acordara também, e debruçando-se para procurar a causa da agitação, Tarzan ficou atônito ante o que distinguiu.

A sombra vaga de um vulto gigantesco estava quase sob a árvore e o homem da selva compreendeu que havia sido o roçar do corpo pelo tronco que o tinha despertado.

O fato de que tão tremenda criatura pudesse ter-se aproximado assim, sem que ele a pressentisse, enchia Tarzan de contrariado espanto.

Na obscuridade, o homem da selva pensou que devia ser um elefante embora muito maior do que qualquer outro que tivesse encontrado antes - mas quando os vagos contornos se tornaram mais definidos, viu, quase à altura dos seus olhos, talvez seis metros acima do chão, a silhueta ainda indistinta de um dorso grotescamente coberto de proeminências, como se a fantástica criatura tivesse uma excrescência óssea, saliente, sobre cada vértebra dorsal. Apenas uma parte desse dorso era visível para Tarzan, pois o resto do vulto estava escondido na escuridão mais densa sob a árvore. e daí vinha o som de poderosos maxilares que trituravam carne e ossos. Pelo cheiro, Tarzan compreendeu que tinha na sua frente um formidável réptil, que devorava a carcaça do leão que ele matara horas antes.

Enquanto os olhos de Tarzan, num esforço de curiosidade, tentavam em vão sondar a treva, ele sentiu que lhe tocavam no ombro e, voltando-se, viu que o seu companheiro tentava atrair-lhe a atenção. O pitecantropo, com um dedo sobre os lábios, recomendava-lhe silêncio, ao mesmo tempo que puxava o braço de Tarzan como a indicar-lhe que deviam partir imediatamente.

Sabendo que estava numa região estranha, aparentemente povoada por criaturas de proporções titânicas, cujos hábitos e poderes lhe eram desconhecidos, o homem da selva deixou-se conduzir. Com infinitas precauções o pitecantropo desceu da árvore, pelo lado oposto àquele onde se encontrava o monstro, e seguido de perto por Tarzan afastou-se em silêncio através da planície. O homem da selva sentia-se contrariado por perder assim a ocasião de observar uma criatura que, provavelmente, era diferente de tudo o que conhecia antes, no entanto era bastante sensato para saber em que altura a fuga constitui a melhor forma de coragem - e, como no passado, obedeceu à lei da selva que impunha a necessidade de, numa existência de perigos constantes, evitar os perigos inúteis.

Quando o sol iluminou a paisagem, Tarzan viu-se novamente perto de uma grande floresta. O seu companheiro saltou para as árvores, avançando de ramo em ramo com a rapidez e a facilidade que vinham de um instinto hereditário e de uma longa prática.

Mas, embora ajudado pela cauda, pelos polegares alongados e pela configuração dos pés não se deslocava com maior segurança ou facilidade do que o gigantesco homem da selva.

Foi durante essa jornada que Tarzan se lembrou da ferida na ilharga. Examinando-a, notou com surpresa que não havia o menor sinal de inflamação, além de não lhe doer. Era sem dúvida o resultado da aplicação do pó que o seu estranho companheiro usara. Quando tinham percorrido uma ou duas milhas o companheiro de Tarzan saltou para o chão, no declive relvado sob uma grande árvore cujas ramadas se debruçavam sobre um ribeiro de águas claras. Beberam, e Tarzan verificou que a água, além de deliciosamente pura e agradável, era muito fria, o que indicava talvez a rápida descida desde as altas montanhas onde brotava.

Libertando-se da tanga e das armas, Tarzan mergulhou no remanso, sob a árvore, e momentos depois emergia, refrescado e com fome. Ao sair da água, notou que o seu

companheiro o examinava com uma expressão de intrigado pasmo. Tomando-o pelo ombro, o pitecantropo fê-lo voltar-se de costas e tocou-lhe com um dedo na parte inferior da coluna vertebral, ao mesmo tempo que erguia a sua própria cauda à altura do ombro.

Passando para diante de Tarzan, apontou para ele e depois para o seu apêndice caudal, com um olhar de espanto, falando excitadamente na sua estranha linguagem.

Tarzan compreendeu que, decerto pela primeira vez, o pitecantropo notara a ausência de cauda, ou compreendera finalmente que era assim por natureza e não por acidente.

Então chamou a atenção do outro para as suas mãos e pés, a fim de o fazer ver que eram realmente de espécies diferentes. O pitecantropo abanou a cabeça, como a manifestar a sua impotência para compreender por que razão Tarzan era diferente dele. Mas por fim, afastando o problema com um encolher de ombros, largou também as suas armas e equipamento, e mergulhou na água.

Depois de se banhar e de voltar de novo a equipar-se, sentou-se junto da árvore e indicou a Tarzan para se sentar ao lado dele. Então abriu a bolsa que trazia suspensa, e tirou de dentro fatias de carne seca e dois punhados de nozes de casca delgada, que Tarzan não conhecia.

Vendo que o companheiro quebrava as cascas com os nós dos dedos e comia o miolo, Tarzan imitou-o e constatou que eram saborosas. A carne também era agradável, embora fosse flagrante o fato de ter sido preparada sem sal - um produto que, ali, devia em verdade ser difícil de obter.

Enquanto comiam, o pitecantropo apontava para as nozes, para a carne e para diversos outros objetos, repetindo sons que Tarzan não tardou a compreender serem os nomes daquelas coisas na linguagem indígena. O homem da selva sorriu ante o desejo evidente, da parte do seu novo amigo, de o instruir de forma a permitir-lhes conversar e trocar idéias. Conhecedor, como era, de várias línguas e de uma quantidade de dialetos, o homem da selva pensou que poderia aprender rapidamente mais aquele meio de expressão, embora completamente diferente de qualquer outro dos que conhecia.

Tão ocupados estavam a comer, e na lição, que nenhum deles notou dois olhos brilhantes que os observavam, de cima. E Tarzan não teve a sensação iminente de qualquer perigo até ao instante em que um grande corpo peludo, saltando das ramadas da árvore, caiu sobre o seu companheiro.

CAPÍTULO 2

Até à morte!

Quando olhou Tarzan compreendeu que a criatura era quase a réplica do seu companheiro, em tamanho e configuração, com a exceção de ter o corpo completamente coberto de pêlo negro e espesso que quase lhe escondia as feições; as tiras de couro e as armas eram iguais às do pitecantropo a quem havia atacado. Antes de Tarzan poder intervir, a criatura desferiu uma cacetada na cabeça do companheiro de Tarzan, derrubando-o, mas não teve tempo para vibrar segundo golpe porque Tarzan saltou sobre ele.

No mesmo instante, o homem da selva verificou que tinha como antagonista uma criatura de tremenda força, Os dedos de uma das mãos peludas agarraram-no pelo pescoço, enquanto a outra mão erguia o cacete sobre a sua cabeça. Mas, se a força do peludo atacante era enorme, não menor era a força de Tarzan.

Um formidável soco atingiu a ponta do queixo do agressor, fazendo-o cambalear, e o homem da selva agarrou por sua vez a garganta do antagonista, enquanto com a mão livre lhe segurava o braço armado. Com igual rapidez passou a perna direita por detrás do corpo peludo, e empurrando-o fê-lo tombar pesadamente no chão, ao mesmo tempo que caía sobre ele. Com o choque, o atacante largou o cacete e os dedos de Tarzan deixaram de lhe apertar a garganta. No mesmo instante, os dois adversários uniram-se num abraço mortal. Embora o antagonista o mordesse, Tarzan viu imediatamente que aquele não era um muito perigoso meio de ataque ou de defesa, porque os caninos dele eram apenas ligeiramente maiores do que os seus próprios.

O maior perigo, para Tarzan, residia na cauda com que o outro tentava prender-lhe os movimentos - um processo de luta de que Tarzan não tinha experiência anterior.

Rosnando e lutando, rolavam sobre a erva junto do tronco, qual de cima e qual de baixo, mas ambos pareciam agora mais empenhados em defender-se do que em atacar. Até que Tarzan viu a sua oportunidade e, quando estavam perto do ribeiro, precipitou-se para a água, arrastando o adversário.

Nesse mesmo instante surgiu no campo de visão do homem da selva, logo atrás do corpo prostrado do seu companheiro, o vulto agachado e demoníaco de um mestiço dentes-de-sabre, cujos olhos fitavam a presa inerte, ferozmente. Quase ao mesmo tempo, o adversário de Tarzan avistou a figura ameaçadora do felino. Imediatamente deixou de lutar e, falando excitadamente para o homem da selva que não o entendia, tentou libertar-se, mas de forma a indicar claramente que, quanto a ele, a luta havia terminado. Vendo o perigo que corria o seu companheiro, e desejoso de o defender do ataque iminente do felino mestiço, Tarzan largou o antagonista e ambos se levantaram.

Empunhando a faca, o homem da selva aproximou-se do corpo inerte, pensando que a criatura peluda ia aproveitar a oportunidade para fugir. Foi sem surpresa que o viu apanhar de novo o cacete e avançar a seu lado.

O felino, agachado sobre o ventre, estava imóvel, com exceção da cauda que agitava e do focinho que franzia mostrando os grandes dentes.

A distância que o separava do pitecantropo não era superior a quinze metros. Ao passar por cima do vulto inconsciente, Tarzan viu que o pitecantropo abria os olhos. e teve uma sensação de alívio ao compreender que ainda vivia - ao mesmo tempo que verificava, surpreendido, que se havia afeiçoado, sem dar por isso, àquele estranho e novo companheiro.

Tarzan continuou a aproximar-se do dentes-de-sabre, e a criatura peluda, a seu lado, não ficava para trás. Até que, a uma distância de cerca de seis metros, a fera atacou. O ataque era dirigido contra o adversário peludo, que parou e ergueu o cacete para enfrentar o choque. Tarzan, pelo contrário, lançou-se para diante, com uma rapidez não inferior à do felino, saltando sobre ele. O seu braço direito rodeou o pescoço da fera, diante da pata direita, e o braço esquerdo prendeu a pata traseira do mesmo lado. Tão grande foi o ímpeto que Tarzan e a fera rolaram no chão, o felino tentando desesperadamente voltar-se, o homem agarrando-se a ele com tremenda força.

Na aparência, o movimento de Tarzan fora de uma impetuosidade insensata, não guiado pela astúcia ou pela razão. Mas de fato nada estava mais longe da verdade, pois cada músculo do corpo gigantesco de Tarzan obedecia a um raciocínio preciso e exato, estabelecido numa longa prática daquele gênero de lutas. As pernas rodeavam e apertavam o corpo do felino, numa posição em que não podiam ser atingidas pelas garras. E a fera, que se debatia com fúria, viu-se subitamente puxada para trás, erguida sobre as patas traseiras, as garras rasgando inutilmente o ar.

Então o negro peludo correu, com a sua faca, e cravou-a profundamente no coração do dentes-de-sabre. Por momentos, Tarzan continuou a segurar o animal, até que o estranho corpo listrado ficou inerte. Depois deixou-o cair - e os dois adversários, que pouco antes haviam travado um combate furioso, olharam-se por cima do corpo morto do inimigo comum.

Tarzan esperava, igualmente pronto para a paz ou para a luta. Mas as duas mãos peludas levantaram-se, a esquerda pousou sobre o largo peito e a direita estendeu-se até tocar no peito de Tarzan. Era a mesma forma de saudação amistosa de que usara antes o pitecantropo, e Tarzan, contente por poder arranjar novos aliados naquele mundo estranho e selvagem, aceitou prontamente a amizade oferecida.

Ao terminar a breve cerimônia, Tarzan, olhando para o pitecantropo de pele lisa, viu que ele tinha voltado a si e olhava intensamente a cena. Levantou-se lentamente e, ao mesmo tempo, o negro peludo voltou-se para ele e falou-lhe, numa linguagem que parecia comum. O outro respondeu e aproximaram-se devagar. Tarzan observava-os agora, curioso e atento. Pararam a curta distância, continuando a falar rapidamente mas sem qualquer sinal de aparente excitação; ambos faziam gestos na direção de Tarzan, indicando que, de algum modo, o homem da selva era o assunto da conversa.

Aproximaram-se mais e repetiram entre eles os gestos de amizade que cada qual fizera antes com Tarzan. Então encaminharam-se, lado a lado, para o homem da selva, falando gravemente como se quisessem transmitir-lhe alguma informação importante. Por fim, verificando a inutilidade das palavras que não eram entendidas comunicaram por gestos que iam seguir juntos, e desejavam que Tarzan fosse com eles.

Porque indicavam um caminho que Tarzan não havia anteriormente percorrido, o

homem da selva não hesitou em aceitar a idéia. Tinha decidido explorar toda aquela terra desconhecida, antes de ir procurar Jane em outro lugar. Durante vários dias seguiram paralelamente às colinas que precediam as altas montanhas. Muitas vezes foram ameaçados pelos selvagens habitantes daquela remota vastidão e ocasionalmente, entre as sombras da noite, Tarzan avistou estranhas formas gigantescas,

Ao terceiro dia chegaram a uma vasta caverna natural, aberta numa penedia baixa junto da qual corria um dos numerosos ribeiros da montanha que irrigavam as terras e alagavam os pântanos nas planícies baixas da periferia. Abrigaram-se aí, temporariamente, e a aprendizagem de Tarzan, quanto à linguagem dos seus novos companheiros, progrediu com maior rapidez do que durante a marcha.

A caverna mostrava indicações de ter abrigado alguma forma de vida humana, ou quase humana em tempos anteriores. Havia vestígios de toscas lareiras e a fumaça de muitos fogos enegrecera as paredes e a abóbada.

Riscados na camada de terra, e por vezes profundamente na superfície de rocha que essa camada cobria, viam-se estranhos hieróglifos e os contornos de feras, de pássaros e de répteis, alguns destes últimos sugerindo criaturas do período Jurássico. Os companheiros de Tarzan leram com interesse, e comentaram, alguns dos hieróglifos mais recentes. Depois, eles próprios, com as pontas das facas, acrescentaram novos elementos aos velhos registros das paredes enegrecidas.

A curiosidade de Tarzan estava atenta, mas a única explicação que encontrava era a de estar perante o que seria talvez a forma mais primitiva de um registro de hóspedes. Pelo menos, ficou com um conhecimento mais aproximado do desenvolvimento das estranhas criaturas que o Destino o fizera encontrar. Ali estavam dois homens com cauda de macacos, um deles completamente coberto de pêlos como uma fera de espécie inferior, e todavia era evidente que dominavam uma linguagem falada e até uma forma escrita dessa linguagem. A forma falada, pouco a pouco, ia-se tornando familiar para o homem da selva, e aqueles indícios de civilização, em criaturas que mantinham ainda atributos físicos de animalidade primitiva, despertaram ainda mais a vontade de aprender, a fim de poder entender-se com os seus companheiros. Já conhecia os nomes deles, assim como as designações dos animais e das plantas com as quais tinham contacto mais freqüente.

Ta-den, o da pele branca e sem pêlos, tendo assumido o papel de professor, desempenhava-se das suas funções com um interesse que se refletia na rapidez com que o seu aluno aprendia.

Om-at, o do pêlo negro, parecia sentir também que uma parte da responsabilidade pela educação de Tarzan repousava sobre os seus largos ombros. Como resultado, havia sempre um deles que laboriosamente ia pondo o homem da selva ao corrente das expressões usadas na língua que era comum a ambos. Em conseqüência desta combinação de esforços, e da clara inteligência do homem da selva, não tardou que realmente pudessem comunicar uns com os outros, quase sem darem por isso.

Tarzan pôde, finalmente, explicar aos seus dois companheiros a missão que o trouxera ali, mas nenhum deles acrescentou qualquer fio de esperança ao tecido dos seus desejos. Que soubessem, nunca tinha estado ali uma mulher tal como o homem da selva

a descrevia, nem tinham encontrado, fosse quando fosse, outro homem sem cauda, como ele.

- Saí de A-lur, e depois disso Bu, a lua, já se devorou sete vezes. - disse Ta-den. - Muitas coisas podem acontecer em sete vezes vinte e oito dias, mas não creio que a sua mulher tivesse entrado no nosso país através dos terríveis pântanos, que tu mesmo viste serem obstáculos quase intransponíveis. Ainda que os tivesse passado, como poderia ela sobreviver aos perigos que tu já conheces, e a outros que ainda não encontraste? Nem mesmo as nossas mulheres ousam enfrentar as terras selvagens, para além das cidades.

- A-lur... Cidade da luz... -murmurou Tarzan traduzindo a palavra para asua língua.
- Onde é A-lur? É a cidade de ambos, Ta-den e Om-at?

- É a minha cidade... - respondeu o da pele branca - mas não a de Om-at. Os Waz-don não têm cidades, vivem nas árvores das florestas e nas grutas das montanhas. Não é assim, “homem negro”?... -concluiu, olhando para o gigante peludo que estava a seu lado.

- Sim. - disse Om-at. - Nós, os Waz-don, somos livres, só os Ho-don se prendem a si mesmos nas cidades. Eu não gostaria de ser um homem branco! Tarzan sorriu. Mesmo ali existia a distinção racial entre homens brancos e homens negros - os Ho-don e os Waz-don.

Nem mesmo o fato de parecerem iguais em inteligência alterava isso. Um era branco e o outro era negro, e era fácil ver, até no sorriso do branco, que ele se considerava superior ao outro.

- Onde é A-lur?. - perguntou novamente Tarzan. - Voltam para lá?

- Fica além das montanhas. - informou Ta-den. - Eu não volto para lá. Ainda não. Não enquanto Ko-tan viver.

- Ko-tan?... - repetiu Tarzan.

- Ko-tan é o rei... - explicou o pitecantropo -, É ele quem governa esta terra. Eu era um dos seus guerreiros, vivia no palácio e aí conheci O-lo-a, filha dele. O-lo-a e eu amávamo-nos, mas Ko-tan não queria que isso assim fosse. Mandou-me lutar contra os homens da aldeia de Dak-at que recusara pagar o seu tributo ao rei. Imaginava que eu morreria pois Dak-at é famoso pelos seus guerreiros numerosos e valentes. Mas não me mataram e, pelo contrário, voltei vitorioso trazendo o tributo e o próprio Dak-at, como prisioneiro. Ko-tan ficou irritado, pois viu que O-lo-a me amava ainda mais e se orgulhava da minha proeza.

- Poderoso é o meu pai, Ja-don, o Homem-leão, chefe da maior aldeia além de A-lur. Ko-tan, com receio de meu pai, teve de me elogiar pelo meu êxito, mas com um sorriso que significava hipocrisia e duplicidade. Eu devia ser louvado e recompensado, e que melhor recompensa do que dar-me O-lo-a em casamento? Mas não. Ko-tan guarda O-lo-a para Bu-lot, filho de Mo-sar, o chefe cujo antepassado foi rei e se julga com direito a reinar. Assim, Ko-tan aplacaria o ódio de Mo-sar, e conquistaria o apreço daqueles que pensam que Mo-sar devia ser rei.

- Mas que recompensa seria digna do fiel Ta-den? Nós honramos grandemente os sacerdotes. Nos templos, os chefes e até mesmo o rei se curvam diante deles. Nenhuma

honra maior poderia Ko-tan conceder a um súbdito Que quisesse ser sacerdote. Mas eu não queria. Com exceção do grande sacerdote, todos os outros se tornam eunucos, pois nunca podem casar.

- Foi a própria O-lo-a quem me avisou de que o pai dera as ordens que poriam em ação toda a engrenagem do templo. Um mensageiro procurava-me para me levar à presença de Ko-tan. Recusar o sacerdócio oferecido pelo rei, seria ofender o templo e os deuses: significaria a morte. Mas, se eu não fosse à presença do rei, nada teria a recusar. O-lo-a e eu resolvemos que não iria. Era melhor fugir, levando comigo um farrapo de esperança, do que ficar e, tornando-me sacerdote, abandonar a esperança para sempre.

- Na sombra das grandes árvores que crescem nos jardins do palácio, apertei-a contra o peito, quem sabe se pela última vez e então, para que a má sorte não me fizesse encontrar o mensageiro, escali a muralha que rodeia o palácio e atravessei a cidade às escuras. O meu nome e o meu posto abriram-me passagem pelo portão da cidade. Desde então tenho vagueado longe dos lugares onde poderia encontrar os Ho-don, mas desde então tem estado, forte dentro de mim, o desejo de voltar, ainda que seja apenas para olhar as muralhas atrás das quais vive a mulher que eu amo, e visitar a aldeia onde nasci, para voltar a ver meu pai e minha mãe.

- O risco é demasiado grande? - perguntou Tarzan.

- É grande, mas não demasiado... - respondeu Ta-den. - Irei.

- E eu irei contigo, se posso. - disse o homem da selva -... porque quero ver A-lur e procurar a minha companheira, embora tu penses que são poucas as possibilidades de a encontrar. E tu, Om-at, vens conosco?

- Por que não?... - respondeu o homem de pêlo negro. - As grutas da minha tribo ficam nas rochas acima de A-lur, e embora Es-sat, o nosso chefe, me tenha desterrado, gostaria de voltar, porque vive aí a mulher que eu desejo ver e que deseja ver-me. Irei. Es-sat receava que eu me tornasse o chefe, talvez Es-Sat tivesse razão. Mas o meu desejo de a ver Pan-at-lee é ainda maior do que o desejo de ser chefe.

- Então iremos juntos, os três... - disse Tarzan.

- E lutaremos juntos. - acrescentou Ta-den. - Três como um só!. - exclamou, erguendo a faca a cima da cabeça.

- Três como um só!. - repetiu Om-at, imitando o gesto de Ta-den. - Está decidido.

- Três como um só!... - bradou Tarzan. - Até à morte!. - e a sua faca relampejou ao sol.

- Vamos então. - disse Om-at. - A minha faca tem sede do sangue de Es-sat. A pista, pela qual Ta-den e Om-at guiaram Tarzan, escassamente merecia o nome de pista, pois era mais uma vereda para cabras, macacos ou aves, do que para homens, mas os três companheiros estavam habituados a avançar por caminhos que homens vulgares não ousariam seguir. Nas encostas mais baixas, a pista conduzia através de densas florestas onde o terreno estava tão coberto de mato e árvores caídas, e lianas, que os três companheiros tinham de avançar saltando de ramo em ramo a meia altura dos grandes troncos. Voltaram a cruzar gargantas e desfiladeiros, cujas escarpas mal ofereciam pontos de apoio para os pés. Pior ainda foi a passagem que Om-at escolheu para

atravessar os píncaros, e os levou a uma altíssima rocha que dominava um rio a mais de seiscentos metros de profundidade.

Quando, por fim, alcançaram terreno relativamente plano, Om-at voltou-se e olhou para os outros dois, especialmente para Tarzan.

- Ambos são fortes e bons companheiros para Om-at, o Waz-don. - disse ele.

- Que quer dizer?. - perguntou Tarzan.

- Trouxe-os por aqui - respondeu Om-at - para saber se algum dos dois não teria a coragem de me acompanhar. É aqui que os jovens guerreiros de Es-sat vêm para demonstrar o seu valor. E no entanto, embora eles nasçam e cresçam nas encostas das penedias, não se considera vergonha quando Pastar-ul-ved, o Pai das Montanhas, os vence. Poucos dos que tentaram este caminho puderam chegar ao fim e os ossos dos outros jazem no sopé de Pastar-ul-ved, - Eu não faria empenho em passar muitas vezes por aqui. - afirmou Ta-den, rindo.

- Não... - disse Om-at - ... mas encurtou de um dia, pelo menos, a nossa jornada, e assim Tarzan poderá ver mais cedo o Vale de Jad-ben-Otho. Venham!

E Om-at continuou, dando a volta ao alto píncaro, até que avistaram, em baixo, uma paisagem de beleza e mistério – um largo vale rodeado por grandes montanhas de uma brancura de mármore, um vale verde onde se viam lagos de um azul maravilhoso, e que era atravessado pela fita prateada de um sinuoso rio. Ao centro erguia-se uma cidade tão branca como as montanhas, uma cidade que, mesmo à distância, mostrava uma arquitetura estranha e branca. Fora da cidade, aqui e além, no vale, erguiam-se pequenos grupos de edifícios, por vezes apenas dois ou três, junto de um bosque, mas sempre com a mesma brancura e sempre com a mesma arquitetura fantástica.

Em redor do vale, as montanhas eram cortadas em vários pontos por profundas gargantas cobertas de verdura, que davam a impressão de rios verdes convergindo para um mar, verde também.

- Jad Pele ul Jad-ben-Otho... - murmurou Tarzan, na linguagem dos pitecantropos.

- O Vale do Grande Deus! É maravilhoso!

- Ali, em A-lur, vive Ko-tan, o rei, que governa toda a Pal-ul-don... -disse Ta-den.

- E ali, naquelas gargantas, vivem os Waz-don... – exclamou Om-at -... que não reconhecem Ko-tan como rei da Terra dos Homens.

- Não vamos discutir, tu e eu... - disse Ta-den, com um encolher de ombros, dirigindo-se a Om-at -, sobre uma coisa que, ao longo das idades, nunca encontrou acordo entre os Ho-don e os Waz-don.

- Mas deixa-me dizer-te um segredo, Om-at. Os Hu-don vivem juntos, mais ou menos em paz, sob a chefia de um rei, e assim, quando algum perigo os ameaça, podem enfrentá-lo com numerosos guerreiros, pois todos os Ho-don de Pal-ul-don estão ali.- é o que acontece com os Waz-don, Om-at? Têm uma dúzia de chefes, e não só lutam contra os Ho-don mas também uns com os outros. Quando uma das vossas tribos toma a senda da guerra, mesmo que seja contra os Ho-don, têm de deixar atrás guerreiros em número suficiente para proteger mulheres e crianças contra os ataques das tribos vizinhas. Quando nós queremos eunucos para os templos ou trabalhadores para os

campos, ou para as casas, marchamos em grandes números contra uma das vossas aldeias. Vocês nem podem fugir, porque em volta só têm inimigos, e embora combatam corajosamente, nós voltamos sempre trazendo os que serão eunucos nos templos ou criados nas casas e nos campos. Enquanto os Wáz-don forem assim insensatos, os Ho-don dominarão e o seu rei será o rei de toda a Pal-ul-don.

- Talvez tenha razão... - reconheceu Om-at -, os nossos vizinhos são tolos, Isso acontece porque cada um deles pensa que a sua tribo é a melhor de todas e deve dominar todos os Wáz-don. Não reconhecem que os guerreiros da minha tribo são os mais valentes, e as nossas mulheres as mais belas.

- Cada um dos outros apresenta razões iguais às que tu apresentas. respondeu Ta-den, sorrindo -, E isso, amigo, é a melhor arma que possuem os Ho-don.

- Vamos! - exclamou Tarzan. -Tais discussões levam freqüentemente a lutas, e nós não devemos lutar uns contra os outros. - Decerto que eu tenho grande interesse em conhecer as condições políticas e econômicas da vossa terra, e também a vossa religião, mas não à custa de lutas entre os meus únicos amigos em Pal-ul-don. No entanto, talvez tenham o mesmo deus, não?

- Essa é a grande diferença... - exclamou Om-at, com um certo azedume e num tom de excitação.

- Decerto que é diferença!... - quase berrou Ta-den. - Como poderia não ser? Quem pode concordar com os absurdos.

- Basta!... - disse Tarzan. -Parece-me que desta vez agitei um ninho de vespas! Não falemos mais de política nem de religião.

- É mais sensato... - admitiu Om-at -... mas para tua informação, devo dizer-te que o único e verdadeiro deus tem uma comprida cauda.

- Isso é um sacrilégio!... - bradou Ta-den, levando a mão ao cabo de faca. - Jad-ben-Otho não tem cauda!

- Cala-te!... - gritou Om-at, dando um salto para a frente. No mesmo instante, Tarzan interpôs-se entre ambos, exclamando:

- Chega! Cumpramos o juramento que fizemos diante de Deus, seja qual for a maneira como cada um O imagine!

- Está bem. - disse Om-at. - mas...

- Não há “mas”, Om-at. - advertiu Tarzan.

O homem dos pêlos negros encolheu os ombros e sorriu.

- Vamos descer para o vale? - propôs. - A garganta, em baixo de nós, não está habitada. Na esquerda vive a minha tribo. Vêci Pan-at-lee, mais uma vez. Ta-den irá visitar os seus pais, no vale, Tarzan procurará em A-lur a sua companheira, e melhor estaria morta do que em poder dos Ho-don, sacerdotes de Jad-ben-Otho.

- Como vamos proceder?

- Fiquemos juntos tanto tempo quanto for possível... - disse Ta-den. -Tu, Om-at, procurará Pan-at-lee durante a noite, com astúcia, porque mesmo nós os três, juntos,

não podemos pensar em dominar Es-sat e todos os seus guerreiros. Depois iremos à aldeia onde meu pai é chefe, pois Ja-don sempre recebe bem os amigos do seu filho. Mas a entrada de Tarzan em A-lur é diferente, embora exista uma forma e ele tenha a coragem de a pôr em prática... Escutem mais de perto, porque Jad-ben-Otho tem mil ouvidos e, no entanto, não pode ouvir isto... - com os lábios quase colados às orelhas dos seus dois companheiros, Ta-den, “árvore-Alta”, filho de Ja-don, o Homem-Leão, expôs o seu audacioso plano.

Nesse mesmo momento, a cem milhas dali, um vulto forte, nu com exceção das armas e da tanga, movia-se em silêncio através de uma imensa planície sem água, coberta de arbustos espinhosos, olhando e farejando o terreno na sua frente.

CAPÍTULO 3

Pan-at-lee

A noite descera sobre Pal-ul-don, a região perdida. Uma lua delgada, baixa sobre o horizonte a oeste, iluminava a face branca das penedias, com a sua fantástica claridade. Negras eram as sombras em Kor-ul-ja, “A Garganta-dos-Leões”, onde vivia a tribo do mesmo nome, sob a chefia de Es-sat. Por uma abertura junto do alto da escarpa, um vulto peludo surgiu - primeiro a cabeça e os ombros - e olhos atentos e ferozes observaram a penedia, em todas as direções.

Era Es-sat, o chefe. Olhou para a direita, para a esquerda e para baixo, como para se assegurar de que não estava sendo observado, mas nenhum outro vulto se movia nas rochas, nenhum aparecia à entrada das numerosas grutas, desde a mais alta, que era a do chefe, até às dos membros menos valiosos da tribo, que ficavam na base da penedia. Então Es-sat moveu-se sobre a muralha branca. Na débil luz da lua, parecia que o pesado corpo se deslocava de alguma forma miraculosa sobre a face vertical da penedia, mas uma observação mais de perto revelaria rijas estacas, da grossura de um punho, fixadas na muralha. Os pés e as mãos de Es-sat, e a sua longa cauda sinuosa, permitiam-lhe deslocar-se com facilidade por onde queria - um rato gigantesco numa parede enorme. Avançava evitando as entradas das grutas que encontrava no caminho. A aparência exterior das grutas era semelhante. Uma abertura de entre três e seis metros de comprimento, por três de altura e um ou dois de profundidade, era praticada na rocha branca. Por detrás desta abertura, que poderia ser considerada a varanda do lar, havia outra com um metro de largo e dois de alto, que era a porta, ou a entrada do compartimento, ou dos compartimentos interiores. De ambos os lados desta entrada havia outras, mais pequenas, como janelas que deixassem passar o ar e a luz. Havia mais janelas semelhantes espalhadas pela face da penedia, entre as grandes aberturas de entrada, o que deixava supor que toda a muralha estava compartimentada como uma colméia.

De muitas dessas pequenas aberturas jorrava água pela escarpa, enquanto as falésias, acima, estavam enegrecidas pela fumaça. Onde a água corria, a face da muralha estava escavada, por vezes a cerca de trinta centímetros de profundidade, o que sugeria que a água passara por ali durante incontáveis anos.

Nesse cenário primitivo, o grande pitecantropo peludo não destoava. Dava a sensação de pertencer ali, tal como as árvores que cresciam no alto da penedia, ou aquelas cujas raízes mergulhavam em baixo, na garganta.

Es-sat parou diante de uma entrada, imobilizou-se por instantes, à escuta, e então, silencioso como o luar que iluminava a água, desapareceu nas sombras do interior. Voltou a parar e a escutar, até que, afastando a pesada pele que pendia à entrada, passou para um vasto compartimento aberto na espessura da rocha. Ao fundo, através de uma outra passagem, brilhava uma luz fraca. Es-sat encaminhou-se para aí, cauteloso; os seus pés nus não faziam qualquer ruído. O cacete nodoso, que trouxera pendente de um ombro, seguro por uma tira de couro, foi empunhado na mão esquerda.

Além da segunda passagem havia um corredor paralelo à face da falésia. Nesse

corredor viam-se outras três aberturas, uma em cada extremidade e a terceira em frente do ponto onde estava Es-sat. A luz vinha de um compartimento ao fundo, do lado esquerdo. Uma chama chispante subia e descia num pequeno receptáculo de pedra, colocado sobre uma mesa também de pedra, uma espécie de mesa monolítica que devia ter sido talhada quando fora escavado o compartimento, e se erguia, maciça, do chão de que fazia parte.

A um canto, para além da mesa, fora deixada outra pedra alongada, com pouco mais de um metro de largura e quase dois metros e meio de comprimento. Sobre essa pedra estavam empilhadas pelas macias, bem curtidas, cujo pêlo fora conservado e que se sobrepunham em cerca de trinta centímetros de espessura. Sobre esse estrado, à beira, estava sentada uma jovem Waz-don. Numa das mãos segurava uma delgada tira metálica, aparentemente de ouro martelado, com as arestas serrilhadas, e na outra uma curta escova rija. Com isso, a jovem ocupava-se em alisar o pêlo que a cobria, espesso mas raso e sedoso, que lembrava de certa maneira a pele das focas.

A tanga, feita da pele de um dentes-de-sabre, listrada de amarelo e negro, estava sobre a cama, ao lado das rodela de ouro martelado com que habitualmente cobria os seios. Assim, julgando-se só, a jovem revelava a harmoniosa beleza da sua nudez. Na verdade, embora coberta de pelagem negra, a sua beleza era inegável.

Que Es-sat sabia apreciar essa beleza, tornava-se flagrante pela sua expressão e pela respiração apressada. Rápido, entrou no compartimento e nesse instante a jovem viu-o. Logo os olhos dela se encheram de terror, ao mesmo tempo que, em movimentos rápidos, se envolvia na tanga. Ia apanhar os discos de ouro quando Es-sat, dando a volta à mesa de pedra, se aproximou.

- Que quer aqui?... - sussurrou ela, embora soubesse a resposta.

- Pan-at-lee... - respondeu Es-sat -, o teu chefe vem buscar-te.

- Foi para isso que mandaste meu pai e meus irmãos vigiar o Kor-ul-lul? Não te quero! Sai da gruta dos meus maiores!

Es-sat sorriu. Era o sorriso de um homem forte e mau, que conhece o seu poder - um feio sorriso. E disse:

- Saírci, Pan-at-lee, mas tu irás comigo. Irás para a minha caverna, e serás invejada por todas as mulheres de Kor-ul-ja. Vem!

- Não!... - gritou Pan-at-lee. - Odeio-te! Antes queria ligar-me a um Ho-don do que a ti, que bates em mulheres e assassinas as crianças! Uma terrível crispação alterou as feições do chefe.

- Mestiça!... - bradou ele. - Hei de domar-te! Eu, Es-sat, o chefe, tomo o que quero, e quem se atreve a contestar o meu direito é quebrado assim... - e Es-sat, pegando num prato de pedra que estava sobre a mesa, partiu-o entre as mãos. - Poderias ser a primeira e a mais favorecida na caverna dos antepassados de Es-sat, mas agora serás a última e, quando estiver farto de ti, entregar-te-ei a todos os homens da tribo. É o castigo por desprezares o amor do teu chefe!

Adiantou-se rapidamente, para a agarrar, mas ela bateu-lhe na cabeça, fortemente, com um dos pesados discos de ouro. Sem um grito, Es-sat, o chefe, caiu no chão. Por

instantes Pan-at-lee debruçou-se sobre ele, segurando a sua arma improvisada, pronta para voltar a bater. De repente, curvou-se, e, tirando-lhe a faca e a bainha, com as tiras de couro que a seguravam, colocou-as em si mesma. Então ajustou os discos sobre os seios e recuou para a saída, sem deixar de vigiar o vulto caído.

Num nicho do compartimento exterior estavam empilhadas estacas cilíndricas, com cerca de meio metro de comprimento.

Escolhendo cinco de entre elas, juntou-as e segurou-as com a cauda sinuosa, transportando-as assim para a varanda da caverna. Assegurando-se de que ninguém a via, que pudesse criar-lhe obstáculos, agarrou-se às estacas cravadas na face da penedia e, com uma agilidade de macaco, trepou rapidamente até à mais alta fila de estacas e seguiu essa fila durante uma centena de metros, na direcção da parte baixa do desfiladeiro.

Aí, acima da sua cabeça, havia uma série de pequenos buracos redondos, uns sobre os outros, em três filas. Segurando-se apenas com os pés, a jovem agarrou duas estacas que trazia envolvidas na cauda, e com uma em cada mão introduziu-as em dois orifícios opostos, das fileiras exteriores, tão altos quanto podia alcançar. Pendurada dessas estacas, segurou outras duas com os pés, deixando a última envolvida pela cauda. Levantou então a cauda e inseriu a quinta estaca num dos orifícios centrais. Então, alternadamente suspensa pela cauda, pelos pés ou pelas mãos, foi movendo as estacas para outros buracos, sempre mais acima - transportando a sua própria escada à medida em que subia.

No alto da penedia, uma velha árvore expunha as suas raízes acima dos últimos orifícios, na beira do abismo. Era aquele o derradeiro caminho de fuga para os membros da tribo que se viam duramente atacados por inimigos vindos de baixo. Havia três saídas de emergência, como aquela, para fugir da aldeia, mas usá-las sem a justificação de uma emergência correspondia a uma sentença de morte. Pan-at-lee sabia isso, mas sabia também que seria pior do que a morte, ficar em lugar onde Es-sat pudesse colocar-lhe as mãos.

Quando alcançou o alto da penedia, a jovem moveu-se rapidamente, através da escuridão, na direcção do próximo desfiladeiro que cortava o flanco da montanha a cerca de uma milha para além de Kor-ul-ja. Era a Garganta-de-Água, Kor-ul-lul, para onde seu pai e os seus dois irmãos haviam sido enviados por Es-sat, com o pretexto de vigiarem a tribo vizinha. Havia uma vaga possibilidade de que Pan-at-lee pudesse encontrá-los; no caso contrário, havia o deserto Korulgryf, várias milhas adiante, onde ela poderia esconder-se indefinidamente dos homens, se conseguisse escapar ao terrível monstro de que o desfiladeiro tirava o seu nome, e cuja presença, ali, tornara aquele ponto desabitado desde muitas gerações.

Pan-at-lee correu furtivamente ao longo da beira do precipício de Kor-ul-lul. Não sabia em que ponto poderiam estar o pai e os irmãos. Por vezes os vigias escondiam-se em cima, de outras vezes postavam-se no fundo da garganta.

Pan-at-lee não fazia idêia de para onde devia dirigir-se. Sentia-se minúscula e indefesa na negra vastidão da noite.

Estranhos ruídos surgiam de todos os lados vindos das alturas das montanhas,

vindos do vale invisível na noite. Em certo momento ouviu o que lhe pareceu ser o rugido rouco de um gryf que vinha das bandas de fior-ul-gryf. A jovem estremeceu.

Então outro som chegou aos seus ouvidos apurados um som de qualquer coisa que se movia pela beira do desfiladeiro. Pan-at-lee parou, à escuta. Talvez fosse o pai, ou um dos irmãos. Aproximava-se. A jovem tentava sondar a escuridão.

Não se movia, mal respirava. E bruscamente a curta distância, surgiram diante dela dois pontos luminosos fosforescentes, de um tom amarelo esverdeado.

Pan-at-lee era corajosa, mas, como é vulgar entre primitivos, a escuridão apavorava-a. Não era apenas o pavor das coisas conhecidas, mas, ainda maior o das coisas desconhecidas. Passara por muitas provações, naquela noite, os seus nervos estavam demasiadamente tensos, prontos para reagir ao mais ligeiro choque.

E não se tratava de um ligeiro choque. Em vez do pai ou de um irmão era a morte que aparecia diante dela, na treva! Com um grito que vibrou através das falésias, deu meia volta e correu ao longo da beira do precipício de Kor-ul-lul, enquanto atrás dela, correndo também, vinha um dos ferozes leões das montanhas de Pal-ul-don.

Pan-at-lee estava perdida. Ela sabia que a morte era inevitável, mas apavorava-a morrer assim, entre as garras da fera. O leão ia alcançá-la, quando a jovem voltou bruscamente para a esquerda. e desapareceu no abismo de Kor-ul-lul. O leão deteve-se exatamente à beira do abismo, ofegante, e olhando a escuridão, em baixo, soltou um poderoso rugido de fúria.

Através da escuridão, no fundo da garganta de Kor-ul-ja, Om-at encaminhava-se para as cavernas da sua tribo. Atrás dele iam Tarzan e Ta-den. A certa altura pararam junto de uma árvore que crescia ao lado da penedia.

- Em primeiro lugar... - sussurrou Om-at... - irei à caverna de Pan-at-lee. Depois visitarei a dos meus antepassados, para falar com gente do meu sangue. Não me demorarei. Esperem aqui, em breve estarei de volta. Depois iremos juntos visitar a família de Ta-den.

Dirigiu-se silenciosamente para a penedia, e Tarzan viu-o subir como uma mosca numa parede.

Na obscuridade, o homem da selva não podia ver as estacas cravadas na face da falésia. Om-at avançava com cautela, pois sabia que no terço inferior das grutas devia estar um vigia. No entanto, o conhecimento que tinha do seu povo e dos hábitos da sua tribo, dizia-lhe que a sentinela estaria provavelmente adormecida. Não se enganava nisso, mas não deixou de avançar com cuidado. Com facilidade e rapidez, subiu até à caverna de Pan-at-lee, enquanto Tarzan e Ta-den o observavam.

- Como sobe ele? - perguntou Tarzan. - A superfície da falésia parece-me lisa, e todavia ele trepa com grande facilidade. Ta-den explicou a existência das estacas, acrescentando:

- Tu também poderias subir facilmente, embora a cauda seja de grande auxílio.

Ficaram olhando até que Om-at chegou à entrada da gruta de Pan-at-lee sem qualquer indicação de ambos, mas então, ao mesmo tempo, viram surgir uma cabeça à entrada de uma das grutas inferiores. Era evidente que o homem ou quem quer que

fosse, tinha visto Om-at, porque imediatamente começou a escalar a penedia, atrás dele.

Sem uma palavra, Tarzan e Ta-den saltaram para a base da falésia. O pitecantropo foi o primeiro a chegar, e o homem da selva viu-o saltar para agarrar a primeira estaca. Agora, Tarzan podia distinguir as estacas mais ou menos paralelas, dispostas em ziguezague. Saltou, segurou-se a uma delas, ergueu-se com um braço e estendeu a mão para a segurar.

Quando alcançou suficiente altura para poder utilizar os pés, verificou que era possível avançar rapidamente. No entanto, Ta-den distanciava-se, pois aquela precária escada não era novidade para ele, e além disso podia também utilizar a cauda.

O homem da selva, todavia, dava boa conta de si, e agora redobrava de esforços porque o Wáz-don, acima de Ta-den, olhara para baixo e vira que estava sendo seguido, um momento antes de Ta-den o alcançar. Imediatamente um brado selvagem rasgou o silêncio do desfiladeiro - um grito que foi logo respondido por centenas de outros, enquanto os guerreiros apareciam à entrada das suas cavernas.

O que dera o alarme estava agora à altura da varanda da gruta de Pan-at-lee, e voltara-se para enfrentar Ta-den.

Empunhando o cacete que trazia suspenso de uma tira de couro passada em volta do pescoço, estava de pé sobre a plataforma da entrada, impedindo o avanço de Ta-den. De todas as direções vinham outros guerreiros de Kor-ul-ja, avançando para os intrusos. Tarzan, que alcançara um ponto à altura de Ta-den, mas um tanto à esquerda deste, viu que só um milagre conseguiria salvá-los. Exatamente à esquerda de Tarzan havia a entrada de uma gruta que ou estava desocupada, ou os seus moradores não haviam acordado, porque ninguém aparecera ali.

A mente do homem da selva era cheia de recursos, e os músculos dele correspondiam prontamente. Numa fração de segundo, Tarzan saltou para a entrada dessa gruta e, desenrolando a sua corda, curvou-se e lançou o nó corredio, com infalível pontaria, sobre o homem que, acima de Ta-den, brandia o cacete. Houve um rápido torcer de pulso, um puxão brusco, e o Wáz-don, com um brado de terror, caiu de cabeça para baixo.

Tarzan preparou-se para resistir ao choque, quando o peso do Wáz-don esticasse a corda. Um sinistro estalar de vértebras ouviu-se nitidamente, no momentâneo silêncio que se seguiu ao grito do homem. Rápido, Tarzan puxou o corpo para cima, a fim de poder libertar o nó corredio que estrangulava o Wáz-don. A corda era uma arma demasiado preciosa para que pudesse abandoná-la.

Durante alguns segundos, depois de Tarzan ter atirado o laço, os guerreiros haviam ficado imóveis, como paralisados pelo espanto ou pelo terror. Mas não tardou que o primeiro se refizesse da surpresa.

Gritando para que o seguissem, o homem começou a escalar furiosamente a penedia, para atacar Tarzan. Foi o primeiro a aproximar-se dele, e sem isso Tarzan poderia alcançar Ta-den que o chamava. Então o homem da selva agarrou o corpo do Wáz-don estrangulado, ergueu-o acima da cabeça e, lançando para o ar o grande brado de desafio dos gorilas, atirou-o com tremenda força sobre o seu inimigo. Tão grande foi a violência do choque, que o Wáz-don foi varrido da face da penedia, e duas das estacas a

que ele se agarrava ficaram partidas nos buracos.

Quando os dois corpos, o do vivo e o do morto mergulharam para a base da falésia, um grande brado se ergueu de entre os Waz-don:

- Jad-guru-don! Jad-guru-don! Mata! Mata!

Agora Tarzan estava à entrada da gruta de Pan-at-lee, ao lado de Taden. Este sorria, repetindo:

- Jad-guru-don! O homem terrível! Tarzan, o Terrível! Talvez eles possam matar-te, mas nunca te esquecerão!

- Eles não matam... Que é isto aqui?

A resposta de Tarzan ficou em meio, interrompida pela pergunta, quando dois vultos, abraçados numa luta de morte, rolaram para a plataforma, vindos do interior da gruta. Um desses vultos era Om-at, e o outro uma criatura da mesma espécie, mas cujo pêlo parecia nascer em ângulo reto com a pele, hirsuto e rígido, ao contrário da pelagem macia e reluzente de Om-at. Os dois adversários equivaliam-se, e era evidente que se tratava de uma luta de morte. Combatiam quase em silêncio, rosnando apenas quando um ou outro era atingido por um golpe mais violento.

Tarzan, obedecendo ao impulso natural de ajudar o seu aliado, deu um salto para a frente. mas foi detido por um brado de Om-at.

- Para trás! Esta luta é só minha!

O homem da selva compreendeu e afastou-se.

- É um gund-bar - explicou Ta-den. - Uma luta pelo comando. Esse homem deve ser Es-sat, o chefe. Se Om-at o matar sem ajuda, Om-at será o chefe!

Tarzan sorriu. Aquela era a lei da sua selva, a lei da tribo de Kerchack, a antiga lei dos homens primitivos que ainda não dispunham, para tal efeito, dos assassinos a soldo ou da taça de veneno - requintes da civilização. Então, a atenção de Tarzan foi atraída para a parte exterior do vestibulo, a parte saliente da plataforma onde vira aparecer a cara peluda de um dos guerreiros de Es-sat. Saltou para cortar a passagem, mas Ta-den adiantou-se-lhe.

- Para trás... é gund-bar! - disse o Ho-don.

O Waz-don olhou para os dois combatentes, e para os que vinham, depois bradou para baixo:

- Para trás! É gund-bar, entre Es-sat e Om-at!

Voltou olhando para Ta-den e para Tarzan, e perguntou:

- Quem são vocês?

- Amigos de Om-at... - respondeu Ta-den.

- Depois cuidaremos de vocês... - respondeu o homem, descendo a falésia.

A luta, na plataforma, continuava com a mesma ferocidade, Tarzan e Taden tinham certa dificuldade em se afastar dos contendores que saltavam e se atacavam com as mãos, os pés e as caudas fustigantes. Es-sat estava desarmado - Pan-at-lee cuidara disso - mas

Om-at tinha a sua faca, embora não esboçasse qualquer movimento para empunhá-la. Isso seria contrário ao código primitivo e selvagem, segundo o qual a luta pelo comando tinha de ser travada apenas com as armas naturais.

Por vezes os contendores separavam-se para logo saltarem um contra o outro, com a ferocidade e a força de búfalos enfurecidos. Rolaram novamente Pelo chão aproximando-se da beira da plataforma e então o inevitável aconteceu.

Os dois combatentes rolaram mais uma vez, e mergulharam no abismo.

Tarzan deixou escapar um suspiro abafado, porque tinha simpatizado com Om-at, mas quando ele e Ta-den olharam, esperando ver dois corpos caídos em baixo, no fundo do desfiladeiro, na meia luz da manhã que despontava, viram os dois adversários vibrantes de vida e lutando com a mesma vivacidade, a curta distância sob eles. Agarrados às estacas, com uma das mãos e um dos pés - ou com um pé e a cauda - pareciam tão à vontade na muralha vertical como em cima, no chão plano. Mas agora a tática de luta era diferente, pois cada um deles parecia especialmente empenhado em obrigar o outro a largar os seus pontos de apoio e mergulhar para uma morte certa. Em breve se tornou evidente que Om-at, mais novo e mais resistente do que Es-sat, começava a ter vantagem.

Agora o chefe cuidava quase só de se defender. Tendo-o agarrado pelo cinto, Om-at estava puxando-o para fora. Om-at segurava-se apenas com a cauda e um dos pés, enquanto puxava Es-sat, e ao mesmo tempo, com o pé e a mão livres sacudia o adversário. Es-sat enfraquecia rapidamente, e sabendo que ia morrer acontecia-lhe o que acontece com frequência aos fanfarrões covardes em tais circunstâncias - a falsa máscara de valentia despreendeu-se. Deixou de ser o chefe dos Kor-ul-ja para se tornar um poltrão que implorava.

Agarrado a Om-at, agarrado às estacas, tentando afastar a mão que o puxava, estendeu a cauda e apanhou o cabo da faca que sobressaía da bainha de Om-at.

Tarzan viu isso, e no momento em que Es-sat arrancava a faca da bainha, saltou como um gato para as estacas ao lado dos combatentes. A cauda de Es-sat recuava, ia vibrar o golpe traiçoeiro. Muitos dos outros tinham visto a perfídia e gritavam a sua repulsa. Mas, quando a lâmina ia cravar-se no peito de Om-at, Tarzan agarrou a cauda de Es-sat e torceu-a.

Ao mesmo tempo, Om-at empurrou tão violentamente o adversário que este perdeu os pontos de apoio e, com um brado de medo, mergulhou para a morte.

CAPÍTULO 4

Tarzan-jad-guru

Quando Tarzan e Om-at subiram para o vestíbulo da caverna de Pan-at-lee e se puseram ao lado de Ta-den, prontos para qualquer eventualidade que pudesse seguir-se à morte de Es-sat, o sol tinha alcançado o alto das montanhas, a leste e esse mesmo sol iluminava um vulto que dormia, numa grande planície distante, coberta de arbustos espinhosos, acordando-o para mais um dia de incansável busca ao longo de uma pista cujo cheiro já desaparecera quase completamente.

Durante algum tempo o silêncio reinou em Kor-ul-ja. Os homens da tribo esperavam, olhando para os despojos daquele que havia sido o seu chefe, olhando a seguir uns para os outros e, finalmente fitando Om-at e os dois que estavam junto dele.

Por fim, Om-at falou:

- Eu sou Om-at! Quem diz que Om-at não é gund de Kor-ul-ja?

Esperou que alguém levantasse o desafio. Um ou dois, de entre os jovens mais corulentos, agitaram-se, olhando para ele. Mas ninguém respondeu.

- Então Om-at é gund. - disse ele, com decisão. - E agora quero saber onde estão Pan-at-lee, o pai e os irmãos.

Um velho guerreiro falou:

- Pan-at-lee devia estar na sua gruta. Quem o sabe melhor do que tu, que estás agora aí? O pai e os irmãos foram enviados para vigiar Kor-ul-lul. Mas nenhum desses assuntos levanta qualquer tumulto nos nossos peitos. Há uma pergunta mais importante: Pode Om-at ser gund de Kor-ul-ja, e, no entanto estar pronto para combater a sua tribo tendo a seu lado um Ho-don e esse homem terrível - o terrível homem sem cauda? Entrega os estrangeiros ao teu povo, para serem mortos como é uso entre os Waz-don, e então Om-at poderá ser gund.

Nem Tarzan, nem Ta-den, falaram nesse momento, limitaram-se a olhar para Om-at, esperando a sua decisão. Havia a sombra de um sorriso nos lábios do homem da selva.

Ta-den sabia que o velho guerreiro falara a verdade – os Waz-don não acolhem estranhos, e não fazem prisioneiros de outras raças. Mas então Om-at falou.

- Há sempre mudanças. - disse ele. - Mesmo as velhas montanhas de Pal-ul-don não parecem iguais duas vezes, o sol brilhante, uma nuvem que passa, a lua, a neblina, o escoar das estações do ano, a claridade que se segue à tempestade. Tudo isso dá novos aspectos às montanhas. Do nascimento à morte, dia após dia, nós mudamos. As mudanças, portanto, são leis de Jad-ben-Otho E agora, eu, Om-at, vosso gund, trago outra mudança. Os estrangeiros são homens valentes e bons amigos, e nunca mais serão mortos pelos guerreiros de Kor-ul-ja.

Ouviram-se murmúrios de protesto, e houve certa agitação entre os guerreiros. Entrelharam-se entre si, para ver quem tomaria a iniciativa contra Om-at, o iconoclasta.

- Basta de rumor. - avisou o novo gund. - Sou o vosso chefe, e a minha palavra é

leí. Vocês nada fizeram para eu ser chefe. E alguns até chegaram a expulsar-me da gruta dos meus antepassados. E os outros consentiram isso... Estes dois, a quem querem que eu mate, foram leis para mim. Eu sou gund, e se alguém tiver dúvidas que as diga. Não morrerá mais velho.

Tarzan estava satisfeito. Om-at era um verdadeiro homem. Admirava a coragem do desafio que ele lançava à tribo, e era bastante bom juiz de homens para saber que não se tratava de um *bluff* - Om-at manteria a sua palavra até à morte, se necessário, e tudo indicava que não seria ele a morrer. Era evidente que a maioria dos Kor-ul-ja tinha a mesma convicção.

- Serci um bom gund. - disse Om-at, vendo que ninguém parecia inclinado a disputar os seus direitos. - As vossas mulheres e filhas estarão seguras - e não estavam seguras no tempo de Es-sat. Vão para as vossas searas e para as vossas caçadas. Eu parto em busca de Pan-at-lee, Ab-on será gund na minha ausência, peçam-lhe conselhos quando precisarem, e contem que eu lhes pedirei contas quando voltar. Que Jad-ben-Otho vos seja propício!

Voltou-se para Tarzan e para Ta-den:

- Meus amigos, podem andar livremente entre o meu povo. A caverna dos meus antepassados é vossa. Façam o que quiserem.

- Eu... - respondeu Tarzan - vou com Om-at, em busca de Pan-at-lee.

- E eu... - disse Ta-den.

- Bom!. - exclamou Om-at, sorrindo. - Quando a tivermos encontrado iremos juntos tratar das coisas de Tarzan e de Ta-den. Aonde vamos procurar?. - voltou-se para os guerreiros.

- Quem sabe onde ela possa estar?

Ninguém sabia fosse o que fosse, além do fato de Pan-at-lee ter recolhido à sua caverna, na noite anterior.

- Mostre-me onde ela dorme. - disse Tarzan -, e deixa-me ver alguma coisa que lhe pertencesse. Então poderei ajudá-lo.

Dois jovens guerreiros subiram à plataforma onde estava Om-at. Eram In-sad e O-dan. Foi este quem falou:

- Gund de Kor-ul-ja. - disse ele -, gostaríamos de te acompanhar na busca por Pan-at-lee.

Era o primeiro gesto de reconhecimento da chefia de Om-at, e logo depois a tensão anterior começou a desaparecer – os guerreiros passaram a falar em voz alta em vez de murmurarem, e as mulheres apareceram à entrada das cavernas, como depois de uma tempestade. In-sad e O-dan tinham dado o exemplo, e todos pareciam satisfeitos por imitá-los. Alguns vieram falar com Om-at e olhar mais de perto para Tarzan; outros, chefes de cavernas, reuniram os seus caçadores e cuidaram dos assuntos do dia. As mulheres e as crianças dispuseram-se a descer para os campos, com os adolescentes e os velhos cuja missão era guardá-las.

- O-dan e In-sad irão... - disse Om-at. - Não precisamos mais. Tarzan, vem comigo

e eu lhe mostro onde dorme Pan-at-lee, embora não entenda para que serve isso. Ela não está lá, já vi.

Entraram na caverna, e Om-at guiou Tarzan até ao compartimento onde Es-sat surpreendera Pan-at-lee, na noite anterior.

- Tudo quanto aqui está é dela... - disse Om-at -, menos a maça de guerra, que pertenceu a Es-sat.

O homem da selva deslocou-se silenciosamente através do compartimento. O palpitar das suas narinas sensíveis mal era notado pelo seu companheiro, que o olhava com impaciência.

- Vamos. - disse por fim Tarzan, encaminhando-se para a plataforma.

Os outros três esperavam aí. Tarzan passou para o lado esquerdo da abertura e examinou as estacas que estavam ao seu alcance. Olhava-as, mas não era com os olhos que as estudava. Mais penetrante do que o seu penetrante olhar, era o maravilhoso sentido do olfato, que nele fora desenvolvido desde a infância, primeiro sob as lições de Kala, a macaca, e depois através de outro mestre, que era o próprio instinto de sobrevivência.

Do lado esquerdo, passou para o lado direito. Om-at impacientava-se mais.

- Vamos. - disse ele. - Para encontrar Pan-at-lee temos de procurá-la.

- E onde procuraremos?... - perguntou Tarzan.

- Onde?... - repetiu Om-at, coçando a cabeça. - Por toda a Pal-ul-don, se for preciso.

- Uma vasta tarefa. - replicou Tarzan. E logo acrescentou: - Vamos, ela seguiu por aqui.

Avançou ao longo das estacas, na direção do alto da penedra. Aí, era fácil seguir o rasto, pois ninguém passara por aquele caminho depois da fuga de Pan-at-lee. Do ponto onde ela deixara as estacas fixas e começara a utilizar as que levava, Tarzan parou bruscamente, chamando Om-at.

- Ela foi por aqui até ao alto, mas não há mais estacas.

- Não entendo como sabe que ela foi por aqui. - respondeu Om-at. - Mas iremos buscar estacas. In-sad, volta e traz estacas de subir, para nós os cinco.

O jovem guerreiro regressou pouco depois, e as estacas foram distribuídas. Om-at entregou cinco delas a Tarzan, explicando-lhe como deviam ser usadas. O homem da selva restituiu uma.

- Precisaré apenas de quatro. - disse.

- Uma maravilhosa criatura serias, se não fosses deformado. - comentou Om-at, sorrindo e relanceando o olhar, com orgulho, para a sua forte cauda.

- Concordo que isso me falta. - disse Tarzan. -Vão adiante e deixem as estacas fixadas para mim. De outra maneira a subida seria lenta, porque não tenho cauda nem posso segurar as estacas com os pés, como vocês.

- Está bem. - respondeu Om-at. - Ta-den, In-sad e eu iremos adiante. Tu vais logo depois, e O-dan será o último, para poder recolher as estacas. Não podemos deixá-las aqui para que os nossos inimigos as utilizem.

- Os inimigos não podem trazer as suas próprias estacas? - perguntou o homem da selva.

- Sim, mas isso tornaria lento o seu avanço, facilitaria a nossa defesa e além do mais eles ignoram quais os buracos profundos bastante para as estacas. Muitos deles servem apenas para confundirem o inimigo, pois não têm profundidade para as segurar.

No alto da penedia, junto da velha árvore, Tarzan retomou a pista. Aí o cheiro era tão forte como junto às estacas, e o homem da selva avançou rapidamente na direção de Kor-ul-lul. A certa altura parou e voltou-se para Om-at.

- Neste ponto, Pan-at-lee correu o mais que podia, estava sendo perseguida por um leão.

- Podes ler isso nas ervas?... - perguntou Om-at enquanto todos se juntavam em volta de Tarzan.

- Sim... - disse o homem da selva. - Não creio que o leão a apanhasse, mas não tardaremos a saber ao certo. Não... não a apanhou, Olhem!. - e Tarzan apontava para sudoeste, mais abaixo.

Seguindo com o olhar a direção do braço de Tarzan, os outros notaram movimento nas moitas a uns duzentos metros.

- O que é?. - perguntou Om-at. - É ela?

Tarzan deteve-o, quando ele ia correr para diante.

- Espera! É o leão que a perseguiu!

- Podes vê-lo?!. - perguntou Ta-den.

- Não, mas posso cheirá-lo.

Os outros exprimiam claramente pasmo e incredulidade, mas a presença do leão não tardou a confirmar-se. As moitas foram afastadas e a fera surgiu à vista, diante deles. Era um animal magnífico, grande, com uma bela juba, o pêlo fulvo marcado com as manchas do leopardo. Por instantes fitou o grupo, depois ainda irritado por ter deixado escapar a presa anterior, atacou.

Os homens de Pal-ul-don empunharam as clavas e esperaram o ataque da fera. Tarzan dos Macacos empunhou a faca e, curvado, postou-se no caminho do felino. Quase a alcançá-lo, o leão desviou-se para a direita e saltou sobre Om-at, mas para ser atingido por um formidável golpe de clava que o aturdiu.

No mesmo instante, embora todos os homens corressem corajosamente para ele, o leão saltou de novo, conseguindo desviar as armas com grandes golpes das patas. Uma pancada arrancou a clava das mãos de O-dan e atirou-o para trás, sobre Ta-den derrubando ambos. Seguindo o movimento, o leão formou um pulo para cair sobre O-dan. mas ao mesmo tempo Tarzan saltou sobre o seu dorso. Dentes fortes e brancos cravaram-se no pescoço mosqueado, enquanto poderosos braços o apertavam, e as pernas do homem da selva se fixavam sob o ventre da fera.

Os outros, sem poderem intervir, olhavam, sem respirar, para o leão que tentava furiosamente libertar-se da criatura que se agarrara a ele de maneira a não o deixar ferir com as garras.

Rolaram no chão, até que os espectadores viram a forte mão morena que se erguia sobre a cabeça do felino, empunhando uma comprida faca. Viram a mão armada erguer-se e cair repetidas vezes, em tremendos golpes que faziam jorrar o sangue sobre a pele do leão. Então, da garganta da fera saiu um formidável rugido, acompanhando os derradeiros esforços para se livrar do adversário.

Os homens de Pal-ul-don olhavam, numa admiração muda. Valentes e fortes caçadores que eram, não hesitavam em render homenagem a alguém ainda mais valente e mais forte.

- E queriam que eu o matasse!... - exclamou Om-at olhando para In-sad e para O-dan.

- Jad-ben-Otho recompensa-te por não o teres feito - murmurou In-sad.

Nesse momento o leão deixou-se cair e, depois de uma última convulsão, ficou imóvel. O homem da selva levantou-se e sacudiu-se, como a fera o teria feito se vencesse. O-dan adiantou-se para Tarzan e, com uma das mãos sobre o peito, tocou com a outra mão no peito dele, dizendo:

- Tarzan o Terrível! Não desejo maior honra que a tua amizade!

- E eu desejo a amizade dos amigos de Om-at. - respondeu o homem da selva, retribuindo a saudação.

- Pensas - perguntou Om-at, aproximando-se de Tarzan e pousando uma das mãos num ombro dele -, que o leão apanhou?

- Não, meu amigo. Foi um leão esfomeado que a atacou.

- Parece conhecer bem os leões - comentou In-sad.

- Se eu tivesse um irmão não o conheceria melhor - respondeu Tarzan.

- Onde ela poderá estar? - murmurou Om-at.

- Vamos seguir a pista pelo faro, enquanto é dia - disse o homem da selva.

Continuando a avançar, conduziu-os para a parte mais baixa da penedra, e numa brusca volta da trilha, para a esquerda, alcançou a beira do precipício sobre o Desfiladeiro de Kor-ul-lul.

Por momentos Tarzan examinou o chão de ambos os lados. Depois ergueu-se, olhou para Om-at e apontou para baixo. Durante alguns instantes o Wáz-don olhou a garganta coberta de verde, ao fundo da qual tumultuava uma torrente. Depois voltou-se, fechando os olhos numa contração dolorosa.

- Acha... que ela saltou?

- Para escapar ao leão que vinha sobre ela.

- Olha, podes ver as marcas das quatro patas, quando o leão parou olhando para baixo onde a presa tinha desaparecido.

- Há alguma possibilidade... - começou Om-at.

Mas logo se calou ante um gesto de aviso de Tarzan.

- Baixem-se - sussurrou Tarzan -, Vêm muitos homens de baixo.

Estendeu-se ao comprido, sobre as ervas, e os outros seguiram o seu exemplo. Durante alguns momentos esperaram assim. Agora todos ouviam o ruído de pés em corrida, e depois um brado rouco seguido por muitos mais.

- É o grito de guerra dos Kor-ul-lul. - murmurou Om-at -, o grito dos homens que caçam homens. Não tardarão a aparecer, e se Jad-ben-Otho nos ajudar não serão muito mais numerosos do que nós.

- São muitos. Quarenta ou cinquenta. - disse Tarzan -, mas quantos são os perseguidores e quantos os perseguidos, não posso calcular. Só calculo que os perseguidores sejam muito mais, senão não fugiriam tão depressa.

- Ai vêm- avisou Ta-den.

- É An-un, pai de Pan-at-lee, com os seus dois filhos... - exclamou O-dan. - Vão passar sem nos ver, se não nos apressarmos...- acrescentou, olhando para Om-at à espera de uma ordem.

- Vamos!... - disse o chefe, levantando-se e correndo para ir ao encontro dos três fugitivos. Os outros seguiram-no.

- Cinco amigos!... - bradou Om-at, quando An-un e os filhos os avistaram.

- Adenen yo!... - repetiram O-dan e In-sad.

Os fugitivos quase não se detiveram quando os inesperados reforços se juntaram a eles, mas olharam surpreendidos para Tarzan e Ta-den.

- Os Kor-ul-lul são muitos... - gritou An-un. - A nossa vontade era parar e lutar, mas temos de avisar Es-sat e o nosso povo.

- Sim... - respondeu Om-at - ... temos de avisar o nosso povo.

- Es-sat morreu... - disse In-sad.

- Quem é o chefe?. - perguntou um dos filhos de An-un.

- Om-at.. - respondeu O-dan.

- Está bem..., - exclamou An-un. - Pan-at-lee disse que tu voltarias e matarias Es-sat. O inimigo estava à vista, atrás deles.

- Venham!... - gritou Tarzan. - Vamos nós atacá-los, soltando grandes brados. Perseguiam três homens, e quando virem que são atacados por oito, pensarão que vieram muitos guerreiros para combater. Julgar-nos-ão mais numerosos ainda, e então alguém que seja rápido terá tempo de correr ao desfiladeiro e avisar o vosso povo.

- Está bem... - respondeu Om-at. - Id-an, tu és rápido... Vai avisar os guerreiros de Kor-ul-ja de que estamos combatendo os Kor-ul-lul no alto da crista, e que Ab-on deve mandar cem homens.

Id-an, filho de An-un, lançou-se em veloz corrida na direção das cavernas dos Kor-ul-ja, enquanto os outros atacavam os Kor-ul-lul. Os gritos de guerra das duas tribos

ressoavam numa espécie de coro sombrio. Os chefes dos Kor-ul-lul pararam ao ver que os fugitivos tinham recebido reforços e atacavam por sua vez. Deviam esperar pelos que vinham atrás deles, e possivelmente queriam também saber com quantos inimigos teriam de lutar. Esses chefes, mais rápidos do que os outros, haviam-se adiantado bastante, e o resto do bando ainda não emergira do mato. Quando Om-at e os seus companheiros caíram sobre eles, com uma ferocidade que era imposta pelas circunstâncias, os Kor-ul-lul recuaram de maneira que, no momento em que os restantes apareceram, viram o que parecia ser uma debandada. O resultado foi que todos deram meia volta e fugiram.

Incorajado por este primeiro êxito, Om-at perseguiu-os, acompanhado pelos seus valentes guerreiros, e com grandes brados correram todos atrás do inimigo em fuga. O mato, embora não bastante denso para impedir o avanço, era suficientemente alto para esconder os homens uns dos outros, mesmo quando estavam separados apenas por alguns metros. O resultado foi que Tarzan, sempre rápido e sempre desejoso de combater, não tardou a perseguir os inimigos bastante à frente dos seus companheiros - uma falta de prudência que não tardaria a pagar.

Os guerreiros de Kor-ul-lul, sem dúvida tão corajosos como os seus adversários, recuaram apenas para uma posição estrategicamente melhor, no mato, e não demorou muito que vissem o pequeno número dos atacantes. Então os enfrentaram, num ponto onde o mato era mais denso - uma autêntica emboscada na qual Tarzan foi apanhado. Iludiram-no completamente. Por impossível que pareça, o senhor da selva foi iludido pelos Waz-don de Kor-ul-lul. Mas estes lutavam no seu próprio terreno, que conheciam palmo a palmo, e obedeciam a táticas que Tarzan ignorava.

Um guerreiro isolado apareceu diante do homem da selva, que o julgou um retardatário entre os que fugiam, e atraiu-o para diante. Por fim voltou-se, enfrentando Tarzan com a clava e a faca, e quando Tarzan se lançou sobre ele, surgiram uns vinte Waz-don, das moitas em redor. No mesmo instante, mas demasiado tarde, o gigantesco Tarmangani compreendeu o perigo. Pela sua mente passou a visão da sua companheira perdida, e teve o angustiioso pensamento de que, se ela ainda vivia, toda a esperança ficava perdida com a morte dele.

Este pensamento mergulhou-o num acesso de fúria terrível contra aquelas criaturas que ousavam contrariar a sua missão e ameaçar ao mesmo tempo a vida de Jane. Com um rugido selvagem atacou o guerreiro que, na sua frente, brandia uma pesada clava. Arrancando a arma das mãos do inimigo, bateu-lhe com o punho esquerdo na cara, com tão tremenda força que os ossos se quebravam e o guerreiro tombou morto. Então, empunhando a clava com as duas mãos, desferiu grandes golpes em volta, desarmando os Kor-ul-lul e derrubando-os para não mais se levantarem. Tão espantoso foi o impulso de cólera de Tarzan, que nos primeiros momentos da luta pareceu torná-lo invulnerável. Mas a situação não podia durar, e um cacete, atirado com força por um dos vinte guerreiros que rodeavam Tarzan, acertou-lhe em cheio na nuca e derrubou-o.

Outros Kor-ul-lul enfrentavam agora o pequeno grupo de Om-at. O rumor da luta ouvia-se, perto, e era evidente que os homens de Kor-ul-lul cediam terreno. A voz de Om-at ergueu-se, chamando:

- Tarzan, o Terrível!

- "Jad-guru", sim... - repetiu um dos guerreiros a quem Tarzan derrubara sem o matar. - Tarzan-jad-guru! Era ainda pior que isso!

CAPÍTULO 5

No kor-ul-gryf

No mesmo momento em que Tarzan caía entre os seus inimigos, um homem parou, a muitas milhas de distância, na orla dos grandes pântanos que cercavam Pal-ul-don. Estava nu, com exceção de uma tanga e de três cinturões de balas, dois dos quais cruzados sobre o peito, pendentes dos ombros, e o terceiro em volta da cintura. Trazia, também suspensa de um ombro, pela bandoleira, uma carabina Enfield, e além disto um arco, uma aljava com flechas e uma faca. Chegava até ali, através de regiões selvagens, ameaçado pelas feras e pelos homens piores do que as feras, sem ter tocado nas balas com que enchera os cinturões no momento de partir.

O arco, as flechas e a comprida faca haviam-no levado em segurança até àquele ponto, mesmo em face de riscos que uma bala teria podido afastar facilmente. Para que quieria ele conservar as preciosas munições, arriscando a vida para não as utilizar antes de alcançar o seu destino? Só ele próprio poderia responder a esta pergunta. Quando Pan-at-lee saltou do alto da penedia acima de Kor-ul-lul, esperava encontrar a morte em baixo... mas preferira essa morte nas rochas, a ser rasgada pelos dentes e pelas garras do leão. Quis a sorte, porém, que ela mergulhasse num ponto onde a torrente impetuosa, em baixo, fazia um remanso, numa funda cavidade de onde depois seguia em turbilhões de espuma. Foi nesse remanso de águas geladas que a jovem mergulhou profundamente até que, meio sufocada mas debatendo-se corajosamente, voltou à superfície. Em fortes braçadas alcançou a margem, e içou-se para terra onde ficou, ofegante e exausta, até que as primeiras luzes da madrugada tornaram necessário procurar onde se esconder, pois sabia que estava numa área ocupada pelos inimigos do seu povo.

Levantando-se, procurou refúgio entre a vegetação espessa que tão luxuriantemente crescia, com abundância de água, nos “kors” de Pal-ul-don.

Escondida por entre a vegetação, aos olhos de alguém que passasse ao longo da trilha batida que acompanhava a torrente, Pan-at-lee buscou comida e repouso. A comida abundava em redor, sob a forma de frutos e tubérculos que ela arrancou da terra utilizando a faca que tirara a Es-sat.

Se Pan-at-lee soubesse, nesse momento, que Es-sat estava morto, poderia ter-se poupado a terríveis provações e perigos. Mas supunha-o vivo e não se atrevia a voltar a Kor-ul-ja, pelo menos tão cedo... Mais tarde, quando o pai e os irmãos tivessem regressado à caverna, talvez se arriscasse... mas não agora. Por outro lado, também não podia demorar-se, muito na garganta onde viviam os Kor-ul-lul, e tinha de se proteger das feras noturnas.

Pan-at-lee estava sentada sobre o tronco de uma árvore caída tentando encontrar solução para os problemas da existência que tinha de enfrentar, quando chegaram aos seus ouvidos os sons das vozes de homens que gritavam, O rumor vinha do alto da garganta, e a jovem conhecia bem aqueles brados - os brados de guerra dos Kor-ul-lul. Aproximavam-se do ponto onde ela estava, e afastando cautelosamente os ramos Pan-at-lee viu de relance os vultos de três homens que fugiam, seguidos por um bando ululante. Entreviu novamente os fúteis quando atravessavam a torrente, abaixo da

catarata, para logo desaparecerem. Agora os perseguidores passavam no seu campo de visão - guerreiros Kor-ul-lul, gritantes e ferozes, implacáveis. Deviam ser mais de quarenta. A jovem esperou, sustendo a respiração... mas o bando não desviou a corrida e seguiu, ignorando que uma mulher da tribo inimiga estava ali tão perto.

Mais uma vez avistou os fugitivos - três guerreiros Waz-don que escalavam a penedia num ponto onde as rochas ofereciam um caminho possível para criaturas como eles. E de súbito a atenção de Pan-at-lee fixou-se nos fugitivos, Poderia ser verdade?

Oh, Jad-ben-Otho Se ela os tivesse reconhecido um momento antes, quando tinham passado, se juntaria a eles, pois se tratava do pai e dos irmãos. Agora era demasiado tarde.

Suspensa a respiração, tensos os músculos, a jovem olhava. Poderiam alcançar o alto da penedia? Seriam apanhados pelos Kor-ul-lul? Trepavam bem, mas tão devagar! Um deles deslizava sobre a terra solta, recuava... Os Kor-ul-lul seguiam-nos, um deles atirou a sua clava sobre o mais próximo dos fugitivos.

Mas Jad-ben-Otho devia proteger o irmão de Pan-at-lee, pois a clava caiu longe do alvo e, ressaltando, voltou para baixo e foi bater naquele que a lançara, derrubando-o e fazendo-o cair no fundo da garganta.

De pé, as mãos crispadas sobre os discos de ouro que lhe cobriam os seios, Pan-at-lee olhava aquela corrida de morte.

O irmão mais velho chegara ao alto da falésia e, agarrando-se a qualquer coisa que ela não podia ver, escondia o corpo e a cauda para o pai que o seguia. Este, agarrando-se, estendeu a sua própria cauda para o outro filho, o que havia escorregado, e assim, como uma escada viva, os três desapareceram em cima, antes que os Kor-ul-lul os alcançassem. Mas os perseguidores não desistiram, e tendo por seu turno escalado a falésia, desapareceram também. Só os brados, agora distantes, indicavam a Pan-at-lee que a perseguição continuava...

A jovem sabia que tinha de sair dali, pois a qualquer momento podia aparecer um grupo de caçadores, rebuscando tudo para procurar os pequenos animais que se abrigavam entre a vegetação. Atrás dela estavam Es-sat, e os guerreiros Kor-ul-lul que perseguiram o pai e os irmãos, diante dela, na garganta seguinte... era o Kor-ul-gryf, o covil dos terríveis monstros que eram o pavor de todos os habitantes de Pal-ul-don, abaixo, no vale, era o país dos Ho-don, onde ela só poderia encontrar escravidão ou morte: ali, onde estava, era a garganta habitada pelos Kor-ul-lul, inimigos do seu povo. E, por toda a parte havia as feras que devoravam carne humana.

Pan-at-lee não hesitou durante muito tempo, e seguiu para sueste, na direção de Kor-ul-gryf - pelo menos não havia homens aí. Agora, como no passado, uma mulher sentia que entre todos os seus perseguidores, o mais perigoso e cruel era o homem. Aos perigos do homem, Pan-at-lee preferia os perigos do gryf.

Movendo-se cautelosamente, alcançou a base da penedia, no outro lado de Kor-ul-lul, e aí, perto do meio-dia, encontrou um ponto onde a escalada era comparativamente fácil.

Atravessou o alto da crista e parou, finalmente, à beira da muralha do Korul-gryf -

o lugar do pavor nas lendas da sua raça. A vegetação, em baixo, parecia-lhe escura e misteriosa, árvores gigantescas balançavam as suas altas ramadas quase à altura da crista de rocha. Reinava um silêncio profundo e ameaçador.

Pan-at-lee estendeu-se de bruços, observando a escarpa em baixo. Podia ver as grutas e as estacas de pedra que os antigos habitantes tão laboriosamente haviam feito. Ouvira falar desses antigos habitantes nos contos escutados na sua infância, em volta do fogo, e de como os gryf tinham vindo dos pântanos, através das montanhas, e de como os homens haviam fugido depois de muitos deles terem sido apanhados, e devorados pelas horríveis criaturas, deixando as grutas desertas desde incontáveis anos. Alguns diziam que Jad-ben-Otho, que vivera sempre, era ainda uma criança nesse tempo. Pan-at-lee estremeceu... mas ali havia grutas onde ela poderia encontrar segurança, mesmo quanto aos gryf.

Encontrou um lugar onde as estacas de pedra chegavam ao alto da falésia, tendo ficado ali, sem dúvida, deixadas pelos últimos fugitivos, quando já não interessava proteger contra possíveis invasões as grutas abandonadas. Pan-at-lee desceu devagar, para a gruta mais alta. A plataforma diante da entrada era quase igual às da sua tribo, mas o chão estava coberto de ramos quebrados, de ninhos velhos, de sujeira das aves. A jovem procurou outra caverna, e ainda outra, mas todas estavam igualmente cheias de imundícies. Não havia vantagem em procurar mais. A terceira gruta parecia vasta e cômoda. Com a faca, a jovem começou a raspar o chão, limpando-o pelo processo simples de atirar a sujeira para baixo... mas os seus olhos estavam atentos, fitando a cada instante a garganta silenciosa onde viviam as terríveis criaturas. No entanto havia olhos que ela não podia ver mas que a viam, olhos que seguiam todos os seus movimentos - ferozes, ávidos, astutos e cruéis. Observavam-na, e uma língua vermelha repassava devagar sobre lábios pendentes - e um cérebro quase humano urdia laboriosamente um desígnio violento.

Como em Kor-ul-ja, as fontes naturais ao longo da falésia tinham sido aproveitadas pelos antigos construtores das grutas, de maneira que a água pura e fresca continuava a correr, como correria durante anos sem conta, junto da entrada das cavernas. A única dificuldade estaria em procurar alimento, e para isso a jovem teria de se arriscar, pelo menos uma vez em cada dois dias, pois tinha a certeza de poder encontrar frutos, tubérculos e mesmo pequenos animais, pássaros e ovos, na base da penedia - ovos e pássaros talvez nas próprias grutas. Assim, poderia viver ali durante muito tempo.

Tinha agora uma certa sensação de segurança, sem dúvida por causa da inexpugnabilidade da gruta situada a grande altura, inacessível às feras mais perigosas e também aos homens, pois nenhum se arriscaria a entrar em Kor-ul-gryf.

Decidiu então explorar o interior do seu refúgio. O sol, ao sul, iluminava ainda o primeiro compartimento. Este era semelhante aos que ela conhecia - os mesmos animais e homens estavam desenhados sem contornos, da mesma maneira primitiva, gravados nas paredes. Era evidente que não tinha havido grandes progressos, desde os tempos remotos em que Kor-ul-gryf havia sido abandonado pelos homens. Pan-at-lee não pensava nisto, evidentemente, porque evolução e progresso não existiam para ela nem para as criaturas da sua raça. As coisas eram como sempre haviam sido, e sempre seriam assim. Que essas criaturas tivessem vivido assim desde muitas centenas de anos antes,

não podia ser posto em dúvida, tão nítidas eram as marcas deixadas pelo tempo naquelas habitações - fundos sulcos feitos por pés nus na rocha viva, as concavidades visíveis nas ombreiras de pedra que muitas mãos tinham tocado ao passar, os inumeráveis desenhos que por vezes cobriam inteiramente uma parede, gravados por mãos diferentes.

Assim, Pan-at-lee sentiu que aquela antiqüíssima gruta era acolhedora e familiar. Havia menos sujeira nos compartimentos interiores do que no primeiro, e a sujeira que havia era sobretudo resultante da acumulação de pó. No entanto, a jovem reservara alguns dos ramos secos que encontrara no compartimento exterior. Com esses, não tardou a acender uma fogueira e, acendendo pequenos archotes, continuou a examinar os outros compartimentos. Nada encontrou que fosse estranho, nem que lhe fosse útil, pois os antigos habitantes haviam deixado apenas alguns pratos de pedra, quebrados. Procurava qualquer superfície macia, onde pudesse deitar-se, mas nada achou. Era evidente que a gruta fora abandonada sem pressa, e os seus antigos habitantes haviam levado todas as suas posses. Embaixo, na garganta, não faltavam folhas, ervas e tenros ramos perfumados, mas Pan-at-lee não se sentia tentada a descer ao abismo apenas para procurar confortos, a necessidade de comida a forçaria a isso.

E assim, quando as sombras se alongaram e se aproximou a noite, Pan-at-lee tratou de arranjar uma cama tão confortável quanto era possível, acumulando a poeira de séculos e espalhando-a depois entre o seu corpo macio e o chão duro. Estava muito cansada. Não dormira em duas noites, e entretanto suportara perigos e provações.

Adormeceu quase no momento em que se deitou.

Dormiu enquanto a lua subia no horizonte, espalhando a sua claridade prateada sobre a falésia branca, atenuando em baixo o negrume da selva. Um leão rugiu, ao longe. Houve um longo silêncio. Da parte superior da garganta veio um mugido rouco.

Houve um movimento entre as árvores, na base da penedia. Depois novamente o mugido, baixo e ameaçador, a que outro respondeu. Alguma coisa caiu entre a folhagem de uma árvore, diretamente abaixo da gruta onde Pan-at-lee dormia - caiu no chão, onde a sombra era mais densa. Moveu-se cautelosamente, na direção da base da falésia, tomando forma e feito à luz do luar. Movia-se como um terror num pesadelo - devagar, viscosamente.

Podia ser um grande animal indolente, e podia também ser um homem - o luar pinta em tons vagos, abstratos. Sempre devagar, começou a subir a face da penedia - deslocando-se como um gigantesco verme. Mas agora o luar iluminava o melhor... Tinha mãos e pés, e com eles subia laboriosamente ao longo das estacas de pedra, na direção da gruta onde dormia Pan-at-lee. Do fundo do desfiladeiro veio outra vez um mugido rouco, a que outro respondeu, mais acima.

Tarzan abriu os olhos. Sentia uma dor forte na cabeça, e nos primeiros instantes foi tudo o que sentiu.

Momentos depois, sombras grotescas que subiam e desciam, foram focadas pelos seus sentidos que despertavam. Viu então que estava numa caverna. Uma dúzia de guerreiros Waz-don, sentados, conversavam. Um tosco vaso de pedra continha óleo que ardia iluminando o interior da gruta, e as oscilações do fogo faziam dançar, nas paredes, as sombras dos guerreiros.

- Trouxemo-lo vivo, gund... - dizia um deles - ... porque nunca, antes de agora, vimos um Ho-don igual, Não tem cauda... nasceu sem ela, porque não há cicatriz a mostrar que tivesse sido cortada. Os dedos das mãos e os dos pés não se parecem com os das raças de Pal-ul-don. Mais forte do que muitos homens juntos, e ataca com a fúria de um leão. Trouxemo-lo vivo, para que tu pudesses vê-lo antes de o matarmos.

O chefe levantou-se e aproximou-se do homem da selva, que fechou os olhos e fingiu estar ainda inconsciente, Tarzan sentiu que mãos peludas lhe tocavam e o voltavam com rudeza.

O gund examinou-o dos pés à cabeça, comentando a ausência de cauda e o estranho feitio dos pés e dos polegares.

- Não pode trepar, assim... - disse ele.

- Não... - concordou um dos guerreiros - ... seguramente cairia das estacas da penedia.

- Nunca vi uma coisa assim... - disse o chefe. - Não é um Waz-don nem um Ho-don. Não compreendo de onde veio nem sei como se chama.

- Os Kor-ul-ja gritavam por ele chamando-lhe Tarzan-jad-guru... - disse um dos homens. - Matamo-lo agora?

- Não... -retorquiu o chefe - ... vamos esperar que acorde para eu o interrogar. Fique aqui e o vigie, In-tan. Quando ele puder ouvir e falar, me chame.

Voltou-se e saiu da caverna. Os outros, exceto In-tan, seguiram-no. Enquanto eles saíam, Tarzan ouviu pedaços de frases e compreendeu que os reforços dos Kor-ul-ja tinham chegado a tempo de pôr em fuga os que atacavam Om-at e os seus companheiros. Parecia evidente que a rapidez de Id-an salvara o dia para os guerreiros de Om-at. O homem da selva sorriu e, entreabrindo os olhos, fitou In-tan. O guerreiro estava à entrada da caverna, olhando para fora, de costas para ele. Tarzan experimentou as tiras de cabedal que lhe prendiam os pulsos. Não estavam demasiadamente apertadas e haviam sido amarradas à frente... uma prova de que, habitualmente, os Waz-don não faziam prisioneiros.

Devagar, levantou os pulsos até poder examinar as correias que os prendiam. Sorriu de novo, sombriamente. No mesmo instante atacou as correias, com os dentes fortes, sem deixar de vigiar In-tan. O último nó fora afrouxado e as mãos de Tarzan estavam livres, quando In-tan se voltou para observar o prisioneiro. Viu que este não estava na mesma posição, que se voltara de lado e tinha os pulsos à altura da cara. In-tan aproximou-se e curvou-se. Pareceu-lhe que as tiras de couro estavam demasiado frouxas, estendeu o braço para as examinar com os dedos... e no mesmo instante duas mãos se ergueram, uma para lhe prender o pulso e a outra para lhe apertar o pescoço. Tão inesperado e fulminante foi o ataque, que In-tan não teve sequer tempo para gritar. Tarzan empurrou-o para a frente, derrubando-o e saltando-lhe em cima. In-tan lutava para se libertar, para empunhar a sua faca, mas Tarzan encontrou-a antes dele. A cauda do Waz-don subiu, enrolou-se em volta da garganta de Tarzan, apertou ...mas um golpe da sua faca cortou a cauda pela base.

O forcejar do Waz-don tornou-se mais fraco... uma névoa obscurecia-lhe os olhos,

Compreendeu que ia morrer, e não se enganava. Um momento depois estava morto.

Tarzan levantou-se, pôs um pé sobre o corpo, ergueu a cabeça... mas reteve o brado de vitória que tinha estado prestes a soltar-se dos seus lábios, compreendendo que não era o momento propício para isso. Viu então que não lhe haviam tirado a corda, e que tinham colocado na bainha a sua própria faca. Estranhas criaturas - Tarzan ignorava que eles tinham um pavor supersticioso das armas de um inimigo morto, acreditando que, se o enterrassem sem elas, ele os perseguiria sempre para recuperá-las, e mataria o homem que o havia abatido.

Encostados à parede, estavam o seu arco e a aljava com as flechas. Tarzan encaminhou-se para a saída da caverna e olhou para fora. Tinha anoitecido pouco antes. Podia ouvir vozes que vinham das grutas próximas, e cheirava-lhe a comida cozida.

Olhou para baixo e teve uma sensação de alívio. A caverna onde estava encontrava-se no terço inferior da penedra, a menos de dez metros do fundo do desfiladeiro. Ia descer, quando lhe ocorreu uma idéia que o fez esboçar um sorriso sombrio. A idéia fora lhe sugerida pelo nome que os Waz-don lhe haviam dado...

Tarzan-jad-guru... Tarzan, o Terrível... e pela recordação dos tempos em que se divertira apavorando os negros, na selva da sua infância. Voltou a entrar na gruta onde jazia o corpo de In-tan. Com a sua faca, cortou a cabeça do guerreiro e, levando-a para a saída, atirou-a para o chão, abaixo. Então desceu, rapidamente.

Embaixo, apanhou a cabeça de In-tan e desapareceu entre as sombras das árvores. Horrível? Sim, mas não podemos julgar Tarzan pelos padrões da civilização. Um leão pode aprender habilidades, mas continua a ser um leão. Tarzan ficava perfeitamente bem vestindo um smoking, mas continuava a ter um coração selvagem sob o peitilho da camisa branca.

No entanto, a sua ferocidade não era destituída de método. Sabia que os Kor-ul-lul ficariam enraivecidos quando descobrissem o que ele tinha feito, mas sabia também que, de mistura com a raiva, haveria medo... e o medo que ele inspirava havia tornado Tarzan senhor da selva... Não se conquista com boas maneiras o respeito das criaturas selvagens.

Para além da aldeia, Tarzan voltou a aproximar-se da base da falésia, procurando um ponto por onde pudesse atingir a crista e regressar ao desfiladeiro de Om-at, o Kor-ul-ja.

Chegou a um ponto onde a torrente corria tão perto da muralha que ele teve de nadar, buscando um caminho no lado oposto. Foi então que o seu olfato detectou um cheiro conhecido - o cheiro de Pan-at-lee, no ponto em que ela emergira da água e procurara abrigo no mato.

Tarzan modificou imediatamente os seus planos. Pan-at-lee estava viva, ou pelo menos vivia ainda depois do seu mergulho do alto da crista. Tarzan partira em busca dela por causa de Om-at, seu amigo, e por causa de Om-at continuaria agora a procurá-la, pois tinha por acaso reencontrado a pista. O cheiro levou-o a atravessar o desfiladeiro, até ao ponto onde Pan-at-lee começara a escalada da falésia oposta. Ai, Tarzan abandonou a cabeça de In-tan, que o embarçaria para trepar, e amarrou-a a uma árvore. Então iniciou a escalada, seguindo sem custo a pista de Pan-at-lee. Foi até à

crista e atravessou-a.

O cheiro de Pan-at-lee guiava-o com segurança. Tarzan nada sabia do Korul-gryf. Vira vagamente, nas sombras da noite e a distância, estranhos vultos monstruosos, e tanto Ta-den como Om-at haviam falado de gigantescas criaturas que todos os homens recebavam. Mas por toda a parte, de dia como de noite, os perigos existiam. Desde a sua infância que sentira a morte espreitá-lo, sombria e terrível.

Pouco conhecia de outro gênero de existência. Enfrentar o perigo era a sua maneira de viver, e aceitava esses perigos com a mesma simplicidade com que qualquer de nós pode aceitar os que nos espreitam nas ruas de uma cidade.

O negro que, de noite, vagueia na selva, tem medo porque desde criança viveu rodeado por outros da sua espécie. Mas Tarzan vivera sempre como o leão, ou a pantera... era uma criatura da selva que dependia apenas de si, da sua força e da sua astúcia. Assim, nada temia e nada o surpreendia.

Mais uma vez a pista de Pan-at-lee desaparecia à beira de uma falésia... mas agora não havia qualquer indicação de que tivesse saltado. Um momento depois, Tarzan descobria as estacas de pedra sobre as quais ela descera. Enquanto estava estendido de bruços, no alto da falésia, observando as estacas, a sua atenção foi atraída por qualquer coisa que se movia embaixo. Não podia distinguir o que era, mas viu que essa “coisa” tinha começado a escalar a falésia, devagar, decerto ao longo de estacas semelhantes às que havia em cima.

Esperou até que o vulto subisse, olhando atentamente, e a certa altura pôde observar melhor, com relativa nitidez. Pareceu-lhe que o vulto se assemelhava mais a um grande macaco do que a qualquer animal de espécie inferior... embora, em muitos aspectos, fosse diferente dos macacos.

Lentamente, a criatura trepou até à altura das grutas no terço superior da falésia, e desapareceu no interior de uma delas. Então Tarzan recomeçou a seguir a pista de Pan-at-lee, descendo as estacas que conduziam à primeira caverna e seguindo para diante, à mesma altura. As sobranceiras do homem da selva franziram-se ao ver para onde a pista o levava e ele começou a deslocar-se mais depressa.

Quase havia alcançado a terceira caverna, quando os ecos de Kor-ul-gryf foram sacudidos por um agudo grito de terror.

CAPÍTULO 6

O tor-o-don

Pan-at-lee dormia - o sono agitado conseqüente da exaustão física e nervosa, povoado de estranhos sonhos.

Sonhava que estava dormindo sob uma grande árvore, nas profundidades de Kor-ul-gryf, e que um dos terríveis monstros se aproximava, sem que ela pudesse mover-se ou, sequer, abrir os olhos. Sentia o animal tocar-lhe na garganta, no peito, nos braços... e puxá-la para si. Num tremendo esforço de vontade abriu os olhos. Compreendeu que estivera dormindo e que a horrível visão desapareceria agora - tal como acontecera muitas vezes, antes. Mas a visão persistia. Na vaga claridade que entrava no compartimento, viu um vulto junto dela, sentiu que dedos peludos lhe tocavam e que estava sendo arrastada.

Jad-ben-Otho! Não era um sonho! Então gritou, agudamente, e tentou libertar-se... mas um rosnado rouco respondeu ao seu grito, e outra mão peluda agarrou-a pelos cabelos da cabeça.

Agora o monstro erguia-se sobre as patas traseiras, e arrastava-se para a saída, para a plataforma iluminada pelo luar... e nesse momento a jovem viu o vulto do que lhe pareceu ser um Ho-don, e que se içava para a plataforma, do exterior.

A fera que a arrastava viu também o vulto e rosnou ameaçadoramente, mas sem a largar. Curvou-se, esperando um ataque, e começou a rosnar num tom mais rouco, repetidas vezes. Ouviam-se, abaixo, os gritos de outras feras que pareciam responder à agitação na alta caverna. O vulto que entrara tinha-se curvado também... e rosnava não menos terrivelmente. Agora Pan-at-lee podia ver que não se tratava de um Ho-don, e embora ela temesse os Ho-don, temia ainda mais aquele vulto apavorante. Pan-at-lee compreendeu que estava perdida, fosse qual fosse o resultado da luta que ia travar-se... Apenas esperava poder libertar-se... lançando-se no abismo de Kor-ul-gryf.

Viu que o animal que a agarrava era um Tor-o-don, mas não conseguia identificar o outro, embora, à luz do luar, pudesse vê-lo nitidamente. Não tinha cauda... as mãos e os pés eram muito diferentes das de qualquer das raças de Pal-ul-don. A espantosa criatura aproximava-se agora do Tor-o-don, e empunhava numa das mãos uma faca que brilhava ao luar. Mas a criatura falou, e o espanto acrescentou-se ao medo de Pan-at-lee.

- Quando ele te largar... e vai largá-la para combater, passe para trás de mim e corra para a gruta mais perto das estacas que desceu, vinda do alto da penedia. Se eu for vencido, terá tempo para escapar desta lenta criatura, se eu vencer, irei encontrá-la. Sou amigo de Om-at e seu amigo!

As últimas palavras atenuaram o pavor de Pan-at-lee, mas não compreendia. Como era possível que aquele estranho conhecesse o seu nome... e soubesse que ela havia descido pelas estacas? Decerto já estava ali quando ela chegara.

- Quem és tu e de onde vieste?... - perguntou ela.

- Sou Tarzan, e venho de junto de Om-at, gund dos Kor-ul-ja, para te procurar.

Om-at... gund dos Kor-ul-ja... Que significava aquilo?

Pan-at-lee teria feito outras perguntas, mas agora Tarzan aproximava-se do Tor-o-don, que rosnava de maneira a abafar a voz dela. E então o Tor-o-don fez o que o estranho previra - largou-lhe o cabelo, para combater. No espaço limitado não havia maneira de se esquivar, e assim Tarzan e o Tor-o-don agarraram-se num amplexo de morte, cada qual tentando alcançar a garganta do outro. Pan-at-lee olhava, sem pensar em aproveitar a oportunidade de fugir. Olhava e esperava, porque sentia agora que devia confiar no homem estranho que abrira o seu coração com as quatro palavras mágicas “Sou amigo de Om-at!”

Esperava, empunhando a sua faca, para desempenhar o seu papel na tarefa de vencer o Tor-o-don. Sabia que a possibilidade de aquele desconhecido vencer, sem ajuda, o Tor-o-don não existia, nem remotamente. Conhecia a força espantosa do “homem-fera” com o qual de lutava. Não havia muitos em Pal-uldou, e mesmo poucos eram o terror das mulheres Wáz-don, ou Ho-don, pois os machos Tor-o-don percorriam as montanhas e os vales, fora da época do cio, e mal das mulheres que caíssem em seu poder.

Com a cauda, o Tor-o-don agarrara um tornozelo de Tarzan, derrubando o homem da selva. Caíram ambos, pesadamente, mas tal eram a agilidade e a força de Tarzan, que conseguiu torcer-se no ar e ficar por cima do adversário. Na queda, porém, Tarzan deixara cair a faca, que estava agora fora do seu alcance, para se agarrar com as suas mãos ao pescoço do “homem-fera”. O Tor-o-don atacava-o com a cauda - como fizera In-tan, horas antes - e a luta parecia inclinar-se a seu favor. Pan-at-lee espreitava o momento de intervir com a sua faca, mas os movimentos dos combatentes eram tão rápidos que qualquer golpe podia atingir aquele a quem ela queria ajudar.

A cauda do Tor-o-don rodeava agora a garganta de Tarzan. Este, talvez recordando a sua luta com Bolgani, o chimpanzé, tentava morder a garganta do homem-fera. Na luta, Tarzan tinha a vantagem da inteligência, estava prestes a sucumbir, sob a pressão crescente da cauda do Tor-o-don, quando deu um violento impulso ao corpo, fazendo com que o seu adversário rolasse com ele para a beira da plataforma onde caíra a faca.

Rápido, Tarzan empunhou a arma e vibrou golpes sucessivos, profundos, no peito peludo do Tor-o-don... mas a falta de ar o fez perder os sentidos, no momento em que, ainda agarrado a ele, o homem-fera mergulhou no abismo.

Por sorte, Pan-at-lee não fugira..., e foi isso que salvou a vida de Tarzan. No último instante, quando o Tor-o-don, morto, largava o adversário e rolava no abismo, a jovem agarrou Tarzan, que ia cair também, por um tornozelo. Foi com tremenda dificuldade que Pan-at-lee agüentou o peso do grande corpo, mas não cedeu, embora não tivesse forças para o puxar para trás. Pensava que talvez ele tivesse morrido também, mas se assim não fosse decerto não tardaria a voltar a si. Foi o que aconteceu, mas já no momento em que a jovem sentia não poder suportar o peso. Tarzan abriu os olhos, compreendeu a situação, e com metade do corpo fora da plataforma agarrou-se às duas estacas mais próximas... no instante exato em que a jovem, exausta, o largava.

A sua grande força salvou o homem da selva. Por instinto, agüentou-se enquanto os seus pés procuravam o apoio de outras estacas, em baixo. Tinha dado uma volta no ar e estava ainda aturdido, mas o seu primeiro pensamento foi para o adversário... Estaria ainda em cima, teria ainda forças para lutar? Levantou os olhos e viu a face apavorada de

Pan-at-lee, que o espreitava da beira da plataforma.

- Oh!... - exclamou ela, com visível alegria. - Está vivo!

- Sim... Onde está o outro?

- Embaixo... morto... - respondeu a jovem, apontando para o abismo.

- Bem... - disse Tarzan, içando-se prontamente. - Ele não lhe fez mal?

- Não, porque chegaste a tempo... Mas quem é você? Como sabia que eu estava aqui... e de onde veio... e que queria dizer quando falou de Om-at como gund dos Kor-ul-ja?

- Devagar... - exclamou Tarzan. - Uma coisa de cada vez...São todas as mesmas... desde as fêmeas da tribo de Kerchack até às damas de Londres e às suas semelhantes de Pal-ul-don... Paciência, tentarei explicar. Viemos quatro, com Om-at, desde Kor-ul-ja, em tua procura. Fomos atacados pelos Kor-ul-lul, nos separamos, eu fui aprisionado e escapei. Encontrei a sua pista e a segui... e foi então que vi essa fera peluda entrar na gruta... Você gritou... O resto já sabe.

- Mas disse que Om-at era gund de Kor-ul-ja... Es-sat é o gund!

- Es-sat morreu, Om-at matou-o e agora é ele o gund. Om-at foi procurá-la, encontrou Es-sat na sua caverna e matou-o...

- Sim, Es-sat entrou na minha caverna e eu lhe bati com os discos de ouro, derrubando-o. Então fugi...

- Um leão perseguiu-a e você saltou da falésia para o fundo do Kor-ul-lul. Mas não entendo como não morreu.

- Haverá alguma coisa que não entenda?... disse Pan-at-lee, pasmada. -Como pode saber que um leão me perseguiu e eu saltei... e não sabe que caí na água e por isso não morri?

- Devia também saber isso, se não tivessem aparecido os Kor-ul-lul. Mas agora lhe faço uma pergunta... Que nome dão a esse animal peludo com que eu lutei?

- Era um Tor-o-don... - respondeu ela. - Só tinha visto um, antes, São terríveis criaturas, astuciosas como homens e ferozes como os animais da selva, Grande é o guerreiro que vence um deles, sem ajuda... - e Pan-at-lee olhava, com clara admiração, para Tarzan.

- E agora... - disse Tarzan... precisa dormir, pois amanhã voltamos para Om-at e Kor-ul-ja, e duvido de que tenha descansado estas duas noites.

Pan-at-lee, tomada por uma reconfortante sensação de segurança, dormiu tranquilamente até manhã alta, enquanto Tarzan se estendia no chão áspero da plataforma, diante da gruta.

O sol já ia alto no céu quando ele acordou.

Durante duas horas, esse mesmo sol iluminara, antes, outro herói, a muitas milhas de distância - a figura de um homem belo como um deus, que abria caminho através dos pântanos enormes alongados entre Pal-ul-don e o mundo exterior. Mergulhado até à cintura na lama líquida, ou atacado por temíveis répteis, esse homem avançava à custa de

titânicos esforços, polegada a polegada, ao longo dos caminhos sinuosos que era obrigado a procurar. Perto do centro do pântano havia água - água verde e viscosa. O homem alcançou-a ao cabo de horas de esforços que teriam esgotado uma criatura vulgar e no entanto estava ainda a apenas meio caminho. A sua pele lisa e morena estava suja de lama e suja de lama estava também a sua “Enfield”, que brilhara tão limpa sob os primeiros raios do sol.

O homem parou por momentos, à beira da água, depois mergulhou e atravessou a nado, sem pressa, em poderosas braçadas. Ele sabia que, além da água, teria pelo menos outras duas horas de tremendos esforços antes de alcançar terreno firme. Ia a meio da travessia, contente por avançar com facilidade, quando na sua frente, emergindo das profundezas lamacentas, surgiu um réptil monstruoso. Com um silvo agudo, o monstro atacou o homem...

Tarzan levantou-se e estendeu os músculos dos braços e das pernas, respirando o ar fresco da manhã. Os seus olhos penetrantes fitaram a maravilhosa beleza da paisagem que se alongava em baixo. No fundo da garganta, as copas das árvores agitavam-se brandamente, acima da verdura espessa. Para Tarzan não havia ali qualquer ameaça - o que havia era a selva que ele amava. À sua direita avistava a parte superior de vale de Jad-ben-Otho, com os seus lagos azuis. Brancas, sob a grande luz do sol, brilhavam as casas, em grupos, das aldeias dominadas feudalmente pelos chefes menores de Pal-ul-don.

Dali não podia ver A-lur, a Cidade da Luz, que era escondida aos seus olhos pelo flanco da falésia. Por momentos, Tarzan entregou-se ao prazer espiritual da contemplação da beleza, só acessível à mente humana... mas não tardou que as exigências físicas comesçassem a prevalecer. Tinha fome. Voltou olhando para Kor-ul-gryf. Ali estava a selva, e decerto não existia selva que não pudesse alimentar Tarzan.

Sorrindo, o Tarmangani iniciou a descida. Havia perigo, ali? Decerto, ninguém sabia isso melhor do que Tarzan. Em todas as selvas há morte e há vida. Nunca encontrara um animal selvagem que não pudesse enfrentar, pela força ou pela inteligência. Mas, na verdade, Tarzan nunca encontrara um gryf.

Tinha ouvido os mugidos roucos, no desfiladeiro na noite anterior, antes de adormecer, e pensara em perguntar a Pan-at-lee pela manhã, que animal era aquele que assim perturbava o sono dos homens.

Alcançou a base da penedia, encaminhou-se para a selva e aí parou e cheirou o ar, e ouvidos alerta, farejando para descobrir algum cheiro de caça. Voltou a avançar, internando-se pela selva, avançando silenciosamente, com o arco e as flechas prontas para servir. Uma ligeira brisa vinha da parte baixa da garganta, e foi para esse lado que Tarzan se encaminhou. Detectava cheiros diversos, alguns que podia reconhecer imediatamente, mas outros que lhe eram estranhos.

Notava, vagamente, o cheiro de répteis, que aprendera a associar com os estranhos e enormes vultos noturnos entrevistados desde a sua chegada a Pal-ul-don.

E então, bruscamente, distinguiu o cheiro forte e adocicado de Bara, o gamo. Tarzan esteve prestes a gritar de contentamento, porque a carne mais apreciada por ele era a de Bara.

Avançou rapidamente, mas com cautela. A presa não estava longe, e Tarzan saltou para uma árvore, logo para outra, aproximando-se. De novo sentiu o cheiro dos répteis, mas pareceu-lhe distante.

Agora, movendo-se com cautela, adiantava-se mais... e não tardou a ver Bara que bebia água num remanso da torrente, numa clareira da selva. A distância era grande... e tornava-se necessário que a primeira flecha não falhasse o alvo. O arco encurvou-se, retesada a corda pelos grandes músculos do deus da selva. Houve uma vibração breve... e Bara, dando um salto no ar, caiu com o coração atravessado. Tarzan saltou para o chão e correu para a presa. Quando, recuperada a flecha, se curvou para apanhar o gamo e pô-lo sobre um ombro... um mugido trovejante ressoou, quase junto dele... e Tarzan viu surgir uma criatura que os paleontologistas pensavam ter existido na infância do mundo - uma criatura gigantesca, vibrando de fúria, que mugia atroadoramente e o atacava...

Quando Pan-at-lee acordou, olhou para a plataforma, procurando Tarzan... que não estava ali. A jovem levantou-se de um salto e correu para fora. Pensara que ele teria descido ao desfiladeiro em busca de comida, e de fato viu-o desaparecer entre as árvores. Por instantes, sentiu-se tomada de pânico. Sabia que Tarzan era um estranho em Pal-ul-don, e por isso não podia conhecer os perigos que o esperavam no desfiladeiro do medo. Não o chamou, no entanto. Ela conhecia as maneiras dos gryf - os gryf têm vista fraca mas ouvidos apurados, e o som da voz humana atraindo-os. Não o chamou, mas, embora cheia de medo, não hesitou em descer também, para alcançar Tarzan e avisá-lo, num sussurro, do perigo que corria. Era um ato de grande coragem, pois que o executava sob o domínio do pavor ancestral das horrendas criaturas. Por menor coragem, há homens que ostentam medalhas.

Pan-at-lee, descendente de caçadores, calculou que Tarzan avançaria contra o vento, e foi nessa direção que seguiu. Não teve dificuldade em encontrar a pista - que Tarzan não fizera qualquer esforço para ocultar. Caminhou rapidamente, até o ponto em que Tarzan saltara para as árvores. Sem dúvida compreendia o que ele tinha feito, pois o seu próprio povo utilizava as trilhas aéreas através das ramadas, mas não podia segui-lo porque lhe faltava o olfato infalível do homem da selva.

Podia apenas esperar que ele tivesse continuado a avançar na mesma direção, e continuou por seu turno a avançar contra o vento, sentindo o coração bater com grande força. Havia alcançado a orla de uma clareira quando aconteceram duas coisas - avistou Tarzan, curvado sobre um gamo abatido, e no mesmo instante ouviu, quase a seu lado, um mugido terrível.

No entanto, não ficou paralisada pelo medo. Pelo contrário, rápida como o vento correu para uma árvore próxima e trepou agilmente até alcançar os ramos mais altos.

Então olhou para baixo.

O monstro que Tarzan vira correr sobre ele, quando o terrível mugido atraía a sua atenção surpreendida, parecia uma visão de pesadelo. Não assustou Tarzan, no entanto. O homem da selva irritou-se, ao compreender que não tinha qualquer possibilidade de enfrentar aquele inimigo, que isso o faria perder a presa abatida... E Tarzan tinha fome. Só podia escolher a morte e a fuga - rápida e imediata. Fugiu, mas levando consigo a

carça de Bara. Tinha um avanço de uma dúzia de passos, quando muito, mas a árvore mais próxima estava a igual distância. O perigo maior residia na espantosa altura do monstro que o perseguia, pois mesmo que alcançasse a árvore teria de subir como um raio a uma altura de dez, ou talvez quinze metros - uma altura a que o monstro talvez pudesse ainda chegar, se conseguisse erguer-se sobre as patas traseiras.

Mas Tarzan era veloz, e embora o gryf corresse com uma rapidez que não era de esperar num animal de tal tamanho, o homem da selva trepou pela árvore e pôs-se fora do alcance dele. E aí, olhando para cima, Tarzan viu Pan-at-lee agarrada a um ramo, trêmula e de olhos muito abertos.

- Como veio para cá?... - perguntou ele. Ela explicou-lhe, e Tarzan murmurou, com admiração:

- Veio para me avisar? Foi um ato de grande coragem! Pena ter me deixado surpreender assim. O animal estava contra o vento, e só o ouvi quando ele atacou.

- Não é estranho,, - respondeu Pan-at-lee. - É essa uma das peculiaridades dos gryf... Diz-se que nunca se sente a sua aproximação senão quando ataca... tão silencioso é apesar do seu tamanho.

- Mas devia tê-lo cheirado...

- Cheirado?... - exclamou Pan-at-lee, pasmada.

- Decerto. Como julga que encontrei tão depressa o gamo? Senti o cheiro do gryf, também, mas tão fraco que parecia muito distante... -Tarzan calou-se e olhou para o monstro, embaixo. As suas narinas vibraram, de leve. Exclamou: -Compreendo... Esse animal quase não tem cheiro... O que eu senti foi, provavelmente, o vago cheiro que permanece na selva por causa da longa presença destas criaturas...

- Já alguma vez ouviu falar nos triceratops, Pan-at-lee? Não? Pois o que vê abaixo é um triceratopo, a que vocês chamam gryf. É uma raça extinta há centenas de milhares de anos. Vi o esqueleto de um deles no museu de Londres, e o desenho de uma reconstrução feita pelos paleontologistas. Sempre julguei que os cientistas eram pessoas com excesso de imaginação, mas vejo que me enganei. Este animal não é exatamente o que eles reconstituíram, mas é bastante semelhante para ser facilmente reconhecível. De resto, os que sobreviveram e se reproduziram em Pal-ul-don, podem ter sofrido modificações.

- Triceratopo, Londres... museu... não entendo o que diz... - exclamou Pan-at-lee.

Tarzan sorriu e atirou um ramo quebrado à cabeça do monstro. No mesmo instante, o capuz ósseo, sobre a enorme cabeça, eriçou-se... e o gryf soltou um poderoso mugido. Devia ter uma altura de seis metros, até às espáduas, e a cor era de um azul-ardósia, sujo, salvo no focinho amarelo, cercados os olhos de traços azuis, do ventre amarelo também e do capuz ósseo, avermelhado. Os cinco dedos dos pés, providos de cascos nos dinossauros, eram nos gryf munidos de garras. Os chifres não se haviam modificado através das eras, dois acima dos olhos e um sobre o nariz. O aspecto era estranho e terrível, mas Tarzan não pôde deixar de admirar a poderosa criatura cujo comprimento, até à extremidade da cauda, devia exceder os vinte e três metros. Só a cauda devia ter a força de um elefante.

A gigantesca cabeça ergueu-se e as fauces abriram-se, mostrando grandes dentes.

- Herbívoro, hem?... - murmurou o homem da selva. – Talvez os seus antepassados, mas não você... Vamos, Pan-at-lee. Comeremos o gamo, na caverna, e depois iremos reunir-nos a Om-at, em Tor-ul-ja.

- Vamos?... - repetiu a rapariga, estremeçando. – Não poderemos sair daqui.

- Por que não? Ele não pode trepar em árvores. Pelas árvores podemos alcançar a penedia e chegar à gruta antes que ele tenha dado por isso.

- Não conheces os gryf... - respondeu Pan-at-lee, sombriamente.

- Aonde quer que formos ele nos seguirá, e estará sempre junto de cada árvore quando quisermos descer. Nunca desiste.

- Podemos viver nas árvores durante muito tempo, se necessário... - disse Tarzan - e em algum momento ele irá embora.

- Nunca... - retorquiu Pan-at-lee. - E há também os Tor-o-don, Virão matam-nos, e depois de nos devorarem um tanto, deixarão o resto para os gryf - os gryf e os Tor-o-don são amigos, porque os Tor-o-don partilham a comida com eles.

- Talvez tenha razão... - disse Tarzan - ... mas mesmo assim não estou disposto a ficar à espera de que alguém venha me comer um pedaço e dar o resto a esse bicho aí em baixo. Se não puder sair daqui, não será por minha culpa. Venha, vamos tentar.

Seguido por Pan-at-lee, Tarzan saltou de árvore em árvore. Embaixo, o dinossauro seguia-os também... e quando chegaram à orla da floresta, com cinquenta metros de terreno descoberto para atravessar antes de alcançarem a penedia... o gryf estava à espera, sob a árvore, Tarzan olhou para ele e coçou a cabeça.

CAPÍTULO 7

Astúcia da selva

Tarzan olhou para Pan-at-lee. - Pode atravessar o desfiladeiro, pelas árvores, muito depressa?... perguntou ele.

- Sozinha?
- Não.
- Seguirei-o onde for.
- Ir e voltar?
- Sim.
- Então vem e faz exatamente o que eu te pedir.

Tarzan lançou-se em vôo por entre as árvores, velozmente, seguindo um caminho em ziguezague que escolhia de maneira a acompanhar os pontos mais difíceis da trilha, abaixo. Onde o mato era mais espesso, onde troncos caídos se atravessavam no caminho, era por onde ele conduzia o seu perseguidor. Mas tudo foi inútil, Quando chegaram ao outro lado da garganta, o gryf estava com eles.

- Para trás!... - bradou Tarzan.

E ambos refizeram a jornada, voando entre os galhos mais altas das grandes árvores da floresta de Kor-ul-gryf. No entanto o resultado foi o mesmo -ou antes, foi pior porque outro gryf se juntara ao primeiro e agora estavam os dois sob a árvore onde se detiveram. A penedia, tão perto e no entanto tão fora do seu alcance, parecia chamá-los. O corpo do Tor-o-don estava ainda onde tinha caído, claramente visível para Tarzan e para a moça. Um dos gryf aproximou-se, cheirou o mas não fez qualquer movimento para o devorar, Tarzan examinara o corpo, ao passar por ele, de manhã.

Pensara que talvez se tratasse de um macaco evoluído, ou de um homem atrasado... alguma coisa de semelhante ao “homem de Java”, mais perto do pitecantropo do que os Ho-don ou os Waz-don.

Talvez um precursor de ambos. Enquanto olhava, agora, o cérebro ativo do homem da selva ultimava os pormenores do plano que fizera para que Pan-at-lee pudesse escapar do desfiladeiro. Mas os seus pensamentos foram interrompidos por um estranho grito que vinha da parte alta da garganta.

- Whee-oo! Whee-oo!... - era o som que se aproximava. Os gryf voltaram-se na direção do brado. Um deles emitiu um bramido baixo, que não indicava cólera. Os “Whee-oo” e os bramidos foram-se repetindo, os primeiros cada vez mais próximos.

- Que é isto? - perguntou Tarzan, olhando para Pan-at-lee.
- Não sei... - respondeu ela. - Talvez outro horrível animal.
- Ah! Ali está... Olha!

- Um Tor-o-don!... -exclamou a rapariga. A criatura, caminhando erguida, empunhava um pau e avançava devagar. Aproximou-se diretamente dos gryf, que se afastaram, como com medo.

Tarzan observava atentamente. O Tor-o-don estava agora muito perto de um dos triceratopos, Abanou a cabeça e bateu-lhe com o pau, no focinho. Para espanto de Tarzan, o gryf, que poderia esmagar o outro com um simples movimento, encolheu-se como um cão chicoteado.

- Whee-oo!... - bradou o Tor-o-don. O gryf aproximou-se dele, Uma pancada do pau, no mais pequeno dos chifres, fê-lo parar. Então o Tor-o-don deu a volta, trepou pela cauda e sentou-se sobre o vasto dorso.

- Whee-oo!... - bradou, espicaçando o monstro com a extremidade aguçada do pau.

O gryf começou a andar. Tão absorvido estava Tarzan pela cena que se desenrolava diante dele, que nem pensou em fugir. Compreendia que, para ele e para Pan-at-lee, o tempo recuara muitos milênios naqueles breves momentos. Ambos estavam observando um homem primitivo e a sua primitiva besta de carga.

Mas então o gryf, montado pelo Tor-o-don, ergueu a cabeça, mugindo. Foi o bastante. A criatura avisara o seu amo da presença dos dois que estavam na árvore. No mesmo instante o Tor-o-don conduziu o monstro para junto da árvore, pondo-se de pé sobre o capuz ósseo. Tarzan viu a cara bestial, as grandes presas, os poderosos músculos... Era talvez um antepassado do homem, uma criatura feita para resistir aos incontáveis perigos da idade em que vivera.

Então Tarzan ergueu-se, na árvore, reto e belo como um semideus, um perfeito exemplar da raça humana - tal como a raça seria se as leis e as teorias dos homens não tivessem interferido com as leis da natureza. Ele e o Tor-o-don eram de espécies diferentes, embora talvez representassem o Passado e o Presente de raças semelhantes. O Presente colocou uma flecha no seu arco. O passado rosnava e batia no peito, feroz na sua força primitiva... A flecha partiu, e o passado, com o coração atravessado, tombou na morte que era o destino da sua espécie.

- Tarzan-jad-guru... - murmurou Pan-at-lee, exprimindo a sua admiração, instintivamente, nos mesmos termos em que a haviam exprimido os guerreiros da sua tribo.

O homem da selva voltou-se para Pan-at-lee, dizendo:

- Esses monstros podem deter-nos aqui indefinidamente, duvido de que possamos escapar juntos, mas tenho um plano. Fique onde está, esconda-se entre a folhagem, enquanto eu me afasto bem à vista deles, para lhes atrair a atenção. A não ser que tenham mais miolos do que eu suponho, me seguirão, e então você poderá alcançar a penedia. Espere por mim, na gruta, mas não mais do que até amanhã. Se eu não aparecer: até amanhã ao romper do sol, partirá sozinha para Kor-ul-ja. Tome uma perna de veado, para comer... - tinha cortado uma perna de Bara, e entregou-lhe.

- Não posso abandoná-lo... - respondeu a jovem, simplesmente. - O meu povo não abandona os seus amigos. Om-at nunca me perdoaria.

- Diga a Om-at que eu te mandei partir.

- É uma ordem?

- Sim, é. Adeus, Pan-at-lee. Volta para junto de Om-at, é ma digna companheira para o chefe dos Kor-ul-ja... - disse Tarzan, começando a afastar-se.

- Adeus, Tarzan-jad-guru!... - bradou a jovem.

- Feliz é o meu Om-at, e também a sua Pan-at-lee, por terem um tal amigo!

Tarzan, soltando fortes brados, continuou a afastar-se... e os gryf, atraídos pela sua voz, seguiram-no. O fato de o seu ardil dar resultado, alegrava Tarzan, que se ia afastando de Pan-at-lee. Esperava que ela pudesse aproveitar aquela oportunidade para escapar, e ao mesmo tempo preocupavam-no os perigos que teria de enfrentar ainda. Havia os leões, os Tor-o-don, os homens de Kor-ul-lul... No entanto, a distância que ela tinha a percorrer não era grande.

Comprendia a coragem de Pan-at-lee, a sua possibilidade de lutar pela sobrevivência, e admirava-a por isso, embora sabendo que essa coragem era a lei natural dos primitivos, não abrangidos pela proteção que a civilização concede aos fracos.

Por várias vezes, durante a travessia do desfiladeiro, Tarzan tentou iludir os monstros que o perseguiam, mas sem o conseguir. Não havia maneira de os fazer abandonar a pista. Sempre que mudava de direção, eles mudavam também. Começava agora a compreender por que motivo os nativos de Pal-ul-don evitavam Kor-ul-gryf, havia muitos anos. A noite descia, e embora tivesse, durante longas horas, tentado escapar, estava como no primeiro momento. Todavia tinha esperança de que a escuridão o ajudasse... Tal não aconteceu, porém... e finalmente, pouco antes da madrugada, Tarzan suspendeu os seus esforços, procurou abrigo seguro numa árvore, e adormeceu.

Mais uma vez, o sol ia alto quando Tarzan acordou, repousado e fresco. Não fez qualquer esforço para localizar os monstros, e em vez disso tentou esconder-se entre a folhagem da árvore... mas o seu primeiro movimento foi seguido por um mugido cavernoso, embaixo.

Entre os numerosos requintes da civilização, a que Tarzan nunca se habituara, figurava o de praguejar... o que talvez lhe fizesse falta naquele momento para dar largas à sua fúria.

Em vez de praguejar, no entanto, apanhou um fruto maduro e atirou-o ao foinho de um dos gryf. A reação foi diferente da que o homem da selva esperava. Em vez de se enraivecer, o gryf, atingido entre os olhos, sacudiu a cabeça e afastou-se alguns passos. Essa reação trouxe uma idéia à mente de Tarzan, a recordação de alguma coisa que vira no dia anterior - quando o Tor-o-don batera nas monstruosas criaturas, com um pau.

Ele decidiu arriscar-se, num jogo que podia ser de morte. Apostando as argutas deduções da sua mente contra todas as provas de ferocidade dos monstros, começou a agir. Os seus movimentos eram calmos, nada nele indicava que se dispunha a arriscar a vida num lance que parecia de loucura. Principiou por escolher um ramo reto, com cerca de cinco centímetros na base, e cortou-o, removendo os pequenos ramos e as folhas, até obter uma vara com cerca de três metros de comprimento, cuja extremidade mais delgada aguçou. Acabado o seu trabalho, olhou para os triceratops.

- Whee-oo!... - bradou.

No mesmo instante, os monstros levantaram as cabeças e olharam para cima.

- Whee-oo!... - repetiu Tarzan, atirando-lhes o resto da carcaça do gamo.

No mesmo instante os gryf se lançaram sobre a carne, mugindo. Um deles tentou

agarrá-la e afastá-la do outro, mas este fincou os dentes na carcaça e puxou. Um instante depois os restos de Bara estavam rasgados, e cada um dos monstros tinha devorado, com gula, a sua parte. De novo olharam para o homem da selva... mas agora viram-no que descia da árvore.

Um dos gryf esboçou um avanço, e de novo, Tarzan repetiu o estranho grito do Tor-o-don. O gryf parou, como que intrigado e Tarzan saltou para o chão, avançando, ao mesmo tempo que brandia o pau aguçado e soltava o brado do homem primitivo, pela terceira vez.

A resposta seria o bramir rouco e baixo que Tarzan ouvira na véspera... ou o mugido da fera enraivecida? Da resposta a esta pergunta dependia a vida do homem da selva.

Pan-at-lee escutara o ruído feito pelos gryf, ao afastarem-se em perseguição de Tarzan. Quando teve a certeza de que estavam bastante longe para que ela pudesse fugir em segurança, saltou para o chão e correu, como uma corça assustada, saltando por cima do corpo do Tor-o-don e escalando rapidamente a falésia, ao longo das estacas de pedra. À entrada da gruta vizinha daquela que havia ocupado, acendeu uma fogueira e assou a perna de veado que Tarzan lhe havia dado. Depois matou a sede, na água que corria, cristalina, ao longo da escarpa.

Espereou durante todo o dia, escutando, umas vezes perto e outras vezes longe, os mugidos dos gryf que perseguiam o homem que miraculosamente surgira na sua vida. Sentia por esse homem a mesma profunda, quase fanática dedicação que outros haviam sentido por Tarzan dos Macacos. Feras e homens, Tarzan ligara-os a si por laços que eram mais fortes do que o aço... aos que eram limpos de alma e corajosos, ou fracos e indefesos. Mas nunca aparecera, entre os que admiravam Tarzan, um covarde, um ingrato ou um patife. Esses, homens ou feras, eram os que temiam e odiavam Tarzan.

Para Pan-at-lee, Tarzan significava tudo quanto era corajoso, e nobre, e heróico... e era também o amigo de Om-at, aquele a quem ela amava. Por qualquer destas razões, Pan-at-lee teria dado a vida por Tarzan.

Assim, esperou durante todo o dia e toda a noite, desejando ardentemente que ele voltasse e a acompanhasse até junto de Om-at. A experiência ensinara-lhe que dois têm maiores possibilidades do que um. Mas Tarzan não voltou... e na manhã seguinte Pan-at-lee partiu de regresso a Kor-ul-ja.

Conhecia os riscos que teria de enfrentar, mas sabia que não era necessário perder tempo preocupando-se antecipadamente com eles. Então se assustaria, se fizesse caso disso. Caminhava, assim, pela sua terra selvagem, como qualquer de nós pela rua de uma cidade. Mas a nossa vida é nas cidades, e a de Pan-at-lee é na selva. Neste mesmo instante, Pan-at-lee pode estar sentada na plataforma da gruta de Om-at, enquanto os leões rugem no desfiladeiro em baixo, e no alto da falésia, e os Kor-ul-lul ameaçam pelo sul, ou os Ho-don pelo vale de Jad-ben-Otho - pois Pan-at-lee ainda vive e está talvez alisando o seu pêlo raso e sedoso, sob o luar tropical de Pal-ul-don.

Mas Pan-at-lee não chegaria a Kor-ul-ja nesse dia, nem no dia seguinte, nem muitos dias depois, embora o perigo que a ameaçava não viesse dos Wazdon, nem das feras. Chegou sem dificuldades a Kor-ul-lul, e depois de descer a falésia pelo lado sul, sem

avistar os inimigos hereditários do seu povo, sentia-se confiante em que alcançaria a sua gente e o homem a quem amava - e que não via desde longas luas. Tinha quase atravessado o desfiladeiro de Kor-ul-lul, e avançava com uma cautela, que a confiança nascente não diminuía - pois a cautela, entre os primitivos, nunca pode ser posta de parte quando se quer sobreviver. Assim chegou à trilha que seguia ao longo da garganta, na direção do largo e fértil vale de Jad-ben-Otho.

Foi quando alcançava a trilha que, de ambos os lados e como se surgissem do ar, apareceram em volta dela uns vinte guerreiros altos, de pele branca... os Ho-don. Como uma gazela surpreendida, Pan-at-lee olhou em volta e saltou, correndo para o mato a fim de se esconder.

Mas os guerreiros estavam demasiado perto. Cercaram-na. Então, empunhando a sua faca, Pan-at-lee deixou de ser a gazela assustada para se transformar na leoa encurralada e enfurecida. Os Ho-don, no entanto, não tentaram matá-la, mas dominá-la e prendê-la, o que conseguiram, não sem que mais de um deles sentisse na carne a lâmina aguçada da faca. Por fim, amarraram-na e, para que não mordesse, atravessaram-lhe entre os lábios um pedaço de madeira, preso à nuca por tiras de cabedal.

Ao princípio, a moça recusou-se a caminhar quando quiseram levá-la para o vale, mas depois que dois guerreiros a agarraram pelos cabelos e a arrastaram durante alguns metros, pensou melhor e caminhou, embora numa atitude tão belicosa quanto lhe permitiam os braços amarrados e o pau atravessado entre os dentes.

Perto da entrada de Kor-ul-lul, encontraram outro grupo de guerreiros que haviam aprisionado vários Wáz-don da tribo de Kor-ul-lul. Tratava-se de um numeroso grupo de guerreiros Ho-don, que viera de uma das cidades numa expedição destinada a capturar escravos. Pan-at-lee compreendeu isso, porque as tais expedições estavam longe de ser raras. Durante a sua vida, no entanto, a tribo a que ela pertencia tinha sido bastante afortunada, ou suficientemente poderosa, para repelir esses assaltos.

Todavia, Pan-at-lee tinha ouvido falar de amigos e parentes que tinham sido levados pelos Ho-don, como escravos... e sabia também, o que lhe dava alguma esperança, que por vezes os escravos conseguiam fugir das cidades dos Ho-don.

Quando os dois grupos de guerreiros se juntaram, todos se encaminharam para o vale. Pelas conversas entre eles, Pan-at-lee soube que iam para A-lur, a Cidade da Luz.

Entretanto, na caverna dos seus antepassados, Om-at lamentava a perda do estranho homem que fora seu amigo, e da jovem que ia ser a sua companheira.

CAPÍTULO 8

A-lur

Quando o réptil silvante atacou o homem que atravessava a nado a zona de água aberta, no centro dos grandes pântanos que serviam de fronteira a Pal-uldon... o homem pensou que aquele podia realmente ser o fim inglório e inútil de uma dura e longa jornada, cheia de perigos. Pareceu-lhe também inútil tentar opor a sua faca a tão terrível inimigo. Se tivesse sido atacado em terra, talvez, como último recurso, tivesse usado a sua Enfield, embora houvesse percorrido muitas milhas de perigos sem recorrer a ela.

Fosse qual fosse o fim para que reservava as suas preciosas munições, era evidente que o considerava mais sagrado do que a sua própria vida. Mas, naquela situação, nem sequer podia utilizar a carabina, Embora as suas probabilidades de sobrevivência parecessem diminutas, não estava disposto a deixar-se vencer sem luta. Assim empunhou a sua faca, e esperou o ataque. O réptil não se parecia com qualquer outra criatura viva que ele tivesse visto antes, embora em alguns aspectos pudesse ser considerado semelhante a um crocodilo.

Enquanto o monstro, talvez sobrevivente de alguma raça extinta, se aproximava de boca aberta, o homem compreendeu a futilidade de esperar o ataque e tentar perfurar, com a sua faca, a forte couraça de escamas que cobriam o dorso do réptil. Parecia haver apenas uma tática, e o homem colocou-a em prática instantaneamente.

Com a rapidez de uma foca, mergulhou de cabeça sob o corpo do monstro, e voltando-se de costas cravou a faca no ventre mole e escorregadio, quando o ímpeto do réptil o fez passar sobre ele. Depois, com poderosas braçadas, nadou uma dúzia de metros debaixo de água, antes de emergir. Um relance de olhos mostrou-lhe o monstro debatendo-se furiosamente na superfície.

O fato de não fazer qualquer tentativa para perseguir o homem, era indício seguro de que o réptil devia estar mortalmente ferido. Assim, enquanto o espantoso animal mergulhava para sempre na água esverdeada, o homem alcançou finalmente a orla da região onde recomeçavam os pântanos.

Tinha ainda, na sua frente, horas de desesperados esforços, antes de chegar ao terreno firme de Pal-ul-don. Levou um pouco mais de duas horas arrastando-se por entre a lama, procurando pontos de apoio para avançar... mas finalmente alcançou a erva macia e espessa da margem. Içou-se, sentindo finalmente sob ele a terra firme, e após alguns instantes de repouso encaminhou-se para uma torrente que despejava as suas águas nos pântanos. Procurou, e acabou por encontrar, um remanso nas águas cristalinas e frias. Aí, largando o seu equipamento, mergulhou com prazer, lavando-se do lodo e da lama viscosa. A seguir lavou também a tanga e as armas. Gastou mais uma hora, sob o sol ardente, secando, polindo e lubrificando a sua Enfield, embora, para secá-la, dispusesse apenas de ervas secas. Começava a entardecer quando, finalmente convencido de que a preciosa arma estava salva de qualquer estrago causado pela poeira, pela lama ou pela água, se levantou e começou a buscar a pista que tinha seguido até aos pântanos. Encontraria de novo? Se não a encontrasse... teria de concluir que a sua longa

jornada terminava por um fracasso. Começou a procurar, curvado e atento, os olhos penetrantes observando cada polegada de terreno...

Avançando para os gryf, Tarzan imitava, tanto quanto podia recordar-se, as atitudes e as maneiras do Tor-o-don... mas sentia a cada instante que o seu destino estava ainda por decidir, pois o monstro não manifestava qualquer sinal de aceitação nem de cólera. Limitava-se a fitá-lo com os seus frios olhos de réptil.

Tarzan levantou a vara e, com outro "Whee-oo!", deu uma pancada no focinho do gryf.

O monstro esboçou um brusco movimento de cabeça na sua direção, sem o alcançar, e afastou-se uns passos... tal como fizera na véspera com o Tor-o-don. Então Tarzan deu a volta, subiu pela cauda enorme e instalou-se sobre o grande dorso.

Depois, imitando sempre o que vira, picou o gryf com a ponta aguçada da vara, e fê-lo avançar na direção do vale. A sua primeira idéia havia sido ver se lhe seria possível estabelecer alguma espécie de autoridade sobre os monstros, pois nessa possibilidade estava a sua única esperança de se libertar deles. Mas agora, montado sobre o dorso do gigantesco animal, experimentava a sensação de uma excitação nova... que todavia lhe recordava a primeira vez em que subira para a grande cabeça de Tantor, o elefante. Isto, juntamente com uma idéia de domínio que era como ar que respirava, para o senhor da selva, decidiu-o a utilizar o seu novo poder para um fim útil.

Calculava que Pan-at-lee devia estar já em segurança... ou morta.

De qualquer maneira já não podia ajudá-la mais - e para além de Kor-ul-gryf, no amplo vale macio e verde, estava A-lur, a Cidade da Luz que, desde que a avistara do alto de Pastar-ul-ved, havia sido a sua ambição e a sua meta.

Ignorava se a sua companheira perdida se encontrava por trás das muralhas da cidade branca - mas, se Jane vivia e estava em Pal-ul-don, tinha de se encontrar ali, pois os Waz-don não faziam prisioneiros. Assim, queria entrar em A-lur... e que melhor maneira teria do que indo sobre o dorso do monstro que apavorava todas as raças de Pal-ul-don?

Uma pequena torrente, vinda da montanha, descia o Kor-ul-gryf para depois se juntar com a que conduzia para o vale as águas de Kor-ul-lul, formando um estreito rio que se dirigia para sudoeste e provavelmente ia desaguar no maior dos lagos do vale, não longe de A-lur. Uma antiga trilha, pisada por incontáveis gerações, seguia para A-lur... e foi ao longo dessa trilha que Tarzan conduziu o gryf. Tendo saído da floresta, Tarzan entrevia por vezes a cidade branca, abaixo, distante.

A região que atravessava era resplandecente de luxuriante verdura tropical. Erva alta e espessa alcançava a cintura, de ambos os lados da trilha, e o caminho atravessava pequenas florestas, belas como parques, ou selvas onde as copas das árvores formavam um magnífico dossel. As lianas pendiam por toda a parte, graciosamente, entre as ramadas.

Por vezes o homem da selva tinha certa dificuldade em se fazer obedecer pela sua espantosa montada, mas as picadas da vara decidiam tudo.

Ao fim da tarde, quando se aproximavam da confluência das duas torrentes, que

adiante se encontravam ainda com outra vinda de Kor-ul-ja, o homem da selva avistou um numeroso bando de guerreiros Ho-don, na outra margem. Quase no mesmo instante os Ho-don viram-no... e viram o animal que Tarzan montava.

Por momentos olharam, espantados, mas logo, ao comando de um chefe, voltaram-se e correram para abrigar-se num bosque próximo.

Tarzan viu-os apenas de relance, mas notou que entre eles iam alguns Wáz-don, decerto aprisionados numa das expedições de que Ta-den e Om-at lhe haviam falado.

Ao som das vozes deles, o gryf soltou um pavoroso mugido e lançou-se para a frente, apesar do rio que tinha de atravessar para alcançá-los. Tarzan conseguiu levar o monstro de volta para a trilha, mas depois disso e durante muito tempo, o gryf mostrou-se mais sombrio, teimoso e intratável, do que até então.

Quando o sol se aproximou dos píncaros das montanhas, a oeste, Tarzan pensou que o seu plano de entrar em A-lur montado no gryf, estava destinado a falhar... pois a irritação do monstro crescia de momento a momento, sem dúvida porque tinha fome. Resolveu deixar o animal em liberdade, confiando na sorte para voltar a encontrá-lo na manhã seguinte.

Mas agora apresentava-se a questão de saber como reagiria o gryf quando Tarzan tivesse desmontado.

Voltaria a persegui-lo, ou o domínio do homem da selva poderia manter-se sobre o instinto natural do caçador carnívoro?

Tarzan não sabia, mas não podia ficar indefinidamente sobre o gryf. Decidido a fazer a experiência final enquanto havia luz do dia, dispôs-se a agir sem demora.

Não sabia como fazer parar o monstro, pois até esse momento a sua única idéia tinha sido fazê-lo avançar. Experimentando com a vara, no entanto, verificou que podia detê-lo batendo-lhe no focinho em forma de bico. Perto deles havia um grupo de grandes árvores, em qualquer das quais Tarzan poderia encontrar refúgio. Mas pensou que, se corresse imediatamente para as árvores, o gryf podia ter a impressão de que ele o temia, e o resultado seria desastroso.

Assim, quando o monstro parou, Tarzan deslizou para o chão, bateu com a vara no flanco do animal, como para despedi-lo, e afastou-se em passo calmo. Da garganta do gryf veio um bramido baixo, e sem sequer olhar para Tarzan, o monstro entrou no rio e esteve bebendo durante muito tempo.

Convencido de que o gryf deixara de constituir uma ameaça para ele, o homem da selva, impelido pela fome, empunhou o arco, escolheu um punhado de flechas e partiu em busca de caça... a caça de que o vento lhe trazia o cheiro, vindo de um ponto mais abaixo, no rio.

Dez minutos depois havia abatido a sua presa, novamente uma das espécies de antílopes de Pal-ul-don, Tarzan conhecia todas as espécies de antílopes pelo nome de Bara, desde o princípio, através das gravuras do seu livro. Era o nome que lhes davam os grandes macacos, e abrangia animais de todos os tamanhos, desde os maiores aos menores.

Cortando uma perna do antílope, escondeu-a numa árvore próxima e, com o resto

da carcaça sobre os ombros, correu para o ponto onde deixara o gryf.

Encontrou-o quando saía do rio, e soltou o estranho brado dos Tor-o-don. O monstro olhou na sua direção, emitiu um bramido baixo, e quando Tarzan o chamou pela segunda vez, aproximou-se. Então o homem da selva atirou para o chão a carcaça do antílope, que o gryf começou a devorar avidamente.

- Se alguma coisa puder mantê-lo ao alcance da voz... - murmurou Tarzan, ao voltar para a árvore onde guardara a sua parte - ... será a idéia de que eu lhe darei de comer...

Mas, ao instalar-se sobre a forquilha de uma árvore, para passar a noite, Tarzan confiava pouco na possibilidade de entrar em A-lur, na manhã seguinte, montado no seu pré-histórico corcel.

Quando acordou, de manhã, Tarzan saltou agilmente para o chão e encaminhou-se para o rio. Libertando-se das armas e da tanga, entrou na água fria e banhou-se, refrescando-se. Depois foi buscar o resto da carne de Bara e comeu, acrescentando ao seu pequeno almoço alguns frutos que cresciam perto, em abundância.

Acabada a refeição, soltou o estranho grito dos Tor-o-don, na esperança de fazer aparecer o gryf, mas apesar de o chamar várias vezes não obteve resposta.

Talvez o monstro tivesse voltado para o Kor-ul-gryf... mas de qualquer modo havia partido. Assim, Tarzan tomou o caminho de A-lur, confiando no seu conhecimento da linguagem dos Ho-don, na sua grande força e na astúcia de que era dotado.

A comida e o descanso tinham apagado todos os vestígios de cansaço, e a jornada para A-lur, na manhã clara e fresca, ao longo do rio, pareceu-lhe deliciosa... As diferenças entre Tarzan e os outros habitantes da selva não eram apenas físicas e mentais. Eram, largamente e sobretudo, espirituais. Um dos mais fortes motivos do seu amor pela selva, sem dúvida estava na sua capacidade de apreciar as belezas da natureza pródiga e multifórmica. Os macacos interessam-se mais por uma lagarta sob um tronco apodrecido, do que pela majestosa grandeza dos gigantes da floresta, com as suas ramadas ondulando ao vento.

Numa não dedicava um olhar à paisagem, apenas se ocupava da presa que nela avistava.

Ao aproximar-se da cidade, a atenção de Tarzan concentrou-se na arquitetura dos edifícios exteriores, feitos, como todos os outros, com a mesma pedra branca das falésias. Em todo o vale havia, esparsas, pequenas colinas dessa pedra branca. A explicação, dada por Ta-den, sobre os processos de construção das casas, justificava as formas, por vezes notáveis, dos edifícios que, ao longo das idades, tinham crescido sobre essas colinas de pedra branca. Os exteriores eram esculpidos pelos homens, e construíam, segundo uma fantasia que, no entanto, respeitava a forma original das colinas, num desejo evidente de poupar trabalho e espaço. Os interiores haviam sido escavados conforme a mesma idéia de aproveitamento.

Tarzan viu que as sobras de pedra haviam sido utilizadas na construção das muralhas em volta de cada casa, ou grupo de casas erguidas na base da mesma colina. Mais tarde, Tarzan veria que essas pedras tinham também servido para pavimentar as ruas.

Havia gente que se movimentava na cidade e sobre as estreitas plataformas e terraços, que separavam os edifícios e pareciam ser uma das peculiaridades de A-lur. Tarzan não se surpreendeu pelo fato de, mesmo a curta distância, não despertar suspeitas naqueles que o viam. Na verdade, nas grandes linhas do aspecto exterior e da cor da pele, nada o distinguia dos nativos, embora, mais de perto, a disposição dos dedos dos pés, o comprimento dos polegares e, acima de tudo, a ausência da cauda, fossem necessariamente notáveis.

Mas ele estabelecera um plano de ação, e ia pô-lo em prática sem perder tempo com hesitações.

Assim, foi com perfeita naturalidade que Tarzan entrou na cidade de A-lur. A primeira pessoa a notar alguma coisa de diferente na sua aparência, foi um garoto que brincava na entrada de um dos edifícios murados.

- Não tem cauda! Não tem cauda... -bradou o garoto, atirando-lhe uma pequena pedra.

Mas, logo a seguir, o garoto calou-se e abriu muito os olhos, fitando Tarzan, ao compreender que não se tratava apenas de um Ho-don que perdera a cauda. Espantado, o pequeno deu meia volta e correu, gritando, para o pátio da casa.

Tarzan prosseguiu o seu caminho, compreendeu que se aproximava o instante em que o seu plano ia ser submetido a uma prova decisiva. Não teve muito que esperar, pois na esquina seguinte encontrou-se de frente com um guerreiro Ho-don. Viu a surpresa nos olhos do homem, logo seguida por uma expressão de suspeita. Mas, antes que o Ho-don pudesse falar, Tarzan disse:

- Sou estrangeiro, de outra terra, e quero falar a Ko-tan, o teu rei! O Ho-don recuou um passo, levando a mão ao cabo da faca.

- Nenhum estrangeiro entra em A-lur... - retorquiu... a não ser como inimigo ou como escravo.

- Não venho como escravo nem como inimigo... - respondeu Tarzan. - Sou enviado por Jad-ben-Otho! Olha!

E Tarzan estendeu as mãos, para que o outro as visse bem, e girou sobre si mesmo para mostrar a ausência de cauda. O seu plano fora baseado nessas diferenças - por se recordar da disputa entre Om-at e Ta-den, em que este afirmara a fé dos Ho-don num deus desprovido de cauda. O guerreiro abriu os olhos espantados, onde todavia ainda existia um brilho de suspeita.

- Jad-ben-Otho!... -murmurou. - É certo que não é um Ho-don nem um Waz-don, e também é certo que Jad-ben-Otho não tem cauda. Vem... Vou levá-lo a Ko-tan, porque um simples guerreiro não pode interferir nisto. Siga-me!

E, sem afastar a mão do cabo da faca, e sem deixar de olhar de soslaio para o homem da selva, guiou-o através de A-lur. A cidade ocupava uma vasta área. Por vezes havia grandes distâncias entre grupos de edifícios, e em outros pontos tinham sido construídos muito perto uns dos outros. Havia grupos importantes - decerto construídos sobre colinas maiores, e as ladeiras eram frequentes e por vezes bastante íngremes.

Enquanto caminhavam, encontraram numerosos guerreiros e mulheres. Todos mostraram grande curiosidade pelo estrangeiro, mas não houve qualquer gesto de ameaça, pois ele ia a caminho do palácio do rei.

Chegaram finalmente a um aglomerado que cobria uma vasta área, construído decerto sobre uma falésia que dominava um grande lago azul.

Esse aglomerado de edifícios estava rodeado por uma muralha consideravelmente mais alta do que qualquer outra que Tarzan tivesse visto antes, na cidade. O guia conduziu-o a uma porta em arco, diante da qual se encontravam uns doze ou catorze guerreiros que, ao vê-los, formaram barreira em frente da passagem. Nessa altura, Tarzan e o guia já eram seguidos por um numeroso grupo de curiosos que, aos olhos dos guardas, deviam ter a aparência de uma formidável multidão.

O guia contou o que sabia e Tarzan foi conduzido para um pátio onde ficou sob vigilância, enquanto um dos guardas entrava no palácio, seguramente a fim de avisar Ko-tan. Cerca de vinte minutos depois, apareceu um guerreiro de grande corpulência, seguido por vários outros, e todos observaram Tarzan com todas as aparências de viva curiosidade, enquanto se aproximavam. O que parecia ser o chefe, parou diante do homem da selva.

- Quem é você?... - perguntou. - E que quer de Ko-tan, o rei?

- Sou um amigo... - disse Tarzan - ... e venho dos domínios de Jad-ben-Otho, para visitar Ko-tan de Pal-ul-don.

O guerreiro e os seus seguidores pareceram impressionados. Tarzan podia ver que estes últimos falavam uns com os outros, em voz baixa.

- Como chegou aqui... e que quer de Ko-tan? Tarzan endireitou o corpo, enchendo de ar o peito poderoso.

- Basta!... - exclamou. - É preciso que o mensageiro de Jad-ben-Otho seja tratado como um Wáz-don vagabundo? Levem-me ao rei... ou terão de sentir a ira de Jad-ben-Otho!

Tarzan não estava muito seguro de poder levar por diante a sua demonstração de arrogância - mas esperava, com divertido interesse, o resultado. A espera foi curta, pois no mesmo instante se modificou a atitude do inquiridor. Empalideceu, olhou de relance para o céu, e estendeu a mão direita para Tarzan, enquanto, com a esquerda, tocava o seu próprio peito.

Mas Tarzan recuou um passo, como ante um gesto sacrílego, e tomou uma expressão de cólera.

- Para trás... - exclamou. - Como ousaria tocar na pessoa sagrada do mensageiro de Jad-ben-Otho? Essa honra só a darei a Ko-tan, como favor especial de Jad-ben-Otho! Rápido! Já esperci demais! Como se atrevem Ho-don de A-lur a receber assim o filho de meu pai?

A primeira idéia de Tarzan tinha sido assumir o papel do próprio Jad-ben-Otho, mas tinha pensado que seria demasiadamente complicado e aborrecido ter de manter a cada instante uma aparência de deus. No entanto, o êxito do seu plano levava-o agora a dizer-se filho de Jad-ben-Otho, pois o filho de um deus teria decerto maior autoridade

do que um simples mensageiro. Por outro lado, um jovem deus não precisaria de exibir tanta majestade...

Desta vez, o efeito das suas palavras foi imediato e quase fulminante. Todos recuaram e o guerreiro que o havia interrogado ficou lívido de terror. As suas desculpas, quando por fim recuperou o uso da palavra, eram tão rastejantes que Tarzan a custo reprimiu um sorriso de divertido desprezo.

- Tem piedade, oh Dor-ul-Otho! Tem piedade do pobre Dak-lot. Segue na minha frente, como é o teu direito, e eu te conduzirei aonde Ko-tan, o rei, te espera, trémulo de respeito. Afastem-se, miseráveis criaturas!... – acrescentou Dak-lot, empurrando os guerreiros a fim de que abrissem um largo caminho para Tarzan.

- Vamos!... - ordenou o homem da selva, imperioso. - Conduza-me ao rei, e que os outros nos sigam!

O apavorado Dak-lot apressou-se a obedecer... e assim Tarzan dos Macacos entrou no palácio de Ko-tan, rei de Pal-ul-don.

CAPÍTULO 9

Altars manchados de sangue

A entrada, através da qual Tarzan viu pela primeira vez o interior do palácio, era em pedra finamente trabalhada, com belos desenhos representando aves, outros animais e homens.

Os baixos-relevos tinham magníficas proporções, e prolongavam-se em outros compartimentos. Não havia, porém, nenhum ornamento tecido, o que indicava que, sob esse aspecto, os Ho-don estavam muito atrasados na escala da evolução, no entanto, as proporções das salas e dos corredores traduziam um certo grau de civilização, assim como os vasos de pedra e os adornos de ouro. Por toda a parte se viam peles de animais.

Atravessaram vários compartimentos e longos corredores, subiram três lanços de uma ampla escada de pedra, e por fim chegaram a uma plataforma, no lado oeste do edifício, que dominava o grande lago azul.

A plataforma era acompanhada por uma arcada. O pequeno cortejo seguiu ao longo das arcadas, durante uma centena de metros, até parar diante de uma larga entrada que comunicava com outra sala do palácio, ali Tarzan viu um considerável número de guerreiros, num compartimento vastíssimo cujo teto se erguia a uns quinze metros de altura. Enchendo quase o compartimento, havia uma pirâmide que, com grandes degraus, levava à cúpula, onde vários orifícios redondos deixavam passar a luz. Os degraus da pirâmide estavam ocupados por guerreiros, até acima. Aí estava sentado o vulto de um homem imponente e majestoso, cujo vestuário enfeitado de ouro brilhava sob os raios do sol que passavam pelos orifícios superiores.

- Ko-tan!... - exclamou Dak-lot, dirigindo-se à figura resplandecente no alto da pirâmide. - Ko-tan e guerreiros de Pal-ul-don! Atentai na honra que Jad-ben-Otho vos fez, enviando-vos como mensageiro o seu próprio filho!... - e Dak-lot afastando-se, indicou Tarzan, com um gesto largo e espetacular.

Ko-tan ergueu-se, e cada guerreiro voltou a cabeça para olhar o recém-chegado. Os que estavam do outro lado da pirâmide, adiantaram-se logo que ouviram as palavras do velho guerreiro. Havia uma expressão de incredulidade na maioria das caras... mas uma incredulidade cautelosa, Fosse qual fosse o resultado daquilo, eles queriam estar do lado seguro da barricada.

Por momentos, todos os olhares se concentraram em Tarzan, mas depois, pouco a pouco, desviaram-se para Ko-tan. A atitude do rei determinaria as de todos. Mas Ko-tan parecia enfrentar o mesmo problema, havia nele indecisão e dúvida.

Tarzan mantinha-se reto, os braços cruzados sobre o peito largo, a bela face traduzindo uma expressão de desdenhosa altivez. Mas, para Dak-lot, nessa expressão havia também uma cólera crescente. A situação era tensa. Dak-lot, agitado, olhava com receio para Tarzan e depois para Ko-tan. Um silêncio tumular invadia a grande sala do trono de Pal-ul-don.

Por fim, Ko-tan falou, fitando terrivelmente Dak-lot:

- Quem diz que ele é Dor-ul-Otho?
- Ele o disse... - respondeu o apavorado guerreiro.
- E portanto deve ser verdade?... - perguntou Ko-tan.

Haveria um tom de ironia na voz do rei? Dak-lot olhou de relance para Tarzan, como a comunicar-lhe a garantia da sua própria fé... mas que apenas traduzia o seu terror.

- Oh, Ko-tan!... - exclamou Dak-lot. - Os teus olhos podem convencer-te de que ele é o filho de Jad-ben-Otho. Olha a sua figura divina, as mãos e os pés que não são como os nossos... E, tal como o seu poderoso pai, não tem cauda!

Ko-tan pareceu notar estes fatos pela primeira vez, e o seu ceticismo ficou abalado. Nesse momento um jovem guerreiro, que abrira caminho desde o lado oposto da pirâmide, exclamou por sua vez:

- Ko-tan, a verdade deve ser como diz Dak-lot, porque eu já vi antes Dor-ulotho! Ontem, quando voltávamos com os prisioneiros de Kor-ul-lul, vim-lo montado sobre o dorso de um enorme gryf. Escondemo-nos nos bosques antes que se aproximasse, mas eu vi o bastante bem para saber que quem montava o monstro era o mensageiro que aqui está!

Esta prova pareceu bastar para convencer a maioria dos guerreiros, de que realmente estavam na presença de uma divindade. Mostravam isso claramente, nas suas expressões, e tomados de súbita modéstia todos tentaram esconder-se uns atrás dos outros, com o resultado de um súbito recuo dos que se encontravam mais perto de Tarzan. Os degraus do trono ficaram desertos. Ko-tan, possivelmente influenciado pela atitude da sua gente, mudou de tom e de maneiras, como para não correr riscos se na verdade se tratasse de Dor-ul-otho, embora salvaguardando uma aparência de dignidade para o caso de se tratar de um impostor.

- Se na realidade és Dor-ul-otho... - disse, dirigindo-se a Tarzan -... compreenderá que a nossa dúvida é natural, pois não recebemos qualquer sinal de que Jad-ben-Otho queria conceder-nos tão grande honra... e também não sabíamos que o grande deus tivesse um filho. Se é verdade, toda a Pal-ul-don se alegra por te honrar... se não for, rápido e terrível será o teu castigo. Eu, Ko-tan, rei de Pal-ul-don disse o que tinha a dizer.

- E falou bem, como deve falar um rei... - respondeu Tarzan, quebrando o seu longo silêncio... - um rei que teme e honra o deus do seu povo. Está bem que você insista em que eu seja Dor-ul-Otho, antes de me prestar a homenagem a que tenho direito. Jad-ben-Otho encarregou-me de verificar se é na verdade digno de ser rei do seu povo. A minha primeira impressão é de que Jad-ben-Otho fez bem em insuflar-te o espírito de um rei!

O efeito desta declaração, calmamente feita, sentiu-se nas expressões e no pasmo admirativo de todos. Finalmente sabiam como eram feitos os reis!

A escolha dependia de Jad-ben-Otho, que lhes insuflava o espírito da realeza! Maravilha das maravilhas! E aquela criatura divina, que estava ali com eles, sabia tudo...

- Está bem... - continuou Tarzan - ... que queira assegurar-se de que não sou um

impostor. Aproxime-se e verá que não sou um homem como os outros homens. Para mais, não deve estar num lugar mais alto do que o filho do teu deus!

Houve um súbito impulso para o chão, e Ko-tan não desceu muito atrás dos guerreiros que ainda se haviam mantido em cima, perto do trono. Todavia conseguiu manter uma certa dignidade ao descer as escadas - polidas pelo contacto de muitos pés nus, ao longo dos tempos.

- E agora... - prosseguiu Tarzan, quando o rei parou diante dele - ... não pode ter dúvidas de que não pertença à mesma raça que você. Os teus sacerdotes disseram-te que Jad-ben-Otho não tem cauda, e portanto são também desprovidos de cauda os que pertencem à raça divina. Mas basta de tais provas! Conhece o poder de Jad-ben-Otho, sabe como os raios descem do céu trazendo a morte se tal é a sua vontade... como a chuva cai à sua ordem... e como as ervas, as flores, os frutos e as árvores tomam vida quando ele manda. Viu nascer e morrer, e sabe que aqueles que honram o seu deus... o honram porque ele tudo governa. Que aconteceria então a um impostor que se dissesse filho do poderoso deus? Jad-bem-Otho o destruiria no mesmo instante. Não precisam de outras provas, pois Jad-ben-Otho, da mesma maneira, destruirá aqueles que negarem a verdade!

Assim, não havia possibilidade de pôr em dúvida as palavras daquele estranho homem... sem ao mesmo tempo mostrar falta de fé no poder do próprio Jad-ben-Otho... Ko-tan ficou convencido de que estava perante uma divindade... mas não fazia a menor idéia de como honrar essa presença. As suas idéias de deus eram um tanto vagas, embora acreditasse que os deuses, como os demônios, eram pessoas. Pensara sempre que as preferências de Jad-ben-Otho, as suas alegrias, deviam ser semelhantes às que ele próprio tinha... E, assim, lembrou-se de que Dor-ul-Otho ficaria contente por comer... comer grandes quantidades de todas as coisas de que ele, Ko-tan, gostava mais, embora lhe fizessem mal à saúde, e havia também uma bebida que as mulheres dos Ho-don fabricavam, deixando fermentar milho no sumo de vários frutos, ao que acrescentavam outros ingredientes que só elas conheciam.

Ko-tan sabia, por experiência, que essa bebida dava, a quem a ingerisse, uma grande felicidade e o esquecimento de todos os problemas - mesmo que se tratasse de um rei. Acontecia apenas, lamentavelmente, que na manhã seguinte surgiam sofrimentos tanto maiores quanto haviam sido maiores os prazeres da véspera.

Mas um deus - pensava Ko-tan - decerto poderia gozar as delícias sem as dores de cabeça. Todavia, era urgente pensar nas dignidades e honras com que devia, sem mais demoras, acolher o seu hóspede imortal. nenhuns pés, além dos pés dos reis, haviam pisado o alto da pirâmide na sala do trono de A-lur, desde as remotas idades em que os reis tinham governado Pal-ul-don daquele ponto elevado.

Portanto, que melhor ou maior honra podia ele oferecer a Dor-ul-Otho, do que dar-lhe um lugar a seu lado? Assim, convidou Tarzan a subir a pirâmide e sentar-se, com ele, no estrado de pedra. Quando chegaram ao último degrau, antes do estrado, Ko-tan ia subir ainda, para se sentar no trono, quando Tarzan o deteve.

-Ninguém pode sentar-se à mesma altura que os deuses... - disse ele, subindo o último degrau e tomando lugar no trono. Ko-tan mostrava-se embaraçado, sem ousar

manifestar esse embaraço. Mas... - acrescentou Tarzan ... um deus pode honrar o seu fiel servidor, convidando-o a sentar-se a seu lado. Sobe, Ko-tan, agrada-me conceder-te esta honra em nome de Jad-ben-Otho.

A tática de Tarzan consistia em incutir respeito e medo na mente de Ko-tan sem todavia fazer dele um inimigo mortal. Não sabia até que ponto os Ho-don eram religiosos, pois desde que impedira a discussão entre Om-at e Ta-den, sobre esse assunto, não mais tinham voltado a falar de religião. No entanto, parecia-lhe que agira bem, a julgar pelas expressões dos guerreiros. Por indicação de Tarzan, os negócios da corte continuaram no ponto onde estavam quando ele chegara.

Consistiam, especialmente, na resolução de disputas entre os guerreiros. Um destes tinha estado de pé no último degrau da pirâmide, logo abaixo do trono -

o que, como Tarzan veio a saber depois, era o lugar reservado para os mais altos chefes das tribos aliadas que constituíam o reino de Ko-tan.

O guerreiro que chamara a atenção de Tarzan era um homem robusto, alto, de fortes feições. Apresentava a Ko-tan um assunto que é tão velho como os governos, e que continuará a manter a mesma importância enquanto existirem homens.

Tratava-se de uma disputa de fronteiras com um dos seus vizinhos. Em si mesmo, o assunto era de nenhum interesse para Tarzan, mas tinha ficado impressionado com a aparência do guerreiro e, quando Ko-tan o tratou por Ja-don, a atenção do homem da selva fixou-se. Ja-don era o pai de Ta-den. Que esse conhecimento pudesse vir a beneficiá-lo de alguma forma, era apenas uma remota possibilidade, visto que não podia revelar a Ja-don a sua amizade com o filho, sem ao mesmo tempo reconhecer a falsidade da sua pretensão a ser filho de Jadben-Otho.

Quando as audiências terminaram, Ko-tan sugeriu ao filho de Jad-ben-Otho uma visita ao templo onde se realizavam os rituais da adoração do grande deus. Assim, o homem da selva foi conduzido pelo próprio rei, seguido pelos guerreiros do seu séqüito, ao longo dos corredores do palácio, na direção da extremidade norte do grupo de edifícios incluídos no real recinto.

O templo formava parte do palácio, e era-lhe semelhante em arquitetura. Havia vários compartimentos cerimoniais, de variados tamanhos, cuja aplicação Tarzan desconhecia. Cada um tinha um altar na extremidade oeste, outro na extremidade leste, e eram ovais, sendo o diâmetro mais comprido sempre na direção leste-oeste. Eram escavados no alto de uma pequena colina, e não tinham cobertura. Os altares de oeste eram invariavelmente formados por um bloco de pedra, escavado em cima numa espécie de bacia alongada. Os do lado leste eram também blocos de pedra, com a superfície superior lisa, mas aí a pedra estava manchada, invariavelmente, de castanho-avermelhado. Tarzan não precisou examinar essas manchas para verificar o que o olfato lhe revelava – eram manchas de sangue mais ou menos seco.

Abaixo havia uma série de compartimentos e corredores que se internavam profundamente pelas entranhas da colina, sombrias passagens que Tarzan viu de relance durante a sua visita ao templo. Um mensageiro havia sido enviado por Ko-tan, para anunciar a chegada do filho de Jad-ben-Otho, e como consequência eram acompanhados por um numeroso cortejo de sacerdotes cujas funções eram indicadas por grotescos

tocados, por vezes tratava-se de horríveis caretas de madeira, que escondiam completamente as feições dos que as usavam, ou de outras vezes eram cabeças de animais selvagens, ajustadas sobre as próprias cabeças dos sacerdotes. Só o grande sacerdote trazia a cabeça a descoberto. Era um velho, de olhos muito juntos e astutos, e uma boca cruel, de lábios delgados.

Assim que o viu, Tarzan compreendeu que estava ali o perigo maior para o seu ardil. O antagonismo era visível nos olhos do velho, e Tarzan sabia que, exatamente por ser o grande sacerdote, deveria considerar com maiores suspeitas aquele que se dizia filho de um fabuloso deus.

Fossem quais fossem as suspeitas que albergava, Lu-don, o grande sacerdote de A-lur, não discutiu abertamente os direitos de Tarzan ao título de Dor-ul-Otho, e talvez fosse retido pelas mesmas hesitações que tinham retido antes Ko-tan e os seus guerreiros - a dúvida que persiste no fundo do espírito dos blasfemadores... e que se baseia no medo de que, no fim de contas, exista um deus. Assim, pelo menos no momento, Lu-don não se arriscou. Todavia Tarzan compreendera, tão claramente como se ele tivesse falado, que o grande sacerdote faria tudo para desmascará-lo.

À entrada do templo, Ko-tan confiara ao grande sacerdote a honra de conduzir o visitante divino, e agora Lu-don guiava-o através dos pontos que tinha maior interesse em lhe mostrar. Levou-o à grande sala onde estavam guardadas as ofertas votivas feitas pelos chefes bárbaros de Pal-ul-don, e pela sua gente.

Essas ofertas iam desde frutos secos até grandes vasos maciços de ouro martelado, de maneira que havia ali um acúmulo de riquezas que surpreendeu mesmo o homem que conhecia o segredo dos tesouros de Opar.

Movendo-se de um lado para o outro, no templo, viam-se escravos Wázdon, trazidos pelos Ho-don dos seus ataques às aldeias dos vizinhos menos civilizados. Quando passaram à entrada gradeada de um escuro corredor, Tarzan viu, do outro lado, um grande número de pitecantropos de ambos os sexos e de todas as idades. Havia ali gente dos Ho-don e dos Waz-don, na maioria sentados no chão, em atitudes de angústia, enquanto alguns caminhavam de um lado para o outro, com expressões de total desespero.

- Quem são estes que estão aqui e parecem infelizes?... - perguntou Tarzan a Lu-don.

Era a primeira pergunta que lhe dirigia, e logo lamentou tê-la feito. Lu-don fitou-o, com um olhar onde a suspeita era aparente.

- Quem pode sabê-lo melhor do que o filho de Jad-ben-Otho?... - disse o velho.

- As perguntas de Dor-ben-Otho não podem impunemente ser respondidas com outras perguntas... - disse o homem da selva, tranqüilamente - ... e talvez Ludon tenha interesse em saber que o sangue de um falso sacerdote, sobre um altar do seu templo, não desagradará a Jad-ben-Otho.

Lu-don empalideceu e respondeu logo:

- São os que serão sacrificados sobre os altares de leste, para que o seu sangue alegre o teu pai, quando o sol desce ao fim do dia.

- E quem te disse... - respondeu Tarzan -... que Jad-ben-Otho tem prazer em que o seu povo seja assassinado sobre o seu altar? Pode estar enganado...

- Sendo assim... inumeráveis milhares morreram em vão... - disse Lu-don.

Ko-tan e os outros guerreiros e sacerdotes, assistiam atentamente ao diálogo. Algumas das pobres vítimas, por trás das grades, tinham ouvido e haviam-se levantado, aproximando-se da porta por onde um deles saía, em cada dia, para não mais voltar.

- Liberte-os!... - ordenou Tarzan, com um aceno para as vítimas da cruel superstição. - Posso dizer-lhes, em nome de Jad-ben-Otho, que estão enganados!

CAPÍTULO 10

O jardim proibido

- Sacrilégio!... - bradou Lu-don, lívido. – Há incontáveis anos que os sacerdotes do grande deus oferecem, em cada noite, uma vida ao espírito de Jad-ben-Otho, quando o espírito se esconde para além do horizonte, no poente, para juntar ao deus... e nunca o grande deus deu sinal do seu desagrado!

- Basta!... - ordenou Tarzan. - Essa é a cegueira do padre que não lê nem entende as mensagens do grande deus! Os seus guerreiros morrem sob as facas e as clavas dos Wáz-don... Os seus caçadores são devorados pelos leões e pelos gryf... Não passa um dia sem que morram alguns ou muitos, e uma morte por dia, desses que morrem, é o tributo que Jad-ben-Otho os faz pagar por essas vidas que vocês cortam nos altares de leste. Que mais sinais de desagrado pretende, estúpido sacerdote?

Lu-don calou-se. Dentro dele travava-se uma tremenda luta entre o medo de estar de fato na presença de um deus, e a esperança de que se tratasse de um impostor. Por fim, o medo venceu e o velho curvou a cabeça.

- O filho de Jad-ben-otho falou... - disse ele. E acrescentou, dirigindo-se aos seus auxiliares. - Abram a grade e mandem essa gente para o lugar de onde veio.

As grades foram abertas, e os prisioneiros, compreendendo agora o milagre que os salvara, saíram em tumulto e lançaram-se aos pés de Tarzan, agradecendo em grandes brados.

Ko-tan parecia quase tão espantado como o grande sacerdote, pela brusca modificação de um ritual milenar. Exclamou:

- Mas que podemos nós fazer, agora, que seja agradável aos olhos de Jad-ben-Otho?

- Se querem agradar ao seu deus... - respondeu Tarzan - ...coloquem sobre os altares ofertas de comidas e outras coisas que poderão servir ao povo das cidades. Jad-ben-Otho abençoará essas coisas, que serão distribuídas entre os mais necessitados. Vi, com os meus olhos, que têm muito para distribuir, e outras ofertas serão apresentadas quando os sacerdotes explicarem ao povo que só assim poderão agradar ao deus...

E Tarzan, voltando-se, indicou que queria sair do templo. Quando saíam, o homem da selva notou um edifício de pequenas dimensões, sobrecarregado de ornatos, que se erguia inteiramente desligado dos outros, como se tivesse sido construído sobre um agrupamento isolado de pedras calcárias.

Observando-o, notou que as janelas tinham grades.

- A que se destina aquela construção?... - perguntou ele a Lu-don. - Quem está ali prisioneiro?

- Ninguém... - respondeu o sacerdote, rapidamente e com nervosismo. - Foi usado uma vez, há muitos anos, mas agora está vazio... - e Lu-don caminhou para a porta que comunicava com o palácio.

No limiar, os sacerdotes pararam, enquanto Tarzan, com Ko-tan e os guerreiros,

abandonavam o recinto do templo. A única pergunta que Tarzan desejaria fazer, não a fizera por saber que em muitos havia ainda dúvidas quanto à sua condição, mas decidiu que a faria, direta ou indiretamente, a Ko-tan, antes da noite. A pergunta referia-se à possível presença de uma mulher da sua raça, em A-lur...

Quando a refeição da noite foi servida na grande sala de banquetes do palácio, por uma parte dos numerosos escravos negros que executavam todos os trabalhos subalternos ou pesados, na cidade, Tarzan notou que um dos escravos o olhava com sobressaltada surpresa. Mais tarde, viu o mesmo escravo sussurrando ao ouvido de outro, acenando com a cabeça na sua direção. O homem da selva não se recordava de ter visto antes aquele Waz-don, e não tardou a esquecer o incidente.

Ko-tan ficou surpreendido e desgostoso ao ver que o seu divino hóspede não desejava empanturrar-se de comida e nem sequer provava a horrível bebida dos Hodon. Para Tarzan, o banquete foi uma cerimônia cansativa e aborrecida. Todos comiam com uma gula que não deixava intervalos para conversar.

Só se ouvia um constante ruminar de alimentos - o que lembrou a Tarzan uma visita feita, anos antes, as grandes vacarias que Sua Graça, o duque de Westminster, possuía em Chester, Inglaterra.

Um a um, os convivas foram sucumbindo aos efeitos da bebida, começando a risonnar, e a certa altura só Tarzan e os escravos estavam acordados, na sala dos banquetes. Levantando-se, o homem da selva disse, ao escravo que estava atrás dele:

- Quero dormir, mostre-me os meus aposentos...

Quando o negro o conduziu para fora da sala, o escravo que mostrara surpresa ao vê-lo, no princípio da noite, voltou a falar com o companheiro. Este ouviu-o, olhando com receio para a porta por onde saía Tarzan, e murmurou:

- Se não estiver enganado... podem recompensar-nos dando-nos a liberdade... mas se estiver errado, oh, Jad-ben-Otho!... que será de nós?

- Não me engano.

- Então só há uma criatura a quem deve ir contar o que sabe... É Lu-don, o grande sacerdote. Ouvi dizer que esse Dor-ul-Otho o humilhou e ofendeu, no templo.

- Você conhece Lu-don?... - perguntou o primeiro.

- Trabalhei no templo.

- Então vá procurá-lo agora mesmo, mas primeiro consegue que ele nos prometa a liberdade em troca das provas...

Foi assim que um negro Waz-don se dirigiu à entrada do templo e pediu para falar a Lu-don, o grande sacerdote, sobre um assunto de grande importância. Apesar da hora tardia, Lu-don escutou-o e, depois disso, prometeu-lhe não só a liberdade como muitas recompensas, se ele e o companheiro pudessem provar a exatidão do que diziam.

Enquanto o escravo falava com o grande sacerdote, no templo de A-lur, um homem avançava pela difícil passagem no alto de Pastar-ul-ved, e o luar refletia-se no cano polido de uma carabina Enfield que ele trazia em bandoleira, e sobre os cartuchos reluzentes que enchiam os três cinturões de balas, cruzados sobre o seu peito nu e em

volta da cintura delgada.

O guia de Tarzan conduziu-o a um aposento que dominava o lago azul. Aí,

o homem da selva encontrou uma cama semelhante às que vira nas cavernas dos Waz-don, um simples estrado de pedra sobre o qual se empilhavam numerosas peles de espessa pelagem. Estendeu-se para dormir sem ter ainda feito a pergunta que mais desejava fazer desde a sua chegada a A-lur. O novo dia acordou-o. Vagueou pelo palácio e pelos terrenos em volta, sem avistar qualquer outro dos que ali viviam, além dos escravos - ou pelo menos não os avistou ao princípio.

Assim, chegou a um ponto quase no centro dos terrenos, rodeado por uma muralha que despertou a sua curiosidade, pois havia decidido investigar, tão completamente quanto possível, cada recanto do palácio e das suas imediações. Aquele lugar, fosse qual fosse, não tinha portas nem janelas, mas, aparentemente, não era coberto, a julgar pelas árvores cujas ramadas se viam para além da muralha mais próxima. Não encontrando outra forma de acesso, Tarzan desenrolou a sua corda, atirou o laço para uma sólida ramada e escalou a muralha, com a agilidade de um macaco, de cima, viu que a muralha rodeava um jardim coberto de árvores e de arbustos, onde cresciam flores em luxuriante profusão. Sem hesitar, Tarzan saltou para o interior e começou a investigar os jardins. A sua curiosidade era atraída pelo fato evidente de que aquele lugar não se destinava ao uso geral, mesmo daqueles que tinham livre entrada em outros pontos dos terrenos do palácio.

Tarzan pensou que talvez ali conseguisse encontrar o objeto das suas longas e difíceis buscas...

No jardim havia fontes artificiais e pequenos lagos rodeados de flores, como se tudo tivesse sido delineado por um hábil jardineiro - tão magnificamente reunia, em pequena escala, todas as belezas da região em volta. A parte interior das muralhas estava trabalhada de maneira a representar as brancas falésias de Palul-don, cortadas aqui e além por miniaturais réplicas dos desfiladeiros cobertos de vegetação. Admirado, apreciando com prazer cada surpresa que o cenário lhe proporcionava, Tarzan caminhava devagar pelo jardim... e, como sempre, caminhava em silêncio. Atravessando uma floresta em miniatura, chegou a uma pequena zona coberta de flores... e nesse momento viu a primeira mulher Ho-don que encontrava desde que havia entrado no palácio. Uma mulher jovem e bela estava de pé no centro do pequeno espaço aberto, afagando a cabeça de um pássaro que, com uma das mãos, aconchegava contra um dos discos de ouro que lhe cobriam os seios. Tarzan via-a de perfil, e pelos conceitos de beleza de qualquer país do mundo, ela seria decerto considerada como encantadora.

Sentada na erva, aos pés dela, de costas para Tarzan, estava uma mulher Waz-don, uma escrava. Vendo que não estava ali aquela a quem procurava, e receoso de que as duas mulheres dessem o alarme ao vê-lo, Tarzan recuou para se esconder entre a folhagem - mas, antes que o conseguisse, a jovem Ho-don voltou a cabeça e o viu. Nos seus olhos, todavia, refletiu-se apenas surpresa, não terror. Foi numa voz natural e bem modulada que se dirigiu a ele.

- Quem é você... que tão ousadamente entra no Jardim Proibido?

Ao ouvir a voz da ama, a escrava voltou-se também, erguendo-se rapidamente e

exclamando, com um misto de espanto e alegria:

- Tarzan-jad-guru!

- Conhece-o?... - perguntou a ama, voltando-se para a escrava e dando tempo a Tarzan para levar um dedo aos lábios... e recomendar silêncio a Pan-at-lee, pois era a jovem Pan-at-lee quem, surpreendentemente, ali estava.

Assim interrogada pela sua ama, e ao mesmo tempo avisada por Tarzan para que não falasse, Pan-at-lee hesitou antes de dizer:

- Pensei... mas não, foi engano meu... pensei que era alguém que eu vi antes, perto de Kor-ul-gryf...

A jovem e bela Ho-don olhou para a escrava e para Tarzan, com uma expressão de dúvida. Mas insistiu, dirigindo-se ao homem da selva:

- Não me respondeu... Quem é você?

- Não ouviu falar... - respondeu Tarzan - ... do visitante que chegou ontem ao palácio do rei?

- Quer dizer... que é Dor-ul-Otho?... - exclamou a jovem, agora com uma expressão de maravilhado pasmo.

- Sou... E você quem é?

- Sou O-lo-a, a filha de Ko-tan, o rei. Era O-lo-a... aquela por quem Ta-den preferia o exílio ao sacerdócio. Tarzan aproximou-se mais da bela princesa bárbara, dizendo:

- Filha de Ko-tan... Jad-ben-Otho deu-te o seu agrado, e como prova disso defendeu de muitos perigos aquele a quem você ama.

- Não compreendo... - respondeu ela, com um rubor que a desmentia. - Bulot é hóspede de Ko-tan, meu pai, e não sei que ele tenha corrido perigos. É de Bu-lot que estou noíva.

- Mas não é a Bu-lot que ama... - disse Tarzan.

A jovem voltou a corar e desviou a cara, murmurando:

- Desagradei a Jad-ben-Otho?

- Não. Eu disse que ele está contente contigo, e por tua causa tem protegido Ta-den.

- Jad-ben-Otho tudo sabe... - murmurou ela... - e o filho dele compartilha do seu grande saber.

- Não... - apressou-se a dizer Tarzan, prevendo que uma reputação de onisciência podia criar-lhe embaraços. - Sei apenas o que Jad-ben-Otho quer que eu saiba.

- Mas diga-me se me reunirei com Ta-den... - pediu ela. - Sem dúvida que o filho do deus conhece o futuro...

- Nada sei do futuro... - respondeu Tarzan, encantado com aquele caminho de fuga à dificuldade... além do que Jad-ben-Otho me diz. Mas penso que nada deve temer do futuro, se permanecer fiel a Ta-den e aos seus amigos.

- Você o viu? Onde ele está?

- Sim, eu o vi... - respondeu Tarzan.- Estava com Om-at, o gund dos Kor-ulja.

- Prisioneiro dos Waz-don?

- Não prisioneiro, mas hóspede respeitado... -disse Tarzan. E, voltando a face para o céu, exclamou: - Espere! Não fale, estou recebendo uma mensagem de meu pai.

As duas mulheres ajoelharam, cobrindo o rosto com as mãos, maravilhadas pela presença do grande deus. Tarzan tocou num ombro de O-lo-a.

- Levante-se... - disse ele. - Jad-ben-Otho falou. Disse-me que essa moça vem da tribo de Kor-ul-ja, onde está Ta-den, e que é noiva de Om-at, o chefe. Chama-se Pan-at-lee.

O-lo-a olhou interrogativamente para Pan-at-lee. Esta fez um aceno afirmativo. O seu espírito simples não sabia decidir até que ponto havia verdade ou mentira na atitude de Tarzan.

Sussurrou:

- É como ele diz...

O-lo-a voltou a ajoelhar e tocou com a testa nos pés de Tarzan, exclamando:

- Grande é a honra que Jad-ben-Otho concede a O-lo-a...

- Agradaria a meu pai... - interrompeu-a Tarzan - ... se você intervisse para que Pan-at-lee fosse restituída sã e salva à sua tribo.

- Que se importa Jad-ben-Otho com uma escrava?... - exclamou O-lo-a, com um ligeiro tom de altivez.

- Há só um deus... - disse Tarzan -...e é o deus dos Waz-don como dos Ho-don... das aves como das flores... de tudo o que cresce sobre a terra ou debaixo das águas. Se Pan-at-lee proceder bem, será maior, aos olhos de Jad-ben-Otho, do que a filha de Kotan procedendo mal.

Era evidente que O-lo-a não entendia bem aquela interpretação do favor divino, tão contrária aos ensinamentos dos sacerdotes do seu povo. Apenas num ponto as palavras de Tarzan coincidiam com a sua crença, e era quando dizia que havia só um deus. Quanto ao resto, pensava que todas as outras criaturas tinham sido feitas por Jad-ben-Otho para servirem os Ho-don. Ouvir afirmar que, aos olhos do deus, ela não valia mais do que a sua escrava, era na verdade um choque para o seu orgulho. Mas quem poderia discutir as palavras de Dor-ul-Otho... em especial depois de ela própria o ter visto comunicar com o grande deus?

- Que a vontade de Jad-ben-Otho se cumpra... - disse O-lo-a - ... se estiver em meu poder. Mas seria melhor, oh Dor-ul-Otho, comunicar diretamente ao rei a vontade de seu pai.

- Então guarda a escrava contigo e cuida de que nenhum mal caia sobre ela... - respondeu Tarzan. O-lo-a olhou, hesitante, para Pan-at-lee.

- Só a trouxeram ontem... - disse - ... e nunca tive uma escrava que me agradasse mais. Terci pena de perdê-la.

- Há outras... - respondeu Tarzan.

- Sim, há outras, mas só esta é Pan-at-lee.
- São trazidos muitos escravos para a cidade?... – perguntou o homem da selva.
- Sim, muitos.
- E vêm estrangeiros, de outras terras?

O-lo-a abanou a cabeça, negativamente.

- Só os Ho-don do outro lado do vale de Jad-ben-Otho, mas esses não são estrangeiros.

- Então fui eu o primeiro a entrar em A-lur?

- Será possível... - respondeu ela - ... que o filho de Jad-ben-Otho precise interrogar uma pobre e ignorante mortal como O-lo-a?

- Já lhe expliquei que só Jad-bem-Otho sabe tudo.

- Então, se ele quisesse que soubesse isso, você saberia.

O homem da selva reprimiu a custo um sorriso, ao ver que a moça se servia dos seus próprios argumentos, mas de certo modo a atitude dela era uma resposta. Insistiu:

- Vieram outros desconhecidos, recentemente?

- Não posso dizer o que não sei... - retorquiu ela. - Correm sempre rumores no palácio de Ko-tan, mas uma simples mulher do palácio não pode saber se são verdadeiros ou falsos.

- Esse rumor correu, então?

- Foi apenas um rumor que chegou ao Jardim Proibido.

- Referia-se a uma mulher de outra raça?

Tarzan sentia que o seu coração parava, ao fazer a pergunta. A jovem voltou a hesitar, e depois disse:

- Não posso falar dessas coisas... pois se são bastante importantes para interessar os deuses, então eu ficaria sujeita à cólera de meu pai, discutindo-as.

- Em nome de Jad-ben-Otho, ordeno-te que fale!... - exclamou Tarzan. - Lembre-se de que a sorte de Ta-den está nas mãos dos deus!

- Tem piedade... - suplicou ela, empalidecendo. - Por Ta-den direi tudo o que sei!

- Dizer o quê?... - perguntou uma voz dura, vinda das moitas atrás deles. Voltaram-se e viram Ko-tan, que aparecia entre as folhas. Tinha uma expressão de raiva, mas ao ver Tarzan essa expressão transformou-se em espanto e medo. - Dor-ul-Otho!... - exclamou. - Não sabia que era você... mas há lugares onde nem mesmo o filho de deus deve entrar..., e um deles é o Jardim Proibido!

Era um desafio, mas apesar da ousadia havia um tom de desculpas na voz do rei, traído o seu medo.

- Vem, Dor-ul-Otho... - acrescentou Ko-tan. - Não sei o que disse esta criança, mas seja o que for que deva saber, Ko-tan o dirá. O-lo-a, vai imediatamente para os seus aposentos... - concluiu, apontando com um gesto a outra extremidade do jardim.

A princesa afastou-se apressadamente, seguida por Pan-at-lee.

- Nós iremos por este caminho... - disse o rei guiando Tarzan em outra direção.

Na muralha para a qual se dirigiram, Tarzan viu uma pequena gruta para o interior da qual Ko-tan se encaminhou. Desceram então uma escada de pedra, e atravessaram um corredor sombrio que comunicava com o palácio. Dois guerreiros armados estavam diante dessa entrada do Jardim Proibido, o que demonstrava como aquele recinto era bem guardado.

Em silêncio, Ko-tan conduziu Tarzan para os seus aposentos pessoais. Uma vasta sala, antes daquela para onde Ko-tan conduzia o seu hóspede, estava cheia de chefes e guerreiros que esperavam as ordens do rei. Quando os dois apareceram, formaram alas, deixando uma larga passagem que Tarzan e Ko-tan atravessaram em silêncio.

Junto da porta, e meio escondido pelos guerreiros que estavam na sua frente, encontrava-se Lu-don.

Tarzan olhou-o apenas de relance, mas notou a expressão astuta e malévola do grande sacerdote... e teve o pressentimento de que alguma coisa ia acontecer. Os reposteiros, feitos de peles, fecharam-se atrás de Ko-tan e do homem da selva.

Nesse mesmo momento, a hedionda máscara de um sacerdote menor apareceu à entrada do compartimento exterior. O homem parou, olhou em volta e, tendo avistado Lu-don, foi ter com ele. Houve uma breve conversa sussurrada, que o grande sacerdote concluiu:

- Volte imediatamente para os aposentos da princesa e trate que a escrava me seja enviada sem demora.

O outro partiu, e Lu-don saiu também, encaminhando-se para o templo. Meia hora mais tarde, um guerreiro foi conduzido à presença de Ko-tan.

- Lu-don o grande sacerdote, pede a Ko-tan, o rei, que vá ao templo... e que vá só...

Ko-tan acenou, a indicar que aceitava o pedido - uma ordem a que o próprio rei devia obedecer.

- Voltarei sem demora... Dor-ul-otho... - disse ele. - Entretanto, os meus guerreiros e escravos estão às suas ordens.

CAPÍTULO 11

Sentença de morte

Decorreu uma hora antes que o rei voltasse, e entretanto Tarzan entretivera-se a examinar os relevos nas paredes e as inúmeras amostras da habilidade dos artistas de Pal-ul-don, que se combinavam para dar ao aposento um ambiente de luxo e de riqueza.

A rocha calcária da região, de uma brancura de mármore, e grão muito fino, que, no entanto podia ser trabalhada com relativa facilidade por meio de ferramentas elementares, havia sido transformada, por hábeis artistas, em terrinas, vasos e urnas de considerável graça e beleza. Nos relevos de muitas delas havia sido acrescentado ouro virgem, martelado, de um lindo efeito. Sendo ele próprio, de algum modo primitivo, a arte primitiva sempre tinha interessado Tarzan, para quem essa arte representava a tendência natural do homem para as coisas belas, melhor ainda do que a arte rebuscada da civilização.

Estava assim agradavelmente ocupado quando Ko-tan voltou.

Quando o homem da selva se voltou, ao senti-lo entrar, quase ficou chocado pela modificação operada na aparência do rei. Estava lívido, tremiam-lhe as mãos, e nos seus olhos havia uma expressão de espanto e medo... Tudo traía uma mistura estranha, de cólera e temor. Tarzan olhou-o interrogativamente.

- Recêbeu más novas, Ko-tan?... - perguntou.

O rei murmurou uma resposta ininteligível, mas nesse momento um numeroso grupo de guerreiros surgiu, tão impetuosamente que tapou a entrada. O rei olhou apreensivamente para a direita e para a esquerda. Fitou de relance o homem da selva, e levantando a cabeça bradou:

- Jad-ben-Otho é testemunha de que não faço isto por minha vontade!

Houve um momento de silêncio, e a voz de Ko-tan fez-se então ouvir de novo, ordenando aos guerreiros:

- Agarrem-no! Lu-don, o grande sacerdote, jura que ele é um impostor! Oferecer resistência armada, a tão grande número de guerreiros, no interior do palácio real, seria o fim de tudo.

Tarzan já havia percorrido bastante caminho, pela astúcia, e a esperança invadira-o ao ver que as suas suspeitas tinham sido vagamente confirmadas pelas palavras de O-lo-a. Não era o momento de correr riscos mortais, se pudesse evitá-los.

- Parem!... - bradou, erguendo uma das mãos. - Que significa isto?

- Lu-don afirma ter provas de que você não é o filho de Jad-ben-Otho... - respondeu Ko-tan. - Exige que seja levado à sala do trono, para enfrentar os seus acusadores. Se é o que diz ser, ninguém melhor que você sabe que não tem de recear essa exigência... mas lembre-se de que em tais assuntos o alto sacerdote dá ordens ao próprio rei. Eu apenas transmito as ordens...

Tarzan compreendeu que Ko-tan não estava completamente convencido da sua duplicidade, pois não se arriscava. Respondeu:

- Que os seus guerreiros não me toquem... pois Jad-ben-Otho pode enganar-se quanto às suas intenções, e fulminá-los...

O efeito destas palavras foi imediato. Os guerreiros que estavam em frente dele recuaram precipitadamente, cada qual forçando por ficar atrás dos outros. Tarzan sorriu:

- Nada temam... irei voluntariamente para a sala do trono, enfrentar os blasfemadores.

Na vasta sala do trono surgiu outra complicação...: Ko-tan não quis reconhecer o direito de Lu-don a ocupar o alto da pirâmide, ao passo que Lu-don se recusou a ocupar um lugar inferior - e Tarzan, coerente com o que declarara antes, insistiu em não permitir que alguém estivesse mais alto do que ele. Era uma estranha situação, da qual só o homem da selva apreciava o lado humorístico. Como solução, Ja-don sugeriu que os três ocupassem o alto da pirâmide... mas Ko-tan repeliu a sugestão afirmando que nenhum mortal, além do rei, podia sentar-se no trono... onde, de resto, não havia lugar para três.

- Quem são o meu acusador e o meu juiz?... - perguntou Tarzan, calmo.

- Lu-don é o acusador... - disse Ko-tan.

- E Lu-don é o juiz!... - exclamou o grande sacerdote.

- Se vou ser acusado pelo que irá julgar-me... - comentou Tarzan - ... então é melhor dispensar as formalidades e pedir a Lu-don para ditar a sentença.

Falava com ironia, fitando desdenhosamente o grande sacerdote, o que teve por efeito exacerbar a cólera do velho. Era evidente que Ko-tan e os guerreiros reconheciam a razão da implícita objeção que Tarzan fazia àquela maneira desleal de aplicar justiça. Ja-don interveio:

- Só Ko-tan pode julgar, no trono do seu palácio. Que ele escute a acusação de Lu-don e os dizer das suas testemunhas. O seu julgamento será então decisivo.

Ko-tan, no entanto, não se mostrava entusiasmado com a perspectiva de julgar aquele que, no fim de contas, talvez fosse realmente o filho do seu deus, e assim tergiversou, buscando uma saída.

- É um assunto puramente religioso... - disse ele - ... e conforme a tradição, os reis de Pal-ul-don não intervêm em tais assuntos.

- Então que o julgamento seja feito no templo... - exclamou um dos chefes, traduzindo o desejo dos guerreiros, de, como o rei, não assumirem responsabilidades no caso. Esta solução era altamente satisfatória para o grande sacerdote, que de si para si se censurou por não ter pensado nela. Declarou:

- É certo! O crime deste homem foi contra o templo. Que o arrastem pois para o templo, onde será julgado!

- O filho de Jad-ben-Otho não será arrastado para lado algum!... -exclamou Tarzan.
- Mas, quando o julgamento terminar, é possível que o cadáver de Lu-don, o grande sacerdote, seja arrastado para fora do templo que profanou. Pense bem, Lu-don, antes

de cometer esse erro! As palavras de Tarzan, destinadas a assustar Lu-don, falharam por completo. O alto sacerdote não mostrou qualquer receio.

“Eis aqui um homem... - pensou Tarzan... que conhece melhor do que os outros a sua religião... e compreende a falsidade das minhas afirmações, da mesma maneira que compreende a falsidade da crença que apregoa...”

Tarzan sabia que a sua única esperança estava em aparentar indiferença ante as acusações. Ko-tan e os guerreiros estavam ainda sob a influência das suas afirmações quanto a ser filho de Jad-ben-Otho, e disso depender o último ato do drama que Lu-don preparava - pois Tarzan não tinha a menor dúvida de que o grande sacerdote já havia resolvido a sua morte.

Com um encolher de ombros, desceu os degraus da pirâmide. Comentou ainda:

- É indiferente, para Dor-ul-Otho, o lugar onde Lu-don possa provocar a cólera do grande deus, pois Jad-ben-Otho alcançará o templo com a mesma facilidade com que alcançaria a sala do trono de Ko-tan.

Incomensuravelmente aliviados por aquela fácil solução do seu problema, o rei e os guerreiros deixaram a sala do trono e encaminharam-se para o templo. A fé em Tarzan havia sido ainda acrescentada pela sua aparente indiferença quanto às acusações. Lu-don conduziu-os para o mais vasto dos pátios onde estavam os altares. Tomando lugar atrás do altar de oeste, fez sinal a Ko-tan para se colocar na plataforma à esquerda do altar, apontando para Tarzan a plataforma à direita.

A bacia cavada na face superior do altar estava cheia de água, sobre a qual flutuava o corpo nu de uma criança recém-nascida e morta. Tarzan viu e exclamou, com os olhos flamejantes, voltando-se para Lu-don:

- Que significa isso?

- O fato de não saber... - respondeu o velho, com um sorriso mau - ... é mais uma prova da falsidade do que diz. Aquele que se apresenta como filho do deus, não sabe que os últimos raios do sol, ao iluminarem o altar a leste... iluminam o sangue de um adulto sacrificado em honra de Jad-ben-Otho, ao passo que os raios do sol nascente revelam, em cada dia, a morte de uma criança recém-nascida, cujo fantasma acompanhará o sol durante a sua passagem... como o fantasma do homem seguirá o sol no seu regresso, à noite, para junto de Jad-ben-Otho. Mesmo os garotos de A-lur sabem isto, e no entanto o falso Dor-ul-Otho não o sabe. Mas, se esta prova não basta, há mais. Aproxime-se, Wáz-don... - acrescentou Lu-don, apontando para um escravo negro, alto, que estava no fundo do templo, à esquerda. O homem aproximou-se, assustado, e Lu-don disse-lhe: - Conte o que sabe desta criatura que diz ser Dor-ul-Otho!

- Já o vi antes... -disse o Wáz-don. - Pertencço à tribo de Kor-ul-lul, e um dia, há pouco tempo, fiz parte de um grupo que lutou com os Kor-ul-ja, na falésia que separa as nossas aldeias. Entre os inimigos estava esse homem, a quem eles chamavam Tarzan-jad-guru... E é na verdade terrível, pois luta com a força de muitos homens, e foram precisos vinte dos nossos para derrubá-lo. Mas não combatia como os deuses combatem, e quando uma clava lhe acertou na cabeça, ele caiu como qualquer mortal.

- Levamo-lo para a nossa aldeia, prisioneiro, mas ele fugiu depois de ter cortado a

cabeca do guerreiro que o guardava... e de a ter deixado amarrada a uma árvore na outra extremidade do desfiladeiro.

- A palavra de um selvagem contra a palavra de um deus!... - exclamou Jadon, que demonstrara antes um amistoso interesse pelo pseudo-deus.

- É apenas um passo no caminho da verdade... - respondeu Lu-don. - Talvez que o testemunho da única princesa da casa de Ko-tan tenha mais peso ante o grande chefe das aldeias do norte, embora ele seja pai de um jovem que recusou o sacerdócio, fugindo... e por isso tenha simpatia por outro blasfemador.

Ja-don levou impulsivamente a mão à sua face, mas os guerreiros que estavam perto dele retiveram-no, lembrando-lhe que se encontrava no templo de Jad-ben-Otho. Assim, Ja-don teve de engolir a afronta, que deixou no seu coração um ódio maior pelo grande sacerdote. Agora Ko-tan voltava-se para Lu-don.

- Que sabe minha filha, sobre este assunto?... - perguntou.

- Não deve trazer uma princesa da minha casa para testemunhar publicamente.

- Não... - respondeu Lu-don - ... não pessoalmente, mas tenho aqui alguém que testemunhará por ela... - fez sinal a um acólito e disse-lhe: - Traga a escrava da princesa!

Com a sua hedionda máscara a acrescentar uma outra nota de repugnante grotesco à cena, o acólito puxou por um braço a relutante Pan-at-lee.

- A princesa O-lo-a estava sozinha no Jardim Proibido, com esta escrava... disse Lu-don -, quando apareceu de entre a folhagem próxima esse homem que diz ser Dor-ul-Otho. A princesa diz que a escrava o reconheceu, quando o viu, e gritou o nome dele... Tarzan-jad-guru... o mesmo nome que lhe foi atribuído pelo escravo Kor-ul-lul. Esta mulher não veio de Kor-ul-lul, mas sim de Kor-ul-ja, a tribo a que, segundo diz o escravo, este homem estava associado quando ele o viu pela primeira vez. A princesa disse ainda que esta mulher, que se chama Pan-at-lee, lhe foi entregue ontem e lhe contou a estranha história de haver sido atacada por um Tör-o-don, no Kor-ul-gryf, e de ter sido salva por um homem como este, a quem se referia como Tarzan-jad-guru... e ainda de terem ambos sido perseguidos, até ao fim do desfiladeiro, por dois gryf, até que o homem afastou os gryf e ela pôde escapar... para ser apanhada pelos nossos guerreiros quando regressava à sua tribo, atravessava Kor-ul-lul. É bem claro que essa criatura não é um deus... - bradou Lu-don, e, voltando-se para Pan-at-lee, berrou ainda mais forte: - Ele disse-te que era filho de deus? Responde, escrava!

- Parecia mais do que um simples mortal... - murmurou Pan-at-lee.

- Ele te disse que era filho do deus? - Responde à minha pergunta... -insistiu Lu-don.

- Não... - disse Pan-at-lee, com um olhar de súplica para Tarzan, que este retribuiu com um sorriso.

- Isso não prova que ele não seja filho do deus... - exclamou Ja-don. - Jad-ben-Otho não anda por aí gritando que é deus! Por que razão o filho o faria?

- Basta!... - gritou Lu-don. - As provas são claras. Esse homem é um impostor, e eu, Lu-don, grande sacerdote na cidade de A-lur, condeno-o à morte!... - Houve um

momento de silêncio, durante o qual Lu-don ficou espetacularmente imóvel. Depois bradou: - Que Jad-ben-Otho me fulmine aqui e já, se eu estou enganado!

Lu-don erguia a cara para o céu, de braços abertos. Os guerreiros, os outros sacerdotes e os escravos esperavam a vingança do deus. Foi Tarzan quem quebrou o silêncio:

- O deus o ignora, Lu-don... Ignora-o, e eu posso demonstrar isto diante dos seus acólitos e do povo.

- Prova, blasfemo! Como pode prová-lo?

- Me chamas de blasfemo, demonstrou à sua maneira que eu sou um impostor... Pois bem, pede a Jad-ben-Otho que afirme a sua força e a sua confiança em ti, destruindo-me!

No novo silêncio que se seguiu, todos olharam para Lu-don, esperando a resposta dele. Tarzan insistiu, desafiando:

- Não se atreve, porque sabe que eu não seria fulminado mais depressa do que você.

- Mentel... - gritou Lu-don. - Faria isso, se não tivesse recebido uma mensagem de Jad-ben-Otho, ordenando que fosse outro o seu destino. Entre os sacerdotes menores ergueu-se um murmúrio admirativo. Ko-tan e os seus guerreiros sentiam-se confusos.

Secretamente, odiavam e temiam Lu-don, mas tão enraizado era o sentido de reverência, pelo cargo de grande sacerdote, que ninguém se atrevia a erguer a voz contra ele.

Havia uma exceção, no entanto. Era Ja-don, o valente Homem-Leão do norte. E Ja-don bradou:

- A proposta é leal. Invoca a cólera de Jad-ben-Otho sobre este homem, se queres convencer-nos da sua culpa!

- Basta!... - ganiu Lu-don. - Desde quando Ja-don é sacerdote? Agarrem o preso... - ordenou ele, dirigindo-se aos acólitos e aos guerreiros. - Amanhã ele morrerá como Jad-ben-Otho ordenou!

Não houve qualquer movimento da parte dos guerreiros, para obedecer, mas os sacerdotes menores, fanáticos, saltaram como fúrias para agarrar a presa.

Tarzan compreendeu que o jogo acabara. A partir daquele momento, a diplomacia e a astúcia deixavam de ser armas úteis.

E assim, o primeiro sacerdote que quis agarrar o “filho do deus”, foi recebido como se tivesse querido forçar as portas do inferno.

O altar estava perto da parede oeste do recinto. Entre o altar e a parede apenas havia lugar para o grande sacerdote. Agora só Lu-don estava atrás de Tarzan, ao passo que na sua frente havia pelo menos duas centenas de guerreiros e sacerdotes.

O ousado acólito, que queria ser o primeiro a agarrar o falso Dor-ul-Otho, foi agarrado por dedos de aço que o levantaram como se ele fosse um boneco de palha, Seguro por uma perna e pelas correias que se lhe cruzavam nas costas, levantado pelos poderosos braços de Tarzan, esperneava no ar.

Não havia um instante a perder, e Tarzan não o perdeu. Antes que Lu-don, ou qualquer outro, pudesse adivinhar o seu pensamento, Tarzan atirou o homem, com tremenda força, sobre Lu-don. No mesmo movimento, e quase no mesmo instante, o homem da selva saltou para cima do altar e daí para o alto da parede.

Então parou e olhou para baixo. Houve um momento de silêncio, mas logo a sua voz se fez ouvir, clara e forte:

- Quem se atreve a pensar que Jad-ben-Otho poderia abandonar o seu filho?

E, com estas palavras, Tarzan saltou e desapareceu do outro lado da parede. No pátio, pelo menos duas pessoas se sentiram contentes ante o êxito da fuga, e uma delas sorriu abertamente. Esta foi Ja-don, e a outra Pan-at-lee.

Os miolos do homem que Tarzan atirara sobre Lu-don, tinham-se espalhado em conseqüência do choque contra a parede, mas o grande sacerdote sofrera apenas ligeiras equívocas conseqüentes da queda. Rápido, levantando-se, olhou em volta, apavorado e espantado, pois não tinha podido ver a fuga do homem da selva.

- Agarrem! Agarrem o blasfemo!... - gritou.

Continuava olhando em volta, à procura da sua vítima, com uma expressão de espanto tão ridícula que mais de um guerreiro teve de esconder o riso. Os sacerdotes corriam de um lado para o outro, desvairados, exortando os guerreiros a perseguirem o fugitivo, mas estes esperavam, sem se mover, uma ordem do rei ou do grande sacerdote. Ko-tan, mais ou menos secretamente satisfeito pelo desapontamento de Lu-don, esperava que o grande sacerdote desse as ordens - o que este fez, logo que um dos seus acólitos lhe explicou de que maneira Tarzan desaparecera.

Logo que a ordem foi dada, sacerdotes e guerreiros correram para fora do templo. As palavras de Tarzan, ditas antes de saltar para o chão do outro lado do muro, não tinham convencido a maioria de que Lu-don não demonstrara a falsidade das pretensões do “filho do deus”, mas no coração dos guerreiros havia admiração pela espantosa coragem do homem...e alguma secreta satisfação - como a do rei - pelo fracasso de Lu-don.

Uma cuidadosa busca, no templo e nos terrenos em volta, nada revelou sobre o paradeiro de Tarzan. Os recantos dos subterrâneos foram revistados sem resultado, pelos sacerdotes que os conheciam bem. Mensageiros foram enviados para alarmar a cidade, ordenando a todos os Ho-don que buscassem Tarzan, o Terrível. A história da impostura e da fuga, e as narrativas dos escravos, espalharam-se por toda a A-lur, ganhando volume em cada repetição. E, assim, não tardou que mulheres e crianças se recolhessem por detrás de portas trancadas, enquanto nas ruas os guerreiros caminhavam cautelosamente, esperando a cada momento ser atacados pelo homem que, de mãos nuas, combatia e vencía os gryf, e cujo mais inocente passatempo consistia em rasgar, um a um, os membros dos mais fortes adversários.

CAPÍTULO 12

O gigante estrangeiro

Enquanto os sacerdotes e os guerreiros de A-lur procuravam no templo, no palácio e na cidade, o falso Dor-ul-Otho desaparecido, entrava na garganta de Kor-ul-ja, seguindo a difícil pista que vinha das montanhas, um desconhecido quase nu, que trazia ao ombro uma carabina Enfield.

Silenciosamente, o desconhecido desceu até ao fundo do desfiladeiro, e no ponto onde a trilha seguia em terreno mais ou menos plano, começou a avançar em largas passadas, embora sempre atento a possíveis perigos. Um vento brando vinha das montanhas, atrás dele, de maneira que só os seus olhos e ouvidos podiam valer-lhe, para detectar qualquer perigo à sua frente. A trilha, de um modo geral, alongava-se pela margem do ribeiro que corria ao fundo da garganta, mas em alguns pontos, onde as águas se precipitavam sobre plataformas de rocha, a pista descrevia rodeios em volta de penedos. Foi numa dessas voltas que o estrangeiro avistou um homem que subia o desfiladeiro.

Separados por uma centena de passos, pararam ambos ao mesmo tempo. Na sua frente, o estrangeiro via um guerreiro branco, alto, vestido apenas com uma tanga, um cinto e tiras de couro, cruzadas. O guerreiro trazia como armas uma curta faca e uma clava nodosa. Era Ta-den, que caçava sozinho nos territórios do seu amigo, o gund dos Kor-ul-ja. Ta-den olhava para o desconhecido, com surpresa mas sem espanto. Reconhecera nele um membro da raça de Tarzan, o Terrível, e por causa da sua amizade com o homem da selva, olhava-o sem hostilidade.

O estrangeiro foi o primeiro a manifestar as suas intenções, erguendo a mão, com a palma voltada para Ta-den, num gesto que é um símbolo de paz em todo o mundo, desde que o homem existe.

Simultaneamente, adiantou-se alguns passos e parou de novo. Ta-den, pensando que um homem tão semelhante a Tarzan, o Terrível, devia ser membro da tribo do seu amigo perdido, ficou contente por retribuir o sinal de paz, avançando por seu turno.

- Quem é você?... - perguntou.

O recém-chegado limitou-se a abanar a cabeça, indicando que não entendia, mas por gestos explicou ao Ho-don que vinha seguindo uma pista havia muitos dias, tendo partido de um ponto muito para além das montanhas, e Ta-den ficou convencido de que ele procurava Tarzan-jad-guru. No entanto, queria saber se era um amigo ou um inimigo.

O estrangeiro notou os grandes polegares de Ta-den, e a posição dos dedos maiores dos pés, além da longa cauda, com um espanto que tentou disfarçar - mas acima de tudo havia nele uma sensação de alívio, pelo fato de encontrar amizade no primeiro habitante daquela terra estranha, com quem entrava em contato. Teria sido uma enorme dificuldade ver-se na necessidade de abrir caminho à força, numa região hostil.

Ta-den, que tinha pensado caçar alguns dos pequenos mamíferos cuja carne era a preferida pelos Ho-don, esqueceu todas as suas intenções, no interesse da sua

descoberta.

Conduziria o estrangeiro à presença de Om-at, e talvez, juntos, conseguissem descobrir quais eram, na realidade, os seus propósitos do estrangeiro. Novamente por meio de sinais, deu a entender ao outro que devia acompanhá-lo, e assim, lado a lado, desceram para as penedias onde vivia a tribo de Om-at.

No caminho, passaram perto das mulheres e das crianças que trabalhavam sob a guarda dos velhos e dos adolescentes - colhendo frutos e ervas que constituíam parte da sua alimentação, e cuidando das pequenas extensões de terra que eram cultivadas. Os campos de cultura ocupavam zonas planas, que haviam sido limpas de árvores e de mato. Os instrumentos de lavoura eram varas com pontas de metal, semelhantes a lanças, havia também uns que pareciam o resultado grosseiro de uma combinação de pás e de enxadas.

Quando avistou essa gente, o estrangeiro parou e empunhou rapidamente o arco... pois se tratava de negros completamente cobertos de pêlos. Mas Ta-den, compreendendo a dúvida que surgira na mente dele, tranqüilizou-o com um gesto e um sorriso.

No entanto os Waz-don juntaram-se em volta, fazendo excitadas e rápidas perguntas numa linguagem que o estrangeiro ignorava, embora visse ser entendida pelo seu guia. Mas ninguém esboçou qualquer movimento hostil, e o recém-chegado convenceu-se de que tinha tido a sorte de encontrar um povo pacífico e amistoso.

Quando chegaram à falésia, Ta-den começou a escalada ao longo das estacas, não duvidando de que aquele homem seria tão capaz de segui-lo como Tarzan o faria. Não se enganou, e pouco depois paravam ambos na plataforma diante da gruta de Om-at, o chefe, Om-at não estava ali e a tarde ia em meio quando ele apareceu, mas entretanto muitos guerreiros tinham ido observar o visitante, e este sentia-se cada vez mais impressionado com as disposições pacíficas e amistosas daquela gente, sem pensar que na verdade se encontrava entre a tribo mais feroz e aguerrida da região, uma tribo que nunca, antes da chegada de Tarzan e Ta-den, suportara a presença de estrangeiros.

Por fim Om-at voltou, e o hóspede sentiu, por intuição, que estava perante um grande homem daquele povo, talvez um chefe ou um rei. Não só a atitude dos outros indicava isso, como a idéia nascia naturalmente da expressão e do porte da magnífica criatura, que o olhava enquanto Ta-den explicava as circunstâncias do encontro. O Hodon concluiu:

- E eu penso, Om-at, que ele vem em busca de Tarzan, o Terrível.

Ao ouvir o nome, a primeira palavra inteligível que escutara desde que havia chegado, a face do desconhecido iluminou-se, e ele tentou, por sinais, dizer-lhes que era a esse que procurava, repetindo:

- Tarzan! Tarzan dos Macacos!

Ta-den e Om-at compreenderam, e viram também, pela expressão do estrangeiro, que ele buscava Tarzan por motivos de afeto - mas Om-at queria assegurar-se disso. Apontou para a faca que o homem trazia, e repetindo o nome de Tarzan agarrou Ta-den e fingiu que o feria, olhando interrogativamente para o outro.

O estrangeiro abanou energicamente a cabeça, e pondo uma das mãos sobre o coração levantou a outra, em sinal de paz.

- Um amigo de Tarzan-jad-guru!... - exclamou Ta-den.

- Ou é um amigo... ou um hábil mentiroso... - disse Om-at.

- Tarzan... - continuou o desconhecido. -Conhecem-no? Está vivo? Oh, meu Deus, se eu ao menos soubesse falar a língua deles!

E, voltando à linguagem dos sinais, tentou descobrir onde estaria Tarzan. Repetindo o nome, apontou sucessivamente para várias direções, a gruta, o desfiladeiro, as montanhas, o vale... Mas quando, arqueando as sobrancelhas, pronunciava a interrogação universal, “Hem?”, Om-at abanava a cabeça e abria as mãos, num gesto a indicar que compreendia a pergunta, mas que nada sabia.

Om-at deu ao desconhecido o nome de Ja-don, que na linguagem de Pal-ul-don significa estrangeiro, e apontando para o sol disse: “as”. Depois de ter repetido isto várias vezes, ergueu uma das mãos, com os dedos abertos, e disse “adenen”, repetidamente, até Ja-don compreender que a palavra significava “cinco”. Então apontou outra vez para o sol e, fazendo um gesto que descrevia uma curva de leste para oeste, repetiu as duas palavras “as adenen”. O estrangeiro entendeu que haviam passado cinco dias. Então Om-at apontou para a gruta onde estavam, pronunciando o nome de Tarzan e imitando, com dois dedos, um homem a caminhar para o exterior. Queria dizer que Tarzan partira cinco dias antes - mas a linguagem de sinais não dava para maiores explicações.

O estrangeiro compreendeu e, indicando as estacas, apontou depois para si mesmo e declarou o seu desejo de seguir a pista de Tarzan.

- Vamos com ele.. - disse Om-at - ...ainda não castigamos os Kor-ul-lul que mataram Tarzan, nosso amigo e aliado.

- Convença-o a esperar até amanhã... - respondeu Ta-den - ...para levar contigo muitos guerreiros e fazer um grande ataque aos Kor-ul-lul. E desta vez, Om-at, não mate os teus prisioneiros. Apanhe vivos quantos puder, e talvez saibamos, por alguns deles, o que aconteceu a Tarzan-jad-guru.

- Grande é a sabedoria do Ho-don... - disse Om-at - Faremos como diz, e obrigaremos os prisioneiros a contar-nos o que queremos saber. Depois os levamos ao Kor-ul-gryf e os empurramos para baixo, do alto da falésia, todos.

Ta-den sorriu. Sabia que não apanhariam vivos muitos dos Kor-ul-lul, Teriam sorte se apanhassem um ou dois, e até era possível que tivessem de recuar, derrotados. Mas sabia que Om-at não hesitaria em cumprir a sua ameaça, se pudesse, tão grande era o ódio entre as duas tribos.

Não foi difícil explicar ao estrangeiro o plano de Om-at, ou obter o seu acordo. Quando Om-at indicou que levaria consigo muitos guerreiros, pois iam passar por terrenos hostis, ficou contente. Tinha de aproveitar toda a ajuda até alcançar o que procurava. Isso importava acima de tudo.

Dormiu, nessa noite, sobre um monte de peles, num dos compartimentos da caverna de Om-at, e na manhã seguinte, às primeiras horas, a expedição partiu, composta por

uma centena de guerreiros. O grosso da coluna era precedido por dois guerreiros experimentados, cuja missão consistia em evitar qualquer surpresa do inimigo.

Subiram a escarpa, atravessaram a crista da penedia e desceram para a garganta de Kor-ul-lul. Quase a seguir encontraram um Wáz-don, sozinho e desarmado, que se dirigia, parecendo assustado, para a aldeia da sua tribo.

Aprisionaram o homem - o que o apavorou ainda mais, pois que, ao constatar que a fuga era impossível, tinha esperado ser morto imediatamente.

- Levem-no a Kor-ul-ja... - ordenou Om-at a dois dos seus guerreiros -... e vigiem-no, sem lhe fazerem mal, até eu voltar.

Assim o espantado Kor-ul-lul foi levado, enquanto os Kor-ul-ja continuavam furtivamente o seu avanço, de árvore em árvore, na direção da aldeia. A sorte acompanhava Om-at, pois lhe deu sem demora o que ele buscava, isto é, a oportunidade de uma batalha. Ainda não tinham avistado as cavernas quando encontraram um considerável grupo de guerreiros que desciam do desfiladeiro, preparados para qualquer assalto.

Como sombras, os Kor-ul-ja desapareceram na folhagem, de ambos os lados da trilha. Ignorantes do perigo, seguros por se encontrarem ainda no seu território, onde cada rocha lhes era familiar, os Kor-ul-lul não previam a emboscada. De repente, a paz aparente foi cortada por um grito selvagem, e uma clava abateu um Kor-ul-lul.

O grito foi o sinal para cem outros, lançados pelos Kor-ul-ja, e não tardou que se confundissem os brados de guerra de ambas as tribos. As clavas de arremesso sulcaram o espaço, e logo depois a batalha transformou-se numa multidão de combates individuais, quando cada guerreiro atacou um adversário,

As lâminas das facas brilhavam ao sol que se coava por entre os galhos das árvores. A pelagem negra dos contendores começou a manchar-se de vermelho.

No auge da luta, a pele lisa e morena do estrangeiro misturava-se com os corpos negros de amigos e de inimigos.

Só os seus olhos penetrantes, e a sua inteligência, lhe permitiam distinguir entre os Kor-ul-ja e os Kor-ul-lul, pois a aparência deles era a mesma. Mas o estrangeiro notara, logo de entrada, que as tangas dos inimigos não eram feitas de pele mosqueada, semelhante à dos leopardos, como as tangas dos seus aliados. Om-at, depois de derrubar o seu primeiro adversário, olhou de relance para Ja-don, murmurando:

- Combate com a ferocidade do leão... Poderoso deve ser a tribo de onde vieram Ja-don e Tarzan-jad-guru...

A atenção de Om-at concentrou-se em outro inimigo, e a luta continuou, através da floresta, até que os sobreviventes começaram a sentir-se exaustos. Apenas o estrangeiro parecia ignorar o cansaço. Continuava a lutar, quando os seus adversários pareciam desejosos de desistir. Nem por um momento largara o estranho objeto que trazia às costas, e que Om-at pensava ser alguma arma desconhecida para ele - embora não pudesse entender para que servia visto Ja-don nunca a utilizar. O estrangeiro largara o arco e as flechas logo no princípio da luta, mas não a Enfield.

A certa altura, embora os Kor-ul-ja se mostrassem tão cansados como os Kor-ul-

lul, estes, sem dúvida aterrorizados por aquele espantoso adversário que parecia ao mesmo tempo incansável e invulnerável, perderam a coragem e fugiram.

Então, a uma ordem de Om-at, os seus guerreiros cercaram meia dúzia de inimigos e aprisionaram-nos.

Foi um bando exausto, coberto de sangue mas vitorioso, que retomou o caminho de Kor-ul-ja. Vinte guerreiros tiveram de ser transportados, e entre eles havia seis mortos, mas todavia tinha sido a mais gloriosa batalha travada pelos Kor-ul-ja contra os - seus inimigos ancestrais. Isso marcava Om-at como o maior de todos os chefes, mas Om-at sabia que a vitória lhe havia pertencido, sobretudo, por causa da presença do seu estranho aliado. Leal, não hesitou em atribuir as honras a quem elas cabiam, e o resultado foi que as proezas de Ja-don foram exaltadas e repetidas por todos os membros da tribo, e grande foi a fama alcançada por uma raça que podia produzir dois homens tais como Tarzan-jad-guru e Ja-don.

Do outro lado da falésia, no desfiladeiro dos Kor-ul-lul, os sobreviventes da luta falavam, espantados, daquele segundo demônio que se aliara aos Kor-ul-ja....

De regresso à sua caverna, Om-at ordenou que os prisioneiros fossem trazidos à sua presença, um a um, e a todos interrogou sobre o que havia acontecido a Tarzan. Sem exceção, todos contaram a mesma história - que Tarzan havia sido aprisionado por eles, seis dias antes, mas que matara o guerreiro que ficara vigiando-o e fugira, levando a cabeça cortada do seu infeliz guarda, para o outro extremo do desfiladeiro de Kor-ul-lul, onde a deixara amarrada a uma árvore, pelos cabelos. Mas nenhum sabia o que havia acontecido a Tarzan - nenhum com exceção do primeiro prisioneiro, que os Kor-ul-ja haviam surpreendido sem armas.

Esse, quando descobriu qual era a intenção do interrogatório, pôs em jogo, contra o que sabia, a vida e a liberdade, para ele e para os seus companheiros.

Disse:

- Posso dizer muitas coisas sobre esse terrível homem por quem pergunta. Ainda ontem o vi e sei onde ele está. Se prometer deixar-nos com vida e em liberdade para voltarmos à nossa tribo, direi, com verdade, tudo o que sei.

- Falarás de qualquer modo, ou morrerá... - disse Om-at, em resposta.

- De qualquer modo morrererei, como diz, e levarei comigo o meu segredo, se não prometer o que te peço.

- Ele tem razão, Om-at... - interveio Ta-den. - Prometa-lhes a liberdade.

- Está bem... - respondeu Om-at. - Fala, Kor-ul-lul, e quando me tiver contado tudo, poderá voltar à sua tribo, com os seus companheiros.

- Foi assim... - começou o prisioneiro. - Há três dias, quando eu caçava com alguns companheiros à saída de Kor-ul-lul, não longe do lugar onde me apanharam hoje, fomos surpreendidos por um numeroso grupo de guerreiros Ho-don, que nos levaram para A-lur. Alguns dos Waz-don aceitaram ser escravos, e os outros foram levados para um subterrâneo sob o templo, onde são reunidas as vítimas que os Ho-don sacrificam em honra de Jad-ben-Otho, nos altares. Parecia que a minha sorte estava decidida, esses eram os que tinham aceitado ser escravos, porque sempre lhes restava a esperança de

fugir. Os que estavam no subterrâneo não podiam ter esperança.

- Mas ontem aconteceu uma coisa estranha. Acompanhado pelo rei e pelos sacerdotes, chegou ao templo um homem a quem todos faziam reverência. Quando passou diante da grade que nos fechava, vi que ele era o homem terrível que tinha sido nosso prisioneiro e a quem os Kor-ul-ja chamavam Tarzan-jad-guru. Mas os Ho-don davam-lhe o nome de Dor-ul-Otho... O homem olhou para nós, interrogou o grande sacerdote, e ao saber qual seria o nosso destino...ordenou ao grande sacerdote que nos libertasse, o que foi feito.

- Os prisioneiros Ho-don puderam voltar para as suas casas, e nós fomos levados até às portas da cidade e mandados para Kor-ul-lul. Éramos três, mas muitos eram os perigos que nos esperavam, e nós não tínhamos armas. Os outros dois morreram. Disse o que tinha para dizer.

- É tudo o que sabe a respeito de Tarzan-jad-guru?... - insistiu Om-at.

- Sim, é tudo... Mas vi que Lu-don, o grande sacerdote de A-lur, estava furioso, e ouvi um dos dois sacerdotes, que nos acompanharam às portas da cidade, dizer ao outro que o Dor-ul-Otho era um impostor e seria punido com a morte. Nada mais ouvi. E agora, chefe dos Kor-ul-ja, deixe-nos partir.

- Está bem... - respondeu Om-at. - Podes partir, com os seus companheiros. Ab-on, manda alguns guerreiros acompanhá-los, até à falésia dos Kor-ul-lul... - e, voltando-se para Ja-don, Om-at disse, levantando-se: - Vem comigo!

Subiram a falésia, até à crista. Aí, apontando para a cidade de A-lur que resplandecia em baixo, na distância, sob os raios do poente, Om-at voltou a falar:

- Tarzan-jad-guru está ali!

E Ja-don compreendeu.

CAPÍTULO 13

O mascarado

Quando Tarzan saltou para o terreno, no exterior da muralha do templo, não havia no seu espírito qualquer intenção de fugir da cidade de A-lur antes de se convencer de que Jane não se encontrava ali, mas agora, na estranha cidade onde cada homem era um inimigo, não fazia idéia de como continuar a sua busca, nem sequer de como continuar vivo.

Havia apenas um lugar que ele conhecia e onde poderia refugiar-se temporariamente, e esse lugar era o Jardim Proibido. As moitas eram espessas o bastante para que ele se escondesse, e os frutos e a água abundavam. Criatura da selva, podia lá entrar sem que o vissem e poderia mesmo manter-se ali durante bastante tempo...mas a grande dificuldade estava em transpor a distância entre o templo e o jardim, sem ser descoberto. Murmurou:

- Tarzan é poderoso na selva, mas nas cidades dos homens pouco mais vale do que eles...

Confiado no seu agudo sentido de observação, e na sua capacidade de orientação, Tarzan pensava que poderia alcançar os terrenos do palácio através dos corredores e dos compartimentos subterrâneos do templo, por onde fora conduzido no dia anterior, pois nenhum pormenor escapara ao seu olhar penetrante. Seria preferível atravessar o espaço descoberto, em cima, onde decerto andariam os perseguidores que, assim, não tardariam a descobri-lo.

A uma dúzia de passos da muralha do templo, desapareceu por uma escada que comunicava com os compartimentos inferiores. O caminho que percorrera na véspera era sinuoso, mas Tarzan não teve a menor hesitação. Não receava que o seguissem imediatamente por ali, nem supunha encontrar viva alma, pois todos os sacerdotes do templo se haviam reunido no pátio, em cima, para assistir à sua condenação à morte - e assim foi com surpresa que, ao dobrar a esquina de um corredor, se encontrou cara a cara com um dos sacerdotes secundários, cuja máscara lhe escondia a cabeça.

Ao ver o homem, e não tendo qualquer dúvida sobre qual seria a sua intenção, Tarzan atacou imediatamente. O sacerdote caiu, com o coração atravessado pela faca de Tarzan, possivelmente antes de compreender o que lhe acontecia. Quando o corpo morto ia bater no chão, Tarzan reteve-o e apoderou-se da máscara - porque a sua mente concebera, numa fração de segundo, um plano ousado.

Um momento depois colocava a máscara no chão, com cuidado, e curvando-se cortava pela raiz a cauda do Ho-don. Perto dali havia um pequeno compartimento de onde o homem devia ter surgido, e foi para lá que Tarzan arrastou o corpo, a máscara e a cauda.

Cortando rapidamente uma delgada tira da pele que, em forma de tanga, cobria os rins do homem, Tarzan amarrou a extremidade mais grossa da cauda que também cortara e segurou-a, o melhor que pôde, sob a sua própria tanga. Logo depois colocou sobre a sua cabeça a máscara do morto, e saiu do compartimento. Tinha a aparência de um sacerdote do templo de Jad-ben-Otho... a não ser que alguém examinasse de perto

os seus polegares e os dedos dos pés.

Observara que, entre os Ho-don, era freqüente agarrarem uma das mãos a extremidade da cauda. Fez o mesmo, para evitar que o apêndice sem vida despertasse suspeitas. Passando pelos corredores e por vários outros compartimentos, saiu finalmente nos jardins do palácio do rei, além do templo. A perseguição ainda não chegara ali, mas Tarzan podia ouvir vozes excitadas, não muito atrás. Encontrou vários guerreiros e escravos, mas nenhum olhou duas vezes para ele. A presença de sacerdotes auxiliares, nos jardins do palácio, era vulgar e freqüente.

Assim, passando perto dos guardas sem que o detivessem, alcançou finalmente a entrada interior do Jardim Proibido.

Aí, parou e observou cautelosamente o belo lugar, à sua volta.

Viu, com alívio, que ninguém se encontrava ali. Congratulando-se pela facilidade com que, até então, iludira os seus perseguidores, encaminhou-se rapidamente para a outra extremidade do recinto. Aí encontrou uma vasta zona de moitas floridas, onde uma dúzia de homens poderiam abrigar-se em segurança.

Rastejando então para o interior das moitas, tirou a incômoda máscara e sentou-se, à espera do que o destino pudesse reservar-lhe, ao mesmo tempo que estabelecia planos. A noite que passara em A-lur mantivera-o acordado até bastante tarde, e dera-lhe a saber que, embora andasse pouca gente pelos terrenos do templo, depois de escurecer, havia ainda bastante para que ele pudesse deslocar-se, sob o seu disfarce, sem atrair a atenção dos guardas.

Notara também que os sacerdotes constituíam uma classe privilegiada, que parecia poder andar à vontade por toda a parte, nos jardins do palácio ou nos do templo. Assim - pensou - a noite lhe proporcionaria as horas mais propícias para as suas investigações - e de dia podia esconder-se ali, no Jardim Proibido, com relativa segurança.

Fora dos muros podia ouvir vozes de homens que chamavam uns pelos outros, de perto e de longe, e compreendeu que os seus perseguidores revistavam tudo a fim de encontrá-lo.

Aqueles momentos de repouso permitiram-lhe imaginar um sistema mais satisfatório para fixar o apêndice caudal de que se apoderara.

Arranjou-o de maneira a poder rapidamente colocá-lo ou retirá-lo, e feito isso pôs-se a examinar a estranha máscara que tão eficientemente cobrira as suas feições.

A máscara havia sido habilmente talhada numa única peça, provavelmente cortada do tronco de uma árvore. As feições tinham sido esculpidas e depois haviam escavado o interior, deixando apenas uma delgada espessura de madeira. Na parte inferior havia dois cortes em semicírculo, que assentavam sobre os ombros, deixando, à frente e atrás, como que duas abas que cobriam alguns centímetros do peito e das costas. Dessas abas pendiam longas tranças de cabelo.

Bastou um exame superficial para Tarzan verificar que se tratava de cabelo humano, sem dúvida arrancado das vítimas sacrificadas sobre os altares de leste. A máscara propriamente dita era esculpida para dar a impressão de uma cabeça hedionda, mistura de homem e de gryf. Mostrava os três chifres brancos, o focinho amarelo com os

círculos azuis em volta dos olhos, e o capuz avermelhado.

Enquanto, escondido entre as moitas floridas, Tarzan observava a máscara que segurava nas mãos, teve a súbita intuição de não se encontrar sozinho no jardim. Não tardou que os seus ouvidos apurados distinguissem um som de passos de pés nus. A primeira idéia foi de que se tratava de alguém que, furtivamente, o procurava no Jardim Proibido... mas não demorou muito que surgisse, no seu limitado campo de visão, o vulto da princesa O-lo-a. A princesa vinha só e caminhava de cabeça baixa, como em meditação, triste meditação, decerto, pois eram visíveis vestígios de lágrimas nas suas pálpebras.

Pouco depois Tarzan ouviu o som de outros passos, passos de homens, rápidos. Aproximaram-se da princesa, e Tarzan, quando pôde vê-los, notou que se tratava de dois sacerdotes.

- O-lo-a, princesa de Pal-ul-don... - disse um deles - ... o estrangeiro que dizia ser filho de Jad-ben-Otho escapou à justa cólera de Lu-don, o grande sacerdote, que tinha denunciado a sua blasfêmia. Estão fazendo buscas no templo, no palácio e na cidade, e nós fomos enviados para procurá-lo no Jardim Proibido, pois Ko-tan, o rei, diz que o viu aqui esta manhã, embora não entenda como pôde passar sem ser detido pelos guardas.

- Não está aqui... - respondeu O-lo-a. - Tenho estado no jardim há bastante tempo, e não vi nem ouvi fosse quem fosse. Mas façam a sua busca, se quiserem.

- Não... - disse o homem que havia falado antes - ... não é necessário, pois ele não poderia ter entrado sem que o visse, e de qualquer modo o sacerdote que veio antes de nós o teria encontrado.

- Qual sacerdote?. - perguntou O-lo-a.

- Um que passou pelos guardas, pouco adiante de nós.

- Não vi esse...

- Sem dúvida saiu por outro lado... - comentou o segundo homem.

- Sim, sem dúvida... - concordou O-lo-a... - mas é estranho que eu não o tenha visto.

Os dois sacerdotes fizeram vênias e afastaram-se.

“- Estúpidos como Buto, o rinoceronte... - pensou Tarzan. - Não será difícil iludir gente assim...”

Mal os dois homens tinham partido quando Tarzan ouviu o ruído de passos rápidos que se aproximavam da princesa. Alguém parou, junto dela, ofegante de cansaço ou de excitação.

- Pan-at-lee!... - exclamou O-lo-a. - Que aconteceu? Parece tão assustada como a corça de que tem o nome.

- Princesa de Pal-ul-don... - quase gritou Pan-at-lee - ...eles queriam matá-lo, no templo! Queriam matar o maravilhoso estrangeiro que dizia ser Dor-ul-Otho!

- Mas ele escapou... - respondeu O-lo-a. - Você esteve no templo, conte-me tudo.

- O grande sacerdote queria que o agarrassem para matá-lo, mas quando o atacaram ele agarrou um dos homens e atirou-o contra Lu-don, com a mesma facilidade com que você poderia atirar-me os seus discos de ouro. Então saltou para o altar, daí para o alto da muralha... e desapareceu. Procuram-no... e eu só desejo que o não encontrem.

- Por que deseja isso, Pan-at-lee? Um blasfemador não merece a morte?

- Oh, você não o conhece...

- E você conhece-o, então?... - atalhou O-lo-a, vivamente. -Esta manhã você se traiu, e depois tentou me enganar. As escravas de O-lo-a não podem fazer isso impunemente...Ele é o mesmo Tarzan-jad-guru de que tinha falado? Fale e diga a verdade, mulher!

Pan-at-lee endireitou-se, erguendo a cabeça, pois entre os seus ela era a igual de a uma princesa. E disse:

- Pan-at-lee, a Kor-ul-ja, não mente para se proteger a si mesma!

- Então conte-me tudo o que sabe desse Tarzan-jad-guru... - insistiu a princesa.

- Sei que é um homem maravilhoso e muito valente... - disse Pan-at-lee. -Salvou-me do Tor-o-don e do gryf, como te contei, e é na verdade o mesmo que veio aqui esta manhã. Mesmo agora não sei se ele é filho de Jad-ben-Otho, porque a sua coragem e a sua força excedem as dos mortais, como a sua bondade e o seu sentido da honra. Quando podia ter-me feito mal, protegeu-me, e quando podia salvar-se pensou apenas em mim. Tudo isto porque é amigo de Om-at, o gund dos Kor-ul-ja, que seria meu marido se os Ho-don não me tivessem apanhado.

- Sim, é um homem de grande beleza... - murmurou O-lo-a -... e não se parece com os outros homens, não só por não ter cauda e ter pés e mãos diferentes, como também, e sobretudo, porque há nele diferenças muito mais importantes do que essas.

- E... - acrescentou Pan-at-lee, leal àquele que a tinha protegido e desejosa de atrair para ele a simpatia da princesa - ... não sabia tudo de Ta-den? Como poderia um mortal saber tais coisas?

- Talvez ele visse Ta-den... - sugeriu a princesa.

- Mas como poderia saber que você ama Ta-den?... - perguntou Pan-at-lee.

-Digo-lhe, princesa, que se ele não é um deus, é decerto mais do que um Ho-don ou um Waz-don. Seguiu-me desde a gruta de Es-sat, em Kor-ul-ja, através de Kor-ul-lul. e de duas largas cristas das penedias, até à gruta onde eu me tinha escondido no Kor-ul-gryf, embora muitas horas depois de eu ter passado, e apesar de os meus pés não terem deixado marcas no chão. Que homem mortal poderia fazer tal coisa? E qual o homem, em toda a Pal-ul-don, junto do qual uma moça virgem poderia encontrar amizade e proteção?

- Talvez Lu-don se enganasse e ele seja um deus... - murmurou O-lo-a, impressionada pelo entusiasmo com que Pan-at-lee defendia o estranho homem.

- Mas seja deus ou homem, é demasiadamente maravilhoso para morrer!...

- Exclamou Pan-at-lee. - Só queria poder salvá-lo! Se ele viver, talvez possa restituir-lhe o seu Ta-den, princesa!

- Oh, se ele pudesse!... - suspirou O-lo-a. - Mas é tarde, porque amanhã me entregarão a Bu-lot.

- Esse que veio aqui ontem, com o seu pai?... - perguntou a escrava.

- Sim, esse com a horrível cara redonda e o grande ventre... - disse a princesa, com repugnância. - É tão preguiçoso que não quer lutar nem caçar. Só quer comer e beber, e não pensa senão nisso e nas escravas. Mas vem, Pan-at-lee. Colhe essas belas flores. Quero espalhá-las sobre a minha cama, esta noite, para guardar na memória o que adoro e não voltarei a encontrar na aldeia de Mosar, o pai de Bu-lot. Eu te ajudo a apanhá-las, quero levar um grande ramalhete destas flores que são as flores preferidas de Ta-den.

Aproximaram-se das moitas floridas onde Tarzan se escondia, mas porque as flores pendiam em profusão, o homem da selva pensou que elas não avançariam o bastante para descobri-lo.

- Oh! Olha, Pan-at-lee!... - exclamou O-lo-a, a certa altura. - Eis a mais bela de todas! Nunca vi uma flor tão maravilhosa... Não! Espere, quero ser eu a apanhá-la... - e a princesa avançou, estendendo a mão para a flor que sobressaía de um ramo, junto da cabeça de Tarzan, Tão rápido e inesperado foi o movimento, que não havia qualquer possibilidade de recuar. Tarzan ficou imóvel... e foi assim que a filha de Ko-tan o viu... ao estender a mão para a flor deparou-se a face sorridente do homem da selva. Com um grito abafado, O-lo-a recuou, e no mesmo instante Tarzan levantou-se diante dela.

- Nada tema, princesa... - disse ele. - Sou o amigo de Ta-den.

- Oh, Jad-ben-Otho!... - exclamou Pan-at-lee. - É ele!

- E agora que me descobriu... - continuou Tarzan - ...vai denunciar-me a Ludon, o grande sacerdote?

- Princesa, princesa!... - exclamou Pan-at-lee, lançando-se aos pés de O-lo-a - ... não o denuncie aos seus inimigos!

- Mas Ko-tan, meu pai... - murmurou a princesa, apavorada - se ele souber... a sua raiva não terá limites. Embora eu seja princesa, Lu-don pode exigir que me sacrifiquem para apaziguar a cólera de Jad-ben-Otho... Entre ambos... estarei perdida...

- Nunca saberão a não ser que lhe diga... - quase gritou Pan-at-lee. - Juro por Jad-ben-Otho que nunca te trairei!

- Diga-me, estrangeiro... - suplicou O-lo-a. - É na verdade um deus?

- Jad-ben-Otho não é mais do que eu... - respondeu Tarzan, sem mentir.

- Mas então por que razão foge das mãos dos mortais, sendo um deus?

- Quando os deuses se misturam com os mortais... - respondeu Tarzan - ... não são menos vulneráveis do que eles. Mesmo Jad-ben-Otho, se aparecesse na sua presença, com um aspecto humano, poderia ser morto.

- Viu Ta-den e falou com ele?... - perguntou O-lo-a, sem ligação aparente.

- Sim, vi e falei com ele. Durante uma lua andamos sempre juntos.

- E... - a princesa baixou os olhos e corou... - e é verdade que ele ainda me ama?

- Decerto... - respondeu Tarzan, agora seguro da que não seria traído. - Taden

apenas pensa em O-lo-a... e anseia pelo dia em que possa voltar.

- Mas amanhã me entregarão a Bu-lot..

- Deixe que o amanhã seja sempre amanhã... e nunca virá.

- Essa desgraça virá... e por todos os amanhãs da minha vida sofrerei todas as angústias... pois Ta-den nunca será meu...

- Sem Lu-don eu poderia ter-lhe ajudado, princesa... – respondeu Tarzan. - E talvez possa ainda ajudá-la.

- Oh, se pudesse, Dor-ul-Otho! Sei que o fará se puder, pois Pan-at-lee me disse da tua bravura e da tua bondade....

- Só Jad-ben-Otho conhece o futuro... - disse Tarzan. – E agora vão, porque alguém pode vê-las e ter suspeitas.

- Iremos... - respondeu O-lo-a -...mas Pan-at-lee voltará com comida. Espero que se salve e que Jad-ben-Otho aprove o que eu faço...

Voltou-se e partiu, seguida por Pan-at-lee, enquanto Tarzan desaparecia novamente no seu esconderijo. Ao escurecer, Pan-at-lee voltou com comida, e Tarzan fez-lhe a pergunta que estava ansioso por fazer desde que falara a O-lo-a, nessa manhã:

- Pan-at-lee... que sabe dos rumores de que O-lo-a falou... a respeito de um misterioso estrangeiro que se julga estar escondido em A-lur? Ouviu alguma coisa, desde que te trouxeram para cá?

- Sim... - respondeu Pan-at-lee - ... ouvi outros escravos falar disso. É uma coisa de que se murmura, mas ninguém ousa falar em voz alta. Dizem que há uma mulher estrangeira escondida no templo... e que tanto Lu-don como Ko-tan a querem... mas nenhum deles se atreve a tomá-la, com receio do outro.

- Sabe onde ela está escondida, no templo?

- Não... Como poderia saber? Nem sequer sei o que há de verdade nisto, apenas repito o que ouvi.

- Falavam apenas de uma mulher?

- Não, falavam também de outro, um homem, que vinha com ela. Mas ninguém sabe o que aconteceu a ele.

- Obrigado, Pan-at-lee... - disse Tarzan. - Talvez me tenha ajudado mais do que qualquer de nós pode pensar.

- Espero ter ajudado... - respondeu Pan-at-lee, voltando para o palácio.

- Eu também o espero... - disse o homem da selva, fervorosamente.

CAPÍTULO 14

O templo do gryf

Quando caiu a noite, Tarzan cobriu-se com a máscara e prendeu a cauda que tirara do sacerdote a quem fora forçado a matar nos subterrâneos do templo. Resolveu que não passaria outra vez perto dos guardas, pois àquela hora tardia podia despertar suspeitas. Saltou simplesmente para a árvore que se erguia junto da muralha, e daí para o chão.

Correndo riscos muito grandes, o homem da selva atravessou os terrenos na direção do pátio do palácio, e aproximou-se do templo pelo lado oposto daquele por onde saíra ao fugir. Sem dúvida que essa parte dos terrenos lhe não era familiar, mas preferiu isso ao perigo de seguir a trilha batida entre os aposentos do palácio e os do templo. Tendo um destino em mente, e dotado como era de um quase miraculoso sentido de direção, movia-se com segurança nas sombras da noite.

Caminhando sempre por entre as sombras mais densas, projetadas pelos muros ou pelas árvores, chegou por fim, sem incidentes, ao edifício ornamentado sobre cuja utilização interrogara Lu-don, inutilmente. Tarzan notara a hesitação do grande sacerdote, ao dizer que o edifício estava deserto, e convencera-se de que Lu-don mentira.

Agora estava finalmente, sozinho, diante do edifício que tinha três andares e estava isolado de todos os outros. Havia apenas uma entrada, esculpida na rocha viva e reproduzindo a cabeça de um gryf, cuja boca aberta formava a porta. A cabeça, o capuz ósseo e as patas dianteiras estavam trabalhadas de maneira que o monstro parecia estar agachado e apoiando o focinho no chão, entre as patas. Pequenas janelas ovais, gradeadas como a porta, ladeavam a entrada.

Verificando que o caminho estava livre, Tarzan aproximou-se e experimentou as grades da porta, para ver que estavam engenhosamente fixas por um processo que ele não conhecia bem, e que além disso eram demasiadamente sólidas para que as pudesse quebrar, mesmo que estivesse disposto a arriscar o barulho resultante. Nada se via no interior. Então Tarzan experimentou as janelas, mas viu que as grades estavam fixadas da mesma maneira. O homem da selva tinha de algum modo contado com aquilo, e não desanimou.

Se as grades não cediam à astúcia, tentaria fazê-las ceder à força, mau grado o ruído, se não houvesse outro processo - mas antes disso tinha de averiguar se esse outro processo existia.

Dando a volta ao edifício, examinou-o cuidadosamente. Havia outras janelas, mas também gradeadas. Por vezes Tarzan parava, à escuta, mas os ruídos que ouvia eram demasiadamente distantes para que pudessem preocupá-lo.

Olhou para cima, para a parede exterior do edifício. Tal como muitas outras paredes na cidade, no palácio e no templo, aquela estava profusamente lavrada. Havia plataformas estreitas que se prolongavam em linhas horizontais e depois formavam ângulos, dando por vezes uma impressão de desequilíbrio ou de torção. Mas, para o homem da selva, era uma parede fácil de escalar. Tarzan sentiu que a máscara era um

embaraço, e tirou-a, colocando-a no chão junto da base da parede. Trepou... e viu que as janelas do segundo andar tinham, além de grades, cortinas que as tapavam pelo lado de dentro. Não se demorou ali, porque imaginava que a entrada mais fácil seria por cima, pela cobertura em cúpula, semelhante à da sala do trono no palácio de Ko-tan.

Existiam aberturas - Tarzan vira-as, de baixo. Se a construção do interior fosse também semelhante à da sala do trono, não seriam necessárias grades nessas aberturas, pois ninguém conseguiria escalá-las, do chão. A única dúvida estava em serem suficientemente largas para darem passagem aos grossos ombros do homem da selva.

Tarzan parou de novo no terceiro andar, e aí, ao abrigo dos reposteiros, viu que o interior estava iluminado - e ao mesmo tempo o seu olfato captou um cheiro, vindo de dentro, que varreu dele, pelo menos temporariamente, todos os vestígios de civilização, transformando-o na fera implacável das selvas de Kerchack. Tão súbita e completa foi a metamorfose, que Tarzan esteve quase a soltar o pavoroso brado de desafio dos gorilas, e só o instinto o deteve.

Agora ouvia vozes... a voz de Lu-don, suplicante... e a de alguém que falava num tom altivo e desdenhoso... embora nessa voz houvesse um acento de desespero que levou Tarzan ao paroxismo da raiva. A cúpula e as suas possíveis aberturas foram esquecidas. Todas as idéias de silêncio e de prudência foram postas de parte... quando Tarzan agarrou a grade, abalando-a com tão tremenda força que os varões e a pedra, arrancados juntamente, foram cair no interior. No mesmo instante o homem da selva lançou-se de cabeça para dentro do edifício, arrastando com ele os reposteiros feitos de peles de antílope. Erguendo-se, Tarzan desembarçou-se dos reposteiros... e viu-se rodeado por silêncio e escuridão.

Gritou um nome que não pronunciava havia longos meses... mas apenas o silêncio lhe respondeu.

- Jane! Jane... onde está?

Voltou a chamar, repetidas vezes, avançando de mãos estendidas através da escuridão total, sentindo ainda o perfume que lhe indicava ter Jane estado ali. E tinha ouvido a voz querida, que repelia as repugnantes súplicas do miserável sacerdote. Ah... se ao menos ele se tivesse dominado, se tivesse agido com cautela... talvez naquele momento tivesse Jane nos seus braços, e o corpo de Lu-don, rasgado e morto, jazesse no chão... Mas não havia tempo para se censurar a si mesmo.

Avançava às cegas, de braços estendidos, quando de repente o chão cedeu sob o seu peso e ele se achou deslizando sobre uma superfície lisa, numa queda rápida, enquanto a voz irônica de Lu-don gritava, em cima:

- Volta para junto de teu pai, Dor-ul-Otho!

O homem da selva parou violentamente, sobre um pavimento duro e áspero. Na sua frente havia uma janela oval cruzada por muitos varões... e para além dela via o luar refletir-se nas águas do lago azul. Ao mesmo tempo teve consciência de um cheiro conhecido que pairava no compartimento... um compartimento que, na meia obscuridade, lhe parecia de grandes proporções.

Era o cheiro fraco mas inconfundível do gryf. Tarzan imobilizou-se, em silêncio, à

espera. Ao princípio distinguiu apenas os sons que vinham da escuridão distante, mas não tardou que ouvisse outro como de patas almofadadas, que se aproximavam. O rumor estava cada vez mais próximo, até que por fim, a respiração do monstro se tornou audível.

Evidentemente atraído pelo barulho da queda de Tarzan, o animal vinha investigar. Tarzan ainda não o distinguia, mas sentia que ele não estava longe... e, ensurdecedor, ampliado pelas paredes da sala e dos corredores escuros, ressoou o pavoroso mugido do gryf.

Conhecendo a fraqueza visual do monstro, e agora com os seus próprios olhos adaptados à escuridão, o homem da selva pensou na maneira de evitar a furiosa carga que nenhuma criatura humana poderia enfrentar. Também não se arriscava a pôr em prática, ali, os processos do Tor-o-don, como fizera de outra vez. As circunstâncias eram diferentes. Antes, à luz do dia, tinha-se aproximado do gryf em condições normais e no ambiente normal da fera, para mais, tratava-se de um gryf de algum modo disposto a aceitar a autoridade de um homem, ou, quando menos, de um Tor-o-don. Mas ali tinha de enfrentar uma fera em cativeiro, e supunha que aquele gryf nunca se submetera a qualquer autoridade - fechado como estava, ali, para servir apenas o fim de que Tarzan tivera a experiência pessoal nos últimos momentos.

Fugir ao ataque, até encontrar alguma possibilidade de fuga, parecia ser a única tática possível.

O que estava em jogo era muito importante para que ele se arriscasse a uma luta cujo fim seria a sua morte e a aniquilação total de qualquer esperança para Jane... a quem ele havia encontrado para logo perder de novo. Todavia, apesar da sua situação, apesar de tudo, o homem da selva sentia-se possuído por uma profunda exultação, por uma indizível gratidão... Jane estava viva! Ao cabo de longos meses de angústia e desespero, voltava a encontrá-la.

Silencioso e rápido como um fantasma, Tarzan desviou-se do ataque do monstro que, guiado apenas pelos ouvidos, carregava impetuosamente na direção do ponto onde ouvia o barulho da queda. O homem da selva correu ao longo da parede oposta.

Diante dele tinha a entrada negra de um corredor, aquele de onde surgira o gryf. Sem hesitar, Tarzan precipitou-se para lá. Os seus olhos, que tinham qualquer afinidade com os olhos dos felinos, distinguiam, embora vagamente, o chão e as paredes, a curta distância - o bastante para evitar que ele caísse em algum buraco, ou batesse inesperadamente contra uma parede.

O corredor era alto e largo, como decerto devia ser para dar passagem a uma fera das proporções do gryf, e Tarzan não teve grande dificuldade em se mover com razoável rapidez. Sentia que o chão tinha uma inclinação para baixo, embora não muito acentuada, mas parecia interminável e Tarzan perguntava a si mesmo aonde conduziria. Ocorria-lhe que talvez tivesse feito melhor em ficar no compartimento onde caíra, e tentar dominar o gryf, num ponto onde, ao menos, havia espaço e alguma luz. Se fosse apanhado ali, no corredor escuro onde o monstro não poderia vê-lo, seria morte certa.

Agora ouvia os trovejantes mugidos da fera, que se aproximavam. Parar e enfrentar aquela autêntica encarnação da fúria, com um fútil “Whee-oo” parecia loucura... e

Tarzan correu mais depressa ao compreender que o gryf se aproximava.

Mas agora a escuridão atenuava-se, e transposta uma última curva, Tarzan se viu numa zona iluminada pelo luar. Com renovada esperança, lançou-se para a frente e encontrou-se num recinto circular, rodeado por altas muralhas brancas... lisas, perpendiculares, sem uma única aspereza. À sua esquerda havia um lago que chegava à base da muralha, de um lado... O lago onde o gryf ia beber...

E o monstro surgiu do corredor, e Tarzan recuou para a beira da água... para travar a sua última luta... Ali, não dispunha de qualquer vara com que pudesse apoiar a autoridade da sua voz... mas nada mais podia fazer. O gryf parou, logo à saída do corredor, voltando os olhos débeis em todas as direções, procurando a presa. Parecia ser o momento psicologicamente exato para a sua tentativa, e erguendo a voz, num tom de comando, Tarzan emitiu o estranho “Whee-oo”, o grito do Tor-o-don. O efeito, sobre o gryf, foi instantâneo -com um mugido terrível, baixou a cabeça e investiu furiosamente na direção do som.

Não havia caminho de fuga... Atrás era o lago, à direita e à esquerda era a parede, e em frente vinha a morte.

O monstro ia alcançar Tarzan, quando este se voltou e mergulhou na água escura.

Toda a esperança desaparecera. Lutando pela vida, durante angustiosos meses de prisão, e de perigo, e de trabalhos, a chama da esperança tinha oscilado, subindo por vezes para logo diminuir cada vez mais... Agora morrera, deixando apenas cinzas frias que Jane Clayton sabia nunca mais poderem arder:

A esperança estava morta quando ela enfrentava o grande sacerdote de Alur, Lu-don... na sua prisão solitária do Templo do Gryf. O tempo e a angústia não haviam deixado marcas na sua beleza física... e no entanto era dessa mesma beleza que vinha o perigo maior, pois Lu-don a desejava, Jane nada tinha a temer dos acólitos, mas Lu-don não era um eunuco, pois que o alto cargo de grande sacerdote se devia transmitir de pais para filhos.

Ko-tan, o rei, desejava-a também, e isso mesmo a havia até então defendido de cada um deles, que se temiam um ao outro.

Mas agora Lu-don desdenhava toda a descrição e, nas vigílias noturnas, procurava-a, ora ameaçador, ora suplicante: Jane conseguira repeli-lo altivamente, mantê-lo a distância, tentando ganhar tempo... embora nada esperasse do tempo. Não se mostrava assustada, todavia, mas sim cortante e distante, mostrando claramente o seu desprezo. E a atitude dela, embora enfurecendo Lu-don, tornava-a mais desejável aos seus olhos.

Era uma verdadeira rainha, talvez uma deusa... a digna ira de um grande sacerdote.

- Não me toque!... - gritava ela, quando Lu-don tentava aproximar-se. - Um de nós morrerá disso!...

Mas Lu-don, dessa vez, aproximou-se mais, agarrou-a por um braço, dizendo ironicamente:

- O amor não mata!

Puxou por ela... e nesse instante as grades da janela foram poderosamente abaladas e

tombaram dentro, seguidas quase no mesmo instante por um vulto que mergulhou de cabeça no chão, envolvido nas peles de antílope que tapavam a janela e que o vulto arrancara no seu ímpeto.

Jane viu surpresa e terror na expressão do grande sacerdote, e logo viu-o saltar e puxar uma tira de couro que pendia do teto. Imediatamente caiu de cima uma divisória habilmente escondida, que desceu entre eles e o intruso, isolando-o e deixando-o às escuras, pois a única luz ardia do lado onde estavam Jane e Ludon. Debilmente, por trás da divisória solidamente espessa, Jane ouviu uma voz... sem todavia a reconhecer e sem poder distinguir as palavras. Então Lu-don puxou outra tira de cabedal e imobilizou-se, à espera. Não esperou muito tempo, pois a tira de cabedal agitou-se logo, como puxada de cima. Sorrindo malignamente, o grande sacerdote moveu uma alavanca que fez subir de novo a divisória, decerto pondo em movimento qualquer máquina de contrapesos.

Avançando para a parte da sala que a divisória isolara, Lu-don curvou-se, empurrou uma parte do chão, pondo a descoberto o que parecia a abertura de um poço, e gritou:

- Volta para junto de teu pai, Dor-ul-Otho!

Depois, prendendo o fecho que impedia o alçapão de se abrir fora dos momentos escolhidos por ele, Lu-don levantou-se.

- E agora, minha bela... - interrompeu-se, voltou-se para a porta que alguém abrira, e exclamou: - Ja-don! Que veio fazer aqui?

Jane olhou também para a porta e viu, no limiar, a alta figura de um guerreiro, em cujas feições enérgicas havia uma expressão de autoridade.

- Venho da parte de Ko-tan, o rei... - disse Ja-don - ... a fim de conduzir a bela estrangeira para o Jardim Proibido.

- O rei desafia-me... a mim... alto sacerdote de Jad-ben-Otho?

- É a ordem do rei!... - respondeu secamente Ja-don.

Lu-don sabia bem por que razão o rei escolhera aquele mensageiro, cuja heresia era notória, mas cujo poder o pusera até então ao abrigo das maquinações do grande sacerdote. Lu-don olhou sub-repticiamente para as corréias que pendiam do teto. Por que não? Se ele pudesse levar Ja-don para o outro lado da sala...

- Venha... - disse ele, em tom conciliador. - Discutamos o caso... -e encaminhou-se para o ponto aonde queria que Ja-don o seguisse.

- Nada há a discutir... - disse Ja-don, seguindo-o, mas receando qualquer traição.

Jane observava-os. Nas feições e na atitude do guerreiro via esses sinais de honra e coragem que a profissão das armas por vezes desenvolve. No grande sacerdote havia apenas marcas de hipocrisia e vileza. Pensou que, com o guerreiro, podia ter alguma possibilidade de salvação, ao passo que com Lu-don nenhuma havia. Mesmo a hipótese de mudar de prisão podia dar-lhe, talvez, uma possibilidade de fuga. Tomou a sua decisão, porque notara o olhar sub-reptício de Lu-don.

- Guerreiro... - disse ela, dirigindo-se a Ja-don... - se quer viver não passe para esse lado da sala.

- Silêncio, escrava!... - bradou Lu-don, lançando-lhe um olhar de cólera.

- Onde está o perigo?... - perguntou Ja-don, ignorando Lu-don.

- Olhe... - respondeu Jane, apontando para as tiras de couro. E, antes que Lu-don pudesse intervir, puxou a correia que fez cair a divisória, separando-o dela e do guerreiro. Ja-don fitou-a, surpreso.

- Sem a tua intervenção ele me teria apanhado... teria me feito prisioneiro até poder escondê-la nos labirintos do templo.

- Teria feito mais do que isso... - respondeu Jane, puxando a outra tira. - Isto abre um alçapão, do outro lado da divisória. Quando o pisasse seria precipitado num poço, sob o templo. Lu-don ameaçou-me com isto, muitas vezes. Não sei se é verdade, mas ele diz que um demônio do templo está fechado lá em baixo... um grande gryf!

- Há um gryf dentro do templo... - confirmou Ja-don. - Com isso, e com os sacrifícios, os sacerdotes têm-nos ocupados para lhes trazer prisioneiros, embora as vítimas sejam por vezes do nosso próprio povo, gente a quem Lu-don odeia. Há muito que ele quer acabar comigo, e sem a tua intervenção teria sido hoje. Por que me avisou? Não somos ambos seus carcereiros e inimigos?

- Ninguém pode ser mais horrível do que Lu-don... - respondeu ela -... e você tem a aparência de ser um bravo e honesto guerreiro. Não posso ter esperança, porque a esperança morreu em mim, mas no entanto penso que entre tantos guerreiros, embora de uma raça diferente da minha, exista um que trate honestamente um estrangeiro - mesmo que seja uma mulher.

Ja-don fitou-a longamente. Depois disse:

- Ko-tan quer fazer de você a sua rainha. Ele próprio me disse, e isso é tratamento honesto da parte de alguém que poderia transformá-la em escrava.

- Para que quer ele fazer-me rainha, então?

Ja-don aproximou-se, como receando que as suas palavras fossem ouvidas:

- Ele acredita, ainda que não me dissesse, que você pertence à raça dos deuses. E porque não? Jad-ben-Otho não tem cauda, e é natural que Ko-tan pense que só os deuses são assim. A rainha morreu deixando-lhe apenas uma filha. Ko-tan deseja um filho, e que melhor coisa haveria do que uma dinastia semelhante, em Pal-ul-don, descendente dos deuses?

- Mas eu sou casada, não posso casar com outro homem... e não quero Ko-tan nem o seu trono!

- Ko-tan é o rei... - disse Ja-don, simplesmente, como se isso explicasse tudo.

- Não pode me salvar, então?

- Se estivesse em Ja-lur poderia proteger-te, contra o rei...

- O que é Ja-lur, e onde?... - perguntou Jane.

- É a cidade onde eu governo... - respondeu Ja-don. - Sou o chefe, nessa cidade e em todo o vale para...

- Onde é?... - insistiu ela. - É longe?

- Não... - replicou Ja-don - ... não é longe, mas nunca poderia chegar lá. Haveria

demasiada gente para te perseguir e capturar. No entanto, se quer saber, fica na parte superior do rio que vai desaguar em Jad-ben-lul, e cujas águas passam por A-lur... fica no braço oeste do rio e tem água por três lados. É a cidade inexpugnável de Pal-ul-don, a única onde um inimigo nunca entrou desde que foi construída... na infância de Jad-ben-Otho.

- E aí eu estaria em segurança?... - perguntou Jane.

- Talvez.

A esperança não morre facilmente, a mais leve fagulha a reacende. Jane suspirou e abanou a cabeça, compreendendo a inutilidade da esperança... e todavia alguma coisa lhe acenava... Ja-lur...

- Você é sensata... - disse Ja-don, interpretando o suspiro de Jane. - Vem, vou levá-la aos aposentos da princesa, junto do Jardim Proibido. Ficará ali com O-lo-a, a filha do rei. Estará melhor do que nesta prisão.

- E Ko-tan?... - perguntou ela, estremecendo.

- Há cerimônias... - respondeu Ja-don - ... que ocuparão vários dias antes que seja rainha... e uma delas deve ser difícil de organizar... - acrescentou ele, rindo.

- Qual é?

- Só o grande sacerdote pode presidir ao casamento do rei...

- Ganhar tempo!... - murmurou Jane. - Abençoadas demoras... Tenazmente, a esperança teimava em viver...

CAPÍTULO 15

"o rei está morto!"

Enquanto conversavam, Ja-don fê-la descer a escada de pedra que conduzia, desde os andares superiores do Templo do Gryf, até aos compartimentos e corredores abertos nas colinas onde haviam sido construídos o templo e o palácio, e então passaram do primeiro para o segundo através de uma porta guardada, de um dos lados, por dois acólitos de Lu-don, e do outro por dois guerreiros.

Os primeiros tentaram deter Ja-don quando viram quem o acompanhava, pois todos conheciam a rivalidade entre o alto sacerdote e o rei, pela posse da bela estrangeira.

- Ela só pode passar por ordem de Lu-don... - disse um dos acólitos, colocando-se diante de Jane. Pelos buracos da máscara viam-se brilhar os olhos do fanático. Ja-don passou o braço esquerdo pelos ombros da mulher, e pousou a mão direita no cabo da faca.

- Ela passa por ordem de Ko-tan, o rei... - disse ele... - e porque eu, Ja-don, chefe, vou com ela. Afaste-se! Os dois guerreiros, do outro lado, avançaram.

- Estamos aqui, gund de Ja-lur... - declarou um deles... - para receber as suas ordens e obedecer. O segundo acólito interveio.

- Deixe-os passar. Não recebemos ordens de Lu-don, em contrário, e é lei do templo e do palácio que sacerdotes e chefes podem passar.

- Mas eu conheço a vontade de Lu-don... - insistiu o primeiro.

- Ele te disse que Ja-don não podia passar com a estrangeira?

- Não, mas...

- Então deixe-os passar... porque eles são três e nós dois... e de todas as formas passaríamos. Fizemos o nosso dever. O outro afastou-se, dizendo com raiva:

- Lu-don lhe pedirá contas, Ja-don...

- E as terá quando e onde quiser... - respondeu Ja-don, secamente.

Chegaram por fim aos aposentos da princesa O-lo-a, à entrada dos quais havia um pequeno grupo de guardas do palácio, bem como vários eunucos negros. Foi a um destes que Ja-don confiou a estrangeira.

- Leve-a à princesa... - ordenou.

Através de vários compartimentos iluminados com lâmpadas de pedra onde ardia óleo, o eunuco levou Jane até uma porta coberta com um reposteiro feito com a pele de um "dentes-de-sabre". Aí, o eunuco bateu na parede.

- O-lo-a, princesa de Pal-ul-don... - chamou. - Aqui está a estrangeira, a prisioneira do templo.

- Peça-lhe que entre..., - disse, de dentro uma voz suave. O eunuco afastou o reposteiro e Lady Greystoke entrou. Viu-se num compartimento de teto baixo e não muito grande. Em cada um dos cantos havia uma figura de pedra, ajoelhada, que parecia

agüentar parte do peso do teto. As figuras representavam escravos Waz-don, e havia nelas uma certa beleza ousada, artística. O teto formava um arco pouco pronunciado, com uma cúpula central perfurada para deixar entrar o ar e a luz do dia. Numa parede havia uma porção de janelas, nas outras três apenas uma porta em cada. A princesa estava estendida sobre um monte de peles, colocado num estrado de pedra. Sobre o estrado, aos pés, estava sentada uma escrava Waz-don.

Quando Jane entrou, O-lo-a fez-lhe sinal para se aproximar e, erguida sobre um cotovelo, examinou-a.

- Como você é bela... - comentou, simplesmente.

Jane teve um sorriso triste, pois para ela a beleza agora era como uma maldição. Mas respondeu:

- É na verdade um cumprimento, vindo de uma jovem e radiante princesa como é O-lo-a.

- Ah!... - exclamou a princesa, encantada. - Fala a minha língua! Tinham-me dito que era de outra raça, vinda de uma terra muito distante da qual os Ho-don nunca ouviram falar.

- Lu-don cuidou de que os sacerdotes me instruissem... - explicou Jane - ... mas na verdade venho de um país muito distante, ao qual não poderei voltar. Isso deixa-me muito infeliz.

- Mas Ko-tan, meu pai, fará de você a sua rainha... e isso deve torná-la feliz.

- Não, princesa, porque amo outro homem com quem estou casada. Teria de saber o que é amar e ser forçada a casar com quem não amasse, para compreender.

A princesa O-lo-a ficou calada durante um longo momento. Por fim disse:

- Eu sei... e tenho pena de você... mas se a filha do rei não pode escapar a tal destino, quem poderá salvar uma escrava... como você é agora?

As bebidas, na grande sala dos banquetes do palácio de Ko-tan, haviam começado mais cedo do que o habitual, nessa noite, pois o rei festejava o casamento, no dia seguinte, da sua única filha, O-lo-a, com Bu-lot, filho de Mo-sar,

o chefe, cujo bisavô fora rei de Pal-ul-don, e que se julgava com direito ao trono. Mo-sar estava embriagado, e o mesmo acontecia a Bu-lot, seu filho. Na verdade quase todos os guerreiros, incluindo o próprio Ko-tan, estavam bêbedos. No coração de Ko-tan não havia qualquer estima por Mo-sar ou por Bu-lot, e nenhum destes estimava o rei. Era uma união de conveniência, por meio da qual Ko-tan esperava que Mo-sar cessasse de tentar apoderar-se do trono. Mo-sar era, depois de Ja-don, o mais poderoso dos chefes, e embora Ko-tan temesse Ja-don, não receava que ele ambicionasse o trono de Pal-ul-don. Mas também não sabia para que lado Ja-don levaria a sua influência e os seus guerreiros, no caso de Mo-sar declarar guerra.

Os povos primitivos e guerreiros são pouco inclinados à diplomacia, mesmo quando sóbrios; ébrios, não reconhecem o valor das palavras, se excitados. Foi Bu-lot quem precipitou os acontecimentos.

- Bebo isto por O-lo-a... - disse ele, esvaziando de um gole a sua taça. - E isto... -

acrescentou, tirando a taça a um vizinho de mesa - ... pelo filho que tivermos e que restituirá o trono de Pal-ul-don aos que têm direito a ele!

- O rei ainda não está morto!... - disse Ko-tan, erguendo-se. - E Bu-lot ainda não está casado com a filha do rei... Talvez seja ainda tempo de poupar Pal-ul-don à desgraça de ser governada pelos descendentes dos coelhos!

O tom irado do rei, e a sua insultante referência tão bem conhecida da covardia de Bu-lot, provocaram um súbito silêncio. Todos olharam para Bu-lot e Mo-sar, que estavam sentados em frente do rei. O primeiro estava muito bêbado, mas de repente pareceu ficar sóbrio. Na verdade, estava tão bêbado que, por um instante, se esqueceu da sua covardia, incapaz de pensar. Levantou-se bruscamente e, apoderando-se da faca de um guerreiro sentado a seu lado, lançou-a com força contra Ko-tan. Todos os homens de Pal-ul-don eram hábeis na arte de atirar clavas e facas... A tão curta distância aconteceu o que era de esperar - Ko-tan, o rei, com o coração atravessado pela lâmina, caiu de bruços sobre a mesa.

Seguiu-se, ao ato covarde, um silêncio breve. Lívido de medo, Bu-lot recuava para a porta atrás dele. Vários guerreiros saltaram, brandindo as facas, para detê-lo. Mas Mo-sar colocou-se ao lado do filho, gritando:

- Ko-tan está morto! Mo-sar é rei! Que os leais guerreiros de Pal-ul-don protejam o seu rei!

Mo-sar comandava numerosos adeptos, e esses prontamente o rodearam, e a Bu-lot, mas havia muitas facas contra eles e Ja-don adiantou-se por entre os que enfrentavam o pretendente.

- Prendam ambos!... -bradou. - Os guerreiros de Pal-ul-don escolherão o seu rei, depois do assassino de Ko-tan ter pago a sua vilania!

Dirigidos agora por um chefe a quem admiravam e respeitavam, os que haviam sido leais a Ko-tan atacaram aqueles que rodeavam Mo-sar. Foi uma luta feroz e terrível, destituída, aparentemente, de tudo o que não fosse a fúria de matar. No auge da luta, Mo-sar e Bu-lot esgueiraram-se para fora da sala.

Correram apressadamente para a parte do palácio onde tinham sido hospedados. Estavam aí os seus criados e os guerreiros menores, que não haviam sido convidados para a festa de Ko-tan. Esses receberam imediatas ordens para reunirem prontamente o que lhes pertencia, a fim de partirem sem demora. Quando estiveram prontos, e pouco demorou porque pouco haviam trazido, encaminharam-se para o portão do palácio.

Subitamente, Mo-sar aproximou-se do filho. Sussurrou:

-A princesa... Não devemos partir sem ela... Representa meia vitória na luta pelo trono...

Bu-lot, agora completamente sóbrio, não concordava. Tinha tido mais do que a sua conta, em lutas e perigos. Respondeu:

- Vamos sair daqui, depressa... ou teremos toda a cidade contra nós. O-lo-a não cederia sem luta, e isso demoraria muito.

- Temos muito tempo... - insistiu Mo-sar. - Estão ainda combatendo, no “pal-e-

don-so”. Demorará antes que notem a nossa falta, e estando Ko-tan morto ninguém pensará na princesa! Vamos!

Relutante, Bu-lot seguiu o pai. Este deu instruções a guerreiros para esperarem junto das portas do palácio, do lado de dentro. Então os dois homens dirigiram-se para os aposentos da princesa.

À porta estavam apenas os guardas, pois os eunucos haviam retirado.

- Há luta no “pal-e-don-so”... - disse Mo-sar, dirigindo-se excitado, aos guardas que o detiveram. - O rei quer que vão para lá, e enviou-nos para proteger os aposentos da princesa!

Os guardas hesitaram, mas conheciam-no e sabiam que, no dia seguinte, a princesa seria mulher de Bu-lot. Por outro lado, desobedecer às ordens de Mo-sar, um poderoso chefe, podia ser perigoso. Fizeram o que Mo-sar mandava...

Mal lhes dando tempo para se afastarem, Mo-sar entrou e, seguido por Bulot, dirigiu-se para os aposentos de O-lo-a. Um momento depois, pai e filho entraram, sem aviso, no compartimento onde estavam as três mulheres. Ao vê-los, O-lo-a ergueu-se de um salto.

- Que significa isto?... - perguntou ela, colérica.

Mo-sar parou. Na sua mente astuta já se formara um plano que, se desse resultado, resolveria tudo facilmente. Foi então que os seus olhos descobriram Jane Clayton, e Mo-sar reteve a custo uma exclamação admirativa. Mas dominou-se a tempo, e falou:

- O-lo-a... quando souber da urgência da nossa missão, perdoará. Temos tristes notícias para dar. Houve uma revolta no palácio... e Ko-tan, o rei, foi morto. Os rebeldes estão bêbados e vêm para cá. Temos de levá-la para fora de A-lur. Venha, não há um momento a perder!

- Mataram meu pai!... - exclamou O-lo-a, com espanto nos olhos. - Então o meu lugar é aqui, com o meu povo... Se Ko-tan morreu, eu sou a rainha até que os guerreiros escolham outro rei. É a lei de Pal-ul-don. E se eu sou rainha ninguém pode me obrigar a casar com quem não quero... Jad-ben-Otho é testemunha de que nunca desejei casar com o covarde Bu-lot. Saiam!

A princesa apontava imperiosamente para a porta. Mo-sar compreendeu que o seu plano falhara e que não havia um momento a perder. Olhou de novo para a bela mulher que estava junto de O-lo-a. Nunca a vira antes, mas conhecia os rumores que corriam sobre uma estrangeira bela como uma deusa, a quem Kotan queria fazer rainha.

- Bu-lot... - bradou, dirigindo-se ao filho... - tome a sua mulher, que eu tomarei a minha...

E, antes que O-lo-a ou Pan-at-lee pudessem compreender a sua intenção, saltou sobre Jane, prendeu-a nos braços e correu para a porta, desaparecendo com a sua presa que se debatia.

Então Bu-lot quis agarrar O-lo-a... mas a princesa tinha a seu lado Pan-at-lee - a jovem e corajosa Kor-ul-ja - e o filho de Mo-sar não tardou a verificar que, com as duas, nada poderia fazer. Quando quis agarrar O-lo-a, Pan-at-lee segurou o pelas

pernas, tentando derrubá-lo. Bu-lot quis desembaraçar-se dela, e por fim, compreendendo que não só perderia a princesa, mas também corria o risco de ser apanhado se não saísse dali, largou O-lo-a e, deitando uma das mãos aos cabelos de Pan-at-lee, empunhou a sua faca, levantou-a e... os reposteiros, atrás dela, foram bruscamente afastados. Em dois saltos, um vulto poderoso atravessou o compartimento. Antes que a faca de Bu-lot descesse... o seu pulso foi agarrado por dedos de aço, e uma tremenda pancada, na base do crânio, derrubou-o sem vida. Bu-lot, traidor e covarde, vil assassino, morreu sem saber como morria.

Quando Tarzan mergulhou no lago do gryf, sob o templo, o seu gesto parecia ser uma desesperada tentativa para adiar a morte, um último impulso do instinto de conservação, um derradeiro esforço para evitar, embora por momentos, a inevitável tragédia em que cada qual tem de representar o principal papel, inevitavelmente, no seu pequeno palco... Mas os seus olhos penetrantes tinham visto a única possibilidade de fuga... onde a muralha vertical deixava passar a água que o luar iluminava, por uma abertura à superfície do lago. Em rápidas braçadas atravessou o lago, pois sabia que a água não constituiria obstáculo para o gryf. Ouvia, nesse exato momento, o grande chapinhar da fera que mergulhava atrás dele. Agora a sua vida dependia de a abertura ser bastante larga para lhe dar passagem. À superfície era demasiado estreita, mas parecia alargar-se, embaixo. Enchendo os pulmões de ar, Tarzan mergulhou.

Lu-don espumava de raiva, compreendendo que a mulher estrangeira o batera no seu próprio jogo. Sem dúvida que ele podia escapar do Templo do Gryf onde ela o aprisionara... mas a demora, embora breve, permitiria a Ja-don levá-la para fora do templo e entregá-la a Ko-tan.

Praguejando terrivelmente, em nome de Jad-ben-Otho e de todos os demônios da sua crença, Lu-don jurou a si mesmo que tal não seria. Odiava Kotan, e secretamente apoiava a causa de Mo-sar que seria um instrumento dócil nas suas mãos. Talvez aquilo lhe desse a oportunidade há tanto tempo esperada - um pretexto para o incitamento à revolta que destronaria Ko-tan e entregaria o poder a Mo-sar...sob as ordens de Lu-don, o alto sacerdote. Encaminhou-se para a janela por onde Tarzan entrara, e que era agora o seu único caminho de fuga.

Tateando o chão, cautelosamente, viu que o alçapão estava aberto e murmurou, com raiva:

- A diabólica mulher! Há de pagar duramente pelo que fez a Lu-don...

Passou pela janela e desceu sem demora ao longo da parede. Ia perseguir Ja-don e a mulher, arriscando-se a ter de enfrentar o guerreiro... ou agiria por perfídia e intriga, com tempo, para realizar os seus propósitos?

Escolheu a segunda solução, como era de esperar numa criatura assim.

Encaminhando-se para os seus aposentos, reuniu os sacerdotes que lhe mereciam mais confiança e compartilhavam da sua ambição pela supremacia do templo sobre o palácio. Todos eles eram homens que odiavam Ko-tan.

- Chegou o momento... -disse-lhes Lu-don... - em que a autoridade do templo deve

dominar a do palácio. Ko-tan, que ousou desafiar-me, tem de ser substituído por Mo-sar. Você, Pan-sat... - prosseguiu, dirigindo-se ao seu principal auxiliar - ... vá e chama Mo-sar, para que venha ao templo. Os outros vão à cidade e preparem os guerreiros fiéis, para que estejam prontos quando for preciso.

Durante cerca de uma hora discutiram os pormenores do golpe de estado que deveria derrubar o governo de Pal-ul-don. Um deles conhecia um escravo que, quando soasse o sinal no gongo do templo, não hesitaria em cravar uma faca no coração de Ko-tan, desde que lhe promettessem a liberdade. Outro sabia de um funcionário do palácio, que podia ser utilizado para dar entrada a um certo número de guerreiros fiéis a Lu-don. Com Mo-sar servindo de aríete, o plano parecia seguro.

Separaram-se então e cada qual foi desempenhar a sua missão, no palácio ou na cidade.

Quando Pan-sat entrou nos terrenos do palácio, notou uma súbita agitação para os lados do “pal-e-don-so” - e minutos depois Lu-don ficou surpreendido ao vê-lo regressar, ofegante e excitado.

- O que há, Pan-sat?... - perguntou. - Está sendo perseguido por demônios?

- Grande sacerdote, o novo tempo veio e foi enquanto aqui estávamos fazendo planos. Ko-tan está morto e Mo-sar fugiu. Os amigos de Mo-sar lutam com os guerreiros do palácio, mas não têm chefe, ao passo que Ja-don comanda os outros. Pouco consegui saber, através de escravos assustados que fugiam. Um deles disse-me que Bu-lot matara o rei...e que tinha visto Mo-sar e o assassino fugirem do palácio.

- Ja-don... - murmurou o grande sacerdote. - Esses estúpidos o farão rei...: se não agirmos depressa. Vá à cidade, Pan-sat... Corre depressa, e espalha a notícia de que Ja-don assassinou o rei e luta para roubar o trono a O-lo-a. Diga, por onde passar, que Ja-don quer destruir os sacerdotes e levar os templos para Jad-ben-lul. Incita os guerreiros da cidade, para que ataquem imediatamente. Traga-os ao templo, pelo caminho secreto que só os sacerdotes conhecem, e daqui nós os levaremos a atacar o palácio antes que eles saibam a verdade. Parta sem demora... Mas escute ainda... Viu, ou ouviu, alguma coisa sobre a mulher estrangeira que Ja-don levou do Templo do Gryf, onde a tínhamos aprisionado?

- Só sei que Ja-don a levou para o palácio, depois de ter ameaçado os sacerdotes que não queriam deixá-la passar... Mas não sei em que ponto do palácio a esconderam.

- Ko-tan ordenou que a levassem para o Jardim proibido... - disse Lu-don. - Nós a encontraremos lá. Agora vá, Pan-sat.

Num corredor, perto dos aposentos de Lu-don, um sacerdote, com a cabeça coberta por uma hedionda máscara, estava parado junto dos reposteiros de peles, à entrada. Se tivesse escutado, teria ouvido as palavras trocadas entre Lu-don e Pan-sat... e a prova de que ouvira foi o fato de recuar rapidamente para as sombras de uma passagem próxima, quando Pan-sat se encaminhou para a porta. O auxiliar do grande sacerdote seguiu o seu caminho, ignorando a presença do homem por quem quase roçara ao passar, e dirigiu-se para a ligação secreta que havia, sob o palácio, entre o templo e a cidade.

Também não notou que um vulto silencioso o seguia.

CAPÍTULO 16

O caminho secreto

Furioso, o gryf mugia terrivelmente enquanto o corpo moreno de Tarzan passava pela abertura da muralha e alcançava o lago, que continuava do outro lado. O homem da selva sorria, ao pensar na relativa facilidade com que contrariara os intentos do grande sacerdote, mas a sua face tomou uma expressão sombria ante a imagem dos perigos a que Jane estava exposta. O seu único objetivo, agora, tinha de ser o de voltar o mais depressa possível ao compartimento onde a vira, no terceiro pavimento do Templo do Gryf, mas não fazia qualquer idéia de como achar novamente o caminho para lá. À luz do luar, podia ver a alta muralha que se alongava por grande distância na margem do lago.

Nadando perto da muralha, procurava atentamente alguma saliência onde pudesse firmar-se na superfície lisa.

Acima, e fora do seu alcance, avistava várias aberturas. Foi então que avistou uma dessas aberturas ao nível da água. Nadou para lá, sem rumor. Depois parou e ficou à escuta. Não havia ninguém à vista.

A muralha alongava-se ainda para diante, decerto muito para além do templo, e até do palácio. Içou-se, o corpo moreno escorrendo água a que o luar emprestava um brilho suave.

Na sua frente havia um corredor escuro, onde a escuridão era total para além da entrada que o luar iluminava frouxamente. Movendo-se tão depressa quanto podia, sem abandonar o cuidado necessário, Tarzan seguiu pelo corredor, internando-se pelas entranhas da muralha. Depois de uma volta brusca, deparou-se com uma escada.

Acima começava outro corredor, que seguia paralelo à superfície da muralha. Aí, a passagem estava debilmente iluminada por lâmpadas de pedra colocadas em nichos, bastante afastadas umas das outras. Um exame rápido indicou a Tarzan a existência de numerosas aberturas de ambos os lados do corredor, e os seus ouvidos captaram sons que, traíam a presença de outras criaturas, não muito longe -, decerto sacerdotes que se encontravam em alguns dos compartimentos que comunicavam com a passagem.

Seguir, sem ser visto, por entre aquele viveiro de inimigos, parecia uma hipótese impossível. Era preciso arranjar novo disfarce... e Tarzan, tão silencioso como Numa ao seguir uma presa, aproximou-se de uma das entradas, Farejou o ar, junto das peles que serviam de reposteiros, e logo a seguir entrou.

Os reposteiros ainda oscilavam brandamente quando se ouviu, no interior do compartimento, um gorgolejar abafado. Depois foi novamente o silêncio. Decorreram três ou quatro minutos... e então as peles da entrada foram afastadas e um sacerdote de Jad-ben-Otho, com a cabeça coberta por uma máscara, surgiu no corredor.

Sem hesitar, o homem avançou ao longo da passagem, e ia voltar para outra galeria quando ouviu vozes que vinham de um compartimento à sua esquerda. Parou no mesmo instante, atento e à escuta. Instantes depois, porém, saltou para as sombras da galeria divergente - enquanto um sacerdote, saindo do compartimento, se encaminhava

apressadamente ao longo do corredor principal.

O que estivera à escuta, esperou que o outro se afastasse e seguiu-o em silêncio.

O caminho levou-os pelo corredor principal, paralelo à muralha durante algum tempo. Depois Pan-sat, tirando uma lâmpada de um dos nichos, voltou-se bruscamente para um pequeno compartimento. O vulto que o seguia chegou ainda a tempo de distinguir a claridade frouxa da lâmpada, que vinha de uma abertura no chão. Aí viu uma série de degraus, feitos com estacas semelhantes às que os Wáz-don usavam nas suas penedias, e que desciam.

Verificando que o outro continuava a avançar sem suspeitas, o perseguidor desceu também. Embora, havia uma passagem estreita e baixa, cortada com frequência por degraus que desciam sempre. Raras vezes os degraus eram em número superior a seis, e em certos lugares eram apenas um ou dois, mas o perseguidor calculava que já deviam ter descido uns quinze ou vinte metros, desde que a descida começara, quando a passagem terminou num compartimento de reduzidas proporções, a um canto do qual havia uma pequena pilha de pedras partidas.

Pan-sat pousou a lâmpada e, apressadamente, afastou as pedras, pondo a descoberto uma estreita abertura, do outro lado da qual havia outro montículo de pedaços de rocha.

Removeu esses pedaços de rocha, até ter uma passagem suficiente, e saiu, desaparecendo do campo de visão do seu perseguidor que se escondera atrás dele, nas sombras. Todavia, assim que Pan-sat se afastou - deixando a lâmpada ardendo no lugar onde a pousara - o perseguidor seguiu o mesmo caminho e achou-se numa estreita plataforma a cerca de meia altura entre o lago e a crista da muralha. A plataforma alongava-se, subindo num declive íngreme, até chegar à retaguarda de um edifício construído à beira da penedia... onde o sacerdote mascarado entrou a tempo de ver Pan-sat dirigir-se para a cidade que ficava adiante.

Quando Pan-sat desapareceu numa esquina próxima, o seu perseguidor saiu da casa e observou de relance as imediações. Estava satisfeito, porque o sacerdote, a quem ele seguira, tinha servido os intuítos do seu perseguidor. Acima dele, talvez a uma distância de cem metros, as muralhas do palácio salientavam-se, brancas. Não considerava perdido o tempo que gastara para ficar conhecendo a passagem secreta, embora deplorasse cada instante que o impedia de se aproximar do seu principal objetivo. No entanto, parecera-lhe necessário, para o bom êxito do plano que concebera depois de ouvir a conversa entre Lu-don e Pan-sat, conhecer bem a passagem.

Sozinho contra uma nação de inimigos meio selvagens e alerta, pouco podia esperar quanto ao desfecho feliz da grande aventura, da qual dependia a vida e a felicidade da criatura a quem ele amava mais, no mundo. Para salvá-la precisava conquistar aliados - e era com esse fim que havia sacrificado preciosos momentos. Mas agora não perdeu tempo para entrar nos terrenos do palácio, onde teria de descobrir em que nova prisão haviam encarcerado a sua companheira.

Não teve qualquer dificuldade em passar pelos guardas postados à entrada do palácio, pois o seu disfarce de sacerdote desarmava todas as suspeitas. O risco maior estava em que lhe notassem o feitiço dos pés, mas os guardas estavam tão habituados às idas e vindas dos sacerdotes, que mal olharam para ele.

Agora a sua meta era o Jardim Proibido, e não teve dificuldade em chegar porque preferiu passar por cima da muralha.

O jardim estava deserto, não havia qualquer vestígio daquela a quem procurava. Que Jane tinha sido levada para lá, Tarzan sabia pela conversa entre Lu-don e Pan-sat... e tinha certeza de que o grande sacerdote não tivera, entretanto, tempo e oportunidade para conduzi-la a outro lugar. Sabia que o jardim era exclusivamente destinado à princesa e às mulheres que a serviam, e era razoável supor que, se Jane tinha ido para lá, isso se fizera por ordem de Ko-tan.

Portanto, naturalmente a encontraria em algum ponto dos aposentos da princesa. Apenas podia fazer conjecturas quanto à localização desses aposentos, mas sem dúvida deviam comunicar com o jardim. Dirigiu-se, portanto, para a parte do palácio que ficava mais perto do recinto florido... e com surpresa viu que a entrada não estava guardada. Escutando, ouviu no interior vozes excitadas e coléricas. Guiado pelo som, atravessou rapidamente vários corredores e compartimentos, até parar diante de uma passagem coberta por um pesado reposteiro de peles. Era daí que vinha o rumor de alteração, e levantando o reposteiro Tarzan viu um guerreiro Ho-don em luta com duas mulheres...uma das quais era O-lo-a, a filha do rei, e a outra era Pan-at-lee, de Kor-ul-ja.

No momento em que Tarzan olhou, o guerreiro atirou a princesa ao chão, brutalmente, e agarrando Pan-at-lee pelos cabelos levantou a faca que empunhava...

Nesse mesmo momento, libertando-se da incômoda máscara, Tarzan correu sobre o homem, agarrou-lhe o braço armado e desferiu-lhe um único e tremendo soco na cabeça.

Quando o guerreiro tombou, morto, as duas mulheres reconheceram Tarzan, ao mesmo tempo. Pan-at-lee caiu de joelhos e ia prostrar-se diante dele, quando uma ordem de Tarzan a deteve. Não tinha tempo para ouvir protestos de gratidão, nem para responder às perguntas que adivinhava.

Bradou:

- Onde está a mulher da minha raça, que Ja-don trouxe do templo para aqui?

- Levaram-na neste instante... - exclamou O-lo-a. - Mo-sar, o pai desse... dessa coisa aí... - explicou, apontando com desprezo para o corpo de Bu-lot - ... agarrou-a e levou-a!

- Para onde? Depressa, para onde?

- Por ali... - disse Pan-at-lee, apontando a porta por onde Mo-sar passara. - Queriam levar a princesa e a mulher estrangeira para Tu-lur, a cidade de Mo-sar, no Lago Escuro.

- Tenho de encontrá-la... - disse Tarzan. - É a minha companheira. Se sobreviver, arranjarci forma de te libertar e restituir-te a Om-at...

Antes que a garota pudesse responder, Tarzan havia desaparecido pela porta que ficava aos pés do estrado de pedra. O corredor pelo qual correu estava mal iluminado e, como quase todos na cidade dos Ho-don, subia e descia, tinha curvas e contracurvas... até que terminava bruscamente num pátio cheio de guerreiros, guardas do palácio que

alguns chefes menores haviam reunido para se juntarem aos guerreiros de Ko-tan, na batalha que continuava no salão grande dos banquetes.

Ao verem Tarzan, que na pressa se esquecera da sua máscara, surgiu um grande brado:

- Blasfemador! Profanador do templo!

Todavia, com estes brados misturavam-se outros... “Dor-ul-Otho!”... indicando que entre aquela gente havia ainda quem aceitasse a divindade de Tarzan. Atravessar o pátio, no entanto, armado apenas com uma faca contra aquele bando de guerreiros selvagens, era uma proeza impossível, mesmo para Tarzan. Tinha de usar de astúcia, e sem demora, porque os Ho-don aproximavam-se. Recuar, seria perder tempo.

- Pare!... - bradou, erguendo a mão. -Sou Dor-ul-Otho e trago-lhes uma palavra de Ja-don que, por vontade de meu pai, será o seu rei, agora que Ko-tan morreu. Lu-don, o grande sacerdote, quer apoderar-se do palácio e exterminar os guerreiros leais, para que Mo-sar possa ser rei... e Mo-sar seria um instrumento nas mãos de Lu-don. Não há tempo a perder, se querem impedir que os traidores, que Lu-don prepara na cidade, invadam o palácio, pela passagem secreta, e dominem Ja-don e os seus fiéis!

Por momentos, os homens hesitaram. Um deles falou, finalmente:

- Que garantia temos de que não é você que quer nos trair, levando-nos daqui para assim facilitar a vitória dos inimigos de Ja-don?

- A garantia será a minha vida... - retorquiu Tarzan. - Se virem que eu não disse a verdade, são bastante numerosos para me matar. Não há tempo a perder. Nesse momento os acólitos estão incitando à revolta os guerreiros, na cidade!... - e, sem esperar, Tarzan encaminhou-se para a porta, no outro lado do pátio, que era a entrada principal do palácio.

Lentos de raciocínio, os guerreiros deixaram-se arrastar pelo ímpeto de Tarzan, o domínio natural dos chefes que nascem chefes. E assim seguiram o homem da selva, que arrastava atrás de si a cauda de um morto -e era um semideus onde qualquer outro teria sido ridículo.

Na cidade, Tarzan conduziu-os para o edifício despretensioso que escondia a passagem secreta até ao templo, e ao dobrarem a última esquina viram um agrupamento de guerreiros que se tornava a cada momento mais numeroso, aumentado por gente trazida pelos traidores de A-lur ao serviço dos sacerdotes.

- Falou a verdade... - disse o chefe que caminhava ao lado de Tarzan - ... porque aí estão os guerreiros misturados com os sacerdotes, como disse.

- E agora... - retorquiu Tarzan - ... que cumpri a minha promessa, vou perseguir Mo-sar, que me causou grande dano. Diga a Ja-don que Jad-ben-Otho está do lado dele, e não se esqueça de lhe dizer também que foi Dor-ul-Otho quem destruiu os planos de Lu-don para se apoderar do palácio.

- Não me esquecerei... - disse o chefe. - Vá, nós somos suficientes para dominar os traidores.

- Como reconhecerei a cidade de Tu-lur?... -perguntou ainda Tarzan.

- Fica na margem sul do segundo lago abaixo de A-lur... - respondeu o chefe. - É o lago a que chamam Jad-in-lul.

Aproximavam-se agora do bando de traidores, os quais, evidentemente, pensaram tratar-se de mais reforços, pois não esboçaram qualquer movimento de retirada ou defesa. De súbito, o chefe ergueu a voz, num brado de guerra que foi imediatamente repetido pelos guerreiros, e toda a coluna se lançou à carga sobre os rebeldes surpreendidos.

Satisfeito com o resultado do seu plano apressadamente arquitetado, e seguro de que representaria um revés para Lu-don, Tarzan voltou-se para uma rua lateral e dirigiu-se para fora da cidade, em busca da trilha que levava para o sul, na direção de Tu-lur.

CAPÍTULO 17

Por Jad-bal-lul

Quando Mo-sar levou Jane Clayton do palácio de Ko-tan, o rei, ela não parou de se debater para libertar-se dos braços dele. Mo-sar tentou forçá-la a caminhar, mas sem se importar com as ameaças e os impropérios, não deu um só passo na direção para onde ele queria levá-la.

Atrava-se ao chão e resistia com raiva. Até que Mo-sar teve de amarrá-la e amordaçá-la, levando-a às costas, pois não podia demorar-se ali. Foi com alívio que a entregou a dois dos seus homens, às portas do palácio, mas esses também tiveram de carregá-la.

Assim o pequeno bando se afastou das colinas sobre as quais está construída a cidade de A-lur, na direção dos prados que rodeiam a parte inferior de Jad-ben-lul. Na margem do lago estava uma frota de fortes pirogas, feitas com troncos de árvores, com a proa e a popa esculpidas e pintadas.

A um sinal de Mo-sar, os dois guerreiros que transportavam Jane estenderam-na à popa de uma das embarcações. Mo-sar ficou junto dela, enquanto os homens se instalavam e procuravam os remos.

- Vamos, Mulher Bela... - disse ele - ... sejamos amigos e ninguém te fará mal. Achará em Mo-sar um generoso senhor, se lhe obedecer...

E, para a impressionar, Mo-sar tirou-lhe a mordaca e libertou-lhe os braços, sabendo bem que ela não podia fugir, rodeada por guerreiros, e no lago estaria tão segura como por detrás das grades.

As pirogas partiram, seguindo as sinuosidades dos rios e lagos, através dos quais as águas do Vale de Jad-ben-Otho iam lançar-se nos grandes pântanos, ao sul. Os guerreiros, apoiados num joelho, olhavam para a frente. Na última piroga, Mo-sar, farto de tentar atrair as boas graças da prisioneira, sem resultado, sentou-se no fundo da piroga, de costas para ela, e diligenciou dormir.

Seguiam em silêncio, entre as margens verdes que o luar iluminava, ou na escuridão relativa projetada pelas ramadas das árvores que se debruçavam sobre o rio. Jane Clayton, bem desperta e atenta, ia agora sentada à popa da última piroga.

Havia muitos meses que estava sob constante vigilância, primeiro prisioneira de uma raça implacável, os alemães, e agora em poder de criaturas de outra raça. Desde o dia já distante em que o capitão Fritz Schneider e o seu bando de soldados indígenas haviam traiçoeiramente destruído o bangalô dos Greystoke, e a tinham aprisionado, não voltara a respirar livremente. Sobrevivera, ilesa, aos incontáveis perigos por que passara - mas isso era um milagre que devia à Providência.

A princípio tinha ficado prisioneira à ordem do alto comando alemão, em vista ao seu possível valor como refém, e não sofrera demasiada opressão. Mas, quando os alemães haviam sido forçados a ceder terreno, na sua desastrosa campanha da África Oriental, tinha sido resolvido mandá-la para o interior - e então o motivo parecia ser uma repugnante vingança, visto que ela não podia representar qualquer utilidade do

ponto de vista militar.

Na verdade os alemães odiavam o marido, o meio selvagem Lord Greystoke, que os atormentara com uma astúcia persistente, um engenho diabólico, do qual havia resultado uma grande baixa no moral das tropas que guarneciam os setores onde ele operava.

Acusavam-no da morte de alguns oficiais que ele parecia ter deliberadamente procurado para destruir, e da derrota num combate de posições, onde a sua ação permitira aos ingleses um vitorioso movimento envolvente. O ataque dirigido pelo capitão Schneider havia sido lamentado pelo alto comando alemão, pois o inglês vingara-se disso largamente.

Então, não podendo apanhá-lo, os alemães tinham decidido fazer com que a mulher sofresse pelo que ele tinha feito. Ao mandá-la para o interior, para que os ingleses, vitoriosos não pudessem libertá-la, o comando alemão escolheu para a acompanhar o tenente Obergatz, segundo comandante da coluna que destruíra o bangalô dos Greystoke - e era o único que até então escapara à vingança do homem da selva. Durante muito tempo, Obergatz mantivera a prisioneira numa aldeia indígena, cujo chefe vivia ainda no terror da crueldade alemã. Enquanto ali estivera, Jane sofrera apenas das rudes condições de existência e do desconforto, pois Obergatz era mantido em respeito pelas próprias instruções que recebera dos seus superiores - mas com o tempo a aldeia tornou-se um inferno em consequência das brutalidades praticadas pelo arrogante prussiano, sobre os habitantes e até sobre os soldados nativos. A enervante espera e o desconforto agiam sobre a mente de Obergatz, desvaivando-o.

O que o alemão não podia ver, era, no entanto claro aos olhos de Jane Clayton - as simpatias dos soldados iam para os seus irmãos de raça, e em certo momento tornou-se evidente que, ao menor pretexto, se voltariam todos contra o oficial. E esse pretexto chegara, finalmente, com a aparição de um desertor alemão que conseguira alcançar a aldeia, certa tarde, exausto.

Antes que Obergatz soubesse sequer da presença dele, toda a aldeia tinha sido informada de que o domínio alemão, na África, acabara de vez. Os soldados indígenas não haviam tardado a compreender que a autoridade a que tinham obedecido deixara de existir... e que o preço, embora miserável, não voltaria a ser-lhes pago. Para eles, e de um momento para o outro, Obergatz deixou de ser um oficial para ser apenas um estrangeiro odiado e sem qualquer poder. O destino dele, e também o de Jane, por ser branca, teria sido cortado então, se uma mulher indígena, afeiçoada a Lady Greystoke, não os houvesse avisado.

- Já estão a discutir sobre quem a possuirá... - disse ela a Jane.

- Ouviu-os dizer quando atacariam?... - perguntou Lady Greystoke.

- Esta noite... porque mesmo assim receiam o branco. Atacarão de noite e o matarão quando ele estiver dormindo.

Jane mandara embora a mulher, para que não suspeitassem dela, depois de lhe ter agradecido, e dirigira-se à *cubata* ocupada por Obergatz. Este olhara-a, com surpresa, por ser a primeira vez que ela ali entrava, e ao ouvi-la havia começado por se mostrar desdenhoso e arrogante, mas Jane fizera-o calar.

- Essa atitude é idiota. Você atraiu sobre si o ódio desta gente, e agora só a fuga pode nos salvar... ou ambos estaremos mortos antes que amanheça.

- É assim tão grave?... - perguntara o alemão.

- É como lhe digo, virão matá-lo durante a noite... Arranje-me armas e fingiremos ir caçar. Não estranharão, porque tem feito isso várias vezes. Talvez desconfiem de eu o acompanhar, mas é um risco a correr... Antes, no entanto, quero que jure respeitar-me... ou irei procurar agora mesmo o chefe da aldeia e o denunciarei, sem hesitar, antes de meter uma bala na cabeça.

- Juro... - dissera o alemão, solenemente... - em nome do meu Deus e do Kaiser, que a respeitarei Lady Greystoke.

- Está bem, mas fica combinado que nos separaremos logo que alcancemos algum lugar civilizado. Não pode haver nada de comum entre mim e um alemão, além dos perigos que teremos de enfrentar juntos.

Se Obergatz tivesse alguma dúvida quanto aos sentimentos de Jane em relação a ele, o tom de profundo desprezo, daquelas palavras, a teria dissipado.

Tinham partido assim, acompanhados por alguns carregadores -que pareciam divertidos ante a idéia de que os brancos iam caçar uma carne que nunca comeriam. Pouco depois, sob um pretexto qualquer, Obergatz mandara regressar os carregadores à aldeia. Os negros obedeceram sem qualquer desconfiança... e um quarto de milha mais longe, Obergatz e Jane haviam-se internado pela selva, a caminho do sul, apressando-se para deixarem a maior distância possível entre eles e a aldeia, antes que a noite caísse e a sua ausência revelasse aos indígenas a verdade.

Sabiam que havia poucas possibilidades de serem perseguidos antes da manhã seguinte, porque os negros tinham um medo horrível dos leões e não se arriscavam, de noite, fora da paliçada.

Assim havia principiado uma sucessão interminável de dias esgotantes e noites de pavor, enquanto seguiam sempre para o sul através de constantes perigos e indizíveis dificuldades.

Obergatz recusara-se a tomar o caminho da costa leste, agora dominada pelos ingleses. Assim haviam atravessado a espantosa planície coberta de arbustos espinhosos, sem água, e tinham chegado finalmente aos imensos pântanos que rodeavam Pal-ul-don, Abordaram a região pantanosa exatamente antes de começarem as grandes chuvas, em um momento em que o nível das águas era o mais baixo do ano, depois de uma prolongada seca.

O acaso servira-os, porque tais condições se verificam apenas durante uma ou duas semanas, por vezes durante dias. E desta maneira tinham podido atravessar o que, em condições normais, seria uma barreira intransponível.

O caminho levava-os através das montanhas e até ao Vale de Jad-ben-Otho, na nascente de um dos maiores rios que levam a água das encostas até ao grande Lago em cuja margem se ergue a cidade de A-lur.

Aí, haviam sido surpreendidos por um bando de caçadores Ho-don, mas Obergatz conseguira escapar ao passo que Jane fora levada para A-lur. Jane não voltara, desde

então, a ter notícias de Obergatz.

Por seu lado, Lady Greystoke estivera alternadamente presa no palácio ou no templo, conforme os sucessos ou os fracassos das intrigas entre Ko-tan e Ludon... e agora encontrava-se em poder de outro captor, do qual apenas sabia, pela tagarelice dos escravos, que era um devasso cruel.

Mas encontrava-se à popa da última piroga... e todos os seus inimigos estavam de costas para ela... Enquanto, a seus pés, Mo-sar ressonava estrondosamente, longe das realidades deste mundo.

A margem escura estava próxima, ao sul, quando Jane Clayton passou sem ruído sobre a popa da canoa e se deixou deslizar para a água gelada. Ficou quase imóvel, fazendo apenas os leves movimentos necessários para manter as narinas à superfície, enquanto o vulto da piroga podia distinguir-se à claridade vaga da lua que se aproximava do horizonte. Então começou a nadar para a margem.

Sozinha, desarmada, quase nua, numa região dominada por feras e selvagens hostis - assim mesmo sentia, pela primeira vez havia muitos meses, uma impressão de alívio e de exultação. Estava livre. Se o momento seguinte lhe trouxesse a morte, ao menos teria sentido por momentos o sabor da liberdade. Teve dificuldade em não soltar uma exclamação de alegria, quando se içou da água para a margem silenciosa.

Diante dela via a mancha escura de uma floresta, de cujas profundidades vinham os sons vagos, sem nome, que fazem parte da vida noturna da selva - o rumorejar das folhas, no vento, o roçar dos ramos, a passagem furtiva de um pequeno animal... o grito de um mocho... o rugir distante de algum felino caçando... E então, talvez pela primeira vez desde que o homem da selva entrara na sua vida, compreendeu o que a selva significava para ele... pois agora, embora sozinha e desprotegida, ela sentia o feitiço da floresta e o pulsar da sua própria vida.

Oh, se o seu poderoso companheiro estivesse ali! Como seria grande a sua gratidão e profunda a sua alegria! Não desejava nada, além disso. As cidades, os confortos e luxos da civilização, tudo lhe parecia mesquinho ante a esplendorosa liberdade da selva.

Um leão rosnou, em qualquer ponto da noite... e Jane não sentiu medo, embora um arrepio lhe percorresse a pele. Avançou, silenciosa e deliberadamente, na direção da floresta. Voltou a ouvir o leão, agora mais perto. Procurou uma dos galhos baixos de uma árvore e içou-se com facilidade para o refúgio dos troncos. A longa e perigosa jornada em companhia de Obergatz treinara-lhe os músculos e os nervos.

Encontrou um lugar confortável para descansar em segurança - como Tarzan lhe havia ensinado - e instalou-se, a quinze metros de altura, para dormir. Sentia frio e desconforto, mas dormiu porque no seu coração havia o calor de uma esperança renovada, e na sua mente cansada a angústia dera-lhe tréguas.

Dormiu até que o calor do sol, alto no céu, a acordou. Sentia-se repousada, uma impressão de bem-estar invadia-a.

Ergueu-se sobre a forquilha e estendeu os braços e as pernas onde o sol punha salpicos de ouro. Com olhos atentos observou o terreno em baixo, ao mesmo tempo que escutava tentando captar o aviso de algum perigo, homem ou fera.

Convencida finalmente de que nada havia a recar, desceu para o terreno. Sentia vontade de banhar-se, mas o lago estava distante das árvores, e muito descoberto, e resolveu não se arriscar antes de conhecer melhor as imediações. Vagueou ao acaso através da floresta, procurando frutos que encontraram em abundância. Comeu e descansou, porque não tinha ainda um objetivo determinado. A sua nova liberdade era demasiado recente para estragá-la com planos de futuro. Os lugares civilizados pareciam-lhe agora tão vagos e inatingíveis como o assunto de um sonho meio esquecido. Se pudesse ficar em paz e limitar-se a esperar... a esperar por ele. Era a antiga esperança que revivia. Sabia que, se estava vivo, ele viria.

Sempre o soubera, embora, recentemente, tivesse pensado que ele viria demasiado tarde. Se estava vivo! Sim, ele viria, se vivesse... e se não vivesse ela estaria ali como em outro lugar qualquer, porque nada teria importância senão esperar o fim, tão pacientemente quanto pudesse...o fim que voltaria a reuni-los.

O seu caminhar de acaso levou-a a um ribeiro de águas cristalinas. Aí bebeu e banhou-se, sob os galhos das árvores que lhe ofereciam rápido refúgio em caso de perigo. Era um lugar de calma e de beleza, que lhe agradou desde o primeiro instante.

O fundo do ribeiro estava coberto com pequenos seixos coloridos e pedaços de obsidiana. Ao agarrar, um punhado de seixos, notou que um dos seus dedos sangrava, de um corte limpo e reto. Procurou a causa e não tardou a descobri-la num dos fragmentos de vidro vulcânico, com uma aresta quase tão aguçada como o gume de uma lâmina de barba. Jane ficou contente. Ali, como uma dádiva de Deus, estava o princípio... a aresta cortante com a qual poderia chegar a armas e instrumentos. Tudo era possível, com aquilo - nada sem aquilo.

Procurou até conseguir reunir uma porção de estilhas de obsidiana, que guardou na bolsa que trazia pendente das correias do seu traje primitivo. Então subiu para os galhos de uma árvore, a fim de examiná-las detalhadamente. Havia algumas como lâminas de facas, outras que podiam ser facilmente adaptadas a pontas de lança, outras ainda, menores, que a natureza parecia ter preparado para pontas de flechas.

Experimentaria primeiro fazer uma lança, era o mais fácil. Havia uma cavidade no tronco da árvore, a bastante altura do chão. Jane escondeu aí todo o seu tesouro, exceto um pedaço quase semelhante a uma faca.

Pegando-o, desceu para o chão e, depois de procurar durante algum tempo, encontrou um pau novo, delgado e reto como uma lança. Jane descascou o tronco e raspou-o pacientemente pela base, de maneira para poli-lo sem lascar a madeira. Tinha agora a haste de uma lança, com a espessura ideal - uma lança de caça como aquelas que os fiéis Waziri apreciavam mais, Quantas vezes os vira preparar as suas lanças, e eles a haviam ensinado a usar, aplaudindo-a alegremente, como crianças contentes, à medida em que ela fazia progressos.

Jane conhecia as ervas com fibras mais longas e mais rijas. Apanhou uma porção delas e levou-as para a sua árvore, com o seu projeto de lança. Subiu na forquilha, ocupou-se da sua tarefa... sem dar por isso pôs-se a entoar entre dentes uma antiga canção. Quando percebeu, sorriu. Era a primeira vez, em muitos meses, que uma canção ou um sorriso alegre surgiam na sua boca.

- Sinto... - murmurou... - quase sinto que John está perto... O meu John... o meu Tarzan...

Cortou a haste da lança, com o comprimento apropriado, e raspou-a longamente, pacientemente, até a deixar lisa e reta em toda a superfície. Então fez uma incisão numa das extremidades e inseriu a ponta de lança, cortando a madeira até que o pedaço de obsidiana ficasse perfeitamente adaptado.

Depois, pondo a lança de lado, cortou as hastes das ervas, torcendo-as até separar e limpar as fibras. Levou essas fibras ao ribeiro, lavou-as, voltou para a árvore e enrolou-as com quanta força tinha em volta da extremidade da vara onde havia fixado o pedaço de obsidiana. Completou assim uma lança primitiva - o melhor que podia fazer em tão pouco tempo.

Prometeu a si mesma que mais tarde faria outras, muitas, e que seriam lanças das quais os mais hábeis Waziri poderiam orgulhar-se.

CAPÍTULO 18

O covil do leão de Tu-lur

Embora Tarzan procurasse, nas imediações da cidade de A-lur e até quase de madrugada, em parte alguma encontrou a pista da sua companheira. O vento que vinha das montanhas trazia-lhe uma diversidade de cheiros, mas nem a mais leve sugestão daquele que buscava. Deduziu naturalmente que Jane tinha sido levada em outra direção. Durante as suas buscas, cruzara várias vezes as pegadas deixadas por muitos homens, conduzindo ao lago. Deviam ser as dos raptos de Jane.

Tarzan apenas procurara outras pistas para, por eliminações sucessivas, diminuir as probabilidades de erro. Dirigiu-se para a margem do lago, onde os fugitivos haviam embarcado nas suas pirogas primitivas. Encontrou muitas dessas embarcações, e saltou para dentro de uma. Amanhecia quando passou pelo segundo lago depois de Jad-ben-lul, e remando fortemente deslizou sobre a água a relativamente curta distância da árvore onde Jane dormia. Mas o vento soprava do lado contrário, e Tarzan seguiu o seu caminho, desaparecendo na corrente que se precipitava para além da extremidade inferior do lago.

Seguindo as sinuosidades do rio que vinha desde o norte antes de chegar a Jad-in-lul, o homem da selva não viu uma breve ligação, por terra, que lhe teria poupado várias horas de esforços com os remos, percorrendo as longas curvas que essa ligação teria evitado.

Foi na parte superior dessa passagem, onde Mo-sar e os guerreiros desembarcaram para transportar as pirogas ao longo de umas escassas dezenas de metros entre as voltas do rio, que o chefe descobriu o desaparecimento da prisioneira. Por isso que Mo-sar adormecera pouco depois de partirem de A-lur, e nenhum dos guerreiros se recordava de quando vira a mulher pela última vez, era impossível calcular com alguma espécie de aproximação o ponto onde ela tinha fugido. Todos pensaram, no entanto, que devia ter sido no rio estreito que ligava Jad-ben-lul com o lago seguinte, Jad-bal-lul - nome que, traduzido livremente, significa lago de ouro. Mo-sar, furioso por ter sido o único culpado da fuga, tratou, naturalmente, de atirar a culpa para cima de outros.

Teria voltado atrás, se não fosse o medo de encontrar algum bando de perseguidores enviados por Ja-don ou pelo grande sacerdote. Não queria também dispensar uma canoa, com guerreiros da sua escolta, e portanto seguiu, o mais depressa que pôde, o seu caminho. O sol da manhã iluminava as cúpulas brancas de Ta-lur, quando os remadores detiveram as pirogas na margem, em frente da cidade. Em segurança por trás das muralhas, e protegido por muitos guerreiros, a coragem de Mo-sar firmou-se o bastante para que ele mandasse três pirogas em busca de Jane Clayton, com ordens para irem mesmo até A-lur a fim de saberem qual a razão por que Bu-lot se demorara. O fato do filho não o acompanhar não detivera a fuga de Mo-sar, pois este considerava a sua própria segurança como grandemente mais importante do que a de Bu-lot.

Quando as três canoas chegaram à ligação por terra entre os dois lagos, os guerreiros que as transportavam tiveram a surpresa de encontrar dois sacerdotes que

vinham em sentido contrário, carregando também uma piroga. Ao princípio pensaram que se trataria de batedores que precediam uma numerosa coluna de adeptos de Lu-don - embora soubessem que os sacerdotes nunca aceitavam os riscos de uma luta, a não ser quando encurralados e obrigados a isso. Secretamente, todos os guerreiros de Pal-ul-don desprezavam os sacerdotes que sacrificavam a sua virilidade, e assim, em vez de atacarem, os guerreiros de Mosar esperaram que os dois homens se aproximassem.

Ao verem os guerreiros, os sacerdotes fizeram o sinal de paz, e quando interrogados sobre se vinham sós, responderam afirmativamente. O chefe dos guerreiros de Mo-sar permitiu-lhes que se aproximassem e ia dizendo:

- Que fazem aqui, no país de Mo-sar, tão longe da sua cidade?
- Trazemos uma mensagem de Lu-don, o grande sacerdote, para Mo-sar... - disse um dos sacerdotes.
- Mensagem de paz ou de guerra?
- É uma oferta de paz...
- E Lu-don não mandou guerreiros para acompanhá-los?
- Estamos sós... - repetiu o sacerdote. - Em A-lur, apenas Lu-don sabe que viemos.
- Então sigam o seu caminho... - respondeu o sacerdote. - Que é aquilo?... - exclamou subitamente um dos acólitos, apontando para a parte superior do lago, onde o rio entrava vindo de Jad-bal-lul.

Todos se voltaram na direção que ele apontava... e viram um guerreiro, sozinho, que remava rapidamente, dirigindo a sua piroga para Ta-lur. Os homens de Mo-sar e os de Lu-don recuaram precipitadamente para o abrigo das árvores.

- É o homem terrível que dizia ser Dor-ul-Otho... - sussurrou um dos sacerdotes. - Eu o reconheceria entre mil.
- Tem razão... - confirmou um dos guerreiros, que vira Tarzan no dia em que ele entrara no palácio de Ko-tan. - esse a quem chamam, com razão, Tarzan-jad-guru.
- Depressa, sacerdotes... - disse o chefe dos guerreiros.
- Vocês têm dois remos e uma piroga leve. Podem chegar a Ta-lur antes dele e avisar Mo-sar de que ele está a caminho... Ainda há tempo...

Os sacerdotes hesitaram, pois não tinham o menor desejo de se encontrar com aquele homem terrível - mas a piroga lhes foi arrancada, posta na água do outro lado da ligação, e ambos foram atirados para dentro da embarcação, que um guerreiro empurrou. Ainda protestando, foram imediatamente vistos pelo remador solitário... e a partir de então deixaram de ter qualquer outra alternativa que não fosse remar desesperadamente na direção da cidade.

Os guerreiros voltaram a esconder-se entre as árvores. Se Tarzan os tivesse visto, se dirigiria para lá sem ter em conta o fato de serem trinta homens. Mas não os viu... e os guerreiros, enviados em busca da fugitiva, não tinham qualquer empenho em lutar contra aquele solitário cujas proezas tomaram proporções lendárias.

Tarzan continuou a remar, e nem sequer apressou o andamento para alcançar os dois

sacerdotes a quem podia ver. No momento em que a leve piroga tocou na margem em frente da cidade, os dois acólitos saltaram apressadamente para terra e correram na direção do palácio de Mo-sar. Pediram para ser recebidos sem demora pelo chefe, depois de terem avisado os guardas de que Tarzan se aproximava.

Foram levados à presença de Mo-sar, cuja corte era uma réplica, em tamanho menor, da do rei, em A-lur.

- Somos enviados por Lu-don, o grande sacerdote... - explicou um dos acólitos. - Ele deseja a amizade de Mo-sar, a quem sempre estimou. - Ja-don está reunindo guerreiros para ocupar ele próprio o trono, mas em todas as aldeias dos Ho-don há milhares de homens que obedecem às ordens de Lu-don, o grande sacerdote, Só com a ajuda de Lu-don pode Mo-sar ser rei, e a mensagem de Ludon diz que, se Mo-sar quer a sua aliança, deve restituir imediatamente a estrangeira que trouxe dos aposentos da princesa O-lo-a.

Nesse momento entrou um guerreiro, visivelmente excitado, dizendo:

- O Dor-ul-Otho chegou a Ta-lur e quer ver Mo-sar, sem demora!

- O Dor-ul-Otho!... - exclamou Mo-sar.

- Essa foi a mensagem que ele mandou... - respondeu o guerreiro - ... e não há dúvida de que é diferente dos homens de Pal-ul-don. Suponho ser o mesmo que os guerreiros vindos de A-lur nos disseram ser chamado Tarzan-jad-guru, por alguns, enquanto outros lhe chamam Dor-ul-Otho. Mas na verdade só o filho de um deus ousaria entrar assim, sozinho, numa cidade estranha. Penso que ele diz a verdade!

Mo-sar, apavorado e indeciso, voltou-se para os sacerdotes.

- Receba-o com cortesia, Mo-sar... - disse o que falara antes e a quem uma tortuosa mentalidade inclinava naturalmente para a perfídia. - Receba-o bem, e quando ele estiver convencido da sua amizade, e deixar de estar alerta, poderá fazer dele o que quiser. Mas se puder, Mo-sar, e se quiser ter a gratidão de Ludon, apanhe-o vivo e entregue-o ao grande sacerdote.

Mo-sar fez um aceno de compreensão, e olhando para o guerreiro disse-lhe que trouxesse o visitante à sua presença.

- É preciso que ele não nos veja... - disse um dos acólitos.-Dê-nos a resposta para Lu-don e partiremos já.

- Digam a Lu-don que sem a minha intervenção ele nunca mais veria a mulher... Eu quis trazê-la para Ta-lur, a fim de poder entregá-la salvando-a das garras de Ja-don... mas ela fugiu durante a noite. Diga a Lu-don que mandei trinta guerreiros procurá-la. É estranho que não os tivessem encontrado, quando vinham a caminho.

- Nós os encontramos, mas nada nos disseram sobre a sua missão.

- É como eu disse... - afirmou Mo-sar. - Se a encontrarem, Lu-don também a encontrará sã e salva em Ta-lur. Diga-lhe também que, quando quiser, enviarei os meus guerreiros para o ajudarem na luta contra Ja-don. E agora vão!

Fez sinal a um escravo, dizendo-lhe que acompanhasse os dois homens até ao templo, onde o grande sacerdote de Ta-lur providenciaria para lhes dar comida antes de

retomarem o caminho de A-lur.

O escravo e os dois acólitos saíram por uma das portas, momentos antes de Tarzan entrar por outra, precedendo o guerreiro que devia conduzi-lo e anunciá-lo. O homem da selva não fez qualquer gesto de saudação ou de paz. Encaminhou-se diretamente para Mo-sar... que só à custa de um tremendo esforço conseguiu esconder o terror que lhe inspirava aquele homem gigantesco que o fitava com desprezo.

- Sou o Dor-ul-Otho... - disse Tarzan, numa voz calma e gelada. - Venho a Ta-lur para levar a mulher a você raptou dos aposentos da princesa O-lo-a!

A própria audácia da entrada de Tarzan na cidade hostil, tivera por efeito dar-lhe uma considerável vantagem moral sobre Mo-sar e os guerreiros que o ladeavam. Na verdade parecia-lhes que nenhum outro, a não ser o filho de Jad-ben-Otho, se atreveria a ir ali, perante duas dezenas de guerreiros, exigir explicações. Mo-sar começava a temer a idéia de iludir aquele homem com uma falsa amizade. Empalideceu ao pensar nisso. Jad-ben-Otho conhecia todos os pensamentos, mesmo os mais secretos, e era possível que aquela criatura, naquele mesmo instante, estivesse lendo na mente dele a idéia de traição que os sacerdotes lhe haviam sugerido.

- Depressa!... - bradou Tarzan. - Onde está ela?

- Não está aqui...

- Você está mentindo!

- Tomo Jad-ben-Otho por testemunha, em como ela não está em Ta-lur... - insistiu Mo-sar. - Pode procurá-la, que não a encontrará.

- Onde está, então? Trouxe-a do palácio, em A-lur. Se algum mal lhe aconteceu...

Tarzan deu um passo para Mo-sar, que se encolheu com um ganido de pavor.

- Espere!... - gritou. - Se é Dor-ul-Otho deve saber que não minto... Tirei-a do palácio de Ko-tan para a salvar de Ja-don... Mas durante a noite, na viagem desde A-lur, ela desapareceu. Mandei três pirogas com guerreiros...

Alguma coisa, no tom e na atitude de Mo-sar, indicou a Tarzan que o homem dizia a verdade, pelo menos em parte, e que ele afrontara perigos e perdera tempo em vão.

- Que queriam os homens de Lu-don que chegaram antes de mim?... - perguntou Tarzan, recordando-se dos dois sacerdotes que vira remarem com fúria para chegarem antes dele.

- Queriam fazer-me a mesma pergunta que você fez... e exigiam que eu restituísse a mulher... Ofenderam-me como você me ofende, duvidando da minha palavra...

- Quero interrogar essa gente. Onde estão eles. Traga-os aqui!

A ordem peremptória aterrou Mo-sar... mas ao mesmo tempo pensou que, se pudesse desviar para os dois sacerdotes a fúria daquele homem terrível, seria bom para ele. Mesmo que os acólitos conspirassem contra o filho de Jad-ben-Otho, ele estaria fora do assunto... Por outro lado sentia se mal na presença de Tarzan, e via assim uma possibilidade de escapar, pelo menos temporariamente.

- Eu mesmo vou buscá-los, Dor-ul-Otho...

Saiu apressadamente e instantes depois estava no templo, pois o palácio e o templo de Tu-lur eram muito menores do que os de A-lur. Encontrou os dois homens em companhia do grande sacerdote de Tu-lur, e transmitiu-lhes as ordens de Dor-ul-Otho.

- Que pensa fazer com ele?... - perguntou um dos acólitos.

- Nada tenho contra esse homem... Veio em paz e poderá partir em paz... porque talvez em verdade seja Dor-ul-Otho.

- Nós sabemos que não é... -retorquiu o emissário de Lu-don. -Temos todas as provas de que é um mortal, uma criatura estranha, de outro país. Lu-don ofereceu a sua própria vida a Jad-ben-Otho, se estivesse enganado. E se ele, que é o mais alto de todos os altos sacerdotes de Pal-ul-don, tem tal certeza de que o estrangeiro é um impostor, como havemos nós de acreditar que não seja? Não deve temê-lo, Mo-sar. É apenas um guerreiro, que pode ser vencido... e se Lu-don não quisesse apanhá-lo vivo, diria para lançar contra ele os seus guerreiros. Mas as ordens de Lu-don são as de Jad-ben-Otho, e não podemos desobedecer-lhe.

Mas em Mo-sar subsistia a dúvida, apesar de tudo, e a sua covardia impedia-o a deixar aos outros a iniciativa.

-Façam o que entenderem... Eu nada tenho contra ele. O que disserem será como se fosse dito por Lu-don, e eu nada terei a ver com o caso. Os acólitos voltaram-se para o grande sacerdote de Tu-lur, perguntando:

- Tem algum plano? Grande será a estima de Lu-don, e o agrado de Jad-ben-Otho, por aquele que encontrar maneira de apanhar vivo o impostor.

- Há o covil do leão... - disse o grande sacerdote. - Está agora vazio... É um fosso bastante sólido para prender leões, poderá prender esse homem se ele não for Dor-ul-Otho...

- O prenderá... - confirmou Mo-sar: Também prenderia um gryf... mas antes seria preciso levar o gryf para lá.

Os sacerdotes esperam nesse ponto de evidente bom senso, e por fim um dos homens de A-lur declarou:

- Não será difícil, se usarmos de astúcia e não da força...

- Lu-don usou de astúcia contra o estrangeiro, e perdeu... -comentou Mosar. - Mas o problema é seu. Façam o que entenderem.

- Em A-lur, Ko-tan prestou honras a esse falso Dor-ul-Otho, e os sacerdotes levaram-no a visitar o templo. Ele não desconfiará se fizerem o mesmo, e se os sacerdotes fingirem que o aceitam como filho de Jad-ben-Otho. Então, quando visitarem o covil do leão, nada mais fácil do que apagarem de repente os archotes e descerem a porta de pedra.

- Há as janelas que deixam entrar a luz... disse o sacerdote de Tu-lur - ... e mesmo sem archotes ele poderá ver e escapar antes que caia a porta de pedra.

- Que alguém vá tapar as janelas, com peles... - respondeu o acólito de Alur.

- O plano é bom... - afirmou Mo-sar, vendo a oportunidade de ficar de fora - ... porque não exige a presença de guerreiros, e só com sacerdotes à sua volta o estrangeiro

não terá suspeitas...

Foram interrompidos por um mensageiro do palácio, que vinha avisar de que Dor-ul-Otho ameaçara ele mesmo buscar os sacerdotes, se não os levasse imediatamente. Mo-sar abanou a cabeça. Não podia compreender tanta ousadia da parte de um simples mortal, e estava mais contente do que nunca por não ter de intervir.

Assim, Mo-sar dirigiu-se para um aposento secreto do palácio, por um caminho desviado. Três sacerdotes de Tu-lur foram enviados a Tarzan, com palavras de boa acolhida que não o iludiram por completo, saudando-o como filho de Jad-ben-Otho e convidando-o a visitar o templo, onde os homens de A-lur seriam levados à sua presença para que ele os interrogasse.

Convencido de que a continuação da sua atitude de audácia era a que mais convinha aos seus propósitos, e considerando que, se suspeitassem dele, não estaria pior no templo do que no palácio, Tarzan aceitou altivamente o convite.

Ao chegar ao templo, foi recebido com todas as honras devidas à sua “condição divina” interrogou os homens de A-lur, que se limitaram a repetir o que Mo-sar dissera, e então o alto sacerdote de Tu-lur suplicou-lhe a mercê de visitar o templo.

Levaram-no ao pátio dos altares, que em Tu-lur era apenas um, mas em tudo semelhante aos de A-lur, com a pedra manchada de sangue dos sacrifícios... e a outra pedra escavada onde eram afogados os recém-nascidos. Depois passaram para os compartimentos e corredores subterrâneos, ao longo de um labirinto de caminhos. Os portadores de archotes seguiam adiante, quando entraram num vasto compartimento onde Tarzan notou o forte cheiro dos leões que haviam passado por ali.

Então, de repente, os archotes apagaram-se... houve um tropel de pés descalços no chão de rocha... e quase no mesmo instante o som trovejante de uma enorme pedra que caía sobre pedra.

E, em volta do homem da selva, ficou a escuridão e o silêncio de um túmulo.

CAPÍTULO 19

Diana da selva

Jane abatera a sua primeira presa, e sentia-se orgulhosa. Na verdade não se tratava de um formidável animal - apenas uma lebre. Mas marcava uma época na sua existência. Tal como, no distante passado, o primeiro caçador marcara o destino da espécie humana, assim parecia que aquele acontecimento lhe dava, a ela, uma nova feição.

Já não dependia apenas de frutos, para se manter. Agora podia obter carne, o alimento mais rico que lhe daria saúde e resistência para enfrentar as necessidades do seu viver primitivo.

O passo seguinte era o fogo. Teria de aprender a comer carne crua, como Tarzan... mas a idéia repugnava-lhe. No entanto, tinha uma idéia para acender fogo. Já pensara nessa possibilidade, mas então havia estado ocupada e o fogo não fora ainda uma necessidade urgente. Apressou-se a subir à sua árvore.

Entre os tesouros que recolhera do leito do ribeiro, havia vários pedaços de vidro vulcânico, de uma pureza de cristal. Jane procurou até encontrar aquele em que pensava...e era convexo. Então voltou a descer, fez um pequeno monte de lascas de árvore, muito secas e quase em pó, a que acrescentou folhas mortas e ervas secas por uma longa exposição ao sol.

Excitada, pegou no pedaço de vidro convexo e moveu-o devagar, até que, através dele, os raios do sol se concentraram num único ponto, minúsculo. o processo pareceu-lhe longo e demorado, chegou a pensar que nada conseguiria... mas de repente, da cortiça ressequida, começou a subir um tênue fio de fumaça, e não tardou que uma pequena chama surgisse e se alastrasse. Jane alimentou a fogueira incipiente, com ramos delgados... e conteve-se para não soltar um brado de alegria. Conseguiu acender fogo!

Pouco depois acrescentou ramos maiores, puxou para a fogueira pequenos troncos caídos. As chamas crepitavam.

Rápida, Jane esfolou a lebre, tirou-lhe as entranhas e enterrou tudo isso, como Tarzan lhe ensinara. Era preciso manter o acampamento limpo, e não deixar que o cheiro atraísse carnívoros. Atravessou a carcaça com um ramo ainda verde, comprido, e expô-la ao fogo, fazendo-a girar lentamente.

Quando lhe pareceu que estava assada, voltou uma vez mais para a árvore, a fim de comer tranqüilamente e em paz. Lady Greystoke podia jurar que nunca havia comido nada tão delicioso, em toda a sua vida. Acariciou a haste da sua lança.

Graças a ela tivera a primeira refeição reconfortante, a primeira sensação de segurança que havia experimentado desde aquele dia terrível em que ela e Obergatz haviam utilizado o último cartucho. Nunca esqueceria esse dia... em que parecera não cessarem de surgir feras. Tinham chegado havia pouco tempo àquela região estranha, e embora estivessem habituados ao perigo, esse dia fora o pior de todos... Jane gastara a sua última bala para abater um animal, um leão com a pele listrada e dentes enormes, que ia saltar sobre Obergatz depois do alemão ter esvaziado contra ele, sem lhe acertar, o carregador da sua arma... A última bala, o derradeiro tiro... Depois haviam abandonado

as espingardas inúteis... e Jane já não se lembrava de como haviam conseguido sobreviver até serem atacados pelos Ho-don... Então Obergatz fugira... Estava com certeza morto, a não ser que tivesse conseguido alcançar o outro lado do vale, onde parecia haver menos feras.

Agora os dias de Jane estavam sempre cheios, eram sempre muito pequenos para todas as coisas que ela queria fazer. Concluíra que aquele lugar era ideal para viver, até construir as armas que considerava necessárias para caçar e para se defender. Precisava ter além da lança, uma faca, arco e flechas. Talvez, quando tivesse isso, considerasse a possibilidade de tentar abrir caminho até algum posto avançado da civilização. Mas entretanto era necessário construir um abrigo onde pudesse sentir-se mais segura durante as noites, pois havia sempre a hipótese de ser surpreendida, na árvore, por alguma pantera, embora ainda não tivesse encontrado, ali, animais dessa espécie. Excluído esse perigo, sentia-se relativamente segura na forquilha da árvore.

A tarefa de cortar compridas varas para o seu abrigo, ocupava-lhe todas as horas do dia que não tinha de dedicar a procurar comida. Levava essas varas para a sua árvore, e com elas construía um estrado entre dois sólidos galhos. As varas eram ligadas entre si, e aos pontos de apoio, com fibras de ervas altas que cresciam em profusão perto dali, ao longo do ribeiro. Pelo mesmo processo fez as paredes e a cobertura, estendendo sobre esta sucessivas camadas de grandes folhas. A colocação de janelas bem protegidas, e de uma porta, era assunto de grande importância e absorvente interesse. As janelas eram duas, grandes e atravessadas por fortes estacas fixas, mas a porta era apenas do tamanho necessário para ela poder passar sem grande custo, agachada.

Perdeu a conta dos dias que ocupara construindo a casa... O tempo era um material barato... Já nem se lembrava de quantos meses haviam decorrido desde que fugira da aldeia dos negros... e apenas podia calcular por alto as estações. Trabalhava duramente, por duas razões... Uma era a de querer concluir a sua casa, e a outra era cansar-se fisicamente em cada dia para poder dormir em cada noite - nas longas horas de escuridão. Na verdade a casa levou apenas cerca de uma semana para ser construída... e Jane não fazia idéia de por quanto tempo a ocuparia. Isso, no entanto, não a impedia de ir melhorando sempre a sua instalação.

Os seus dias estavam cheios, com a caça e a casa, com pequenos momentos de excitação causados pela passagem de leões vagabundos. Os seus conhecimentos da selva, aprendidos com Tarzan, mestre dessa arte, eram acrescentados pelas experiências pessoais, e ampliados em cada dia. A isso poderia atribuir-se o fato de ter escapado dos ataques das feras. Podia pressentir um leão a distância, e nunca se afastava da proximidade das árvores que lhe ofereciam refúgio seguro.

As noites, povoadas de mil ruídos fantásticos, eram longas e deprimentes. Só a capacidade de Jane, para adormecer depressa e profundamente, as tornava suportáveis. A primeira noite que passou no seu abrigo concluído, detrás das janelas protegidas e da porta trancada, foi de quase absoluta paz.

Os ruídos noturnos pareciam mais distantes, o vento balançava brandamente a casa. Jane pôde, finalmente, dormir tranqüila.

Começou a afastar-se mais, em busca de comida. Apenas pequenos animais haviam

sido abatidos pela sua lança. Procurava abater um antilope, que além da carne lhe poderia dar a pele - de valor estimável durante o tempo frio que, Jane sabia, viria com a estação das chuvas. Tinha por várias vezes avistado a distância os desconfiados animais, e tinha agora certeza de que eles sempre atravessavam o ribeiro num ponto acima do seu acampamento. Era para lá que se encaminhava. Furtiva e astuta como uma pantera, internou-se pela floresta, dando a volta para se colocar contra o vento, em relação ao vau, parando por vezes para escutar a aproximação de algum perigo possível. Aproximou-se do lugar para onde ia... e teve a sorte de avistar um belo gamo que bebia no rio. Rastejando, sem ruído, tentou aproximar-se mais.

Era preciso alcançar um ponto onde pudesse levantar-se e atirar a lança, tudo no mesmo movimento e sem errar o alvo...A lança acertou em cheio, e o gamo deu um salto no ar e caiu morto. Jane correu...

- Bravo!... - disse, em inglês, uma voz de homem, que vinha entre as moitas no lado oposto da corrente.

Jane parou, petrificada pela surpresa, quando viu surgir o homem. Ao princípio não o reconheceu, mas quando compreendeu quem era, deu um passo à retaguarda, instintivamente.

- Tenente Obergatzi!, - exclamou. - Pode ser você?

- Pode ser e sou... - respondeu o alemão. - Um estranho espetáculo, decerto, mas continuo a ser Erich Obergatzi. Você também está diferente, não?

Olhava para as pernas nuas de Jane, para os discos de ouro sobre os seios, as tiras de cabedal e os adornos que constituíam o traje das mulheres Ho-don... e que Lu-don lhe entregara pensando conquistá-la assim. Nem mesmo a princesa O-lo-a tinha melhores atavios.

- Mas como está aqui?... - insistiu Jane. - Julguei-o de regresso à civilização, se ainda estivesse vivo...

- Céus!... - exclamou o homem.- Não sei como continuo vivo. Pedi muitas vezes a morte, mas fiquei agarrado à vida. Não há esperança. Estamos condenados a ficar nesta região horrível, até morrer. O maldito pântano! Dei a volta a tudo isto, procurando um caminho para atravessá-lo... Foi fácil vir, mas desde então caíram as chuvas e nenhum homem pode transpor aquele mar de lama infestado de répteis. Tentei-o... e tive de voltar atrás...

- Como conseguiu escapar?

- Não sei... Fugi... fugi sempre... Vivi, sedento e esfomeado, no alto das árvores, durante dias inteiros...Construí armas... lanças e clavas... e aprendi a servir-me delas. Matei um leão, com a minha clava... como um rato encurralado, lutei com raiva, com desespero... E não somos mais do que ratos, nesta terra horrível e perigosa... Mas, se é surpreendente que eu esteja vivo, mais surpreendente ainda é o seu caso...

Muito em resumo, Jane contou o que lhe havia acontecido, ao mesmo tempo que pensava na maneira de se ver livre dele. Não podia suportar a idéia de o ter por companheiro naquela solidão. Antes, muito antes o isolamento total. Sempre o detestara, sempre desconfiara dele... Mas agora havia um brilho estranho nos olhos do

prussiano... uma expressão de ameaça sem nome...

- Viveu muito tempo em A-lur?... - perguntou o tenente, na linguagem de Pal-ul-don.

- Fala a linguagem desta gente! Como a aprendeu?... - perguntou Jane.

- Encontrei um bando de mestiços... - contou o tenente - ...membros de uma raça proscrita, que vivem nas rochas, lá onde o rio maior deságua nos pântanos... São os Wáz-ho-don, e a sua aldeia é constituída em parte por cavernas, e outra parte por casas escavadas na rocha branda, na base da penedia. São ignorantes e supersticiosos. Quando me viram, e compreenderam que eu não tinha cauda e os meus pés e mãos eram diferentes dos deles, tiveram medo... Creio que me julgaram deus ou demônio. Numa situação em que não podia fugir nem me defender, fingi não os reacar e consegui impressioná-los a tal ponto que me levaram à aldeia, que eles consideram cidade e a que chamam Bu-lur. Deram-me comida e trataram-me bem... À medida que ia aprendendo a língua deles, esforcei-me por lhes enraizar a idéia de que era realmente um deus. Tudo correu bem até que um velho - espécie de feiticeiro ou de grande sacerdote entre eles - começou a ter inveja do meu poder crescente. Foi o princípio do fim... e só por pouco não foi realmente o fim. O velho disse-lhes que, sendo deus, eu não sangraria se me espetassem uma faca... e se sangrasse não era deus. Sem que eu o soubesse, preparou tudo para fazerem uma experiência dessas, numa noite em que iriam comer e beber em honra do tal Jad-ben-Otho a quem veneram. Uma mulher informou-me... na verdade não foi para me avisar, mas por curiosidade de saber se eu sangraria ou não... e dei por ela quando se preparava para se antecipar aos outros e espetar-me uma faca. Surpreendida, contou-me tudo, com espantosa simplicidade. Os guerreiros já haviam começado a beber... e ela tinha querido apenas ser a primeira a fazer a experiência. Disse-lhe que me sentia ofendido e que ia voltar para os céus, abandonando a tribo à sua sorte...

- A mulher não queria largar-me, desejosa de assistir à minha ascensão no espaço, mas disse-lhe que ficaria cega se me olhasse nesse momento em que grandes clarões iriam envolver-me... Disse-lhe mesmo que, se alguém me visse, esses clarões destruiriam Bu-lur... Não devia voltar antes de passar uma hora, pelo menos...

- Impressionada, a criatura desapareceu, não antes de dizer que, se dentro de uma hora eu ali não estivesse, então não haveria mais dúvidas sobre a minha divindade...- aqui, Obergatz interrompeu-se e começou a rir, num riso áspero e estranho, que fez estremecer Jane.

Enquanto ele falara, Jane tinha recuperado a sua lança e começara a despojar o gamo da sua pele. O homem não esboçou qualquer movimento para ajudá-la. Continuou a falar, passando os dedos sujos pela barba imunda. Tinha a cara e o corpo cobertos de lama, e usava apenas uma pele suja e rasgada, em volta dos rins. As suas armas eram uma clava e uma faca, semelhantes às dos Wáz-don, que ele trouxera de Bu-lur. Mas, mais do que a imundície ou as armas, o que impressionava Jane era a estranha expressão dos olhos dele.

Continuou a trabalhar, no entanto, cortando a carne que poderia consumir antes de

ficar deteriorada. Quando acabou, ergueu-se e fitou o homem.

- Tenente Obergatz... - disse ela. - Voltamos a nos encontrar por acaso... embora não nos tivéssemos procurado. Nada temos em comum a não ser uma antipatia natural... e não esqueço que lhe devo uma grande parte de todos os sofrimentos e misérias por que tenho passado. Este recanto da floresta é meu, por direito de ocupação. Vá embora. É o mínimo que pode fazer...

O alemão olhou-a, espantado, e depois soltou uma risada áspera.

- Ir embora?... - exclamou. - Mas eu a encontrei... vamos ser bons amigos... No mundo não há mais ninguém, além de nós. Ninguém saberá o que fazemos ou o que nos acontece... E você quer que eu regresso à solidão infernal? Voltou a rir, mais rouco, com uma expressão mais desvairada.

- Lembre-se da sua promessa!... - disse Jane.

- Promessas! O que são promessas? São feitas para serem ignoradas... Nós, os alemães, ensinamos isso ao mundo, em Liège e em Louvain. Não, não irei embora... Ficarei para protegê-la...

- Não preciso de proteção. Já viú que sei usar uma lança!

- Sim, mas não estaria bem... É uma mulher... eu sou um oficial do kaiser... não posso abandoná-la... - voltou a rir e acrescentou: - Vamos ser felizes, juntos... Não gosta de mim, hem?... - disse ainda, ao vê-la esboçar uma expressão de repugnância. - Não importa... algum dia vai gostar...

Jane envolvera a carne do gamo na pele que tirara, e colocou tudo sobre um ombro. Empunhando a lança, com a mão livre, voltou-se para o alemão.

- Desapareça!... - ordenou. - Já falou demais. Se voltar a vê-lo nos meus domínios, eu o matarei!

Uma expressão de raiva crispou as feições de Obergatz. Ergueu a clava, avançando para Jane.

- Pare!... - bradou ela, disposta a jogar a lança. - Viu-me matar este gamo... e, como disse, ninguém saberá o que acontecer aqui... Pense nas duas coisas antes de dar mais um passo!

O homem parou, baixando a clava. Disse, num tom que procurava tornar insinuante:

- Sejamos amigos, Lady Greystoke... Podemos ajudar-nos um ao outro... e prometo não lhe fazer mal...

- Lembre-se de Liège e Louvain... - respondeu ela, duramente. - Vou partir, e não tente seguir-me. Um dia de marcha, em qualquer direção, é o que considero os meus domínios. Se voltar a encontrá-lo dentro destes limites, eu o matarei!

Não podia haver dúvidas de que o faria. O homem compreendeu isso. Ficou imóvel, seguindo-a sombriamente com um olhar de expressão estranha, até que Jane desapareceu na floresta.

CAPÍTULO 20

Silenciosamente, na noite

Em A-lur, os destinos da cidade tinham andado de mão em mão. A coluna de guerreiros leais, que Tarzan conduzira à entrada da passagem secreta, havia sido derrotada. O primeiro assalto tinha sido recebido com brados de paz, pelos sacerdotes... que exortaram os guerreiros a defender, contra os blasfemos, as crenças dos seus antepassados. Ja-don, na opinião dos acólitos de Lu-don, era um herético, e quem lutasse por ele incorreria na grande cólera de Jad-ben-Otho.

Os acólitos insistiram em que Lu-don apenas queria evitar que Ja-don se apoderasse do trono, antes de poder ser escolhido um novo rei conforme as tradições dos Ho-don.

O resultado foi que muitos dos guerreiros se passaram para as fileiras dos rebeldes, e quando os acólitos viram que tinham superioridade numérica, incitaram os seus adeptos contra os que tinham permanecido leais. Destes, só um punhado sobreviveu e pôde refugiar-se no palácio, cujas portas foram trancadas.

Então os sacerdotes conduziram as suas hostes ao longo da passagem secreta que comunicava com o templo, enquanto alguns guerreiros fiéis a Ja-don iam avisar este. A luta, que começara na grande sala dos banquetes, havia alastrado a grande parte dos terrenos do palácio, terminando pela derrota temporária dos homens que atacavam Ja-don. Esses, aconselhados por outros acólitos enviados por Lu-don, haviam recuado para os terrenos do templo, de maneira que o conflito ficou nitidamente circunscrito a Ja-don, de um lado, e Ludon, do outro.

Ja-don havia sido informado de tudo o que acontecera nos aposentos de O-lo-a, por cuja segurança se preocupara, e também sabia que Tarzan havia conduzido os seus homens até ao local onde estavam a reunir-se os guerreiros ao serviço de Lu-don. Tudo isto, naturalmente, aumentara a simpatia do velho chefe pelo homem da selva, e agora lamentava que ele tivesse saído da cidade.

Os testemunhos de O-lo-a e de Pan-at-lee só podiam fortalecer a confiança que Ja-don e os seus amigos tinham na qualidade divina do estrangeiro, havia agora uma forte tendência, entre eles, para considerar Dor-ul-Otho como um fator de capital importância na luta contra Lu-don. Quer isto fosse a natural conseqüência da lenda originada nas façanhas de Tarzan, ou fosse uma habilidade política do próprio Ja-don, o fato permanecia - e os amigos de Ja-don passaram a odiar mais intensamente Lu-don, por causa do antagonismo deste em relação a Tarzan.

Infelizmente, Tarzan não estava ali para defender os amigos de Ja-don - do zelo religioso que poderia ter terminado prontamente a contenda a favor do velho chefe. Encontrava-se a muitas milhas de distância, e porque, mau grado repetidas invocações, ele não aparecia, os espíritos mais fracos começaram a pensar que a sua causa não tinha a proteção divina. Havia ainda outro motivo para as deserções das fileiras de Ja-don. Os guerreiros tinham, na cidade, parentes e amigos que eram também amigos e parentes dos adeptos de Lu-don, e esses, incitados pelos sacerdotes, faziam circular propaganda hostil a Ja-don.

O resultado foi que o poder de Lu-don crescia, na mesma medida em que diminuía

o poder do velho chefe. Depois aconteceu que as tropas do templo desencadearam um ataque, que teve como consequência uma derrota dos defensores do palácio.

Embora retirassem em boa ordem, estes últimos tiveram realmente de retirar, não só do palácio como da própria cidade de A-lur, indo refugiar-se em Jalur e deixando Lu-don senhor da capital de Pal-ul-don.

Ja-don levava com ele a princesa e as suas escravas, incluindo Pan-at-lee, assim como as mulheres e filhos dos seus guerreiros fiéis. Em Ja-lur, longe da influência dos acólitos de Lu-don, Ja-don começou a recrutar novas forças nas aldeias próximas, que dele dependiam e cujos habitantes lhe eram dedicados.

Enquanto estas coisas aconteciam no norte, Tarzan estava encerrado no covil dos leões, em Tu-lur. Entre Mo-sar e Lu-don trocavam-se mensageiros, pois ambos cobiçavam o trono de Pal-ul-don. Mo-sar, astuto, pensava que, se surgisse uma clara desavença entre ele e Lu-don, poderia utilizar o prisioneiro - pois não ignorava que, mesmo na sua cidade, eram numerosos os que acreditavam na divindade do homem da selva. Por seu lado, Lu-don queria Tarzan. Queria ser ele próprio a sacrificá-lo no altar de leste, diante da multidão, pois também não ignorava que a sua autoridade diminuiria aos olhos de muitos, em consequência das heróicas façanhas do homem que dizia ser Dor-ul-Otho.

O processo de que o primeiro sacerdote de Tu-lur se servira para aprisionar Tarzan, havia deixado este na posse das suas armas, embora parecesse que, na situação em que ficara, de pouco poderiam servir-lhe. Tarzan tinha também a sua bolsa, na qual fora acumulando coisas várias - como acontece a todos os receptáculos, desde as caixas de ouro, onde se guardam jóias, aos sótãos onde se guarda tudo. Havia ali pedaços de obsidiana, penas para flechas, pontas de lanças, em pedra ou em aço, uma velha faca, uma grossa agulha de osso, tiras de pele seca, etc. Coisas inúteis para qualquer de nós, úteis para a vida primitiva do homem da selva.

Quando Tarzan compreendera que o haviam apanhado numa ratoeira, tinha ficado na expectativa de ver surgir um leão. Embora o cheiro que notara não fosse recente, estava convencido que, mais cedo ou mais tarde, lançariam as feras contra ele. A sua primeira ação foi explorar cuidadosamente a prisão onde se encontrava. Notara as janelas cobertas com peles, e havia começado por arrancar estas, deixando entrar a luz e permitindo-lhe ver que, embora o fosso estivesse abaixo do nível do templo, ficava ainda vários pés acima da base da colina na qual o templo era escavado. As janelas estavam tão fortemente guarnecidas de varões, e eram tão fundas, que ele não podia ver o que havia junto da parede exterior. A distância, avistava as águas azuis do Jad-in-lul, depois a margem coberta de denso arvoredo, e ainda mais para além as montanhas. Era uma paisagem de paz, de harmonia e de beleza, uma espécie de paraíso aonde algum dia havia de chegar a civilização, estragando tudo...

Mas como poderiam chegar ali os homens civilizados? Tarzan esperava que nunca pudessem. Os homens civilizados haviam praticamente percorrido toda a Terra, de um pólo ao outro... e todavia nunca haviam transposto a imensidão dos pântanos que, decerto durante séculos, tinham protegido Pal-ul-don. Talvez que o Criador quisesse manter aquele ponto tal como Ele o criara, pois a presença dos Ho-don e dos Wáz-don não havia, senão muito superficialmente, alterado a obra da natureza.

Através das janelas, entrava luz suficiente para que Tarzan pudesse examinar o interior do fosso. O compartimento era bastante grande e tinha uma porta em cada extremidade – porta alta para os homens, porta baixa para as feras. Ambas estavam fechadas com pesados blocos de pedra. As duas janelas eram pequenas e guarnecidas por grades de ferro fixadas na pedra, com um aspecto tão formidavelmente sólido que a idéia de fuga parecia impossível. No entanto, minutos depois de ter sido fechado ali, Tarzan começara a preparar a fuga. Com a velha faca, pouco a pouco, foi escavando a pedra onde estavam fixados os varões. Era um trabalho lento, mas Tarzan era paciente.

Todos os dias, por uma diminuta abertura na porta mais pequena, lhe passavam água e comida. O preso pensou que o mantinham vivo para qualquer fim que não tinha relação com os leões. Isso, no entanto, pouco importava. Se a espera durasse mais uns dias, poderiam vir anunciar-lhe qualquer decisão... porque já não o encontrariam ali.

Até que, um dia, chegou a Tu-lur o principal auxiliar de Lu-don, Pan-sat. Ostensivamente, era portador de uma amigável mensagem para Mo-sar. Lu-don decidira que Mo-sar seria rei, e convidava-o a ir a A-lur. Depois de entregar essa mensagem, Pan-sat manifestara o desejo de falar com o primeiro sacerdote de Tu-lur, para o qual se dirigia a verdadeira mensagem de Lu-don. Fecharam-se num pequeno compartimento, e Pan-sat sussurrou o recado de Lu-don.

- Mo-sar quer ser rei... -disse ele -... e também quer reter aqui o estrangeiro que diz ser Dor-ul-Otho, e Lu-don quer matá-lo... Assim, se você quiser ser grande sacerdote em A-lur, a possibilidade está ao teu alcance...

Pan-sat calou-se, para ver o efeito das suas palavras, o primeiro sacerdote de Tu-lur ficara visivelmente impressionado... ser alto sacerdote em A-lur era tão importante, ou quase, como ser rei de Pal-ul-don, pois grandes eram os poderes daquele que conduzia os sacrifícios nos altares de A-lur.

- Como?... - murmurou ele. - Como posso vir a ser grande sacerdote de Alur?

- Matando um e levando o outro a A-lur... - disse Pan-sat, curvando-se mais para o chefe dos sacerdotes de Tu-lur.

Depois levantou-se e partiu, sabendo que o homem engolira a isca e que podiam contar com ele para fazer o que fosse preciso a fim de ganhar o grande prêmio.

E Pan-sat não se enganava -a não ser num pormenor. O primeiro sacerdote de Tu-lur estava pronto a matar e a trair para alcançar o lugar de grande sacerdote em A-lur... mas percebera mal quem era o que devia matar e quem o que devia entregar a Lu-don. Pan-sat, conhecendo todos os pormenores do plano de Lu-don, cometera o erro natural de pensar que o outro havia entendido. Mas na verdade o outro entendera ao contrário - e havia também outra coisa que ele não entendia... porque ignorava que já havia sido escolhido o acólito que devia assassiná-lo, a ele, uma hora depois da sua chegada a A-lur, e uma sepultura já o esperava nesse mesmo templo onde ele ambicionava dominar.

Foi assim que, em vez de premeditar o assassinio de Mo-sar, se pôs à frente de uma dúzia de guerreiros a quem subornara, para ir matar Tarzan no covil do leão. Anoitecera. Um único archote iluminava os passos dos assassinos. Os guerreiros sabiam que iam fazer uma coisa que Mo-sar não desejava, e isso forçava-os à cautela.

Na escuridão do fosso, o homem da selva estava trabalhando na sua aparentemente interminável tarefa. Os seus ouvidos apurados distinguiram o som de passos no corredor. Eram vários os que se aproximavam, talvez mais de uma dezena, e uma visita àquela hora da noite sugeria um propósito sinistro. Tarzan continuou a trabalhar até que os ouviu parar diante da porta. O silêncio era apenas perturbado pelo raspar constante da faca.

Os que estavam do lado de fora ouviram isso e tentaram encontrar uma explicação. Falaram em voz baixa, estabelecendo os seus planos. Dois deles levantariam a porta de pedra, e os outros se precipitariam, atirando as suas clavas contra o prisioneiro. Não queriam arriscar-se, pois as histórias que corriam em Alur haviam chegado a Tu-lur - histórias sobre a tremenda força e as prodigiosas façanhas de Tarzan-jad-guru, que os faziam suar, do frio úmido que reinava na escura passagem.

Então o sacerdote deu o sinal... a porta subiu e os guerreiros lançaram-se para a frente, empunhando as clavas. Três delas voaram através do compartimento, na direção de uma sombra mais escura entre as sombras da parede oposta. E quando o archote, nas mãos do sacerdote de Tu-lur, iluminou o recinto, os guerreiros viram que tinham atirado as suas clavas para um monte de peles arrancadas das janelas, e que além deles ninguém mais se encontrava ali.

Um dos guerreiros correu para uma das janelas. Todos os varões, menos um, haviam sido arrancados, e desse pendia uma corda feita com tiras cortadas das peles que tinham sido colocadas para impedir a entrada da luz.

Aos perigos quotidianos da existência de Jane Clayton, juntava-se agora a ameaça conseqüente de Obergatz saber onde ela estava. Os leões e as panteras haviam-na inquietado menos do que a reaparição do miserável a quem ela sempre reccara...mais repugnante agora pelo seu ar imundo, pelo seu riso vazio, pela sua atitude estranha. Para Jane, o alemão tornara-se a personificação de um pavor sem nome... durante os dias que se seguiram, Jane censurou-se mais de uma vez por não o ter abatido, como teria abatido qualquer outra fera que ameaçasse a sua segurança. Para ela, o tenente Obergatz não era menos perigoso do que um leão ou uma pantera... e na selva não havia a possibilidade de encarar os aspectos morais de um problema de sobrevivência. Matar não era, apenas um direito, era um dever quando a própria existência corria perigo pela ação de um animal daninho, fosse um leão ou um homem. E assim, Jane decidiu que, se o alemão ignorasse o seu aviso e voltasse a aparecer-lhe... a mesma lança, que não hesitaria em lançar sobre uma fera, seria lançada sobre ele.

Nessa noite, o seu refúgio na árvore pareceu-lhe menos seguro do que antes. O que poderia deter o ataque de uma pantera seria inútil contra o ataque de um homem e esta idéia não a deixou dormir como nas noites anteriores. O menor ruído diferente do habitual murmúrio da selva, sobressaltava-a e fazia-a escutar intensamente até lhe descobrir as causas. Um desses ruídos pareceu vir de muito perto, da própria árvore. Escutou, retendo a respiração. Sim, repetia-se... era como o roçar de qualquer coisa macia sobre o tronco. Jane estendeu a mão, apanhou a lança. Sentiu oscilar o galho que apoiava a sua casa... O que fosse estava se aproximando... Jane podia sentir-lhe a respiração, junto da porta... a pobre barreira de varas a que ela chamava porta.

Erguendo-se sobre os joelhos, Jane tateou com a mão esquerda, sem rumor, até

encontrar um intervalo que ela sabia existir entre as varas. Meteu aí a ponta da lança... O atacante noturno decerto a sentira mover-se, pelo que abandonou todas as cautelas e tentou forçar a entrada...

Jane empurrou a lança, com toda a força. Sentiu-a cravar-se em carne. Ouvia-se uma praga... a queda de um corpo entre os galhos inferiores... A lança quase foi arrancada da mão de Jane, mas ela agarrou-a até a libertar, quando o corpo caiu. Era Obergatz... A praga traía-o. De baixo não veio qualquer outro ruído... Teria matado? Desejou que assim fosse... desejou isso de todo o coração. Ficar livre das ameaças do miserável... era um enorme alívio. Durante todo o resto da noite, Jane ficou alerta, à escuta. Julgava ver, embaixo, junto da base do tronco, o homem morto, com a face horrível banhada pelo luar... os olhos parados, a fitá-la...

Rezou para que um leão aparecesse e o levasse, mas até de manhã não ouviu senão o murmúrio da selva... Estava contente por ter se livrado dele... mas horrorizava-a a tarefa que a esperava... teria de enterrá-lo... e continuar vivendo ali... Censurou-se pela sua fraqueza, repetindo a si que matara em defesa própria... que a sua mesma ação era justificada...

Mas Jane era uma criatura de hoje, e sobre ela pesavam os imperativos da ordem social em que nascera... com as suas interdições e as suas convenções. A manhã chegou, finalmente. O sol ergueu-se acima das montanhas distantes. Jane hesitava em desatar as tiras de cabedal que seguravam a porta - e olhar para baixo... Mas tinha de fazê-lo...

Abriu a primitiva porta... olhou... e abaixo só as flores e as ervas a esperavam, como nos outros dias. Observou o terreno, em volta da árvore... não havia nenhum corpo morto, caído... Desceu, atenta a qualquer sinal de perigo... junto do tronco, entre as ervas, havia uma poça de sangue... e depois uma pista feita de pingos vermelhos seguia ao longo da margem do ribeiro, na direção do lago. Portanto... não o matara! Sentiu, vago e simultaneamente, um misto de alívio e de pena... agora teria de viver na dúvida... porque ele podia voltar... mas ao menos não teria de viver junto de uma sepultura.

Pensou em seguir a pista, para a hipótese de Obergatz ter se afastado apenas para ir morrer mais adiante... mas desistiu, horrorizada pela idéia de encontrá-lo morto ou, pior ainda, gravemente ferido... Que faria ela, nesse caso? Não seria capaz de acabar com a lança... sabia que não faria isso...mas também não podia cuidar dele... nem deixá-lo onde estivesse para morrer de sede ou de fome... ou para ser devorado por alguma fera... Era melhor não o procurar... para não correr o risco de encontrá-lo.

Durante todo o dia sobressaltou-se ao menor ruído. Ainda na véspera, no entanto, teria podido pensar que tinha nervos de aço... Sabia que era a reação do choque que sofrera. No dia seguinte já seria diferente... mas alguma coisa lhe dizia que nunca mais o seu abrigo e aquele recanto da selva voltariam a ser os mesmos. Pesaria sempre a ameaça daquele homem.

Não voltaria a ter as suas noites repousantes, de profundo sono. A paz do seu pequeno mundo estava destruída para sempre.

Nessa noite prendeu a porta com mais tiras de couro, cortadas da pele do gamo que abatera no dia em que havia encontrado Obergatz. Estava muito cansada, porque mal dormira na noite anterior... mas durante muito tempo ficou de olhos abertos, olhando a

escuridão... E o que via... enchia de lágrimas os belos olhos corajosos... O bangalô que fora seu e tinha deixado de existir... destruído pela mesma força que, mesmo agora, a perseguia naquele recanto de um mundo perdido... Via um homem forte, cujos braços protetores não voltariam a rodeá-la... via um rapaz dircito, corajoso, que a fitava com adoração... o seu filho, tão semelhante ao pai...

A visão do simples bangalô surgia-lhe na mente, nunca substituída pela dos grandes e luxuosos salões que também haviam feito parte da sua vida. Mas Jane amava aquela casa simples, e os campos livres em volta... tal como ele os tinha amado.

Por fim adormeceu, exausta. Não soube por quanto tempo dormiu... mas subitamente foi acordada pelo mesmo ruído que ouvira na noite anterior... o roçar de um corpo contra o tronco da árvore... o balançar do galho sobre o qual assentava o seu refúgio... Ele voltara. Jane começou a tremer... Seria ele... ou... Deus!... ele estaria morto e então... Tentou expulsar da mente o pensamento horrível, para não enlouquecer.

De novo se aproximou da porta... mas as suas mãos tremiam quando, tal como na véspera, meteu a ponta da lança pelo intervalo das varas... Pensava se... ele voltaria a gritar, quando caísse...

CAPÍTULO 21

O doido

O último varão que, retirado, deixaria um espaço suficiente para o seu corpo passar, saltou-se quando Tarzan ouvia as vozes que sussurravam do outro lado da porta de pedra. Já havia preparado uma corda de tiras de couro. Amarrála ao único varão que deixara exatamente para esse fim, foi o trabalho de um momento... e os guerreiros ainda murmuravam, do outro lado da porta, quando o corpo moreno do homem da selva se meteu pela pequena abertura e desapareceu no exterior.

A fuga de Tarzan, do fosso dos leões, deixava-o ainda no interior da zona murada que incluía o palácio e o templo, com os terrenos anexos. Pela janela, ele tinha examinado esses terrenos, na medida do possível, logo que removera os varões suficientes para poder debruçar-se e estender a cabeça.

Assim, sabia que estava imediatamente diante dele - um caminho sinuoso e habitualmente deserto, que seguia na direção dos portões do palácio, além dos quais estava a cidade.

A escuridão facilitaria a sua fuga. Podia talvez sair do palácio, e até da cidade, sem que o vissem. Se pudesse evitar os guardas que estavam junto dos portões, o resto seria fácil.

Avançou calmamente, sem qualquer hesitação, pois sabia que assim não despertaria suspeitas. Na escuridão, podia facilmente ser confundido com um Ho-don, e de fato, embora passasse junto de alguns depois de deixar o caminho deserto, ninguém se aproximou nem o deteve. Conseguiu assim chegar junto do portão do palácio, onde havia uma guarda de seis ou sete homens. Tentou passar por eles da mesma maneira, e teria conseguido se não tivesse aparecido um homem, vindo dos lados do templo, que corria e gritava:

- Fechem as portas! Que ninguém passe! O prisioneiro fugiu do “pal-ul-ja”!

No mesmo instante um guerreiro cortou o caminho a Tarzan, reconheceu-o e bradou:

- “Xot torr”! Aqui está ele! Agarrem-no! Para trás, se não quiser morrer!

Os outros avançaram. Não se pode dizer que se precipitassem... Se realmente pensavam atacá-lo... faziam-no com uma notável falta de entusiasmo, cada qual parecendo especialmente empenhado em incitar os outros em vez de agir.

A sua fama de lutador tinha sido um assunto de conversa demasiado freqüente... e pouco próprio para fortalecer o moral dos guerreiros de Mo-sar. Era mais seguro permanecer a distância e atirar as clavas, e foi o que fizeram - mas o homem da selva aprendera bastante sobre o manejo daquelas armas, desde que chegara a Pal-ul-don.

O que aprendera, fizera com que ele apreciasse as clavas e as vantagens que ofereciam. Para ataque eram bastante mais eficientes do que as lanças, e por outro lado funcionavam também como escudos, reduzindo assim a carga dos guerreiros, atiradas, como eles as atiravam, destruiriam com facilidade qualquer escudo normal. Só outra clava, destramente manejada, podia desviar o golpe. Por outro lado, as clavas de guerra

dos homens de Pal-ul-don podiam ser projetadas a uma distância maior do que uma lança.

Era, o momento de pôr à prova o que aprendera com Om-at e Ta-den. Os músculos de Tarzan agiam com a rapidez do raio, os seus olhos não falhavam um movimento, o seu cérebro funcionava instantaneamente. Esquivando as clavas que eram lançadas contra ele, Tarzan avançava com uma idéia em mente... a de chegar ao alcance de um dos adversários. Estes, porém, queriam evitar isso mesmo, e recuavam, diligenciando manter-se entre ele e os portões, ao mesmo tempo que pediam reforços. Tarzan não podia esperar.

Segundo uma tática habitual, dois ou três guerreiros giravam em volta dele, apanhando as clavas atiradas enquanto Tarzan tinha de se ocupar em esquivar as outras que vinham pelo ar. O homem da selva conseguiu no entanto apoderar-se de duas das armas, que lançou com força e pontaria bastante para derrubar dois adversários. Mas agora ouvia o tropel de muitos pés descalços, sobre o pavimento de pedra, e os brados dos homens que se aproximavam.

Não havia tempo a perder. Empunhando uma clava em cada mão, Tarzan atirou uma delas e, quando o guerreiro a esquivou, saltou sobre ele e lançou a segunda clava, sobre outro.

O Ho-don a quem Tarzan agarrara tentou empunhar a faca, mas o homem da selva segurou-lhe o pulso. Um movimento rápido foi seguido por um estalar de ossos e um brado de dor. Então, erguendo no ar, como um escudo, o corpo do guerreiro, Tarzan transpôs o portão. Junto dele, viu o único archote que iluminava a entrada dos jardins do palácio. Os guerreiros avançavam agora em socorro do seu companheiro... O homem da selva ergueu o corpo do cativo, acima da cabeça, e projetou-o com tremenda força sobre o mais próximo dos atacantes. O homem caiu, e outros dois, que vinham imediatamente atrás, tombaram também. Então Tarzan agarrou o archote e atirou-o para cima dos reforços que chegavam.

Houve um coro de gritos... e o archote apagou-se. Na escuridão que se seguiu, Tarzan desapareceu nas ruas de Tu-lur. Por algum tempo ouviu o ruído feito por aqueles que o perseguiam, mas o ruído não tardou a afastar-se na direção do Jad-in-ul - a direção errada, pois Tarzan voltara para o sul a fim de fazê-los perder a pista. Só para além da cidade se orientou para noroeste, onde ficava A-lur. Tarzan sabia que no seu caminho ficava o Jad-bal-lul, cuja margem tinha de evitar, e que teria de atravessar um rio na parte inferior do grande lago.

Ignorava que outros obstáculos encontraria, mas estava convencido de que avançaria mais rapidamente por terra do que se fosse apoderar-se de uma piroga para, só com um remo, subir a corrente. A sua intenção era pôr tão grande distância quanto possível, entre ele e Tu-lur, antes de descansar. Tinha certeza de que Mo-sar não se conformaria facilmente com sua fuga, e que ao romper do dia, ou até talvez antes, enviaria guerreiros para o procurarem.

A cerca de duas milhas da cidade, Tarzan entrou numa floresta - e aí, finalmente, teve uma sensação de segurança que nunca experimentava nos espaços abertos ou nas cidades. A floresta e a selva eram a sua casa. Ali, nenhuma criatura viva, quer caminhasse

sobre quatro patas, ou se arrastasse, ou subisse às árvores, tinha vantagens sobre Tarzan. O cheiro da vegetação que atapetava o terreno, apodrecendo ao sabor das estações do ano, era mais agradável do que mirra ou incenso, para o homem da selva - o grande Tarmangani. O aroma pesado das flores tropicais, todos os perfumes da selva, embriagavam Tarzan.

Tomou o caminho das árvores, não por necessidade, mas por amor aos movimentos livres que durante tanto tempo lhe haviam sido negados. Embora de noite e numa floresta estranha, movia-se com uma segurança e facilidade que, mais do que destreza, eram puro instinto. Um mocho piou lugubrememente, à sua direita, um leão rosnou mais longe, sons que significavam, para Tarzan, a presença de companheiros na selva, quer fossem amigos ou inimigos. Chegou, por fim, a um ponto onde as árvores eram espessas e encobriam um pequeno ribeiro, de maneira que teve de saltar para o chão e atravessar o curso de água. Na outra margem do ribeiro, parou como se, bruscamente, o seu vulto de semideus se houvesse transformado em mármore. Apenas o ligeiro palpitir das narinas indicava vida. Por instantes ficou assim, até que, rápido mas silencioso e alerta, continuou a avançar. Agora, porém, a sua atitude indicava um propósito diferente. Movia-se na direção de qualquer coisa que o excitava muito mais do que a possibilidade de chegar a A-lur.

Assim se aproximou de uma grande árvore, junto da qual parou olhando para cima...para onde, entre a folhagem, distinguiu os contornos de uma sombra quase retangular. Tarzan sentiu como um nó na garganta, ao içar-se para os ramos mais baixos... como se o seu coração se dilatasse sob os efeitos de uma grande angústia, ou de uma grande esperança.

Parou, à escuta, diante do tosco abrigo construído entre as ramadas. O seu olfato sensível captava o aroma delicado que, a distância o atraía.

Curvou-se, junto da pequena porta.

- Jane... meu amor... sou eu...

A única resposta foi uma exclamação abafada, quase um soluço, e o ruído surdo da queda de um corpo. Tarzan tentou soltar as tiras de cabelado que prendiam a porta... mas, impaciente, acabou por agarrar a porta e arrancá-la.

Então entrou no abrigo e viu o vulto inerte da sua companheira. Agarrou-a nos braços... O coração dela batia, estava simplesmente desmaiada.

Quando Jane recuperou os sentidos, viu-se estreitamente apertada por dois braços fortes, a cabeça descansando sobre um largo ombro onde, tantas vezes, se aninhara em busca de carinho ou de conforto. Parecia não ter certeza de que não se tratasse de um sonho. Erguendo uma das mãos, com medo, tocou no rosto de Tarzan.

- John... - murmurou - ... é... você? Em resposta, ele apertou-a um pouco mais, dizendo com dificuldade:

- Sou eu, Jane... mas... mas é difícil falar...

Ela sorriu e aconchegou-se mais, sussurrando:

- Deus foi bom para nós, Tarzan dos Macacos...

Durante algum tempo nenhum deles falou. Bastava-lhes estarem juntos... e que um soubesse que o outro estava vivo e são. Mas, por fim, recuperaram a voz e, quando o sol rompeu, estavam ainda conversando, tanto tinham para dizer um ao outro... tantas eram as perguntas a fazer e a responder.

- E Jack...?... - perguntou Jane. - Onde está ele?

- Não sei... - respondeu Tarzan. - Nas últimas notícias estava no campo de batalha, em Argonne.

- Ah! Então a nossa felicidade ainda não é completa... - murmurou Jane, num tom de tristeza.

- Não... mas o mesmo acontece assim em incontáveis lares ingleses e aí o orgulho aprende a tomar o lugar da felicidade... - disse Tarzan.

- Quero o meu filho... - murmurou ainda Jane, abanando a cabeça.

- Eu também e o teremos. Estava vivo e ileso, nas últimas notícias que tive... E agora... - acrescentou - ... temos de planejar o nosso regresso. Você quer reconstruir o nosso bangalô e reunir os Waziri dispersos... ou prefere voltar para Londres?

- Apenas para saber de Jack... - respondeu ela. - Sonho sempre com o bangalô e nunca com a cidade... Mas apenas podemos sonhar, John... porque Obergatz disse-me que tinha dado a volta a toda esta região, sem encontrar caminho para atravessar os pântanos.

- Eu não sou Obergatz... - disse Tarzan, tranquilamente, sorrindo. - Vamos descansar hoje, e amanhã partiremos para o norte. É uma região selvagem, mas já a atravessei uma vez e poderemos atravessá-la de novo.

Assim, na manhã seguinte, o grande Tarmangani e a sua companheira partiram para a sua jornada através do Vale de Jad-ben-Otho... Diante deles havia homens selvagens e grandes feras, e as altas montanhas de Pal-ul-don... Além das montanhas havia os répteis dos pântanos... e mais além a enorme planície sem água, coberta de arbustos espinhosos... e mais homens selvagens, e mais feras...e muitas milhas de caminho através de terras primitivas e hostis... e tudo os separava ainda dos restos calcinados do seu lar.

O tenente Erich Obergatz rastejava sobre a erva, apoiado nas mãos e nos joelhos, deixando um rasto de sangue atrás dele... desde que a lança de Jane o tinha feito cair no chão, junto da árvore. Não voltara a fazer ruído, depois do grito que soltara ao sentir-se ferido. Calara-se porque tinha medo de que aquela diabólica mulher o perseguisse e o matasse. Por isso tinha se afastado de rastros, como uma fera, em busca do mato onde poderia esconder-se e descansar.

Pensou que ia morrer... mas não morreu e, com a chegada do novo dia, descobriu que a sua ferida era apenas superficial, a grosseira ponta de obsidiana, da lança, cravarara-se nos músculos da ilharga, sob o braço direito, causando uma ferida dolorosa mas não mortal. Com a compreensão desse fato veio um desejo ainda mais forte de pôr tanta distância quanta possível entre ele e Jane Clayton. E continuava a avançar, sobre as mãos e os joelhos, com a persistente obsessão de que assim não seria descoberto. Mas, enquanto fugia, a sua mente girava, em volta de uma idéia - enquanto fugia continuava a

pensar em perseguir Jane... e ao seu desejo de posse violenta juntava-se agora um desejo de vingança... Ela havia de pagar por tê-lo repellido, por tê-lo ferido... Mas, por uma razão que ele não explicava a si mesmo, continuava a rastejar e a esconder-se. Voltaria, no entanto... voltaria e a mataria, depois de possuí-la.

Assim mesmo, uma vez e outra... Até que acabou por soltar uma gargalhada oca, áspera, das que tanto haviam assustado Jane.

A certa altura viu que tinha os joelhos em sangue, lacerados e doridos. Olhou em volta, cauteloso, e escutou... Não via viva alma, não ouvia qualquer ruído... Então levantou-se e continuou o seu caminho a pé, coberto de lama e de sangue, a barba e os cabelos desgrenhados, repugnantemente sujos... Não dava pela passagem do tempo... Comia frutos e tubérculos que arrancava do chão, com os dedos. Seguiu pela margem do rio, depois pela do lago... para estar sempre perto da água... e quando ouvia rosnar ou rugir um leão, trepava para uma árvore e escondia-se.

Algum tempo depois chegou à margem sul do Jad-ben-lul, e continuou a avançar até que um largo rio o deteve. Do outro lado da água azul, a cidade branca resplandecia ao sol. Lentamente, uma recordação abriu caminho na mente perturbada do alemão. Olhou durante longos minutos, pestanejando. Aquela era A-lur, a Cidade da Luz... Uma associação de idéias levou-o a pensar em Bu-lur e nos Waz-hodon. Tinha-lhe chamado Jad-ben-Otho... Pôs-se a rir, endireitando os ombros e caminhando de um lado para o outro, ao longo da margem.

- Eu sou Jad-ben-Otho!... - gritou. - Sou o grande deus, e em A-lur está o meu templo, estão os meus sacerdotes... Que faz Jad-ben-Otho aqui, sozinho na selva?

Entrou na água e, elevando a voz, gritou agudamente, voltado para A-lur:

- Eu sou o Jad-ben-Otho! Escravos... venham buscar o vosso deus, levem-no ao templo!

Mas a distância era demasiado grande e ninguém o ouviu... A sua mente fraca foi atraída por outras coisas... um pássaro que esvoaçava, um bando de diminutos peixes, que passava junto das suas pernas. Tentou agarrar um desses peixes, falhou, caiu na água e rastejou, perseguindo-o.

Nesse momento pensou que era um animal marinho... Esqueceu o peixe e estendeu-se na água, tentando nadar com movimentos de pés... como com uma cauda. O medo, as privações, o sofrimento das últimas semanas, haviam reduzido Erich Obergatz a pouco mais do que um idiota.

Uma cobra de água veio à superfície, e o alemão quis também agarrá-la. A cobra esgueirou-se para a margem, à entrada do rio, onde cresciam juncos. Obergatz seguiu-a e perdeu-a de vista... mas encontrou uma piroga entre os juncos, escondida... Riu, olhando a sua descoberta... Dentro da piroga havia dois remos. Obergatz apanhou um e atirou o outro para a água. Ficou vendo o remo desaparecer na corrente, e então sentou-se e começou a chapinhar com as mãos. Gostava de ouvir o barulho da água, de sentir as gotas que o salpicavam, esfregou o braço esquerdo, com a mão direita, e olhou com espanto a pele que surgia sob a camada de lama e de sangue seco. Voltou a esfregar-se... Não pensava em lavar-se... apenas gostava de ver aparecer a pele sob a sujeira.

- Estou ficando branco... - exclamou, Esfregou-se mais... e depois parou para voltar a olhar a cidade... A ligação de idéias refez-se: Aquela era A-lur... e os Wá-ho-don tinham dito que ele era Jad-ben-Otho:...

Voltou a fitar a piroga, o corpo mal lavado...

Notou a tanga suja e rasgada... Arrancou-a e atirou-a para a água, gritando:

- Sou Jad-ben-Otho... Os deuses não usam trajes sujos... usam grinaldas deflores... É assim que quero entrar na minha cidade sagrada...

Passou as mãos pela barba e pelos cabelos. A água soltara alguma da sujeira, sem a remover por completo... Pensou vagamente que a barba e o cabelo estragavam a sua aparência de deus... Agora começava a pensar mais coerentemente, porque se havia concentrado numa idéia. A diferença estava apenas em que era agora um doido com uma idéia fixa...

Saltou para a margem, colheu flores e fetos, e en trançou-os na barba e no cabelo... flores garridas, de cores gritantes, fetos verdes que prendia como penas num chapéu.

Quando lhe pareceu que a sua aparência impressionaria qualquer sobre a sua evidente divindade, voltou à piroga, empurrou-a para o rio e saltou para dentro dela... O impulso lançou a piroga na corrente... e a corrente levou-a para o lago... Nu... com os braços cruzados sobre o peito... de pé no meio da piroga, Obergatz gritava a sua mensagem à cidade...

- Sou Jad-ben-Otho:... Que os sacerdotes venham... cuidar de mim... Quando a corrente do rio deixou de se fazer sentir no lago, o vento começou a impelir a piroga, levando-a para frente...

Obergatz continuava de pé, a gritar... Estava ainda no meio do rio quando alguém o avistou, desde a muralha do palácio... algum tempo depois, quando a piroga se aproximou mais, uma pequena multidão de guerreiros, mulheres e crianças, estava na muralha, olhando... e ao longo das muralhas do templo tinham-se reunido vários sacerdotes, entre eles o próprio Lu-don. O grande sacerdote olhava astutamente o estranho vulto que vinha cada vez mais perto, e escutava as palavras gritadas... Lu-don já sabia da fuga de Tarzan e receava que ele tivesse ido juntar-se às forças de Ja-don, atraindo muitos recrutas entre os que acreditavam ainda na sua divindade. Um Dor-ul-Otho, mesmo falso, entre os inimigos, poderia inutilizar todos os planos de Lu-don. O vulto estava já bastante perto, e não tardaria que a corrente, ao longo da margem, empurrasse a piroga para terra.

Os acólitos olhavam para Lu-don, à espera de ordens.

- Tragam-no aqui... - ordenou o grande sacerdote. - Se for Jad-ben-Otho... eu o reconhecerei. Os acólitos correram para os termos do palácio, chamando os guerreiros.

- Vão buscar esse estrangeiro e levem-no a Lu-don... Se for Jad-ben-Otho, ele o reconhecerá...

E assim o tenente Obergatz foi levado à presença de Lu-don.

O grande sacerdote observou atentamente o estranho homem nu, com o fantástico tocado de flores.

- De onde vem?... - perguntou.

- Sou Jad-ben-Otho e venho dos céus... - gritou o alemão. - Onde está o grande sacerdote?

- Sou eu o grande sacerdote...

Obergatz deu palmas, exclamando:

- Quero que me lavem os pés e me tragam comida!

Os olhos de Lu-don semicerraram-se, astutos. Depois... diante de todos os acólitos do templo e de todos os guerreiros do palácio, curvou-se até que a testa tocou nos pés do estrangeiro.

- Escravos!... -bradou, levantando-se - ...tragam água e comida para o grande deus!

Assim, reconhecendo publicamente a divindade de Obergatz, Lu-don fez com que a notícia se espalhasse como fogo pelo palácio e pela cidade... O verdadeiro Jad-ben-Otho, ele próprio, viera e apoiava a causa de Lu-don, o grande sacerdote.

Não tardou muito que Mo-sar aparecesse, pondo-se à disposição de Lu-don e esquecendo-se de mencionar as suas pretensões ao trono. Mo-sar pensava que deveria considerar-se feliz se pudesse continuar a ser chefe em Tu-lur - e não se enganava nas suas deduções. Lu-don recebeu-o porque pensava ainda poder utilizá-lo - pois corria o boato de que Ja-don organizara um grande exército, no norte, e em breve marcharia sobre A-lur.

Obergatz gozava largamente a sua condição divina. Abundância de comida, paz e repouso, restituíram-lhe parcialmente a razão que estivera prestes a perder. Mas, sob um aspecto, estava mais doido do que nunca... visto que, agora, nenhum poder do mundo poderia convencê-lo de que não era deus. Tinham sido postos escravos à sua disposição... e a esses distribuía ordens com a majestade de um Júpiter. A sua crueldade nata harmonizava-se bem com a malignidade de Lu-don, e pareciam sempre de acordo. O grande sacerdote via nele uma poderosa força que o manteria definitivamente no governo de Pal-ul-don, e assim Obergatz tinha o futuro assegurado se pudesse continuar a representar o seu papel de deus... ao serviço de Lu-don.

Um trono foi erguido no pátio principal do templo, diante do altar de leste, de maneira a que Jad-ben-Otho pudesse presidir pessoalmente aos sacrifícios feitos em sua honra, em cada tarde, à hora do poente. A mente cruel e obscurcida do alemão gozava de tal maneira esses espetáculos, que por vezes insistia em usar ele mesmo a faca dos sacrifícios. Então os sacerdotes e o povo prostravam-se, em adoração da terrível divindade.

Se Obergatz os ensinava a não amar o seu deus, mais ainda os ensinava a temê-lo de maneira que o nome de Jad-ben-Otho era sussurrado na cidade, como um espanto. Os acólitos, por ordem de Lu-don, espalhavam pela cidade a informação de que Jad-ben-Otho amaldiçoaria todos os que não alinhassem com o grande sacerdote... como já amaldiçoara Ja-don e o impostor que quisera fazer-se passar por Dor-ul-Otho.

A maldição teria a forma de uma morte, próxima e precedida de indizíveis sofrimentos. Todos os que se queixassem de qualquer dor, mesmo ligeira, deviam ser levados à presença de Lu-don, pois tais dores eram indicio de maldição. O resultado foi

notável e imediato - ninguém mais sentiu dores, em Pal-ul-don, e portanto todos puderam juntar-se às hostes que o grande sacerdote preparava.

CAPÍTULO 22

Uma jornada num gryf

Tarzan e Jane evitaram a margem do Jad-bal-lul e atravessaram o rio, na parte superior do lago. Viajavam sem pressa, atentos ao conforto e à segurança, pois o homem da selva, agora que havia encontrado a sua companheira, resolvera evitar qualquer possibilidade que pudesse separá-los novamente, ou impedir, ou sequer atrasar, a sua fuga de Pal-ul-don.

A maneira de atravessar o pântano não o preocupava muito, ainda - haveria tempo para estudar esse assunto quando a ocasião chegasse. As horas de ambos eram cheias de alegria e felicidade, pois se haviam encontrado. Tinham muito de que falar, visto que cada um deles sofrera muitas provações e vicissitudes, e passara por muitas aventuras.

A intenção de Tarzan era escolher um caminho acima de A-lur e das aldeias espalhadas nos arredores, passando a cerca de metade da distância entre a cidade e as montanhas. Assim, na medida do possível, evitaria os Ho-don e os Waz-don, pois aquela zona era território neutro e desabitado. Assim viajaria para o norte, até perto de Kor-ul-ja, onde pensava parar para visitar Om-at e dar-lhe notícias de Pan-at-lee, comunicando-lhe um plano que havia imaginado para assegurar o seu regresso, sã e salva, à tribo. Foi no terceiro dia de viagem, quando tinham quase alcançado o rio que atravessa A-lur, que Jane, subitamente, apertou o braço de Tarzan e apontou para frente, para a orla de uma floresta da qual se aproximavam. Sob as sombras das árvores distinguia-se um enorme vulto, que o homem da selva reconheceu imediatamente.

- Que é aquilo?... - sussurrou Jane.

- Um gryf... e o encontramos no pior lugar possível. Não há uma só grande árvore num raio de um quarto de milha, a não ser aquelas perto das quais ele está. Temos de voltar para trás, Jane... não quero correr o risco estando com você aqui. O melhor que podemos fazer é rezar para que não nos descubra.

- E se nos descobrir?

- Teremos de correr o risco.

- Qual?

- A possibilidade de que eu possa dominá-lo como já dominei outro. Como eu contei.

- Sim... mas eu não imaginava uma criatura tão formidável. Oh, John! É tão grande como um cruzador!

- Não tão grande... - Disse Tarzan - embora pareça pelo menos tão terrível, quando abre a boca. - Afastavam-se devagar, para não atraírem a atenção do monstro.

- Talvez possamos conseguir... - murmurou Jane, tensa. Um mugido rouco fez-se ouvir, rolante como um trovão. Tarzan abanou a cabeça.

- Vai começar o grande espetáculo de Circo... - disse ele, sorrindo. Apertou Jane nos braços e beijou-a. - Nunca se sabe... Faremos o melhor que pudermos... Me dê a sua lança e... e não corra. A nossa única esperança está no pequeno cérebro, não em nós. Se

eu puder dominá-lo... Bem, vamos ver.

O monstro avançara uns passos e olhava em volta, com a sua visão débil, evidentemente à procura deles. Tarzan ergueu a voz no estranho brado dos Tor-odon: "Whee-oo! Whee-oo!"

Por momentos o monstro ficou imóvel, atento. O homem da selva avançou para ele, com Jane a seu lado. "Whee-oo!" O som cavernoso saiu do peito do gryf, em resposta, e o monstro aproximou-se devagar.

- Excelente!... -disse Tarzan. - Agora as probabilidades são a favor. Pode dominar-se?

- É nosso! Oh, não é preciso perguntar! Nada temo quando estou com Tarzan dos Macacos... - disse Jane, brandamente - e Tarzan sentiu a doce pressão dos dedos dela, no seu braço.

Assim se aproximaram do monstro gigantesco de uma idade esquecida, até que ficaram na sombra de uma espádua formidável. "- Whee-oo!", bradou Tarzan, batendo no hediondo focinho com a haste da lança. O brusco movimento lateral da grande cabeça - que falhou o alvo e que não se destinava a alcançá-lo - foi a resposta que Tarzan esperava.

- Venha... - disse o homem da selva, puxando Jane. Um momento depois escalavam a poderosa cauda e instalavam-se sobre o imenso dorso. - Agora vamos cavalgar com pompa... a mesma pompa que os nossos antepassados conheceram e que reduz o aparato dos reis a uma coisa mesquinha. Gostaria de atravessar Hyde Park sobre esta montaria?

- Recio que os polícias ficassem chocados com a inovação, John!... - respondeu ela, rindo. Tarzan guiou o gryf na direção desejada. Altos taludes e rios não constituíam obstáculos para a espantosa criatura.

- Um tanque pré-histórico... - comentou Jane.

Continuaram a avançar, conversando e rindo... até que, inesperadamente, encontraram uma dúzia de guerreiros Ho-don, quando o gryf emergiu numa pequena clareira. Os homens estavam estendidos à sombra de uma árvore isolada. Quando viram o monstro levantaram-se, espavoridos, e ao ouvir os gritos deles o gryf atacou, soltando o seu mugido terrível. Os guerreiros fugiram em todas as direções, enquanto Tarzan, com a lança, batia no focinho da fera, num esforço para dominá-la.

Conseguiu-o por fim, quando o gryf estava quase sobre um pobre diabo a quem parecia ter escolhido como presa. Com um mugido colérico, o gryf parou enquanto o pobre diabo, lívido de medo, desaparecia na selva.

Tarzan estava contente. Tinha duvidado da possibilidade de dominar o monstro se ele decidisse atacar alguma vítima, e por essa razão pensara abandoná-lo antes de chegarem a Kor-ul-ja. Agora podia alterar esse plano - iria até Kor-ul-ja montado no gryf - e os Wáz-don teriam assunto de conversa para várias gerações. Não foi apenas o instinto teatral do homem da selva, o que originou o novo plano. A segurança de Jane foi a principal determinante, pois Tarzan pensava que nada a poderia ameaçar enquanto ela seguisse sobre o dorso da mais formidável criatura de Pal-ul-don.

Enquanto se encaminhavam lentamente para Kor-ul-ja - pois o passo natural do

gryf nada tem de veloz - um punhado de guerreiros apavorados chegou a A-lur, contando uma história espantosa a respeito de Dor-ul-Otho... embora ninguém se atrevesse a chamar Dor-ul-Otho a Tarzan, em voz alta. Falaram de Tarzan-jad-guru, contando que o tinham visto montado sobre um formidável gryf, em companhia da bela estrangeira, a quem Ko-tan desejara para rainha de Pal-ul-don. Essa história chegou aos ouvidos de Lu-don, que mandou ir os guerreiros à sua presença e os interrogou longamente, até ele se convencer de que lhe diziam a verdade... E apurar qual a direção seguida pelos dois estrangeiros.

Lu-don ficou convencido de que iam a caminho de Ja-lur, para se juntarem a Ja-don, uma hipótese que ele devia evitar custasse o que custasse. Como sempre fazia em ocasiões de emergência, chamou Pan-sat, e os dois homens conversaram durante bastante tempo. Quando acabaram de falar, um plano havia sido estabelecido. Pan-sat correu para os seus aposentos, onde deixou a máscara e os atributos de sacerdote, para envregar o equipamento e as armas de um guerreiro. Então voltou para junto de Lu-don.

- Ótimo!... - exclamou este, quando o viu. - Nem mesmo os seus companheiros, ou os escravos que te servem, seriam capazes de te reconhecer. Não perca tempo, Pan-sat, porque tudo depende da rapidez do teu ataque... E lembra-te... Mate o homem, se puder, mas seja como for, traga-me a mulher viva. Compreendeu?

- Sim, mestre... - respondeu o outro.

E foi assim que um guerreiro solitário partiu de A-lur, para noroeste, na direção de Ja-lur.

O desfiladeiro vizinho, acima de Kor-ul-ja, estava desabitado, e foi esse que Ja-don escolheu para reunir as suas tropas e preparar a descida sobre A-lur. Duas razões o influenciaram. A primeira foi de que assim poderia manter em segredo os seus planos, o que lhe daria a vantagem de lançar um ataque de surpresa vindo de uma direção de onde os homens de Lu-don não esperariam ser atacados, a segunda era que assim podia manter a sua gente longe dos rumores que corriam nas cidades, segundo as quais, Jad-ben-Otho, em pessoa, viera ajudar Lu-don contra Ja-don.

Só os mais leais usariam ignorar as ameaças de vingança divina, implícitas nesses rumores. Já antes tinha havido deserções.

Tal era a situação, quando uma sentinela, postada num cabeço, à entrada do desfiladeiro, avisou de que vira a distância o que lhe parecia, nem mais nem menos, do que duas criaturas humanas montadas sobre o dorso de um gryf. Segundo a sentinela, que os vira atravessar zonas descobertas, pareciam subir na direção de Kor-ul-ja.

A princípio, Ja-don pusera em dúvida a veracidade da informação... mas, como bom general, não podia deixar que uma indicação, mesmo provavelmente falsa, ficasse por verificar.

Decidiu ir pessoalmente saber o que a sentinela vira. Mal havia chegado, quando o guerreiro exclamou, excitadamente:

- Veja agora, já estão mais perto...

E aconteceu que, a menos de um quarto de milha, Ja-don viu o que nunca vira antes,

apesar da sua longa experiência – duas criaturas humanas montadas num gryf. Quase se recusou a acreditar no testemunho dos seus próprios olhos... mas de repente reconheceu o homem e ergueu-se, com um largo brado:

- É ele! É o Dor-ul-Otho em pessoa!

O gryf e os seus cavaleiros ouviram o brado, não as palavras. O primeiro soltou um terrível mugido e lançou-se na direção do cabeça, e Ja-don, seguido por um punhado dos seus mais intrépidos guerreiros, foi ao encontro dele.

Tarzan, desejoso de evitar uma luta desnecessária, tentou voltar o animal, mas este era dificilmente tratável e foram necessários vários minutos para que o homem da selva conseguisse impor a sua vontade. Assim, os guerreiros estavam bastante perto quando o gryf, finalmente, parou.

Entretanto, Ja-don e os seus guerreiros, tendo compreendido que o monstro tinha intenções decididamente más, haviam trepado apressadamente para as árvores. Foi sob essas árvores que Tarzan conseguiu fazer parar o furioso monstro. Ja-don chamou, de cima.

- Somos amigos... -disse ele. - Eu sou Ja-don, chefe de Ja-lur. Eu e os meus guerreiros prestamos homenagem, aos pés de Dor-ul-Otho, e pedimos-lhe que nos ajude na nossa justa guerra contra Lu-don, o grande sacerdote.

- Ainda não o venceram?... - exclamou Tarzan. – Imaginei que já fosse o rei de Pal-don, há muito tempo.

- Não... -respondeu Ja-don. -O povo teme o grande sacerdote, e agora que ele tem no templo um homem que diz ser Jad-ben-Otho, muitos dos meus guerreiros o receiam. Se souberem que Dor-ul-Otho voltou e apóia a causa de Ja-don, tenho certeza de que a vitória será nossa.

Tarzan pensou durante um longo minuto, antes de falar.

- Ja-don... - disse ele - ...você foi um dos poucos que acreditaram em mim e queriam que me tratassem com justiça. Tenho uma dívida para contigo e contas a ajustar com Lu-don, não só por mim mas, sobretudo, pela minha companheira. Irei com você, para que Lu-don tenha o castigo que merece. Mas de que maneira posso ajudar a causa da justiça... a causa do povo de meu pai?

- Acompanhando-me a Ja-lur e entrando nas aldeias próximas... -respondeu prontamente Ja-don - ...para que o povo veja que é realmente Dor-ulotho e que apóia a causa de Ja-don.

- Pensa que eles acreditarão em mim, mais do que antes?

- Quem se atreverá a pensar que aquele que monta o grande gryf seja menos do que um deus?. - respondeu o velho chefe.

- Se eu te acompanhar na batalha em A-lur, pode garantir a segurança da minha companheira?

- Ela ficará em Ja-lur, com a princesa O-lo-a e as mulheres da minha casa... Ali ficará segura, porque deixarei guerreiros de confiança, para protegê-las. Diga que irá comigo e serei feliz, oh, Dor-ul-Otho! Ta-den, o meu filho, marcha para Alur com um

exército, pelo noroeste, e se nós atacarmos pelo nordeste, chefiados pelo Dor-ul-otho, seremos vencedores!

- Será como desejas, Ja-don... mas antes terão de procurar carne para o meu gryf.

- Há muitas carcaças no acampamento... - explicou Ja-don - ... porque os meus guerreiros pouco mais têm feito do que caçar.

- Excelente... Mande que as tragam!

Quando os guerreiros trouxeram os animais abatidos, deixando-os a alguma distância, Tarzan desmontou e ele próprio deu de comer ao gryf. Compreendendo que o seu domínio sobre o monstro dependia de não o deixar ter fome, recomendou a Ja-don que era preciso não haver falta de carne para o gryf.

Amanhecia quando puderam partir para Ja-lur, mas Tarzan encontrou o gryf onde o havia deixado na noite anterior junto das carcaças de dois antílopes e de um leão. Agora, porém, só estava o gryf.

- Os paleontologistas dizem que ele era herbívoro... - comentou Tarzan, quando ele e Jane se aproximaram do monstro.

A jornada até Ja-lur foi feita passando pelas aldeias dispersas, onde Ja-don esperava despertar um forte entusiasmo pela sua causa. Um grupo de guerreiros precedia Tarzan, não só para preparar o povo para a aproximação do gryf, mas também para que todos pudessem receber Dor-ul-Otho com as honras devidas. Os resultados corresponderam às esperanças de Ja-don, e nas aldeias por onde passaram não houve uma só criatura que duvidasse da divindade do homem da selva.

Quando se aproximavam de Ja-lur, juntou-se a eles um guerreiro que nenhum dos amigos de Ja-don conhecia. Disse que vinha de uma das aldeias do sul e que tinha sido tratado injustamente por um dos chefes de Lu-don. Por esse motivo deixara a causa do grande sacerdote e viera para o norte, na esperança de poder encontrar um lar em Ja-lur. Porque todas as adesões eram bem aceitas, o velho chefe permitiu que o homem os acompanhasse.

Surgiu então a questão do que fariam com o gryf, quando estivessem na cidade. Só a muito custo Tarzan evitara que a fera atacasse todos os que se aproximavam deles, a princípio, mas durante a marcha o gryf pareceu familiarizar-se com a presença dos Hodon. Sem dúvida que estes não lhe davam ocasião para se enfurecer, visto que nunca se aproximavam dele, e quando passou pelas ruas da cidade foi admirado a distância, do alto dos telhados e terraços. Todavia, embora parecesse mais tratável, teria sido impossível deixá-lo solto nas ruas. Foi sugerido que ele ficasse num recinto murado, dentro dos terrenos do palácio, e para lá Tarzan o guiou depois de Jane ter desmontado. Abasteceram-no largamente de carne e deixaram-no em paz, pois os ocupantes do palácio não se aventuravam sequer a trepar nos muros para o espreitarem.

Ja-don conduziu Jane e Tarzan aos aposentos da princesa O-lo-a, a qual, assim que viu Tarzan, se prostrou, tocando-lhe os pés com a testa. Pan-at-lee também se encontrava ali e também ficou contente por voltar a ver Tarzan-jad-guru.

Quando souberam que Jane era a companheira do Dor-ul-Otho, olharam-na com uma adoração quase igual. Mesmo os mais céticos dos guerreiros de Ja-don estavam

agora convencidos de que tinham, em Ja-lur, um deus e uma deusa, e que, com a ajuda e o poder de ambos, a causa de Ja-don seria vitoriosa e o velho Homem-Leão se sentaria no trono de Pal-ul-don.

Por O-lo-a, Tarzan soube que Ta-den regressara e que iam casar, segundo os estranhos ritos da sua religião e de acordo com as tradições do povo, assim que Ta-den regressasse da batalha que ia travar-se em A-lur.

Os novos recrutas acorriam agora à cidade, e foi decidido que, no dia seguinte, Ja-don e Tarzan voltariam ao acampamento escondido no desfiladeiro, onde estava o grosso das tropas, e que logo, ao cair da noite, seria lançado o ataque, em força, contra as tropas de Lu-don, em A-lur. A decisão foi comunicada por um mensageiro a Ta-den, que esperava com os seus guerreiros num ponto ao norte de Jad-ben-lul, a poucas milhas de A-lur. Para levar a cabo estes planos era necessário deixar Jane em Ja-lur, no palácio de Ja-don, mas O-lo-a e as suas escravas estavam também ali e havia muitos guerreiros para as defenderem. Assim, Tarzan despediu-se de Jane, sem quaisquer receios quanto à sua segurança, e montando novamente o gryf saiu da cidade, com Ja-don e os seus guerreiros.

À entrada do desfiladeiro, o homem da selva abandonou a sua montaria. Tinha servido o fim em vista, e agora de nada podia servir no ataque a A-lur, que devia ser feito de noite. Não podendo ser visto pelo inimigo, o efeito da sua entrada na cidade, montado no gryf, se perderia por completo. Um par de pancadas com a haste da lança bastou para que o animal, rosnando e bramindo, partisse na direção do Kor-ul-gryf.

Tarzan não lamentou essa partida, pois nunca soubera ao certo em que momento a fúria do monstro, ou o seu insaciável apetite, o levaria a atacar os guerreiros de Ja-don.

Assim que chegaram ao desfiladeiro, começou a marcha sobre A-lur...

CAPÍTULO 23

Apanhado vivo

Ao cair da noite, um guerreiro do palácio de Ja-lur entrou nos jardins do templo e encaminhou-se para onde estavam instalados os sacerdotes menores. A sua presença não levantou suspeitas, pois não era raro que os guerreiros fossem vistos no templo. Chegou finalmente a um compartimento onde vários acólitos estavam reunidos depois da refeição da noite. Os ritos e cerimônias do sacrifício tinham sido concluídos, e até ao nascer do sol não havia qualquer tarefa a desempenhar, de natureza religiosa.

O guerreiro sabia, como de resto era sabido por todos, em Pal-ul-don, que não havia laços muito fortes entre o palácio e o templo, em Ja-lur, e que Ja-don apenas tolerava os sacerdotes e permitia os repugnantes sacrifícios porque isso constituía uma tradição secular - e violento teria de ser o chefe que quisesse interferir com os rituais do templo.

Todos sabiam, também, que Ja-don nunca entrava no templo, nem o primeiro sacerdote de Ja-lur entrava no palácio, mas o povo fazia as suas ofertas votivas, e os sacrifícios da tarde e da manhã eram feitos como em qualquer outro templo de Pal-ul-don.

O guerreiro sabia isso - sabia-o mesmo bastante melhor do que seria natural para um simples homem de armas. Portanto era no templo que ele ia procurar o auxílio de que precisava para executar o seu plano. Ao entrar no compartimento, saudou os acólitos segundo a maneira habitual em Pal-ul-don, mas ao mesmo tempo moveu um dedo de maneira que ninguém notaria... a não ser aqueles que já esperavam o sinal. Dois dos acólitos ergueram-se imediatamente e aproximaram-se do guerreiro, que parara no limiar, e cada um deles retribuiu o sinal que vira.

Os três homens conversaram durante momentos, e então o guerreiro saiu. Momentos depois um dos dois acólitos saiu também, e logo em seguida o outro. Voltaram a encontrar o guerreiro, no corredor, e conduziram-no para um pequeno compartimento, que do lado oposto comunicava com uma passagem mais estreita. Aí, os três homens conversaram em voz muito baixa. Depois o guerreiro voltou para o palácio, e os acólitos foram para os seus aposentos.

Os aposentos das mulheres, no palácio de Ja-lur, ficavam todos do mesmo lado de um corredor reto e comprido. Cada aposento tem uma única porta, para o corredor, e do outro lado várias janelas que abrem sobre um jardim. Era num desses aposentos que Jane dormia, sozinha. Em cada extremidade do corredor havia uma sentinela, e o posto da guarda estava situado num compartimento perto da entrada exterior dos aposentos das mulheres.

Tudo dormia, no palácio. Ja-lur era uma cidade calma, em comparação com a capital, mas, no entanto havia sempre um guarda a cada entrada para os aposentos de Ja-don e dos seus parentes mais próximos, assim como no portão que comunicava com o templo, e naquele que abria sobre a cidade.

Os guardas, todavia, eram em pequeno número, habitualmente não mais de cinco ou seis, e um deles ficava de vela enquanto os outros dormiam. Tais eram as condições

quando dois guerreiros se apresentaram, um em cada extremo do corredor, às duas sentinelas que velavam pela segurança da princesa O-lo-a e de Jane Clayton, e cada um deles repetiu as palavras - sempre as mesmas - que anunciavam a rendição da guarda. Nunca um guerreiro protesta quando vem rendê-lo. Quando, em outras circunstâncias, faria inúmeras perguntas, fica apenas contente ao escapar da monotonia desse dever universalmente detestado.

Assim os dois guardas aceitaram a rendição, sem complicações, e apressaram-se para ir descansar. Então um terceiro guerreiro apareceu no corredor, e os três homens reuniram-se diante da porta dos aposentos de Jane Clayton, um deles era o mesmo que se juntara às hostes de Ja-don, na véspera, e também o mesmo que uma hora antes havia entrado no templo. As caras dos outros não lhe eram familiares, nem também em relação um ao outro, pois só muito raramente um sacerdote menor tira a sua máscara na presença de alguém, ainda que seja um dos seus.

Silenciosamente, levantaram os reposteiros que fechavam a entrada, e desapareceram no interior do aposento. Jane dormia, estendida sobre um monte de peles, junto da parede oposta. Os pés descalços, dos intrusos, não fizeram qualquer rumor que a acordasse. Um raio de luar, entrando pela janela, iluminava-a suavemente.

Mas a beleza dela não impressionou os três sacerdotes disfarçados de guerreiros. Para eles, era apenas uma criatura e nem sequer compreendiam que uma mulher, mesmo muito bela, pudesse ser causa de intrigas e crimes daqueles que a desejavam - intrigas e crimes que, mesmo naquele instante, iam influir nos destinos de Pal-ul-don.

No chão do quarto havia numerosas peles, e o chefe dos intrusos baixou-se para apanhar uma delas. Aproximaram-se mais e ao mesmo tempo que o chefe lançava o tapete sobre a cabeça de Jane, os homens agarraram-na, levantando-a. O chefe abafava, com o tapete, os gritos de Jane, enquanto um dos outros a imobilizava e o terceiro lhe amarrava os pulsos.

Tudo se havia passado em segundos, sem qualquer ruído que pudesse ser ouvido nos aposentos vizinhos. Amordaçada, com as mãos amarradas, Jane foi posta de pé e empurrada na direção da janela mas recusou-se a caminhar e atirou-se ao chão.

Furiosos, os três homens não teriam hesitado em recorrer à violência para se fazerem obedecer, mas não se atreviam porque sabiam que Lu-don castigaria duramente quem o fizesse.

Assim, foram forçados a transportá-la, o que não era fácil porque a cativa se debatia ferozmente, batendo com os pés. Por fim conseguiram passá-la pela janela, e descê-la para o jardim, onde um dos dois sacerdotes de Ja-lur indicou o caminho que levava a uma pequena cancela trancada, na parte sul do recinto. Depois da cancela, uma série de degraus de pedra comunicava com o rio, e junto do último degrau estavam amarradas várias pirogas. Pan-sat tivera grande sorte em aliciar dois homens que conheciam tão bem o palácio e o templo, pois sem a ajuda deles nada teria conseguido.

Colocando Jane no fundo de uma leve piroga, Pan-sat saltou para a embarcação e pegou o remo. Os outros desamarraram a piroga e empurraram-na para a corrente. O seu traiçoeiro trabalho estava concluído. Voltaram para o templo, enquanto Pan-sat, manejando o remo, seguia, auxiliado pela corrente, ao longo do rio que o levaria a Jad-

ben-lul e a A-lur.

A lua desaparecera, e o horizonte, a leste, não denunciava ainda a aproximação do novo dia, quando uma longa fila de guerreiros entrou furtivamente na cidade de A-lur. Os planos estavam feitos, e não parecia haver qualquer possibilidade de fracasso. Um mensageiro fora enviado a Ta-den, cujas tropas se encontravam a noroeste da cidade.

Tarzan, com um pequeno contingente, ia entrar no templo pela passagem secreta, cuja entrada conhecia, enquanto Ja-don, com o grosso do exército, atacaria os portões do palácio.

À frente do pequeno bando, o homem da selva alcançou o edifício onde estava localizada a entrada secreta, e que não tinha guardas. Acendendo um archote que trouxera para esse efeito, precedeu os guerreiros, a caminho do templo. Tarzan confiava em que podia conseguir resultados importantes com os poucos guerreiros escolhidos que o seguiam, pois um ataque naquele ponto causaria grande confusão entre os sacerdotes, que podiam ser facilmente dominados, permitindo-lhe atacar pela retaguarda os defensores do palácio que Ja-don atacaria pela frente, em força, enquanto Ta-den e as suas tropas invadiriam os terrenos pelo norte. Ja-don confiava no efeito moral da aparição misteriosa de Dor-ul-Otho, no interior do templo, tanto mais que estava convencido de que muitos guerreiros de Lu-don ainda estavam hesitantes na sua lealdade, entre o grande sacerdote e Dor-ul-Otho.

Mas havia, em Pal-ul-don, um provérbio que, traduzido livremente, significa: “O que segue o caminho certo chega por vezes a um destino errado”. Aparentemente, era uma situação dessas que ia deparar-se ao velho guerreiro do norte e ao seu aliado sobrenatural.

Tarzan, mais familiarizado com as sinuosidades dos corredores, e beneficiando do clarão mais forte do archote, caminhava bastante à frente dos guerreiros.

Na sua ansiedade por combater, esquecia-se do apoio de que dispunha - o que era natural, pois sempre dependera de si mesmo para a realização das suas proezas. Foi deste modo que chegou ao corredor superior, com o qual comunicavam os aposentos de Lu-don e os dos seus acólitos, bastante à frente dos seus companheiros. e ao entrar na parte iluminada pelas lâmpadas de pedra, com as suas luzes frouxas, viu um homem que surgira de outro corredor na sua frente - um guerreiro que carregava e arrastava o vulto de uma mulher. No mesmo instante Tarzan reconheceu a cativa amarrada e amordaçada... que ele supunha em segurança no palácio de Ja-lur.

O guerreiro que levava a mulher viu Tarzan no mesmo momento em que este o viu. E viu o homem da selva saltar para frente com um rugido apavorante. Em frente de Pan-sat estava a entrada de um pequeno compartimento, para onde ele se precipitou levando a prisioneira. Atrás dele vinha Tarzan.

Tendo atirado o archote para o chão, o homem da selva empunhara a sua comprida faca e, com o ímpeto de uma fera, correu atrás de Pan-sat. Os reposteiros fecharam-se atrás dele, deixando-o na escuridão. e na mesma fração de segundo, adiante e atrás, ouviu o som de pedras que caíam sobre a pedra. Tarzan não precisou de mais para compreender que estava novamente preso no templo de Lu-don.

Tarzan imobilizou-se, no lugar onde parara ao ouvir caírem as portas de pedra. Não

seria outra vez precipitado no subterrâneo do gryf, ou outra armadilha semelhante...

Quando os seus olhos se adaptaram à escuridão, viu que o compartimento era debilmente iluminado por uma abertura, mas levou alguns minutos para descobrir a sua origem. No teto da sua prisão havia realmente uma abertura com talvez um metro de diâmetro, e era daí que vinha, não qualquer luz, mas uma atenuação da treva total que o rodeava.

Desde que as portas de pedra haviam caído, nenhum outro som se fizera ouvir, embora Tarzan tentasse captar qualquer ruído que lhe indicasse em que direção havia fugido o raptor de Jane. Agora já podia distinguir os contornos da sua cela. Era pequena. Sobre as mãos e os joelhos, com extrema precaução, examinou todo o pavimento. Ao meio, diretamente sob a abertura no teto, havia um alçapão, mas em volta o chão era sólido. Examinou as paredes, então. Havia apenas duas aberturas, aquela por onde ele tinha entrado, e a outra por onde o raptor fugira. Estavam ambas fechadas pelas lajes que o homem desprendera ao fugir.

Lu-don, o grande sacerdote, esfregou as mãos brancas e ossudas, contente, quando Pan-sat levou Jane Clayton à sua presença e a estendeu no chão, diante dele.

- Ótimo, Pan-sat!... - exclamou ele. - Será recompensado por este serviço. Agora, se tivéssemos em nosso poder o falso Dor-ul-Otho, toda a Pal-ul-don estaria aos nossos pés.

- Eu o tenho, mestre!... - bradou Pan-sat.

- Como?... - disse Lu-don. - Tem Tarzan-jad-guru? Matou-o, talvez. Conte, maravilhoso Pan-sat! Conte!

- Apanhei-o vivo, mestre! Está no pequeno compartimento que os antigos construíram para apanhar os que eram demasiado poderosos.

- Fez bem, Pan-sat. Eu...

Nesse momento, um acólito apavorado entrou no aposento, gritando:

- Depressa, mestre! Os corredores estão cheios de guerreiros de Ja-don!

- Enlouqueceu!... - respondeu Lu-don. - Os meus guerreiros ocupam o templo e o palácio!

- Digo a verdade, mestre! Há guerreiros no corredor, e vêm para cá! Entraram pela passagem secreta: que comunica com a cidade!

- Talvez seja como ele diz. - interveio Pan-sat. - Tarzan-jad-guru vinha dessa direção quando eu o vi e o fiz cair na ratoeira! Vinha à frente dos guerreiros...

Lu-don precipitou-se para a porta e olhou o corredor. Num relance viu que os receios do acólito eram bem fundados. Uma dúzia de guerreiros vinha pelo corredor, mas pareciam confusos e inseguros. Lu-don compreendeu que, privados do comando de Tarzan, os homens estavam pouco menos do que perdidos no labirinto de subterrâneos do templo.

Voltando para o aposento, o grande sacerdote puxou por uma tira de cabedal que pendia do teto e por todo o templo ressoaram os sons graves de um gongo de metal. Por cinco vezes o som se fez ouvir. Então Lu-don voltou-se para os seus dois homens.

- Tragam a mulher e sigam-me!

Atravessando o compartimento, passou através de uma pequena porta, seguido pelos outros dois que transportavam Jane. Avançaram ao longo de um estreito corredor e de um laço de escadas, voltando para a direita e para a esquerda, e percorreram várias passagens tortuosas até chegarem a uma escada em espiral que conduzia aos terrenos em cima, dentro do maior dos pátios onde se realizavam os sacrifícios nos altares.

Agora, dos terrenos como dos subterrâneos, vinha um tropel de passos rápidos. As cinco pancadas do gongo tinham chamado os fiéis de Lu-don para que fossem defendê-lo nos seus aposentos.

Os acólitos guiavam os soldados menos familiarizados com o local, e não tardou que os companheiros de Tarzan se vissem, não apenas sem chefe mas atacados por forças muito superiores.

Eram homens corajosos, mas naquelas circunstâncias tiveram de recuar pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Quando alcançaram as passagens mais estreitas ficaram em relativa segurança, pois os inimigos só podiam atacar a um por vez.

Mas os planos haviam falhado e possivelmente a causa estava perdida, pois Ja-don confiara totalmente no êxito daquela tentativa.

Com o ressoar do gongo, no templo, Ja-don convenceu-se de que Tarzan e o seu grupo haviam desferido o golpe inicial, e ordenou o ataque aos portões do palácio. Aos ouvidos de Lu-don, no pátio dos sacrifícios, chegaram os selvagens brados de guerra que anunciavam o início da batalha. Deixando Pan-sat e o outro sacerdote vigiando Jane, correu para o palácio, a fim de orientar a sua gente, e enviou um mensageiro para saber o que se passava no caminho secreto, enquanto outros mensageiros se dispersavam para espalhar a notícia de que Dorul-Otho estava prisioneiro no templo.

Quando o clamor da batalha envolveu A-lur, o tenente Erich Oberatz agitou-se sobre a sua cama de peles e sentou-se, esfregando as pálpebras e olhando em volta. Lá fora ainda era noite.

- Eu sou Jad-ben-Otho! -bradou -, Quem se atreve a perturbar o meu sono?

A escrava que estava sentada no chão, aos pés da cama, tocou com a testa no pavimento.

- Deve ser o inimigo que chegou, oh, Jad-ben-Otho! - disse ela, falando brandamente porque conhecia as fúrias do grande deus.

Um sacerdote afastou bruscamente os reposteiros da entrada e ajoelhou-se, tocando com a testa no chão.

- Oh, Jad-ben-Otho! - exclamou -, Os guerreiros de Ja-don atacam o palácio e o templo. Neste instante estão combatendo nos corredores perto dos aposentos de Lu-don, e o grande sacerdote pede que vá ao palácio para encorajar, com a sua presença, os guerreiros fiéis.

Oberatz levantou-se de um salto, bradando:

- Eu sou Jad-ben-Otho! Fulminarei com raios os blasfemos que se atrevem a atacar a sagrada cidade de A-lur!

Por momentos correu sem rumo de um lado para o outro, enquanto o sacerdote e a escrava se mantinham de joelhos. Depois, dando um pontapé na escrava, gritou:

- Venham! Não ficar aí parados, enquanto as forças das trevas atacam a Cidade da Luz?

Embora assustados como estavam, os dois levantaram-se e seguiram-no. Acima dos brados dos guerreiros, ouviam-se constantemente os gritos dos sacerdotes:

- Jad-ben-Otho está aqui conosco, e o falso Dor-ul-Otho está prisioneiro no templo! Esses gritos chegavam aos ouvidos dos inimigos, e era essa a intenção.

CAPÍTULO 24

O mensageiro da morte

Quando rompeu o dia, as tropas de Ja-don continuavam retidas nos portões do palácio. O velho guerreiro havia-se apoderado da torre que se erguia em frente, e mandara para o ponto mais alto da torre um guerreiro que devia observar a muralha norte do palácio, por onde Ta-den atacaria.

Mas os minutos transformaram-se em horas sem que as forças de Ta-den aparecessem, e então, à luz do sol, sobre o terraço de um dos edifícios do palácio, apareceu Lu-don, o grande sacerdote, acompanhado por Mo-sar, o pretendente ao trono, e por um homem nu, cuja barba e cabelos estavam entrelaçados com flores e com fetos. Atrás deles surgiram uns vinte acólitos, bradando em coro:

- Este é Jad-ben-Otho! Larguem as armas e rendam-se! O falso Dor-ul-Otho está preso no templo!

Numa dessas tréguas tão comuns nas batalhas travadas entre homens munidos de armas cujo uso exige um grande esforço físico, uma voz forte gritou, entre as hostes de Ja-don:

- Mostre-nos o Dor-ul-Otho! Não acreditamos em você!

- Esperem!... - disse Lu-don. - Se dentro de meia hora eu não o apresentar aqui, as portas do palácio se abrirão e os meus guerreiros deporão as armas! Voltou-se para os acólitos e deu-lhes rápidas instruções.

O homem da selva caminhava de um lado para o outro, na sua cela. Censurava-se a si mesmo pela estupidez de ter deixado se apanhar. Mas teria sido estupidez? Que outra coisa podia fazer, senão correr em socorro de Jane? Não conseguia compreender como a haviam raptado de A-lur...e então, de repente, pensou no guerreiro que a arrastava. As feições dele eram-lhe estranhamente familiares. Forçou a memória e lembrou-se. Era o mesmo homem que se juntara às hostes de Ja-don, durante o caminho para Ja-lur! Mas quem era ele?

De repente, Tarzan ouviu o ressoar de um gongo, logo depois um tropel de corridas, e brados. Pensou que os seus companheiros haviam sido descobertos e estavam combatendo, e desesperou-se por não poder lutar também. Num ímpeto de fúria tentou abalar as portas de pedra, sem conseguir. Nada podia distinguir através da abertura superior. Os minutos arrastaram-se. Aos seus ouvidos chegavam ecos de vozes de homens, a distância, soltando brados. A batalha continuava.

Mas, ainda que Ja-don vencesse, será que o descobririam, naquela cela?

Voltou a olhar para a abertura de cima, e pareceu-lhe ver qualquer coisa que pendia. Parecia uma corda. Teria estado sempre ali? Talvez, porque não ouvira qualquer ruído. Ergueu a mão.

A corda estava exatamente ao seu alcance. Suspendeu-se, para verificar se ela agüentaria o seu peso. Então largou-a e recuou, sem deixar de olhá-la. Voltou a puxá-la, desconfiado, à escuta de qualquer ruído.

Tinha grande cuidado em não pisar o alçapão. Quando, finalmente, se suspendeu da corda, abriu as pernas de maneira que, se caísse, não seria sobre a ratoeira. Lenta e cautelosamente, começou a subir. Aproximava-se cada vez mais do teto, dentro de instantes os seus olhos estariam ao nível do pavimento superior. Já os seus braços se estendiam para o compartimento acima, quando alguma coisa os envolveu bruscamente, com força, prendendo-os e deixando-o suspenso no ar, incapaz de subir ou descer.

Quase imediatamente apareceu uma luz, em cima, e Tarzan viu a hedionda máscara de um sacerdote, que o espreitava. Nas mãos, o homem tinha várias tiras de cabedal, que enrolou em volta dos pulsos e antebraços de Tarzan, apertando-as até que antebraços e pulsos ficaram amarrados desde os cotovelos até as mãos. Atrás do acólito estavam agora outros. Puxaram-no para cima.

Quase no instante em que pôde ver o que se passava à sua volta, Tarzan sentiu as pernas presas. Dois dos acólitos, cada um numa das extremidades do quarto, seguravam cordas com nós corrediços, cujas laçadas haviam sido colocadas em volta da abertura. Bastou-lhes puxarem para que Tarzan ficasse imobilizado, sem poder sequer debater-se.

Então amarraram-lhe as pernas até aos joelhos, e agarrando-o transportaram-no para fora, sem uma palavra, conduzindo-o para o pátio do templo.

O tumulto do combate crescera novamente, depois de Ja-don incitar as suas tropas a renovados esforços. Ta-den não viera, e os guerreiros do velho chefe começavam a dar indícios de desmoralização. Foi nesse momento que os sacerdotes levaram Tarzan para o terraço do palácio, e o mostraram aos homens das duas facções.

- Aqui está o falso Dor-ul-Otho! - berrou Lu-don.

Obergatz, cuja mente perturbada não entendera ainda bem o que se passava à sua volta, olhou para o prisioneiro amarrado e indefeso, e quando distinguiu as nobres feições do homem da selva, abriu muito os olhos, com espanto e medo, e a sua lividez tomou um tom cinzento. Tinha visto uma vez Tarzan dos Macacos, mas muitas vezes sonhara que o via e sempre o gigante surgia nos sonhos para se vingar do mal que lhe tinham feito os três oficiais alemães que comandavam os indígenas no ataque e na destruição do seu lar. O capitão Schneider estava morto, o alferes von Goss também. E agora ele, Obergatz, o último, estava perante o vingador que o perseguira em sonhos durante intermináveis noites. O fato de Tarzan estar amarrado não diminuía o pavor do alemão - parecia não compreender que aquele homem não pudesse castigá-lo. Pôs-se a gritar, aos pulos, apavorado. Lu-don viu-o e receou que todos compreendessem que aquele imbecil barbudo não era um deus. E que, entre ambos, Tarzan era quem tinha realmente a aparência de um deus. Já alguns dos guerreiros que estavam no terraço começavam a falar entre eles, apontando. Aproximou-se de Obergatz.

- Você é Jad-ben-Otho - sussurrou: Acuse-o.

O alemão sacudiu-se. Na sua mente havia agora, apenas, um grande terror, mas as palavras do grande sacerdote davam-lhe uma sugestão de segurança.

- Eu sou Jad-ben-Otho!... - gritou.

Tarzan fitou-o, de frente.

- Você é o tenente Obergatz, do exército alemão... - disse o homem da selva, em

alemão. - É o último dos três a quem eu procurei, e no seu coração podre sabe bem que Deus não nos reuniu inutilmente...

Agora, finalmente, o cérebro do tenente Obergatz funcionava com rapidez e clareza. Também ele viu as expressões interrogativas dos homens que o rodeavam, Viu as forças opostas, inativas, de ambos os lados dos portões do palácio.

Todos os olhos se fitavam nele e no homem da selva. Compreendeu que a indecisão significaria a ruína - e a ruína seria a morte. Ergueu a voz, no tom de comando, ladrado dos oficiais alemães - uma voz tão diferente dos seus guinchos de doido, que atraiu todas as atenções e fez surgir uma expressão intrigada na cara de Lu-don.

- Eu sou Jad-ben-Otho!... - bradou, -Essa criatura não é meu filho! Como lição e exemplo para todos os blasfemos, vai morrer sobre o altar, nas mãos do deus cujo nome profanou! Levem-no, e quando o sol estiver no zênite... quero que todos os fiéis se reúnam no pátio do templo para testemunharem a cólera divina!

Os que tinham trazido Tarzan levaram-no de novo, obedecendo a Obergatz, e então o alemão voltou-se para os guerreiros diante do portão.

- Larguem as armas, guerreiros de Ja-don!... -gritou. - Rendam-se antes que eu os fulmine com os meus raios. Os que se renderem serão perdoados.

Os homens de Ja-don agitaram-se, inquietos, olhando de soslaio para o seu chefe e para os que estavam no terraço do palácio. Ja-don saltou para a frente, gritando:

- Que os covardes larguem as armas e entrem no palácio, mas nunca Ja-don e os guerreiros de Ja-lur se submeterão a Lu-don e ao seu falso deus! Decidam agora!

Alguns homens, poucos, largaram as armas e, de cabeça baixa, passaram para o interior dos terrenos do palácio, mas a maioria dos guerreiros manteve-se firme. Quando o último dos medrosos abandonou as fileiras, Ja-don soltou o seu grande brado de guerra, e a luta recomeçou junto dos portões do palácio.

Por vezes, o ímpeto dos guerreiros de Ja-don vencia os defensores, mas logo a maré do combate os levava de novo para fora dos terrenos. Ta-den e os seus guerreiros continuavam ausentes. Perto do meio-dia, Lu-don reuniu todos os homens que não eram absolutamente necessários para a defesa, e mandou-os, sob o comando de Pan-sat, pela passagem secreta que conduzia à cidade. Momentos depois esses homens atacavam pela retaguarda as tropas de Ja-don.

Tendo de enfrentar, por dois lados, forças muito superiores, o resultado do combate era inevitável. Por fim, os sobreviventes do pequeno exército de Ja-don capitularam, e o velho chefe, feito prisioneiro, foi levado à presença de Lu-don.

- Levem-no para o pátio do templo! - ordenou o grande sacerdote. -Assistirá à morte dos seus cúmplices. e talvez Jad-ben-Otho lhe dê igual sentença!

O pátio interior, vasto, estava cheio de gente. De ambos os lados do altar de oeste estavam Tarzan e a sua companheira, amarrados e indefesos. Agora o clamor da batalha havia cessado, e não tardou que Tarzan visse Ja-don, prisioneiro, entrar no pátio. Tarzan olhou para Jane e acenou com a cabeça, na direção de Ja-don, dizendo em voz calma:

- Parece ser o fim... Aquele era a nossa única e última esperança.

- Voltamos a nos encontrar, John. - respondeu ela -, e vivemos juntos os nossos últimos dias. Só peço que, se te matarem, não me deixem viva.

Tarzan não respondeu, porque no seu coração havia a mesma dúvida. Não receava a morte, receava que não matassem Jane e a guardassem para um destino pior. Um sacerdote aproximou-se e bateu na cara de Tarzan.

- Animal!. - gritou Jane.

- Já me bateram assim, antes. - sorriu Tarzan -... e quem o fez morreu sempre...

- Ainda tem esperança?

- Ainda estamos vivos. - respondeu ele, como se isso fosse suficiente resposta. Jane era uma mulher, e não tinha a coragem daquele homem que ignorava o medo. Tinha certeza de que ele ia morrer. Sabia que Tarzan também tinha igual certeza. Mas Tarzan não se rendia, nunca. Jane fitou-o, e ao vê-lo assim, empertigado, indomável, maravilhoso, entre os seus inimigos, o seu coração revoltou-se contra a crueldade do destino. Parecia-lhe impossível que tão magnífica criatura, cheia de vida, pudesse acabar assim.

Então chegou Lu-don, com o “deus” nu, e o grande sacerdote levou Obergatz ao seu lugar por detrás do altar, colocando-se à esquerda dele. Lu-don sussurrou umas palavras ao ouvido do alemão, acenando na direção de Ja-don. Obergatz fitou sombriamente o velho chefe.

- Depois do falso deus... o falso profeta. - disse, apontando para Ja-don. Olhou então para Jane, e Lu-don perguntou:

- A mulher também?

- Tratarei depois do caso da mulher... - respondeu Obergatz. - Falarei com ela esta noite, depois de lhe dar tempo para meditar as consequências de provocar a cólera de Jad-ben-otho... - olhou para o sol e acrescentou: - Chegou a hora. Prepare o sacrifício!

Lu-don fez um sinal aos sacerdotes que estavam perto de Tarzan, Estes agarraram o homem da selva, ergueram-no e estenderam-no de costas sobre o altar, com a cabeça voltada para a parte sul da pedra, a curta distância do ponto onde estava Jane. Impulsivamente, antes que pudessem detê-la, Jane deu um passo e, beijando-o, sussurrou:

- Adeus, John...

- Adeus... - respondeu ele, sorrindo.

Os acólitos agarraram-na e afastaram-na. Lu-don entregou a Obergatz a faca dos sacrifícios.

- Eu sou Jad-ben-otho!... - gritou o alemão -, Assim caia a cólera divina sobre todos os meus inimigos!... - olhou para o sol e ergueu a faca acima da sua cabeça. - Assim morrem os blasfemos de...

No mesmo instante, um som breve, seco, se fez ouvir, logo seguido por um silvo e,

diante da multidão espantada, Jad-ben-Otho caiu sobre o corpo daquele a quem quisera matar.

O mesmo som repetiu-se e Lu-don tombou. Um terceiro, e Mo-sar enovelou-se no chão. Agora os guerreiros e o povo, localizando a direção daquele som nunca ouvido antes, olhavam para a muralha oeste.

Aí, no alto do templo, viram dois vultos - um guerreiro Ho-don e, ao lado dele, um homem quase nu, da raça de Tarzan-jad-guru, que trazia em volta dos ombros e da cintura estranhos cintos largos, guarnecidos com belos cilindros que brilhavam ao sol, e empunhava uma coisa brilhante, de madeira e metal, de cuja extremidade subia lentamente um fio de fumaça azul.

Então a voz forte do guerreiro Ho-don fez-se ouvir sobre a multidão silenciosa:

- Assim fala o verdadeiro Jad-ben-Otho, pela voz do seu Mensageiro da Morte! Libertem os prisioneiros! Libertem Dor-ul-Otho e Ja-don, rei de Pal-ul-don, e a mulher que é a companheira do filho do deus!

Pan-sat, numa explosão de fanatismo, vendo desmoronar-se o poder e a glória do regime que sempre servira, reagiu. Havia apenas um culpado dessa ruína, e era aquele que estava amarrado e estendido sobre o altar. A faca dos sacrifícios estava sobre a pedra, onde caíra de entre os dedos mortos de Obergatz.

Pan-sat saltou, agarrou o cabo da faca e nesse momento a estranha coisa, nas mãos da estranha criatura que estava no alto da muralha do templo, fez ouvir de novo o som de morte. Pan-sat, com um último grito, tombou sobre o corpo morto de Lu-don.

- Prendam todos os sacerdotes!... - bradou Ta-den, aos guerreiros. - E já, antes que o Mensageiro da Morte lance outros raios!

Os guerreiros e o povo haviam assistido a uma tal demonstração de poder “divino” que não podiam hesitar e além disso dominava-os o pavor daquele estranho homem a quem Ta-den chamara o Mensageiro da Morte. Assim, os guerreiros precipitaram-se e cercaram os sacerdotes, e quando voltaram a olhar para o lado oeste do templo, viram entrar por ali uma grande força de homens de armas fiéis a Ja-don. O que, nesse momento, mais os espantou, foi o fato de muitos desses homens de armas serem negros e peludos Waz-don.

À frente deles vinha o estrangeiro que empunhava a arma brilhante, à sua direita Ta-den o Ho-don, e à sua esquerda, Om-at o Waz-don, gund de Kor-ul-ja.

Junto do altar, um guerreiro empunhara a faca dos sacrifícios e libertara Tarzan, Jane e Ja-don. Instantes depois estavam os três de pé junto do altar, e quando os homens de armas, recém-chegados, se aproximaram, os olhos de Jane abriram-se muito, numa expressão onde havia um grande espanto, alguma incredulidade e uma luminosa esperança.

E o jovem desconhecido, suspendendo do ombro a sua arma, por uma tira de couro, correu para frente e tomou-a nos braços.

- Jack!. - exclamou ela, soluçando. - Meu filho!

Então Tarzan aproximou-se também e enlaçou-os, a ambos, nos seus braços

poderosos e o rei de Pal-ul-don, e os seus guerreiros, e o povo, ajoelharam e tocaram com a fronte no chão, diante do altar onde eles estavam.

CAPÍTULO 25

O lar

Uma hora depois da queda de Lu-don e de Mo-sar, os chefes e principais guerreiros de Pal-ul-don reuniram-se na grande sala do trono do palácio de A-lur e levaram Ja-don a subir os degraus até o alto, proclamaram-no rei. De pé, ao lado do velho chefe, estava Tarzan, e do outro lado estava Korak, o Matador, digno filho do poderoso homem da selva.

Quando a breve cerimônia se concluiu, e os chefes, erguendo as clavas, juraram fidelidade ao novo rei, Ja-don enviou uma escolta de confiança para ir buscar em Ja-lur a princesa O-lo-a, Pan-at-lee e as mulheres da sua família.

Então os guerreiros discutiram o futuro de Pal-ul-don, e surgiu a grave questão da administração dos templos e do destino dos sacerdotes que, quase sem exceção, haviam sido desleais ao rei, procurando sempre as suas próprias vantagens e grandezas. Foi então que Ja-don se voltou para Tarzan.

- Que o Dor-ul-Otho nos comunique a vontade de seu pai. - disse ele.

- O seu problema é simples. - declarou o homem da selva -, se quiserem fazer aquilo que é mais grato aos olhos de deus. Os sacerdotes, para aumentarem o seu poder, fizeram-nos acreditar que Jad-ben-Otho é um deus cruel, que aprecia o sangue derramado, o sofrimento e a morte. Mas a falsidade desse ensinamento foi hoje largamente demonstrada, pela completa derrota dos sacerdotes.

“- Tirem a administração dos templos dos homens, e entreguem-na às mulheres, que a conduzirão pelos caminhos da bondade, da caridade e do amor. Limpem o sangue dos altares do leste, e esgotem para sempre a água dos altares do oeste. Não haverão mais homens degolados nem crianças afogadas!”

“- Certa vez dei a Lu-don a possibilidade de fazer isto, mas ele ignorou as minhas ordens e o corredor dos sacrifícios está novamente cheio de condenados. Libertem esses infelizes, em todos os templos de Pal-ul-don. Aceitem todas as ofertas que o povo queira fazer, e ponham-nas sobre os altares do deus. Então Jad-ben-Otho as abençoará e as suas sacerdotisas poderão distribuir essas ofertas pelos mais necessitados.”

Quando Tarzan se calou, um grande “ah!”, lento e maravilhado, subiu de entre a multidão que aprovava. Havia muito tempo que todos estavam cansados da avareza e da crueldade dos sacerdotes, e agora, que uma divina autoridade decretava mudanças, todos as aceitavam, como um plano realizável para se libertarem das velhas tradições religiosas sem que fosse alterada a fé que o povo professava.

- Os sacerdotes!... - bradou uma voz. - Nós os mataremos sobre os seus próprios altares, se essa for a vontade do Dor-ul-Otho!

- Não... - exclamou Tarzan. - Basta de verter sangue. Libertem-nos, e que possam dedicar-se às ocupações que escolherem.

Nessa noite houve uma grande festa no pal-e-don-so, e pela primeira vez na história de Pal-ul-don, guerreiros negros se sentaram em paz junto dos brancos. E um tratado foi firmado, entre Ja-don e Om-at, segundo o qual “as tribos de Kor-ul-ja seriam

sempre aliadas e amigas dos Ho-don?.

Foi aí que Tarzan conheceu a razão por que Ta-den não atacara no momento combinado. Um mensageiro viera, da parte de Ja-don, com instruções para adiar o ataque até ao meio-dia, e só quando era quase demasiado tarde descobriram que o mensageiro era um acólito de Lu-don, disfarçado. Então haviam-lhe aplicado o castigo supremo, e tinham conseguido chegar, no último instante, ao pátio dos sacrifícios.

No dia seguinte, O-lo-a e Pan-at-lee, com as mulheres da família de Ja-don, chegaram a A-lur, e na grande sala do trono foi celebrado o duplo casamento de O-lo-a com Ta-den e de Om-at com Pan-at-lee.

Durante uma semana, Tarzan, Jane e Korak foram hóspedes de Ja-don, assim como Om-at e os seus guerreiros negros. Depois, o homem da selva anunciou a sua partida. Na mente dos seus hospedeiros, era vaga a noção do céu tal como a compreensão dos processos pelos quais os deuses viajavam entre as suas mansões celestiais e os lugares onde viviam os humanos.

Ninguém se surpreendeu, e não houve perguntas, quando souberam que Dor-ul-Otho, com a sua companheira e o seu filho, atravessariam as montanhas e sairiam de Pal-ul-don pelo norte.

Partiram pelo desfiladeiro de Kor-ul-ja, acompanhados pelos guerreiros da tribo e por um numeroso contingente de guerreiros Ho-don, comandados por Taden. O rei, inumeráveis guerreiros e todo o povo de A-lur, seguiram-nos até além dos limites da cidade sagrada. Quando se despediram, e Tarzan invocou, para eles, as bênçãos do grande deus, os três europeus viram os seus amigos, lais e simples, prostrados no chão, ante eles, até que o cortejo desapareceu entre as árvores da floresta próxima.

Demoraram-se um dia em Kor-ul-ja, enquanto Jane visitava as antigas cavernas daquele estranho povo, e então prosseguiram, evitando a difícil passagem pelos píncaros de Pastar-ul-ved, e descendo as encostas do outro lado, na direção dos grandes pântanos. Viajavam com segurança e conforto, escoltados pelos Ho-don e pelos Wá-don.

Na mente de muitos havia sem dúvida uma ansiosa pergunta sobre como os três atravessariam os pântanos, mas o menos preocupado de todos era seguramente Tarzan. No decurso da sua vida enfrentara muitos obstáculos - e chegara à conclusão de que a força de vontade abre sempre um caminho. Tinha na idéia uma solução fácil... mas cuja realização dependia unicamente da sorte.

Foi na manhã do último dia, quando desmanchavam o acampamento para retomarem a marcha, que um mugido poderoso e rouco veio das profundezas de um bosque próximo. O homem da selva sorriu. A sorte comparecera à chamada. O Dor-ul-Otho, a sua companheira e o filho iam poder partir, com a devida majestade, das terras ignoradas de Pal-ul-don.

Tarzan ainda trazia a lança que Jane fizera - a lança que, por isso mesmo, estimava ao ponto de ter ordenado buscas, no templo de A-lur, até que a arma foi encontrada e lhe foi entregue. Dissera a Jane, então, rindo, que aquela lança teria um lugar de honra, sobre a sua lareira, tal como o fuzil de pederneira, de um avô puritano, tivera o lugar de honra sobre a lareira em casa do professor Porter, pai de Jane.

Ao ouvirem o mugido, os guerreiros Ho-don, alguns dos quais haviam acompanhado Tarzan na primeira visita a Ja-lur, olharam-no interrogativamente - enquanto os Wáz-don procuraram árvores onde se refugiar, pois o gryf era a única criatura, em Pal-ul-don, que não podia ser enfrentada, nem mesmo por uma multidão de guerreiros. A sua pele couraçada era invulnerável às facas e as clavas não lhe causavam maior dano do que causariam ao bater nos píncaros rochosos de Pastar-ul-ved.

- Esperem... - disse o homem da selva.

E, empunhando a lança, avançou para o gryf, soltando o estranho brado dos Tor-o-don. Os mugidos cessaram, transformando-se em bramidos baixos e rolantes. O que se seguiu foi a repetição das experiências anteriores entre Tarzan e os monstros.

Foi assim que Tarzan, Jane e Korak, atravessaram os grandes pântanos de Pal-ul-don, montados sobre o pré-histórico triceratopo... cuja aproximação fazia fugir os répteis das águas estagnadas. Tinham-se despedido de Ta-den e de Om-at, bem como dos bravos guerreiros a quem haviam aprendido a admirar e respeitar. Alcançado o outro lado dos pântanos, Tarzan conduziu a sua formidável montaria para o norte, abandonando-a apenas quando considerou que os Wáz-don e os Ho-don já deviam ter alcançado terreno seguro, nas gargantas das colinas.

Voltando a cabeça do animal na direção de Pal-ul-don, desmontaram e um golpe da lança bastou para que o monstro retomasse majestosamente o caminho dos seus territórios de caça. Por momentos ficaram olhando para a estranha região que deixavam para trás - a região dos Tor-o-don e dos gryf, dos leões “dentes-de-sabre”, dos Wáz-don e dos Ho-don - uma região de terror e de morte, mas também de paz e de beleza, uma região que todos haviam aprendido a amar.

Então continuaram a sua jornada para o norte, e alegres e corajosos encaminharam-se para a terra melhor de todas as terras - o lar.

FIM

Glossário

Por conversas havidas com Lord Greystoke, e através dos seus apontamentos, reunimos um número de dados interessantes relativos aos costumes e à linguagem dos habitantes de Pal-ul-don, que não são indicados na história. Para aqueles que se interessem por estudar a etimologia dos nomes usados no texto, e queiram assim obter alguma compreensão, embora superficial, da língua da raça, juntamos um glossário, incompleto, colhido nas notas e recordações de Lord Greystoke.

Um elemento de particular interesse relaciona-se com o fato de que os nomes de todos os machos pelados, entre os pitecantropos, começam com uma consoante, têm um número par de sílabas e acabam com uma consoante, enquanto que os nomes das fêmeas da espécie começam com uma vogal, têm um número ímpar de sílabas, e terminam com uma vogal. Ao contrário, os nomes dos machos com pêlos, embora tendo um número par de sílabas, começam com uma vogal e terminam com uma consoante, as mulheres desta espécie têm um número ímpar de sílabas nos seus nomes, que começam sempre por uma consoante e acabam com uma vogal.

A - Luz; Ab - Rapaz; Ab-on - Representante do gund de Kor-ul-ja; Ad -Três Adad - Seis; Adadad - Nove; Adaden - Sete; Aden - Quatro; Adenaden -Oito; Adenen - Cinco; A-lur - Cidade da luz; An - Lança; An-un - Pai de Pan-at-lee; As - O sol; At - Cauda;

Bal - Ouro -ou doirado; Bar - Batalha; Ben - Grande; Bu - Lua; Bu-lot - (Cara de Lua). Filho do chefe Mo-sar; Bu-lur - Cidade da Lua. A cidade dos Waz-ho-don;

Dak -Gordo; Dak-at - (Cauda gorda). Chefe de uma aldeia Ho-don; Dak-lot - Um dos guerreiros do palácio de Ko-tan; Dan -Rocha; Den -Árvore; Don -Homem Dor - Filho;

Dor-ul-Otho - (Filho de Deus). Tarzan;

E - Onde; Ed - Setenta; El - Graça, ou graciosa; En -Um; Enen - Dois; Es - Rude, áspero; Es-sat - (Pele áspera). Chefe da tribo de Om-at, de negros peludos; Et - Oitenta; Er -Trinta;

Ged - Quarenta; Go - Claro, limpo;

Gryf -Triceratopo, espécie de dinossauro herbívoro. O crânio tem dois grandes chifres acima dos olhos, um chifre médio sobre o focinho (nariz), um bico córneo e um grande capuz ósseo -ou crista atravessada sobre o pescoço. Os dedos dos pés, cinco à frente e três atrás, têm cascos, e a cauda é grande e forte (dicionário Webster). O gryf de Pal-ul-don é semelhante, com a diferença de ser carnívoro, ter maxilares fortes e bem armados, e garras em vez de cascos. A cabeça é amarela, com círculos azuis em volta dos olhos; o capuz, vermelho em cima e amarelo na parte inferior; a barriga é amarela; o corpo tem um tom azulado, sujo, tal como as pernas. As protuberâncias ósseas são amarelas, exceto no dorso, onde são vermelhas. A cauda tem a cor da barriga; os chifres são de marfim.

Gund - Chefe; Guru -Terrível;

Het - Cinquenta; Ho - Branco; Ho-don -Os homens brancos, sem pêlos, de Pal-ul-don;

Id - Prata; Id-an - Um dos dois irmãos de Pan-at-lee; In - Escuro; In-sad - Guerreiro Kor-ul-ja que acompanha Tarzan, Om-at e Ta-den, em busca de Pan-at-lee; In-tan - Kor-ul-lul que fica a guardar Tarzan;

Ja - Leão; Jad - O; Jad-bal-lul - O lago dourado; Jad-ben-lul - O grande lago; Jad-ben-Otho - O grande deus; Jad-guru-don - O homem terrível; Jad-in-lul - O lago escuro; Ja-don - (O homem-leão). Chefe de uma aldeia Ho-don e pai de Ta-den; Jad Pele ul - O vale do grande deus Jad-ben-Otho; Ja-lur - (A cidade do leão). Capital de Ja-don; Jar - Estranho; Jar-don - Nome dado a Korak, por Om-at; Jato - Mestiço Dente-de-sabre;

Ko - Poderoso; Kor - Desfiladeiro, garganta; Kor-ul-gryf - Desfiladeiro do gryf; Kor-ul-ja - Nome do desfiladeiro e da tribo de Es-sat; Kor-ul-lul - Nome de outro desfiladeiro e de outra tribo Waz-don; Ko-tan - Rei de Ho-don;

Lav - Correr, ou correndo; Lee - Corça; Lo - Estrela; Lot - Cara; Lu - Feroz; Ludon - (Homem feroz). Grande sacerdote de A-lur; Lul - Água; Lur - Cidade;

Ma - Criança; Mo - Baixo, ou curto; Mo-sar - (Nariz curto). Chefe e pretendente; Mu - Forte;

No - Regato;

O - Parecido, ou semelhante; Od - Noventa; O-dan - Guerreiro de Kor-ul-ja, que acompanha Tarzan, Om-at e Ta-den, na busca por Pan-at-lee; Og - Sessenta; O-lo-a - (Como-a-luz-das-estrelas). Filha de Ko-tan; Om - Comprido; Om-at - (Cauda comprida). Um negro; On - Dez; Otho - Deus;

Pal - Lugar, terra, país; Pal-e-don-so - (Lugar-onde-os-homens-comem). Sala de banquetes; Pal-un-don - (Terra dos homens). Nome do país; Pal-ul-ja - Lugar dos leões; Pan - Macio, brando; Pan-at-lee - A noiva de Om-at; Pan-sat - (Pele macia). Um sacerdote; Pastar - Pai; Pastar-ul-ved - Pai das montanhas; Pele - Vale;

Ro - Flor - Floresta;

San - Cem; Sar - Nariz; Sat - Pele; So - Comer; Sod - Comido; Sog - Comendo; Son - Comeu;

Ta - Alto; Ta-den - (Árvore alta). Um branco; Tan - Guerreiro; Tarzan-jad-guru - Tarzan, o Terrível; Tô - Púrpura; Tõn - Vinte; Tôr - Fera; Tôr-o-don - Homem-fera; Tu - Brilhante; Tu-lur - Cidade brilhante. A cidade de Mo-sar;

Ul - De; Un - Olho; Ut - Milho;

Ved - Montanha;

Waz - Negro; Waz-don - Os homens negros, com pêlos, de Pal-ul-don; Waz-o-don - Homem negro-branco. Mestiço;

Xot - Mil;

Yo - Amigo;

Za - Rapariga;

(Nota 1) O pitecantropo (do grego pithekos-anthroPos), é considerado um intermédio entre o homem e o macaco. Em Java, no ano de 1891 foi encontrado um fósil representativo da espécie. E. Rice Burroughs com a sua imaginação privilegiada, ressuscita a espécie perdida, num mundo perdido. (Nota do T.).